ALMANACH
DO TICO TICO
1924
PREÇO: 4$000
PELO CORREIO: 4$500
J.C.

O
ALMANACH D'"O TICO-TICO"
PARA 1924
Sauda os seus leitores, desejando-lhes Boas-Festas e faz votos para que o anno de 1924 seja efficientemente aproveitado nos estudos.

O SABÃO ARISTOLINO

(De Oliveira Junior)

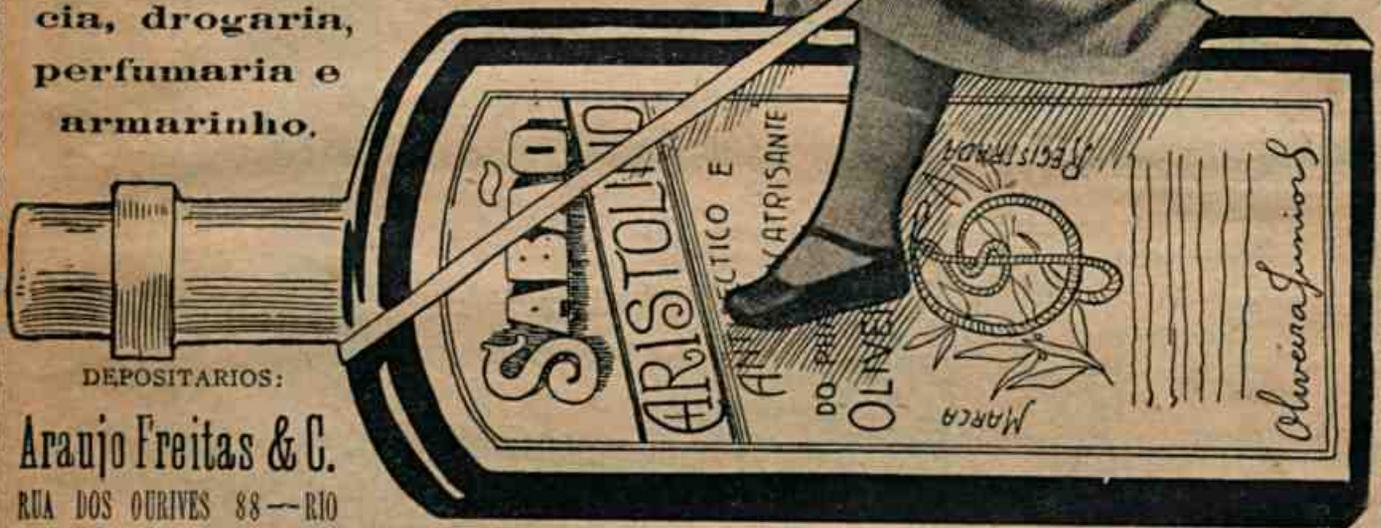
E' pelo seu perfume suave e pelas suas virtudes curativas o mais recommendavel de todos os productos.

Usado convenientemente, *combate* a caspa, manchas, espinhas, cravos, irritações, comichões, golpes, feridas, queimaduras e *qualquer molestia da pelle*.

Poderoso antiseptico cicatrisante para a cutis.

E' o melhor para o banho, mesmo nas creanças de collo.

Verdadeiro especifico para assaduras.

A' venda em qualquer pharmacia, drogaria, perfumaria e armarinho.

DEPOSITARIOS:

Araujo Freitas & C.

RUA DOS OURIVES 88 — RIO

CASA SPANDER

ARTIGOS PARA **ESCOTEIROS** E TODOS OS **SPORTS**

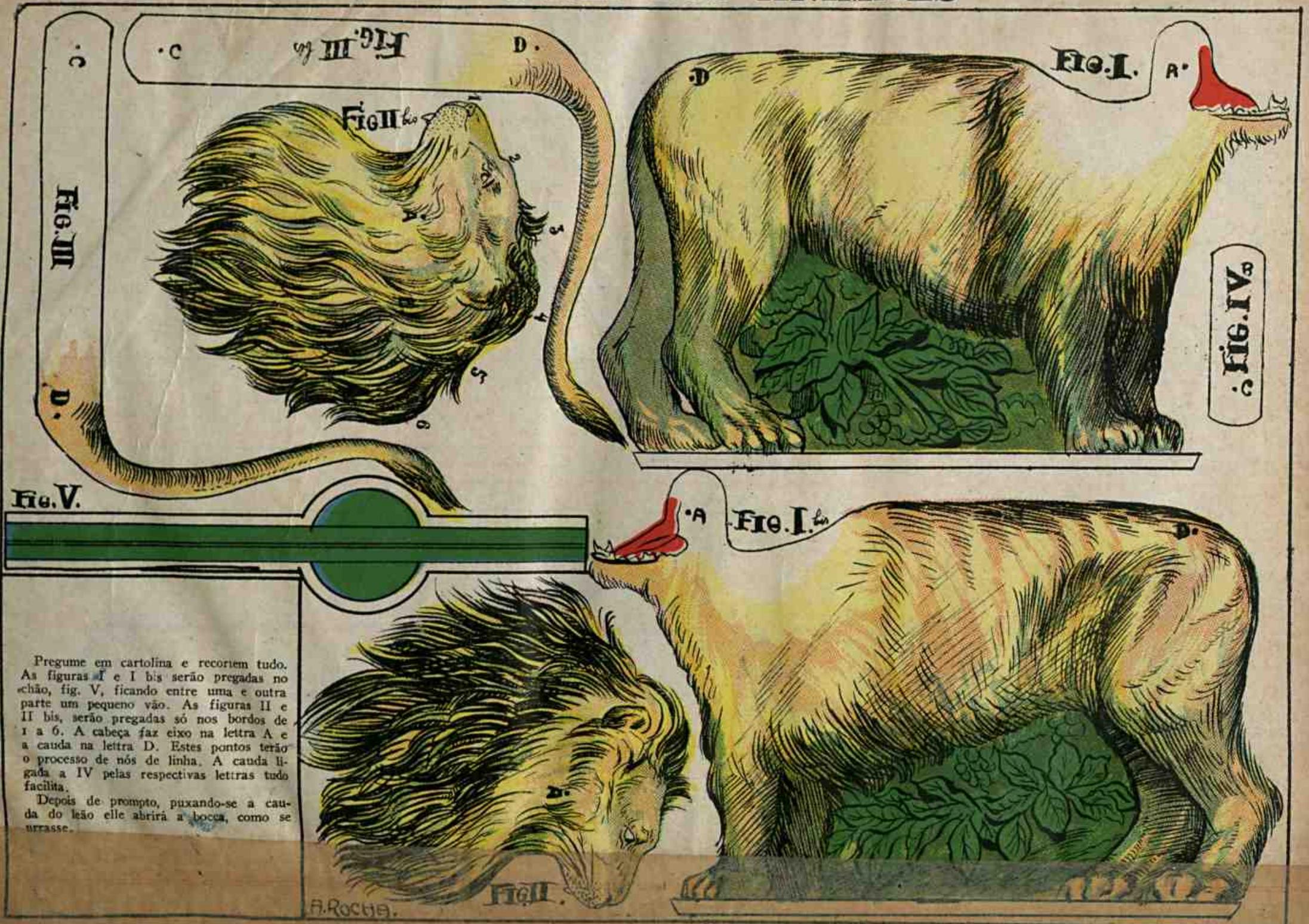
As legitimas marcas de calçados para ESCOTEIROS e COLLEGIAES só se vendem nesta casa.

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

Bolas de football para collegiaes e para matches. O mais completo sortimento de artigos para todos os Sports pelo melhor preço.

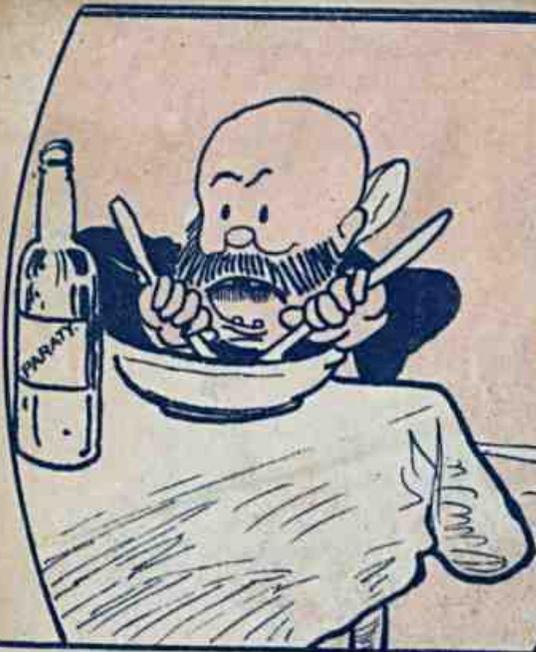
PEÇAM CATALOGOS ILLUSTRADOS

A. M. BASTOS & Cia. | Rua dos Ourives, 29 RIO DE JANEIRO

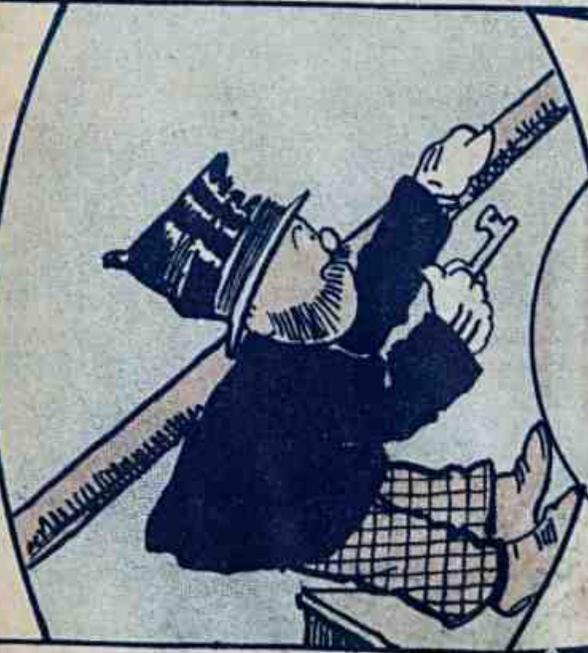
O REI DOS ANIMAES

Pregume em cartolina e recortem tudo. As figuras I e I bis serão pregadas no chão, fig. V, ficando entre uma e outra parte um pequeno vão. As figuras II e II bis, serão pregadas só nos bordos de 1 a 6. A cabeça faz eixo na lettra A e a cauda na lettra D. Estes pontos terão o processo de nós de linha. A cauda ligada a IV pelas respectivas lettras tudo facilita.

Depois de prompto, puxando-se a cauda do leão elle abrirá a bocca, como se urrasse.

JEFF FORA DO SERIO

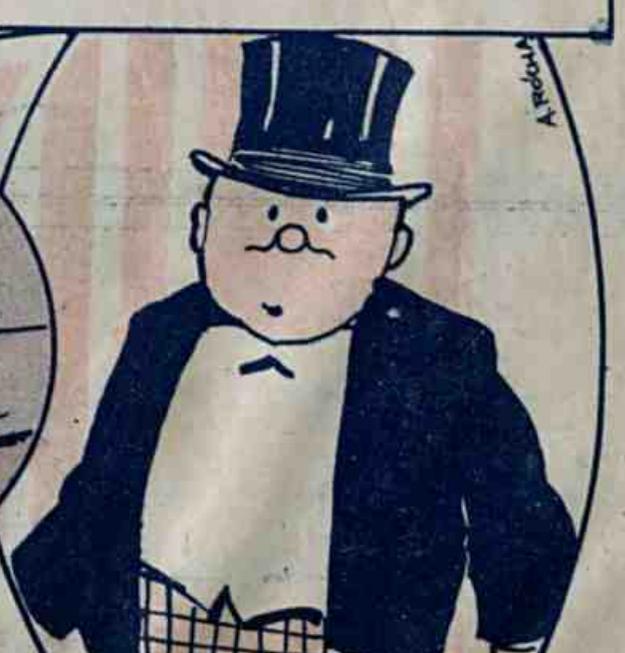
PARATY

Jeff comeu como um porco e bebeu como uma cabra. Elle havia ganho uns cobres no camello.

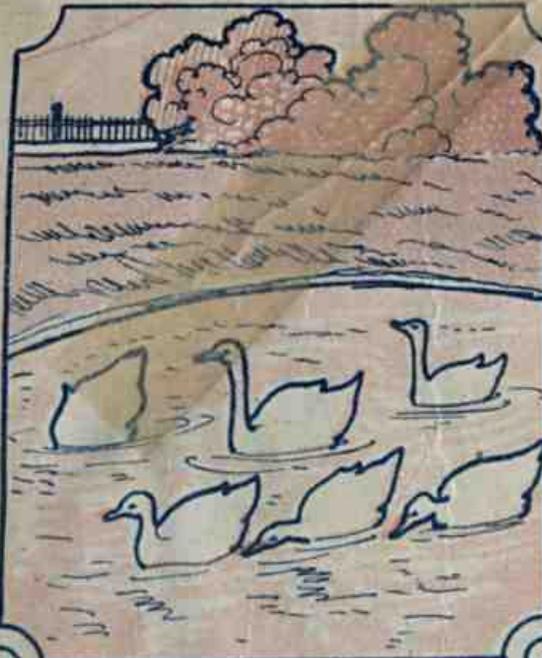
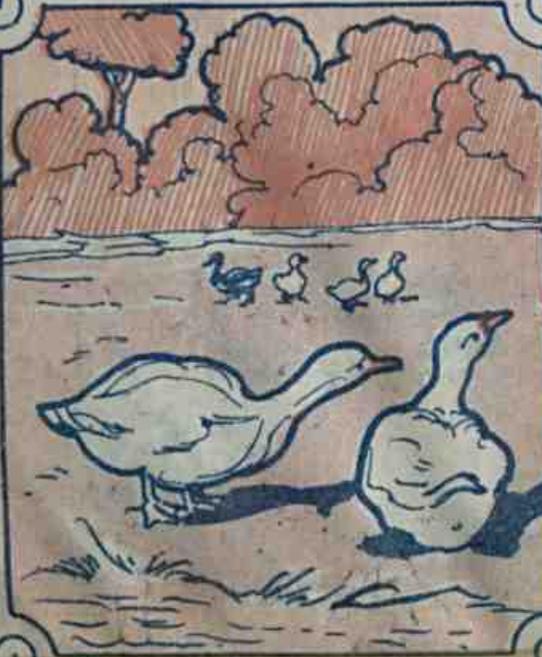
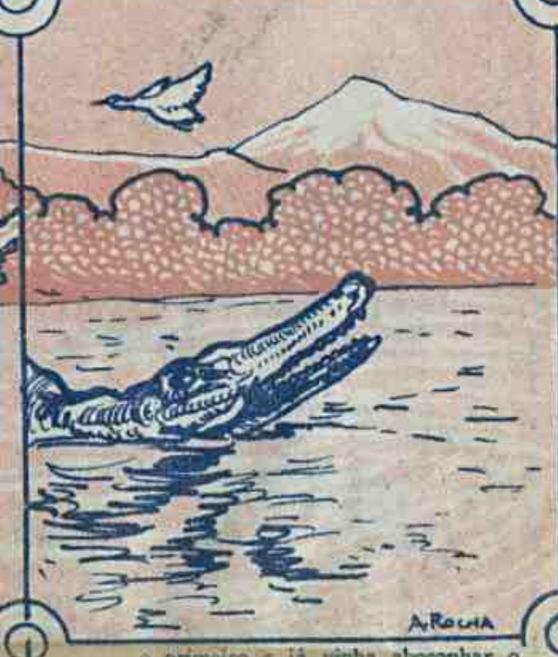
Jeff dizia aos seus botões: — Estou montado num porco. Resta-me sustentar a nota e não dar a perceber.

Agarrou-se a um poste da Light julgando ser o balaustre de um bonde e alli esteve um pouco, até que,...

...deixando o poste, caminhou um pouco e chegou a casa, onde, com grande difficuldade, entrou.

alcool

Riscou um phosphoro, foi á mesa e accendeu... a garrafa do alcool. Deu-se a explosão. Jeff guardou o leito para...

A. ROCHA

...curar as queimaduras e levou muito tempo sem barbas e sobrancelhas, pregando peças ao Mutt, que não o conheceu.

Cada terra com seu uso...
Dois patinhos, creados n'um lago do Campo de Sant'Anna, foram roubados e vendidos...
... a um fazendeiro do Estado do Rio. Os patinhos estavam habituados a bom trato, mas faltava-lhes liberdade e...
... essa iam elles encontrar na fazenda do *Seu* Polycarpo. No dia seguinte o Sr. Polycarpo, depois de algumas horas...
... a cavallo, chegou á fazenda e mostrou á cara consorte o casal de palmipedes. Eram encantadores, lindos, os patos da...
... Cidade. Entretanto, soltos na fazenda, elles viram um banhado e admiravam-se porque não iam alli os outros patos. — Sempre...
... mostram que são tabaréos! Patos da roça! Inimigos d'agua! E, assim dizendo, foram os *sabidos* patos entrando no banhado.
Um delles mergulhou e ficou seguro. O outro antes que lhe acontecesse o mesmo voou a gritar desesperadamente. Um jacaré havia apanhado...
... o primeiro e já vinha aboçanhar o segundo. Este ficou sabendo por que os patos tabaréos não gostavam de banhos e tornou-se tabaréo... tambem.
A. Rocha

O quadro deve ser pregado em papelão grosso. Recortem os braços em cartolina e bem assim todas as demais figuras. Com as figuras VI e VII façam uma pyramide como se vê no modelo. As figuras VIII e V farão o helice — tendo o cuidado de collar dentro do cubo (fig. VIII) uma rolha para prender a ponta do eixo. Preguem por traz da fig. IV, na parte superior, uma rolha pequenina para prender o eixo. Atravessem com um arame liso a lettra P, da machina e a pyramide das costas do brinquedo. Na extremidade posterior ponham duas contas de vidro e espetem a extremidade do arame (que deve ser achatado), na rolha do cubo do helice. Pela parte anterior colloquem como mostra o *schema* pondo as pequenas cortiças e contas furadas. (1) Podem pregar o quadro n'uma taboa para que fique em pé. O vento se incumbirá do resto.

(1) Os braços são ligados por nós de linha, até á manivella.

O BARBEIRO CORAJOSO

Schema da lança da carroça
A cortiça P é a mesma da fig. II. A cortiça B A será collada entre os animaes de traz.
Fig. IX
Fig. VII
Os animaes devem ser pregados na fig. IV
Este piano fecha com uma só peça.
Supporte para as rodas trazeiras
Fig. III
Modelo.
Pianista
Companhia Tico-Tico
Preguem tudo em cartolina, com excepção das rodas, que necessitam cartão mais grosso, recortem a canivete todas as peças, guardando as letras e numeros para armar o brinquedo: uma carroça e um piano. O piano, fig. IX, é fechado pelas letras a, b, c, d, e, f, g e h. Pelo mesmo processo fechem a carroça (fig. I). Depois preguem a fig. III, depois de armada, no fundo da carroça, no logar indicado. Fechem a fig. II cortando e retirando antes a rodella P. Nesse buraco preguem uma rolha de cortiça, de modo a encher bem o vão até o fundo. Essa rolha deve ter um buraco no meio para deixar passar o eixo que atravessa os pontos T. T. Preparem as rodas frente e costas e no centro, na parte branca, preguem uma cortiça. Com dois arames façam os eixos para o jogo trazeiro, os pontos S S da figura III e para o jogo deanteiro, atravessando os pontos T T da fig. II. Entre as cortiças dos eixos e o carro ponham uma conta furada para as rodas trabalharem melhor. (Vide schema). Os animaes e cocheiros são de facil collocação. Sobre a figura IV assentam os animaes e os cocheiros assentam sobre a parte G, da fig. I. Um alfinete no ponto P apanhará o P do fundo da boléa, fazendo eixo. Um arame espetado na frente da cortiça P prenderá noutra cortiça, que será pregada entre os burros da retaguarda. Deste modo faz-se a lança para ligar os animaes á carroça.
A Roda
B Cortiça
C Conta furada
D fio de ferro
Carroceiro frente e costas
Ajudantes frente e costas
Fig. IV
Sobre esta peça colloquem os animaes
Fig. VIII.

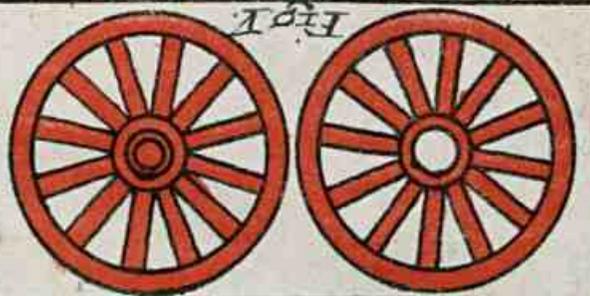
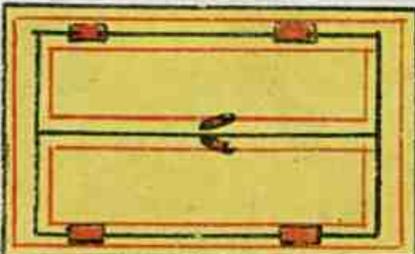
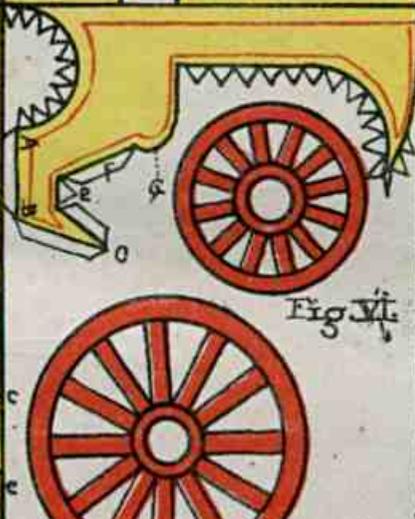
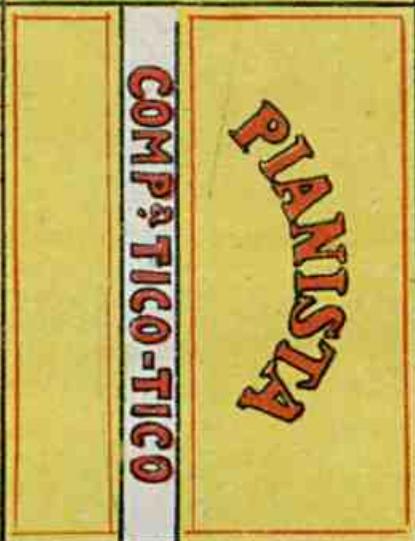
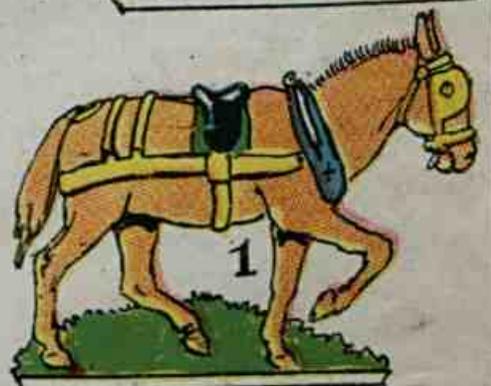
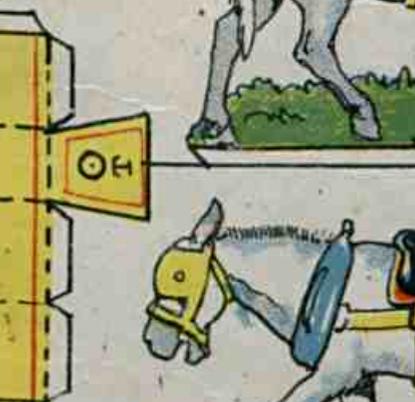



Fig. V
Fig. I
RODAS FRENTE E COSTAS
LOCAL DA Fig. III
Fig. I.
COMPª TICO-TICO
PIANISTA
COMPª TICO-TICO
PIANISTA
ESTA CARROÇA FECHA COM UMA SÓ PEÇA.
P
Fig. VI
Fig. VI
Fig. V
2
ANIMAES FRENTE E COSTAS
1
Fig. VII
Fig. II
P
2
1
ESTE P E A RODELLA SAHEM PARA DAR LUGAR Á CORTIÇA.
COM FIO DE LINHA ENCARNADA FAÇAM REDEAS E TIRANTES PARA OS BURROS.

UM PREMIO INJUSTO

A GALLIA

AS ORIGENS DA GALLIA

OS PRIMITIVOS GAULEZES ATE' O ANNO 58 ANTES DE JESUS CHRISTO

HA muito tempo, muito tempo mesmo, ha perto de dois mil annos, chamava-se GALLIA o paiz que nós hoje conhecemos com o nome de França

Um gaulez colhendo fructos

Florestas immensas e verdejantes campinas cobriam toda a sua extensão; e as cidades e aldeias da GALLIA eram formadas de cabanas de madeira ou de terra, altas e terminadas em ponta, cabendo poucas pessoas em cada uma dellas.

Mas os GAULEZES mostravam-se muito satisfeitos com a sua terra, e não a trocariam por nenhuma outra do mundo, e é assim que cada patriota deve amar o paiz em que nasceu.

Os GAULEZES eram homens altos, robustos, fortes e valentes.

A caça era o maior prazer d'elles, e caçavam lobos, bufalos, javalis e ursos.

Aprenderam depois a preparar os tecidos de lã, a tingil-os, e passaram a vestir-se com elles. Começaram tambem a cultivar a terra, fazendo plantações, principalmente de trigo e de parreiras.

Os GAULEZES amavam tanto as suas sombrias florestas, de arvores gigantescas, que acreditavam serem ellas habitadas por espiritos divinos, e muitas vezes, nas noites de luar, reuniam-se no fundo dos bosques, ao redor dos seus sacerdotes, que tinham o nome de DRUIDAS, palavra que queria dizer *homens dos carvalhos*.

Cantavam, então, a gloria dos avós, dizendo: "O nome d'elles bastava para assustar os reis, e os exercitos dos reis, fazendo-os fugir", e recitavam poesias que contavam as victorias do passado.

Depois, o chefe dos druidas, ancião de longa barba, adeantava-se vestido de branco, com uma foice de ouro á mão, e cortava alguns ramilhetes de "agarico", uma planta mysteriosa, que não cresce na terra, mas no ar, entre os ramos das arvores velhas. Cada um dos presentes recebia um gallho da planta, que, dahi em deante, guardava como uma preciosa lembrança da floresta.

Era ainda na floresta que os druidas tinham escolas, e reuniam as creanças para ensinal-as. E as creanças ouviam contar o grande amor que o povo gaulez sempre tivera pela justiça, e o seu odio pelos máos, e a sua coragem deante da morte. E quando os druidas diziam: "Os nossos paes luctaram com os reis e com a furia do mar, e nunca temeram nada, a não ser que o céo cahisse sobre a sua cabeça", os pequenos respondiam: "Nós havemos de ser como elles foram!"

Gaulez deante da sua cabana

O NOVO CARTEIRO

QUANDO vocês quizerem brincar de novo carteiro supponham que se encontram na rua com um novo carteiro.

Elle está ancioso por saber onde moram as diversas pessoas a que deverá entregar a correspondencia.

Colloquem varias cadeiras em fila e cada um se assenta ao lado do outro, como se estivessem no cinema.

O carteiro pergunta:

"Quem mora no numero 12 da rua da Multiplicação?"

Um de vocês dirá:

"O senhor e a senhora 2 vezes 6."

"Mas", insistirá o novo carteiro, "essa casa tem duas moradias, e quem habita a outra parte?"

Algum outro menino lembrar-se-ha de que os moradores se chamam senhor e senhora 3 vezes 4.

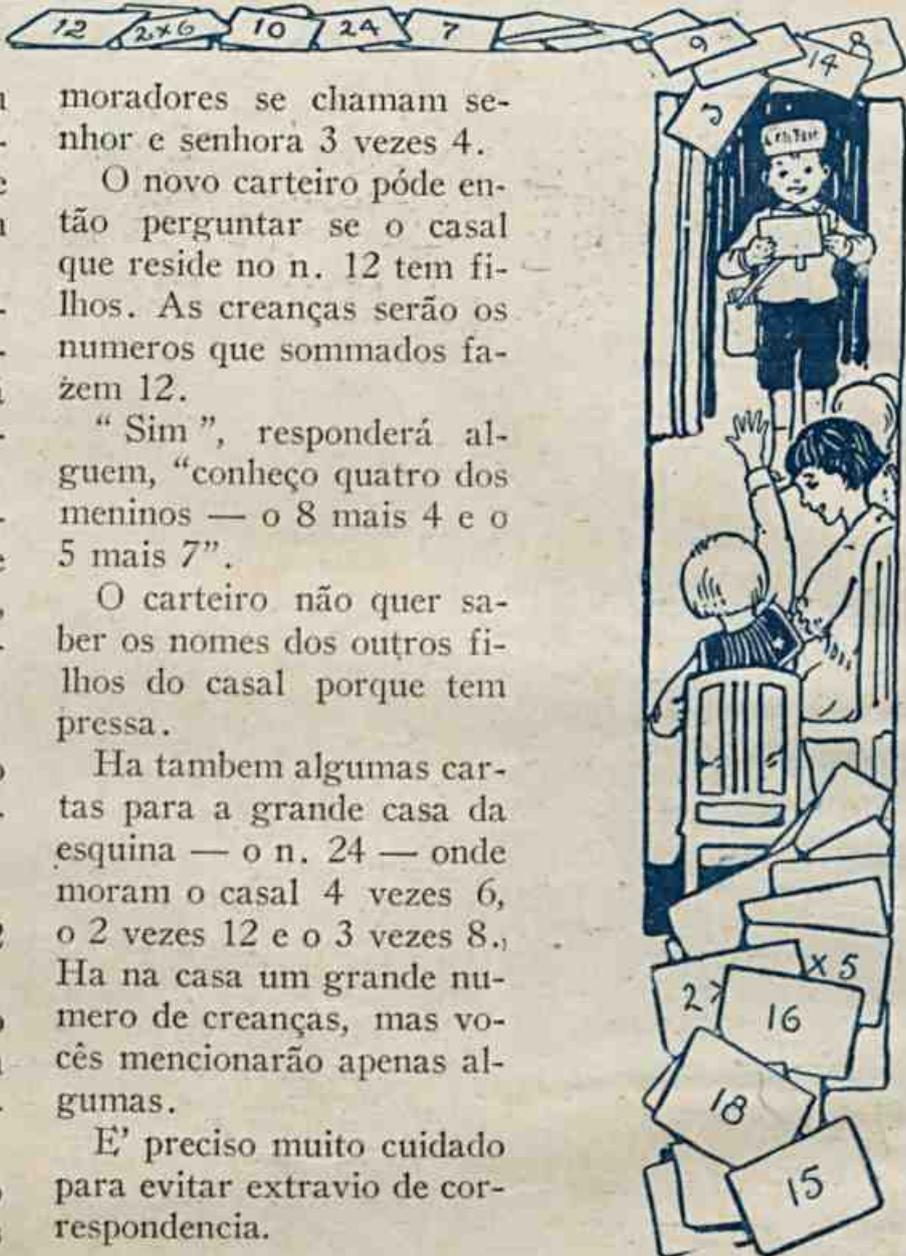
O novo carteiro póde então perguntar se o casal que reside no n. 12 tem filhos. As creanças serão os numeros que sommados fazem 12.

"Sim", responderá alguem, "conheço quatro dos meninos — o 8 mais 4 e o 5 mais 7".

O carteiro não quer saber os nomes dos outros filhos do casal porque tem pressa.

Ha tambem algumas cartas para a grande casa da esquina — o n. 24 — onde moram o casal 4 vezes 6, o 2 vezes 12 e o 3 vezes 8.

Ha na casa um grande numero de creanças, mas vocês mencionarão apenas algumas.

E' preciso muito cuidado para evitar extravio de correspondencia.

Um peixe artilheiro

O PEIXE-ARQUEIRO, ou *auctodonte*, é um verdadeiro mestre em artilharia e um atirador excellente.

Quando tem fome, põe a cabeça sobre a superficie da agua, deixa-se ficar em espera, e quando lhe passa ao alcance uma mosca, dispara contra ella uma gotta d'agua, que lhe faz perder o equilibrio e cahir.

Este é um dos peixes mais curiosos que existem: tem uma especie de prolongamento tubular, que faz as vezes de bocca, pelo qual *dispara* o seu projectil, com a particularidade de que muito raras vezes erra o alvo.

Assim como, entre nós, se costuma ter em casa peixes dourados e vermelhos, no Japão é corrente o costume de crear *auctodontes*, aos quaes se dá de comer collocando uma mosca na extremidade de uma varinha, a certa altura, sobre a superficie da agua.

Logo que o peixe a vê, dispara a gotta já sabida e derriba a mosca, que, molhada, não póde voar.

✣

Age com muita nobreza; Deus te vê sempre.

A superficie da Republica Argentina é seis vezes maior que a da Allemanha ou da França, dez vezes maior que a da Italia ou Inglaterra, e quasi quatro vezes menor que a do Brasil.

✣

Os antigos habitantes da Arabia Feliz chamavam-se Sabeus.

ESTRELLAS

"Nosso Senhor, lá de Cima, vê tudo que se passa cá em baixo. Você faz uma coisa que não deve, pensa que ninguem descobre. Pois sim! Nosso Senhor viu tudo, tomou nota, muito caladinho, e no dia do Juizo, um dia escuro, de relampagos e trovoada, quando você menos esperar estará sendo chamado por um anjo para pagar o que fez ás escondidas. Então...!"

E a velhinha, abrindo muito os olhos e enrugando a fronte, balançava a cabeça ameaçadoramente.

E eu imaginava Nosso Senhor um homemzarrão como o meu mestre, sentado a uma mesa enorme, com a palmatoria deante do tinteiro, a relancear olhares sobrecenhos. E, para mim, esse terrivel dia do Juizo devia ser como certas tardes lugubres quando, no final das aulas, á hora da sahida, o bedel percorria a fórma chamando, para castigos, os alumnos denunciados pelos inspectores.

Desde então comecei a ter medo de Deus, tanto ou mais do que tinha do professor. E disse-o, uma vez, á velha, que me respondeu:

— Não, meu filho. Nosso Senhor não é mau. Elle castiga como Pae, quando a gente pecca, mas quando se pratica uma boa acção a recompensa do ceu vem logo. Olha, quando se dá uma esmola a um pobre, ainda que seja um vintem, Nosso Senhor pega na moeda da caridade e faz com ella uma estrella. Olha lá para cima. O ceu não está todo estrellado? São esmolas que Nosso Senhor recebe, porque os pobres são os seus cobradores.

Levantei os olhos. Que riqueza

Deitei-me pensando no immenso thesouro dos pobres, guardado por Nosso Senhor.

De manhã, muito cedo, levantei-me e, apanhando o meu cofre, fui-me com elle para o quintal.

Forcei-o, tirei duas moedas de vintem. Estavam tão negras de azinhavre, tão negras! que desappareceriam, de certo, na escuridão da noite. Lembrei-me de limpal-as e com cinza e limão puz-me a esfregal-as e lavei-as depois. Ficaram como de ouro. Atei-as em nó no lenço e parti contente.

Era uma fresca manhã de sol. Quantas tentações me appareceram: fructas, doces, até um vendedor de cataventos de papel. Mas não! Resisti a tudo. Dei um dos vintens a um cego, outro a um aleijado.

No collegio não pensei em outra coisa senão nas duas estrellas novas que appareceriam á noite e limpas, como eu as puzera, como haviam de brilhar!

A' primeira badalada das Ave Marias corri ao quintal para ver as estrellas logo que sahissem. E vi! Quantas! Quantas!

As minhas deviam ser duas pequeninas que scintillavam bem por cima da minha casa. Que lindas! Reconhecendo-as, sorri de orgulho. E, durante a semana, á tardinha, lá ia eu para o quintal ver as estrellas de cada dia.

Uma manhã, porém, sacolejando o cofre, o cofre não me respondeu. Eu dera na vespera o ultimo vintem ao ceguinho do raio, um velho de grandes barbas, que esmolava junto á egreja, com um quadro pendurado ao peito em que figurava o naufragio de um navio.

E nunca mais, como nessa manhã, encontrei tantos pobres em meu caminho.

Triste noite vae ser a de hoje! pensava eu no collegio, cantando machinalmente a taboada. E tudo me parecia negro, como a pedra sem numeros e como deveria ser a noite sem estrellas.

A tarde foi linda, toda dourada. Ouvi o sino e começou a escurecer docemente com o ciciar das cigarras. E eu pensava na tristeza do ceu deserto.

Accenderam-se as luzes. Havia tanta suavidade no ar que eu tinha a impressão de achar-me em uma egreja. Por que? Não sei.

Meu pae debruçou-se á janella e exclamou, como em louvor:

— Linda noite!

E minha mãe:

— Parece dia!

Fui ver. O ceu estava tal qual o manto de Nossa Senhora, com a lua ao meio, enorme e alva, toda de prata. E meu pae repetiu com mais enlevo:

— Linda noite!

Comprehendi. Estava orgulhoso do que fizera. Fôra elle, de certo, que dera tantas esmolas... Fôra elle. E fallava para que fossem ver a sua generosidade. Tambem... que admiração! Elle podia, ganhava, eu sim...! Que tinha eu? um cofre pequenino, onde ajuntava vintens, tão poucos... Ainda assim haviam dado para fazer estrellas durante uma semana, duas por noite. Mas que estrellas! Brilhavam de fazer mal aos olhos, porque eu não dava os vintens aos pobres senão depois de muito os arear a ponto de parecerem de ouro.

Feliz tempo! Hoje, quando contemplo o ceu estrellado, lembro-me, entristecidamente, da minha infancia ingenua.

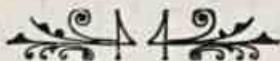
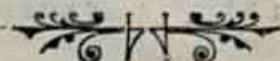
Feliz tempo de illusões e sonhos quando a gente, acreditando em fabulas e contos, procura no ceu o premio dos beneficios que faz na terra... e vê-os ou imagina vel-os!

(Do "Canteiro de saudades").

COELHO NETTO.

(Da Academia Brasileira).

Resistencia vital!

A resistencia da tartaruga á morte é notavel. Conta um observador que viu um desses animaes viver ainda tres mezes depois de lhe terem arrancado o cerebro.

GERMANIA

TOSSE?
ORESTES
ACQUARONE
BROMIL!

A CEGONHA

NA EUROPA, CHAMAM-N'A A AVE DA FELICIDADE

"A CEGONHA NÃO FAZ NINHO EM CASA DE MAU HOMEM" — DIZEM OS HOLLANDEZES

Qual de vocês não conhece a cegonha, essa ave de bico muito longo, de pescoço e pés compridos, que povoa alguns jardins da capital?

A cegonha é uma ave commum em muitos paizes da Europa para os quaes ella emigra todos os annos quando o inverno castiga a Africa, onde ella mais existe.

A cegonha é recebida nos paizes para onde emigra com geral satisfação, pois é ella um agente destruidor dos reptis nocivos e detritos organicos desagradaveis.

A cegonha é um animal docil, e acostuma-se rapidamente a seguir a pessoa que lhe dá de comer, attrahida por qualquer manjar appetitoso para o seu gosto. Quando tem fome, agacha-se no chão, e pelos seus meneios, taes como mover a cabeça e bater as asas, parece estar pedindo de comer. E' ave mansa e paciente, e raras vezes emprega o seu grande bico contra as suas companheiras.

Na Suissa, na Alsacia, têm-n'a as creanças como companheira favorita. A cegonha espera os meninos no caminho da escola e os acompanha á distancia pequena esperando a gulodice, a migalha de pão que todo escolar traz de casa para lhe offerecer.

Dizem mesmo existir nas creanças alsacianas a inoffensiva superstição de que todo menino que levou uma migalha para a cegonha ha de ser o primeiro da classe.

E' a cegonha muito estimada na Hollanda, onde lhe conhecem a utilidade, em comer rãs, lagartos e sapos, que alli abundam nos charcos, e a população tem por ella tanto interesse e trata-a tão bem, que ella se torna absolutamente domestica e familiar, construindo os seus ninhos nas chaminés e telhados das casas. Os hollandezes dizem: "A cegonha não faz ninho em casa de mau homem", por conseguinte, é uma protecção para uma casa ser procurada por cegonhas, para ellas alhi fazerem o seu ninho, e assim ninguem persegue nem maltrata nenhuma d'essas aves favoritas.

CEGONHA

Gosta a cegonha de construir o ninho em logares altos, como o telhado dos grandes edificios, a abertura superior das elevadas chaminés, os corucheus e agulhas das egrejas, e nas cidades arruinadas do Oriente, sobre o topo de quasi todas as columnas e pilares, encontra-se um ninho de cegonhas. Diz-se que quando os paes são tão velhos, que já estão desprovidos de pennas, e incapazes de voar e de procurar alimento para si mesmos, os filhos lh'o trazem, e se aconchegam junto d'elles, para lhes dar calor e para os proteger.

Na Alsacia as cegonhas são adoradas, e privilegiadas como bons e caridosos todos aquelles em cujas casas as cegonhas constroem seus ninhos.

Antes de chegar o inverno, as cegonhas debandam em immensos grupos, mas não são devastadoras das plantações.

LIVROS
para
CRIANÇAS

por C. W. Armstrong:

(Fundador do *Gymnasio Anglo-Brasileiro* do Rio de Janeiro e São Paulo)

Contos para Meus Discipulos
(Com gravuras) Preço 3$500

Mais contos para Meus Discipulos
(Com gravuras) Preço 2$500

Estas historias prendem a attenção da Criança, e captivam as suas sympathias a favor do Bem.

LIÇÕES DE MORAL

pelo methodo da instrucção combinada com a narrativa. Preço 4$500

LIVROS DIDACTICOS
DO MESMO AUTOR

A CONVERSAÇÃO INGLEZA — Methodo rapido para conseguir falar o Inglez, com pronuncia perfeita SEM MESTRE. **Preço 3$000.**

ESBOÇO DE HISTORIA NATURAL (com gravuras). Preço 3$500.

CURSO DE LOGICA. Preço 3$500.

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

Rio de Janeiro e São Paulo

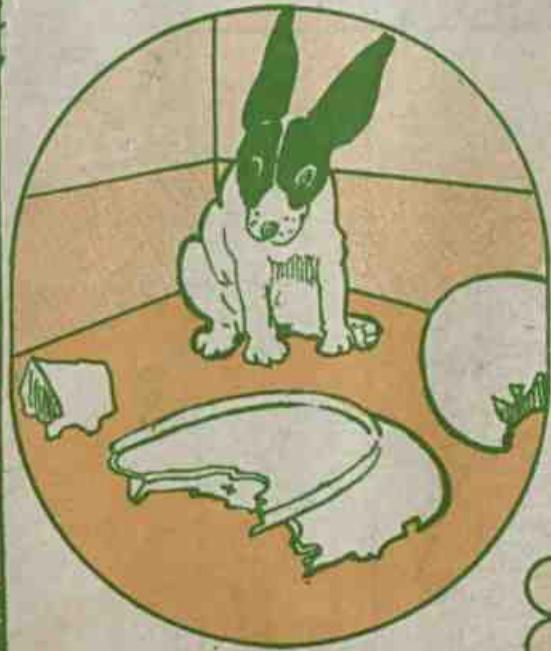
O "CORONEL"

Tótó, o branquinho, chegou-se ás orelhas do *Coronel* e disse-lhe:—Vamos, companheiro, dar uma lição á *Mimi*? Embora o cãosinho ponderasse que *Mimi* era...

...uma gatinha de estimação, foi seduzido pelo *Tótó* e atirou-se para a gatinha, que o recebeu de garras em riste, *dando o fóra* em seguida.

Os cãesinhos não esmoreceram e sahiram no encalço da *Mimi*. A pobre gatinha depois de muito correr alcançou...

...a janella do quarto da sua senhora. Ella ia, coitadinha, transida de medo e com a precipitação não poude evitar...

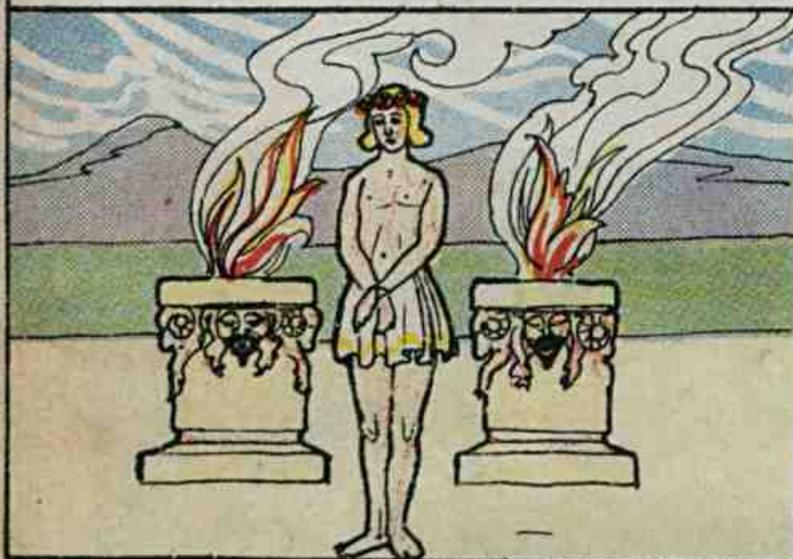
...lamentavel desastre: Saltou a janella e cahiu sobre o jarro e bacia de porcellana, pondo-os em estilhaços.

O *Coronel*, muito afoito, saltou tambem a janella e cahiu no quarto, onde já encontrou a bacia e o jarro em fragmentos. Estacou a...

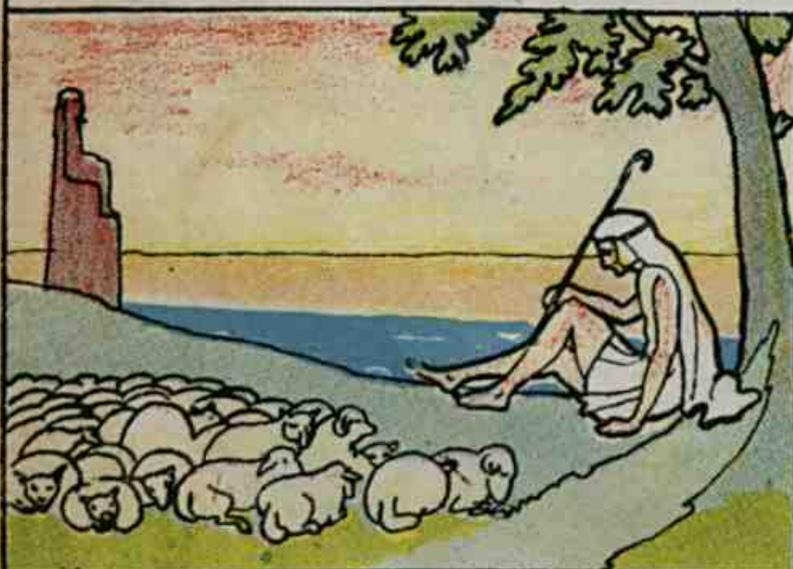
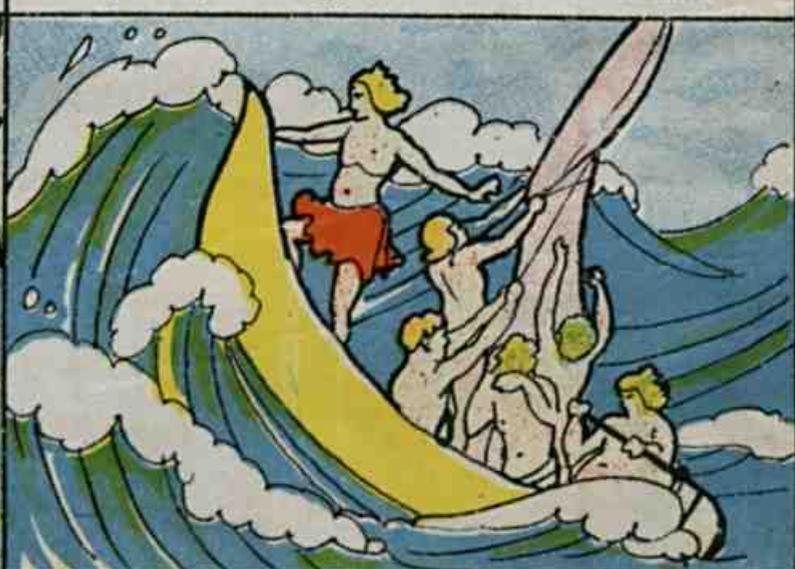
...um canto... Não tardou que entrasse no quarto a dona do jarro. Encontrando alli o *Coronel*, tomou-o como auctor do desastre e deu-lhe...

...uma surra. Decorridos alguns minutos, appareceu o *Tótó* e confessou: Fui eu o causador de tudo e quem pagou... foi o *Coronel* !

AS AVENTURAS DE TELEMACO

Ulysses, rei da Itaca, que, depois de um cerco de dez annos, fizera Troya cahir em poder dos gregos, não voltara ainda á patria, não obstante ter a guerra terminado. Telemaco, seu filho, resolveu então procural-o e, acompanhado do velho Mentor, despediu-se de sua mãe.

Naufragaram, porém, em viagem e foram aprisionados na costa da Sicilia, onde reinava Acesto, inimigo dos gregos. Telemaco disse então que era filho do sabio Ulysses e que preferia a morte á escravidão. O rei decidiu então que tanto elle como seu companheiro morreriam n'um sacrificio aos deuses.

— O' Acesto — disse Mentor ao rei — se a dor de Telemaco não vos commove, ouvi então o vosso interesse. A sciencia dos presagios, que estudei muito, diz que antes de tres dias sereis atacado pelos povos barbaros. Se for verdadeira esta prophecia, dar-nos-heis a liberdade !

A prophecia realisou-se e o rei que, graças ao sabio aviso, se preparara, foi vencedor. Libertou-os então e fel-os partir n'um navio phenicio. Este, porém, foi aprisionado por navegadores egypcios e Mentor e Telemaco foram de novo feitos prisioneiros. N'uma barca, subiram o rio Nilo até Memphis, capital do Egypto, onde reinava o rei Sesostris.

Ahi, Telemaco, separado de seu sabio conselheiro, que foi vendido como escravo para a Ethiopia, foi obrigado a ser pastor. Vivia muito triste, até que um sacerdote lhe ensinou a musica com a condição d'elle a ensinar aos demais pastores. O rei Sesostris, sabendo de sua bondade e doçura, libertou-o.

Depois de estar algum tempo em Tyro, onde se fez amigo de um mercador chamado Narbal, Telemaco embarcou em um navio. Uma tempestade os atira á ilha de Chypre, onde Venus era adorada. A vida dos habitantes d'essa ilha é toda prazeres; um perfume delicioso enternece os corações. Telemaco quasi esquece o fim de sua viagem.

(Continúa adeante)

AS AVENTURAS DE TELEMACO (FIM)

Mas encontra Mentor, que veiu á ilha de Chypre com seu mestre Hazael. A' vista de seu conselheiro, toda a energia lhe volta e elle pede a Hazael que lhe restitua Mentor, porque sem elle não poderá encontrar o pae, que os deuses retêm longe do seu reinado. Deixando Chypre, os viajantes vêem passar n'um carro luxuoso a deusa do mar...

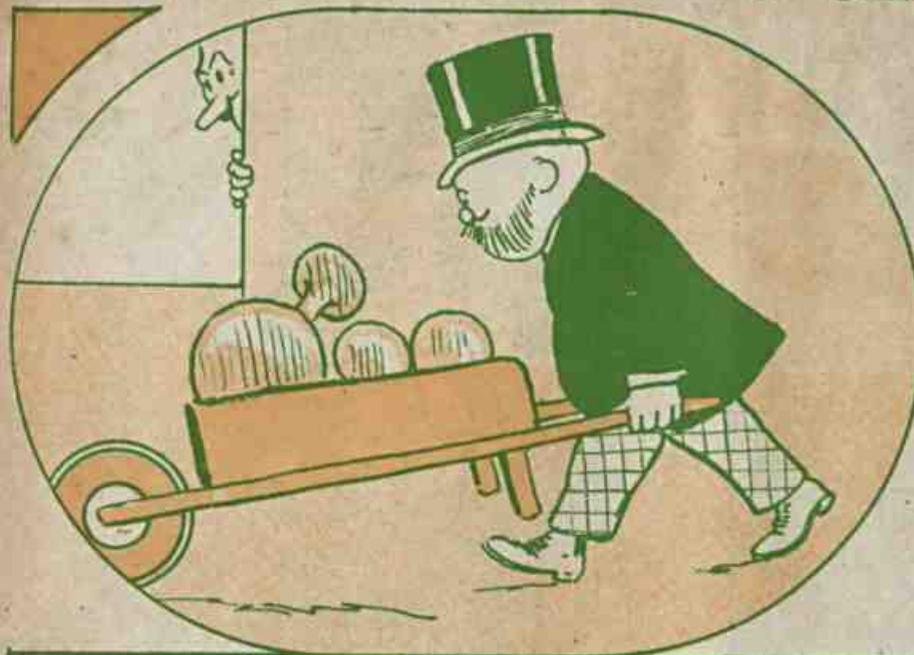
...Amphitrite. Desembarcando em Creta, os viajantes souberam que Idomeneu, rei d'esta ilha, acabava de sacrificar seu filho unico para cumprir um voto feito aos deuses. Os habitantes depuzeram o rei e preparavam-se para eleger um outro. Jogos de toda a especie são dados. Telemaco, tão habil na eloquencia como dextro nas corridas e nos...

...combates, foi proclamado vencedor: os cretenses quizeram fazel-o rei. Elle recusou e, com Mentor, partiu de Creta. Nova tempestade os atirou n'uma ilha onde morava a deusa Calypso, que teve por muito tempo Ulysses prisioneiro. Ella queria reter tambem Telemaco que, amando já uma de suas nymphas, a bella Eucharis, de boa vontade ficaria na ilha. Mentor condemna a sua fraqueza e vão os...

...dois para o mar, onde embarcam n'um navio. Um vento favoravel os leva a Salento, porto que Idomeneu construiu para fazer um novo reinado. O companheiro de Ulysses recebe Telemaco com alegria e o joven heroe distingue-se em guerras que o rei sustenta contra os inimigos. Bate-se com Adrasto, guerreiro forte e temido, e o mata. Depois, sensibilisado pela graça de Antiope, que canta e borda tão...

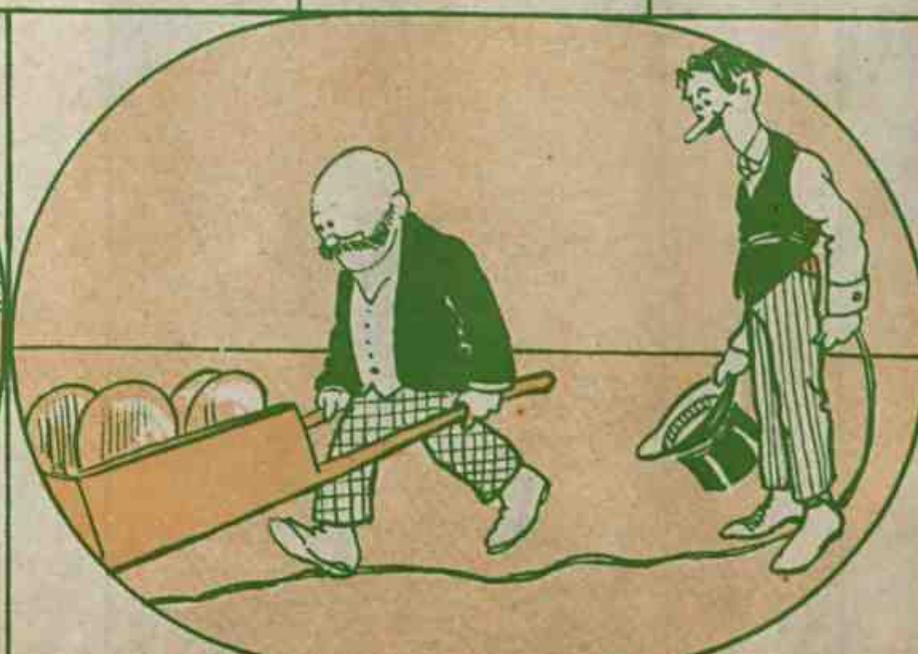
...bem como é sábia em conselhos, Telemaco confessa a Mentor que, depois de encontrar o pae, sua maior ventura é desposar Antiope, filha de Idomeneu. O rei, ao se despedir d'elles, promette a filha a Telemaco logo que este regresse a Salento. Desembarcando n'uma pequena ilha defronte de Itaca, Telemaco conversou muito com Ulysses...

...sem o reconhecer. Depois de o ter induzido a fazer um sacrificio a Jupiter e de lhe ter mostrado o navio que o ia conduzir para junto de seus parentes, Mentor desappareceu n'uma nuvem e Telemaco viu se elevar Minerva, deusa da sabedoria, que, sob a fórma do velho conselheiro, o havia acompanhado em todas as viagens.

O CARRINHO DE MÃO

Jeff voltava para a casa empurrando um carrinho com as compras que fizera na feira. Mutt escondeu-se...

...num muro, prompto para pregar uma peça ao seu...

...companheiro Caturra. Jeff, entretanto, percebeu toda a manobra. Viu, pendente da cintura de Mutt, uma corda.

Comprehendeu tudo. Mutt amarrara a corda no carrinho e esquecera de desprender da cintura a outra...

...extremidade. Jeff poz-se a correr com o carro e o effeito não tardou. A corda esticou e arrastou o...

...irrequieto Mutt, atirando-o ao chão.

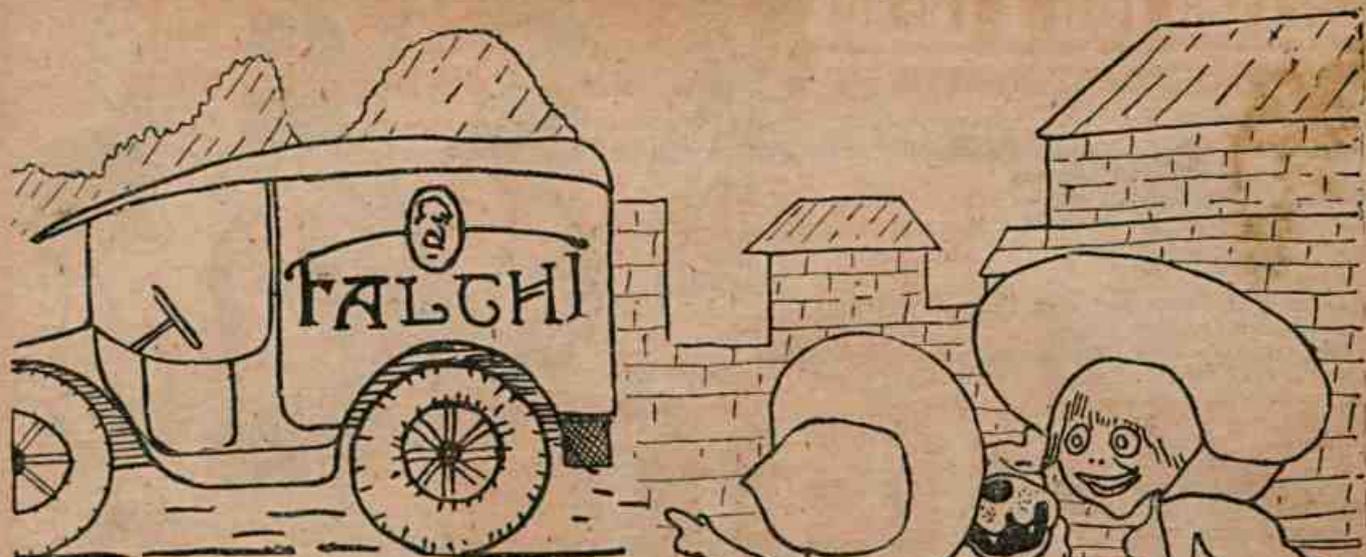
PARC ROYAL
A MAIOR E A MELHOR CASA DO BRASIL
As crianças continuam a merecer a diligente attenção desta casa, onde se offerecem ás mães os mais variados sortimentos de todos os artigos indispensaveis aos seus entes queridos.
COSTUMES PARA MENINOS, modelos chics, em seda, lingerie, lã, linho e algodão — ELEGANTES VESTIDINHOS E CAMISOLAS PARA MENINAS, em sêda, lingerie, lã, tricot, etc. — "MANTEAUX"
ROUPAS BRANCAS para ambos os sexos e qualquer edade
CALÇADOS—CHAPÉOS
ENXOVAES COMPLETOS PARA BAPTISADOS
UNIFORMES E ENXOVAES
PARA TODOS OS COLLEGIOS
PREÇOS SEM CONCORRENCIA
Parc Royal
A MAIOR E A MELHOR CASA DO BRASIL

TINTURA IDEAL
TINGE TODOS OS TECIDOS
LÃ
SEDA
MEIA LÃ
E MESMO O ALGODÃO!
Preço 1$500

A scena do balcão

JULIETA — Vem depressa, meu anjo, que te espera
Meu coração ancioso?
ROMEU — Partiu-se a corda, filha, hoje é chimera
Sonhar tamanho gozo!
JULIETA — Pula o muro!
ROMEU — Dizer é muito facil:
Fazer é que são ellas!
JULIETA — Quem ama o proprio ferro torna gracil!
ROMEU — Julieta, são *rodelas!*
JULIETA — Mas, emfim, uma idéa não te acode?!
Oh! não sejas ingrato!
ROMEU — Cada bicho, meu bem, *faz* o que póde;
E eu, filha, não sou gato!
JULIETA — Pois, eu pensando em ti, sempre amorosa
E prevendo este caso,
Comprei uma loção tão milagrosa..
ROMEU — Faz-nos voar, por acaso?!
JULIETA — Não; não faz, meu amor, porém, permitte
Que venhas aos meus braços.
ROMEU — E se isto não passasse de palpite
E eu ficasse em pedaços?!
Dize primeiro que loção foi esta
De poder tão seguro.
Porque, filha, este facto a gente attesta:
O chão é muito duro!
Julieta (pondo para fóra do balcão duas grossas tranças).
— Pois, ahi tens; revigora as esperanças
E sobe por aqui...
ROMEU — Que é isto?
JULIETA — São, meu anjo, minhas tranças
Tratadas a Barry!
ROMEU — A Barry?!
JULIETA — O Tricofero que a Imprensa
Diz que fez, contra as calvas e o chino,
Mais do que em Verona ou em Florença,
Fizeram teus avós!
Anda, sobe! são fortes e compridas!
Tricofero faz isto!
Se acaso, meu amor, ainda duvidas
Usa um vidro; eu insisto!
Sobe! Sobe depressa e sem demora!
Verás que não menti!
Se o amor já não vence, como outr'ora..,
Tricofero Barry!

JATAHY PRADO

O rei dos remedios brasileiros

FALCHI
Chiquinho, Jujuba e Jagunço viram o automovel que entrega o **CHOCOLATE FALCHI** nas confeitarias e nas casas de "bonbons". O "chauffeur" não estava e os tres aproveitaram para tirar alguns pacotes de chocolate.
CASA FALCHI
CHOCOLATE FALCHI O MELHOR
Um policia que os viu, correu atraz, mas como elles já tinham comido muito **CHOCOLATE FALCHI**, adquiriram tal robustez e força que o policia não os conseguiu pegar.
As creanças que quizerem ficar mais fortes do que o Dempsey devem pedir **todos os dias á Mamãe: CHOCOLATE FALCHI.**
FALCHI
FALCHI

BULINDO COM A CREADA

1

Antenorsinho estava enamorado
De Annita a alva mucama,
E decidiu fazer-lhe pé de alferes
Emquanto a linda as claras mãos lavava.

2

Mas ao vel-o chegar com olhos ternos
A cauta e astuta famula
Fugiu, regando o soalho com a espuma
Que em suas mãos o Reuter destillava.

3

Antenorsinho em meio dos ardores
Não reparou na taboa,
Resvalando na espuma sabonifera
Aos pés do seu amor cahiu de costas.

4

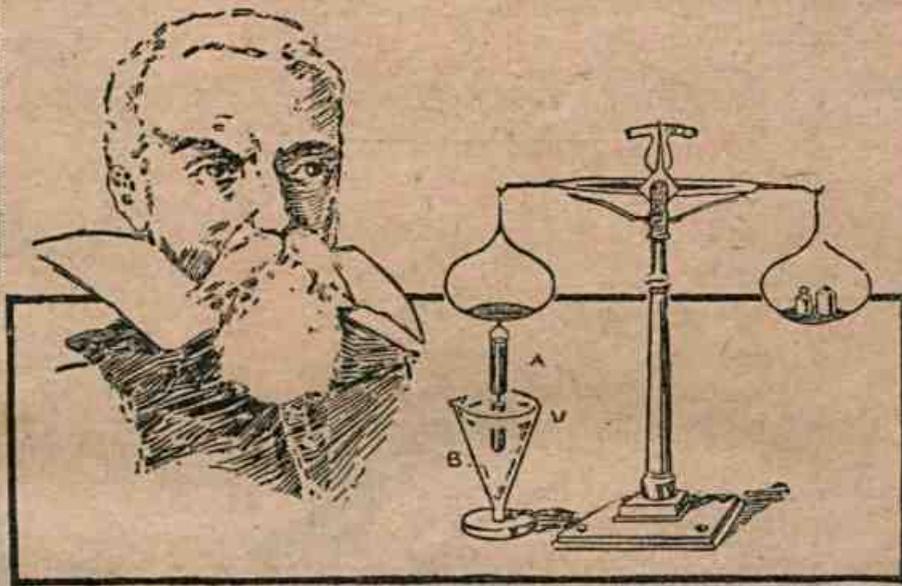
A virtude, não rigida, de Annita,
Pela quéda abrandada,
Cedendo a um arranque de nobreza
Ao cahido estendeu a branca mão,

-

Oh! mysterio! Tambem para tal fim
Essa divina pasta
Que sabão Reuter em vibrantes lettras
Até nos céos o alto renome grava.

-

Serve, porquanto limpa a nossa cutis,
A' juventude agrada
E á mocidade enamorada faz
Sahir triumphante quando cáe de costas.

Os grandes sabios da antiguidade

ARCHIMEDES E A BALANÇA CONHECIDA PELO SEU NOME

Os meninos têm ouvido muita gente exclamar Eureka! Eureka! mas talvez ignorem a origem de tal phrase.

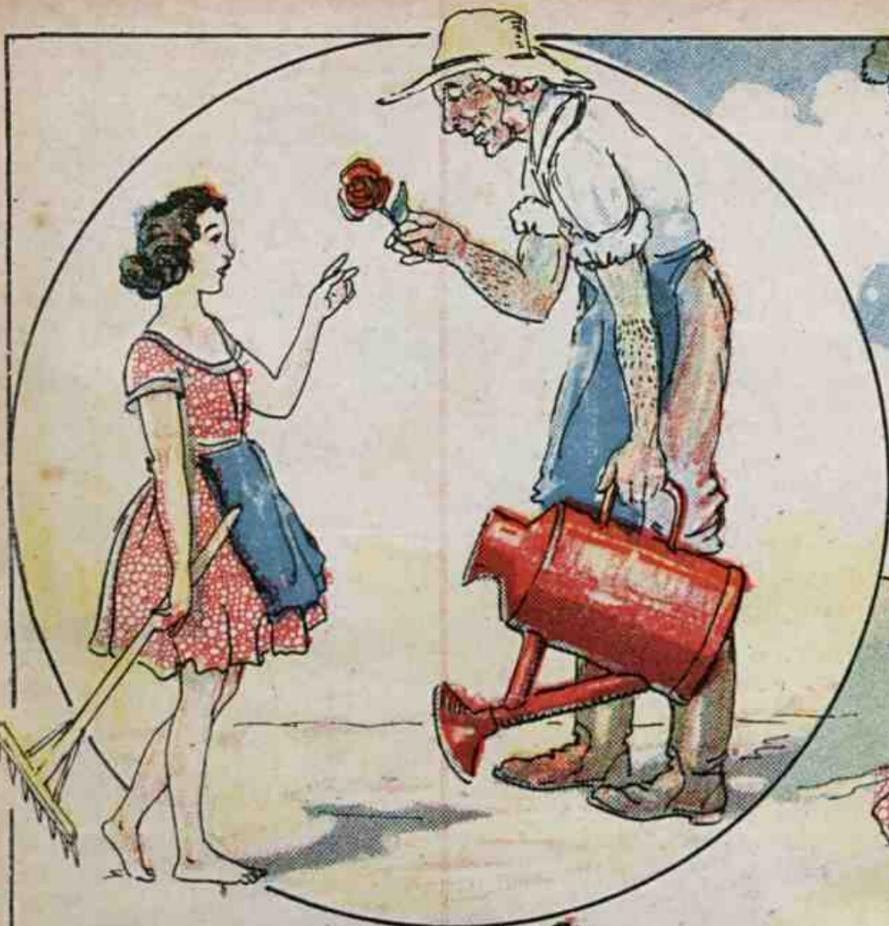
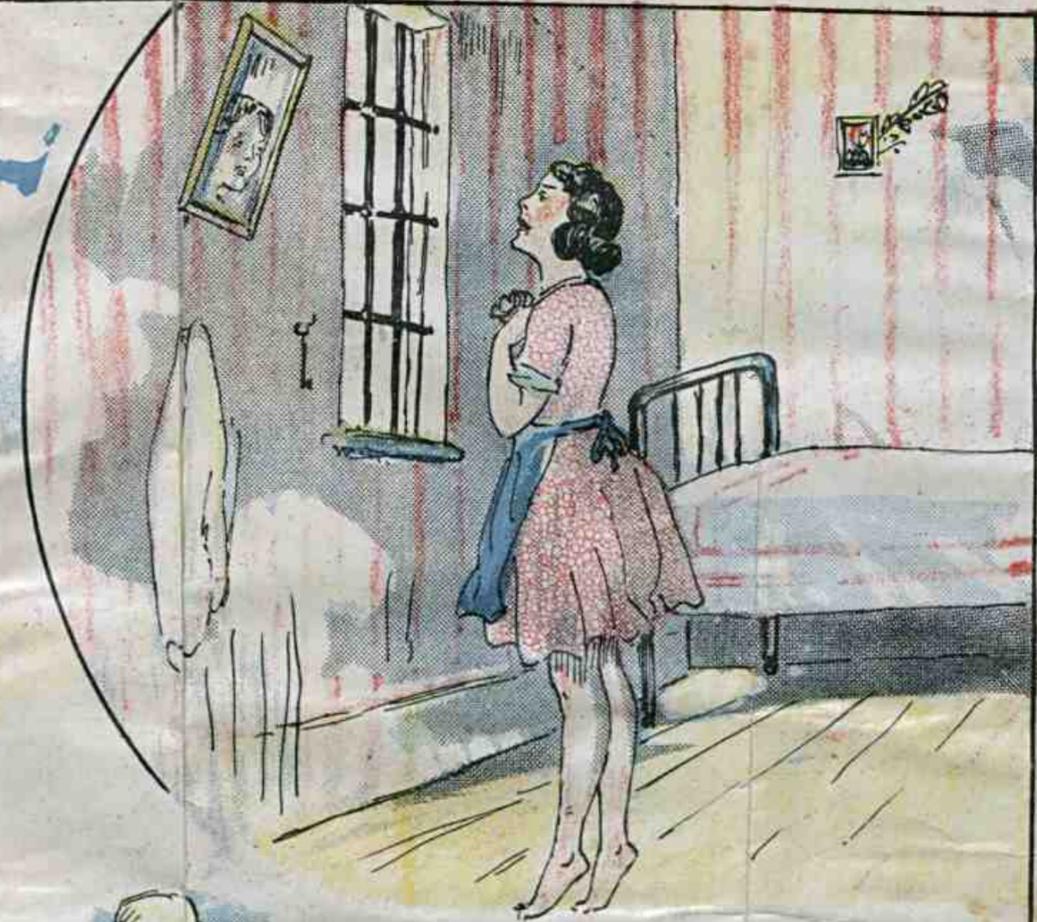
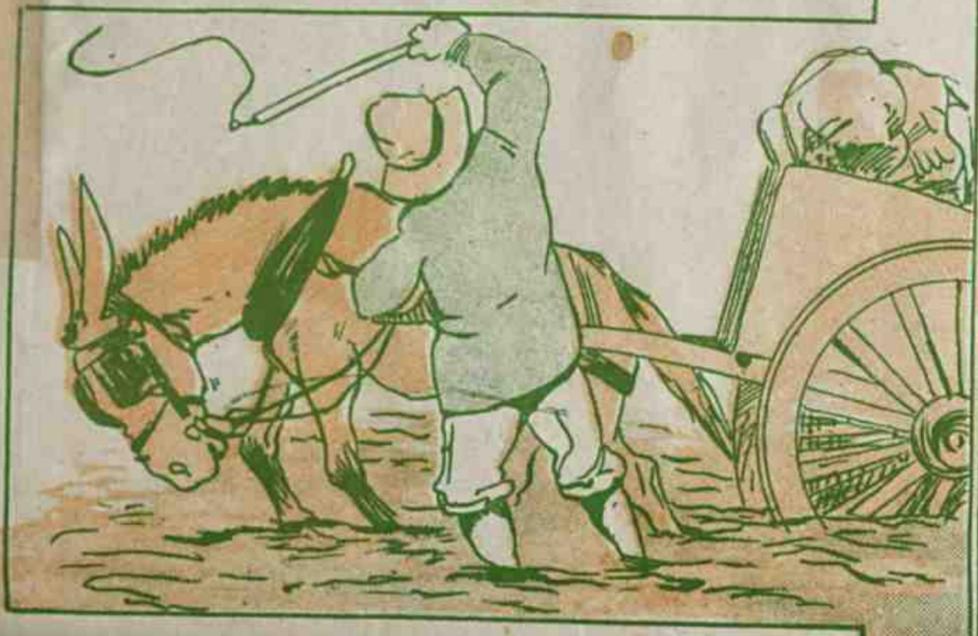
A traducção della é *Achei! Achei!* e quem a proferiu foi o illustre mathematico da antiguidade Archimedes, que nasceu em Syracusa.

Foi esse grande geometra da antiguidade quem inventou as roldanas, o parafuso sem fim, as rodas dentadas e o grande principio de hydrostatica que tem o seu nome e que assim é enunciado: "Todo corpo mergulhado n'agua perde uma parte de seu peso egual ao peso do volume de agua por elle deslocado".

Archimedes estava tomando banho quando esta verdade scientifica illuminou o seu espirito.

No enthusiasmo que lhe causou tal descoberta, saltou do banho e sahiu para a rua a gritar: Eureka! Eureka!

Achara, com effeito, o meio de determinar o peso especifico dos corpos, tomando a agua por unidade.

Archimedes foi morto por um soldado romano, que se irritou por não receber resposta das perguntas que fazia ao grande sabio, na occasião absorto a resolver um problema.

A ROSA
O jardineiro Manoel tem a seu serviço, na grande chacara de flores, varias meninas. A mais educada e diligente é Joanninha, a quem elle offereceu a primeira rosa do jardim.
Pouco depo de Jnninha receber a rosa, entra na chacara uma gentil fregueza, que excl na, olindo para a menina, que lhe fazia um comprimento reverencioso: — Q fresca, que belleza, que encanto! Nunca vi, Sr. Manoel, cousa mais bella.
Envaidecida com o que acabava de ouvir, Joanninha correu ao espelho e deu mil retoques na flor e no vestido.
E, depois, orgulhosa, passou junto de suas companheiras, de cabeça erguida, sem lhes falar. Mas as companheiras de Joanninha riram-se muito quando souberam que todos os elogios feitos pela gentil fregueza foram para a rosa que estava no peito da envaidecida menina.
Joanninha, envergonhada, chorou muito e atirou fóra a rosa que tanto mal lhe causara. E o bom jardineiro Manoel prometteu-lhe então dar-lhe, de futuro, só violetas, que são o emblema da modestia.

As barbas do Vôvô
O Vôvô, deitado num divan, preparava-se para dormir a sesta. Luiz, seu neto, brincava com o seu...
..."loulou" da Pomerania, emquanto a Vôvó deixava um pouco o trabalho das meias. Luiz vendo-se só, começou...
...a trançar a barba do avô e depois, agarrando o cachorrinho, amarrou-o na extremidade da trança de cabello.
O totó poz-se aos pulos atrás das borboletas. Vôvô acordou e teve de acompanhar os pinotes do cãosinho.
A. Rocha
Quem muito escolhe...
Pêpe e Bêbe commentavam qual dos tres bichos seria melhor: o burro, o camelo ou o porco. — Entre os tres eu preferia o...
...porco! — disse Pêpe. "O camelo é a victima do deserto! Passa dias sem comer, a trabalhar como um burro!
RESTAURANTE
A. Rocha
O burro, além do peso que transporta, quando mette a carroça num lamaçal,
E o porco... Não terminou a phrase porque viu um

1.° MEZ — 31 DIAS

Signo: — AQUARIO

Devoção do mez — *A Santa Infancia de Jesus Christo*

1—Terça-feira — *Circumcisão do Senhor. — Confraternidade Universal (Feriado nacional).*
2—Quarta-feira — Santo Izidro.
3—Quinta-feira — Santo Anthero.
4—Sexta-feira — São Gregorio.
5—Sabbado — São Simeão.
6—DOMINGO — *Epiphania. Santos Reis (Dia santo). São Frederico.*
7—Segunda-feira — São Theodoro.
8—Terça-feira — São Lourenço.
9—Quarta-feira — São Julião.
10—Quinta-feira — São Gonçalo.
11—Sexta-feira — Santo Hygino.
12—Sabbado — São Satyro.
13—DOMINGO — Baptismo de Jesus.
14—Segunda-feira — S. Felix de Nola.
15—Terça-feira — Santo Amaro.
16—Quarta-feira — São Marcello.
17—Quinta-feira — São Antão.
18—Sexta-feira — Santa Prisca.
19—Sabbado — São Canuto.
20—DOMINGO — *S. Sebastião. Fundação da cidade do Rio de Janeiro — Feriado.*
21—Segunda-feira — Santa Ignez.
22—Terça-feira — São Vicente.
23—Quarta-feira — São João Esmoler.
24—Quinta-feira — Nossa Senhora da Paz.
25—Sexta-feira — Conversão de São Paulo.
26—Sabbado — São Polycarpo.
27—DOMINGO — São João Chrysostomo.
28—Segunda-feira — São Cyrillo.
29—Terça-feira — São Francisco de Salles.
30—Quarta-feira — Santa Bathilde, rainha de França.
31—Quinta-feira — S. Pedro Nolasco.

BERENICE

Na doce infantilidade de seus poucos annos, Berenice era um verdadeiro anjinho, vindo do ceu.

Seus cabellos, louros e lindos, resplandeciam aos raios de ouro do sol, que os nimbava de luz. E ella parecia mais uma santa, quando contemplava, meigamente, o poente dourado, onde o sol desapparecia... Fitando demoradamente as montanhas azuladas, seus olhos tinham um brilho extranho, um não sei que de saudade, um brilho meigo de lua, dormindo sobre as aguas de um manso lago. Berenice, que era uma orphãsinha, sem carinhos e sem o afago doce do amor materno, era, tambem, uma creança linda. Ella vivia quasi a sós, poucas vezes brincava. Era uma imagem de santa pensativa, cujos olhos mysticos tinham o brilho do luar. Muitas vezes, ella sonhava com os carinhosos enlevos de um lar amigo...

Alma innocente e pura, coração sem mancha, Berenice era o anjo da bondade, reflectindo a bondade sobre a terra... Muitas vezes, á noitinha, ella sentava-se sobre as areias da praia, para escutar o marulhar vago das ondas, e meditar seus sonhos, com saudade. Talvez fossem idéas innocentes, mas Berenice tinha pensamentos, cuja ternura inebriava seu proprio coração. Ella sempre sonhava com um lar, onde pudesse viver e gosar as delicias do amor materno, de que tão cedo se vira abandonada.

E essa creança innocente, quando fitava piedosamente o bello ceu azul, rezava, sempre, uma prece infantil, fervorosa e contricta.

Talvez a infantilidade de seus sonhos fosse a doce ternura de sua vida. E ella tinha esperança de ainda poder viver n'um lar amigo...

Quando a epocha risonha do Natal se approximava, Berenice fizera seus melhores preludios, para ter o seu lar... Mas o Natal chegou, e, com elle, a esperança de todos aquelles que tinham uma infancia risonha no seio idolatrado do lar... Só Berenice, a creancinha loura, não tinha um lar amigo.

Na noite alviçareira do Natal, Berenice sonhava deliciosamente... E ella via que um menino tão louro quanto ella, e cuja bondade reflectia o seu bom coração, lhe fazia mil promessas de felicidade, e dizia: Vem, irmãsinha, vem commigo, — teremos no ceu, o nosso lar, o nosso lar amigo...

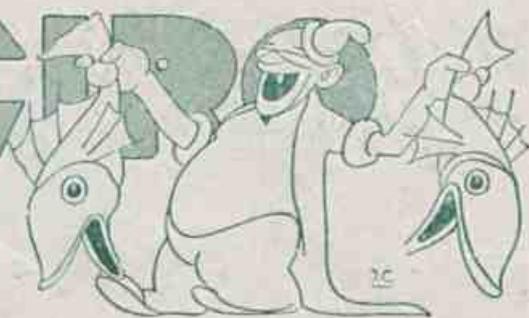
E Berenice, inebriada de phantasia, abraçou o louro menino e voou com elle para um lar muito melhor do que aquelle que queria...

E, desde essa noite deliciosa do Natal, os pequeninos sem lar pensam na felicidade de Berenice, preludiando, tambem, a doçura sem par de um grato lar amigo...

LUIZ JORGE MORATO.

FEVEREIRO

2.° MEZ — 29 DIAS

Signo: — PEIXES

Devoção do mez — AS DORES DA VIRGEM MARIA

1—Sexta-feira — Santo Ignacio.
2—Sabbado — *Purificação de Nossa Senhora. Nossa Senhora das Candeias.*
3—DOMINGO — Santa Olivia.
4—Segunda-feira — Santo André.
5—Terça-feira — Santa Agueda.
6—Quarta-feira — Santo Amandio.
7—Quinta-feira — São Maximiano.
8—Sexta-feira — Santo Elfredo.
9—Sabbado — São Sabino.
10—DOMINGO — São Guilherme.
11—Segunda-feira — Santo Adolpho.
12—Terça-feira — São João Hospitaleiro.
13—Quarta-feira — Santo Euphisio.
14—Quinta-feira — São Abrahão.
15—Sexta-feira — Trasladação de Santo Antonio de Lisboa.
16—Sabbado — Santo Onesino.
17—DOMINGO *da Septuagesima (Dia santo)*. Santo Auxencio.
18—Segunda-feira — São Marcello.
19—Terça-feira — São Conrado.
20—Quarta-feira — Santo Eleuterio.
21—Quinta-feira — Santa Vitalina.
22—Sexta-feira — A cadeira de São Pedro.
23—Sabbado — São Lazaro.
24—DOMINGO — *Santa Primitiva — Promulgação da Constituição — (Feriado Nacional)*.
25—Segunda-feira — São Cesario.
26—Terça-feira — Santo Alexandre.
27—Quarta-feira — São Leandro.
28—Quinta-feira — Trasladação de Santo Agostinho.
29—Sexta-feira — São Romão.

QUANTOS DIAS SE PÓDE VIVER SEM COMER?

Eis uma pergunta a que não se póde responder com precisão absoluta. Os proprios organismos dos individuos, pela sua variada constituição, admittem um maior ou menor grão de resistencia á fome.

Ha pessoas que passam um dia, ou mesmo dois, sem tomar alimento algum. Outras, no fim de seis ou oito horas de abstinencia alimentar, perdem as forças, desmaiam de inanição.

Mais do que o homem, os animaes podem viver muitos dias sem comer.

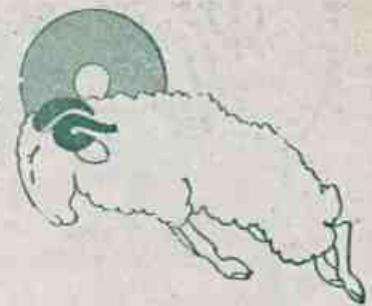
Um gato, segundo observação feita, passou vinte dias sem comer; uma aguia sobreviveu vinte e oito dias, um texugo um mez, e alguns cães mais de um mez, com abstinencia completa de alimento.

Nas memorias da Academia das Sciencias de Paris acha-se a historia de uma cadellinha, que tendo ficado fechada, por descuido, em uma casa do campo, foi encontrada ainda viva no fim de quarenta dias, sem haver tomado outro sustento mais que alguns pedaços de panno de um enxergão, que despedaçara com os dentes. Lê-se em alguns auctores que um crocodilo póde supportar dois mezes a falta total de alimento, um escorpião tres mezes, um urso seis, e um camaleão oito mezes; e que uma vibora poderá estar até dez annos sem sustento. Esta ultima asserção é inteiramente incrivel.

Vaillant tinha um escorpião que viveu quasi um anno sem sustento, e, bem longe de suas forças se exgottarem por esta longa abstinencia, elle acommetteu e matou logo outro escorpião grande e vigoroso, mas menos esfaimado, que metteram com elle na gaiola. Um senhor, uma vez, encerrou um sapo entre dois vasos de flores, e no fim de quatorze mezes ainda o achou vivo.

Jabotis, e outros kagados menores têm sobrevivido dezeseis e dezoito mezes á privação do sustento; um escaravelho foi conservado por mais de dois annos em inteira abstinencia, e ainda no fim deste tempo teve forças para escapar-se e fugir.

Cita-se ainda o exemplo de duas cobras, que viveram em um vaso de vidro cinco mezes, sem comer.

3.ª MEZ 31 DIAS

Signo: — CARNEIRO

Devoção do mez — *São José, Patrono da Egreja Universal*

1—Sabbado — Santo Adrião.
2—Domingo — *Quinquagesima (Dia santo)* — *Carnaval*. São Emiterio.
3—Segunda-feira — São Martinho. *Carnaval*.
4—Terça-feira — São Casemiro. *Carnaval*.
5—Quarta-feira — *Cinzas (Dia santo)*. *Santa Pulcheria*.
6—Quinta-feira — Santa Colleta.
7—Sexta-feira — São Thomaz de Aquino.
8—Sabbado — São João Deus.
9—Domingo — São Candido.
10—Segunda-feira — São Militão e 39 companheiros.
11—Terça-feira — São Constantino.
12—Quarta-feira — Santo Eulogio.
13—Quinta-feira — São Rodrigo.
14—Sexta-feira — Santa Mathilde.
15—Sabbado — Santo Henrique.
16—Domingo — São Cyriaco.
17—Segunda-feira — Santa Agricola.
18—Terça-feira — São Gabriel Archanjo.
19—Quarta-feira — São José.
20—Quinta-feira — São Gilberto.
21—Sexta-feira — São Bento.
22—Sabbado — Santo Octaviano.
23—Domingo — São Liberato.
24—Segunda-feira — Santo Agapito.
25—Terça-feira — *Annunciação de Nossa Senhora*. *(Dia santo)* — Santa Dalia.
26—Quarta-feira — São Braulio.
27—Quinta-feira — Santo Alexandre.
28—Sexta-feira — Santa Dorothéa.
29—Sabbado — São Victorino.
30—Domingo — São João Climaco.
31—Segunda-feira — São Benjamim.

O LEÃO E A RAPOSA

Meu senhor, disse a raposa
Fallando um dia ao leão,
Eu não sou mexeriqueira,
Mas calar-me é sem razão.

Sabe que mais? Anda um burro,
Aqui por toda a cidade,
A dizer mil insolencias
Contra Vossa Magestade.

Elle diz que não percebe
Como lhe acham talentos,
Em que consiste a grandeza
Desses seus merecimentos.

Diz que o seu valor é força,
E que é pouca habilidade,
Quando vence, facilmente,
Ostentar heroicidade.

Calou-se um pouco o leao
E depois, sorrindo, disse:
— Que importa o que diz um asno?
Enfadar-me é parvoice!

Carlos Rezende.

SCISMARES

De tarde a brisa, a murmurar fagueira,
Recorda, alegre, uma canção de amor, —
E enche de encantos essa tarde inteira,
De manso, a divagar de flor em flor...

E a tarde é linda como a imagem triste
De uma fada, scismando á beira mar...
Quando a tristeza que hoje em tudo existe,
Soturnamente vae alli pousar...

Eu amo a tarde, quando a luz radiosa
De um sol morrente tudo vem dourar;
Quando um regato uma canção chorosa
Fica, ás vezes, tristonho, a murmurar...

Tardes azues de minha terra amada,
Deslumbramento divinal de luz,
Quantas bellezas nessa côr sagrada,
Quanta grandeza nessa côr reluz!

E' sempre á tarde, quando a bruma desce,
Que tudo canta e que murmura amor...
E a meiga brisa, numa voz de prece,
Suspira, a divagar de flor em flor...

Luiz Jorge Morato.

4.º MEZ — 30 DIAS

Signo: — TOURO

Devoção do mez — *Jesus, o Bom Pastor*

1—Terça-feira — São Hugo.
2—Quarta-feira — São Francisco de Paula.
3—Quinta-feira — São Pancracio.
4—Sexta-feira — Santo Ambrosio.
5—Sabbado — São Geraldo.
6—DOMINGO DA PAIXÃO. (*Dia santo*) — São Celestino.
7—Segunda-feira — Santo Epiphanio.
8—Terça-feira — Santo Amancio.
9—Quarta-feira — Santa Maria Cleophas.
10—Quinta-feira — São Terencio.
11—Sexta-feira — Santo Isaac.
12—Sabbado — São Zenon.
13—DOMINGO DE RAMOS (*Dia santo*) — São Justino.
14—Segunda-feira — Jesus, o Bom Pastor.
15—Terça-feira — São Bazilio.
16—Quarta-feira — São Fructuoso.
17—Quinta-feira — Santo Aniceto.
18—Sexta-feira — Santo Appolonio.
19—Sabbado — São Jorge.
20—DOMINGO DE PASCHOA (*Dia santo*) — São Serviliano.
21—Segunda-feira — *Tiradentes*. (*Feriado Nacional*) — Santo Anselmo.
22—Terça-feira — São Leonidas.
23—Quarta-feira — São Fortunato.
24—Quinta-feira — São Roberto.
25—Sexta-feira — São Marcos.
26—Sabbado — São Cleto.
27—DOMINGO DA PASCHOELA (*Dia santo*) — São Toribio.
28—Segunda-feira — São Didymo.
29—Terça-feira — São Pedro de Verona.
30—Quarta-feira — Santo Eutropio.

A FUNCÇÃO PRINCIPAL DA LAGRIMA

Como os meninos devem saber, a superficie do globo ocular está sempre humedecida, mesmo quando não choramos.

E por que acontece tal coisa?

E' provavel que vocês não saibam, mas vamos dizer a razão de tão curioso phenomeno.

Em cada um de nossos olhos existe uma pequena glandula, chamada glandula lacrymal, que não é visivel pelo facto de se achar escondida sob o globo ocular.

Essas glandulas possuem uma especie de sacco, cheio d'agua, as quaes têm, por mister secretar essa mesma agua. Escorrendo constantemente, gottinha a gottinha, para os olhos, essa agua os mantem em bom estado de limpeza, expulsando de sua superficie todas as impurezas que alli cahem levadas pela poeira. O olho nunca é possivel ser limpo com toalha ou com os dedos. Estes só conseguem lavar as palpebras mas não o interior do globo ocular. Ora, apezar dos cilios (pestanas), o pó consegue entrar nos olhos e offender o globo ocular; quando os grãos de pó são impalpaveis, não fazem mal: entretanto, se houvesse a possibilidade de se accumularem sempre, sem que fossem retirados, a vista deixaria de ser nitida e acabaria por se escurecer completamente. Até mesmo os movimentos dos olhos não poderiam ser completos.

Mas não se atormentem: a glandula lacrymal ahi se encontra sempre, revestida do encargo de varredora. Envia um pouco d'agua aos olhos, essa agua arrasta as impurezas vindas do exterior e desapparece por um pequeno canal (o conducto lacrymal).

Se, por acaso, uma poeira mais grossa ou um insecto consegue penetrar no olho, então a pequenina glandula activa a sua funcção, pois o pingar ordinario não é bastante para expellir o corpo extranho. Faz transbordar o liquido em maior abundancia, e esse liquido, não podendo escoar-se promptamente pelo conducto lacrymal, transborda por sobre as palpebras: são as lagrimas. Dá-se o mesmo que se uma pessoa quizesse transvasar um liquido em uma garrafa, com auxilio de um funil, e a enchesse de mais. O liquido transbordaria necessariamente, por sobre os bordos do funil.

Os aborrecimentos, a colera, as alegrias, em uma palavra, as emoções vivas, provocam lagrimas, actuando sobre os nervos da face.

Estes comprimem as glandulas lacrymaes e fazem-n'as chorar. Eis porque as pessoas, que não são nervosas ou que têm grande poder sobre si mesmas, sabem conter os nervos chorando menos facilmente que as pessoas impressionaveis. As lagrimas podem significar emoções vivas, mas a sua missão, as mais das vezes, é limpar os olhos. Para desempenhar esse amplo papel, ellas são compostas de agua e sal.

5.° MEZ 31 DIAS

Signo: — GEMEOS

Devoção do mez — A *Santa Virgem Maria*

1—Quinta-feira — Santo Amador.
2—Sexta-feira — Santo Athanasio.
3—Sabbado — *Anniversario do Descobrimento do Brasil* (*Feriado Nacional*) — São Juvenal.
4—Domingo — *Maternidade de Nossa Senhora* (*Dia santo*) — São Floriano.
5—Segunda-feira — Conversão de Santo Agostinho.
6—Terça-feira — Santa Judith.
7—Quarta-feira — Nossa Senhora do Resgate.
8—Quinta-feira — São Victor.
9—Sexta-feira — São Gregorio Naziazeno.
10—Sabbado — Nossa Senhora dos Desamparados.
11—Domingo — *Patrocinio de São José* (*Dia santo*) — Santo Anastacio.
12—Segunda-feira — São Nereu.
13—Terça-feira — *Abolição da Escravidão no Brasil.* (*Feriado Nacional*) — Nossa Senhora dos Martyres.
14—Quarta-feira — São Bonifacio.
15—Quinta-feira — Santo Izidro.
16—Sexta-feira — São Honorio.
17—Sabbado — São Paschoal.
18—Domingo — Santo Eurico.
19—Segunda-feira — Santo Ivo.
20—Terça-feira — S. Bernardino de Sena.
21—Quarta-feira — Santos Manços.
22—Quinta-feira — São Romão.
23—Sexta-feira — Santa Catharina de Cordova.
24—Sabbado — Nossa Senhora Auxiliadora.
25—Domingo — São Bonifacio IV.
26—Segunda-feira — *Ladainhas.* — Santo Agostinho.
27—Terça-feira — *Ladainhas.* Santo Olivio
28—Quarta-feira — *Ladainhas* — São Germano.
29—Quinta-feira — *Ascensão do Senhor* (*Dia santo*) — São Procopio.
30—Sexta-feira — Santa Emilia.
31—Sabbado — Santa Petronilha.

A MYOPIA NA INFANCIA

MUITOS paes ignoram a myopia dos seus filhos, e, conhecendo-a, não se preoccupam de todo com ella. Poucos têm a idéa de que os oculos são prejudiciaes. Assim, com a edade vae augmentando a myopia, que além de ser uma inferioridade para o individuo, pois está impossibilitado de ver os objectos distantes e perceber o aspecto d'aquillo que vê, póde occasionar uma série de perturbações, como o facil cançaço dos olhos, o pestanejar das palpebras, as dores articulares profundas, os pontos pretos esvoaçantes (ou sombras determinadas pelos corpos opacos na pupilla), phenomenos de deslumbramento e intolerancia da luz intensa. O myope além disso é obrigado a inclinar-se para a frente para approximar-se do objecto que olha, ou frequentemente, quando lê, tem uma sensação de peso e de ardor nos olhos, peso na cabeça, e as lettras tornam-se confusas.

Outra consequencia não rara é o estrabismo convergente e, o que é peor, o progressivo enfraquecimento da faculdade visual. E' preciso, pois, que os paes e os mestres procurem impedir o desenvolvimento da myopia, assim como de tantas outras enfermidades que ameaçam as creanças. Aos primeiros symptomas de tão incommoda enfermidade, devem ser procurados os medicos especialistas em doenças dos olhos. A myopia, ás vezes, é facilmente curavel.

JUNHO

6.° MEZ 30 DIAS

Signo: — CARANGUEJO

Devoção do mez — *Sagrado Coração de Jesus*

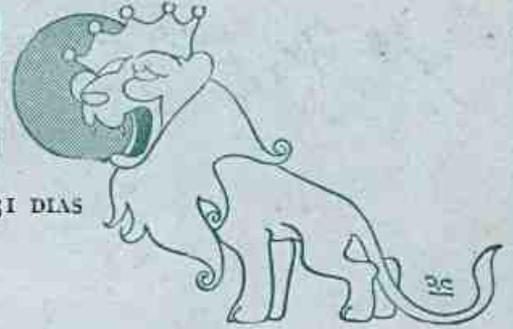
1—Domingo — São Fortunato.
2—Segunda-feira — Santo Erasmo.
3—Terça-feira — São Cesar.
4—Quarta-feira — Santa Saturnina.
5—Quinta-feira — Santo André.
6—Sexta-feira — São Claudio.
7—Sabbado — São Gilberto.
8—Domingo — *Espirito Santo (Dia santo)* — São Severino.
9—Segunda-feira — São Paulo da Cruz.
10—Terça-feira — Santa Margarida.
11—Quarta-feira — São Procopio — *Batalha Naval do Riachuelo.*
12—Quinta-feira — Santo Adolpho.
13—Sexta-feira — Santo Antonio de Lisboa e de Padua.
14—Sabbado — São Basilio Magno.
15—Domingo — *Santissima Trindade (Dia santo)* — São Modesto.
16—Segunda-feira — Nossa Senhora do Soccorro.
17—Terça-feira — Santo Anatolio.
18—Quarta-feira — São Marcellino.
19—Quinta-feira — *Corpo de Deus (Dia santo)* — São Gervasio.
20—Sexta-feira — São Macario.
21—Sabbado — São Luiz Gonzaga.
22—Domingo — São Paulino.
23—Segunda-feira — Santa Aggripina.
24—Terça-feira — *São João Baptista (Dia santo).*
25—Quarta-feira — São Guilherme.
26—Quinta-feira — Santo Antelmo.
27—Sexta-feira — *Coração de Jesus (Dia santo)* — São Zoilo.
28—Sabbado — Santo Irineu.
29—Domingo — *S. Pedro e São Paulo, apostolos. (Dia santo)* — *Pureza de Nossa Senhora.*
30—Segunda-feira — São Marçal.

A RAPIDEZ DO SOM

O som corre no espaço com uma velocidade de tresentos e trinta metros por segundo, isto é, dezenove kilometros e oito metros. Por exemplo, o ruido de uma explosão é ouvido um segundo depois a dezenove kilometros de distancia. O som caminha menos do que a luz. Por isso é que, quando se assiste de longe a uma salva de artilheria, e se vê distinctamente a chamma que sahe do canhão e só algum tempo depois é que se ouve o estampido.

Do mesmo modo, quando ha uma trovoada, muito distante do logar em que se está, se vê o fulgor do relampago e só passado algum tempo é que se ouve o trovão. Assim, a rapidez do som é de 330 metros por segundo no espaço. Mas, atravessando um corpo solido, a rapidez é muito maior. Por exemplo, em uma taboa grossa ou um toro de madeira, qualquer creança póde verificar facilmente que a rapidez é enorme: batendo de um lado da taboa ouve-se a pancada quasi ao mesmo tempo do outro lado.

7.° MEZ — 31 DIAS

Signo: — LEÃO

Devoção do mez — *Precioso Sangue de Nosso Senhor Jesus Christo*

1—Terça-feira — São Simeão. Precioso sangue de Jesus Christo.
2—Quarta-feira — Visitação de Nossa Senhora.
3—Quinta-feira — São Jacintho.
4—Sexta-feira — Santa Isabel, Rainha de Portugal.
5—Sabbado — Santo Athanasio.
6—DOMINGO — Santa Angela.
7—Segunda-feira — São Firmino.
8—Terça-feira — Santa Celina.
9—Quarta-feira — Santa Veronica.
10—Quinta-feira — São Januario e seus companheiros.
11—Sexta-feira — Santa Euphemia.
12—Sabbado — São Nabor.
13—DOMINGO — Santo Anacleto.
14—Segunda-feira — *Tomada da Bastilha*. (*Feriado Nacional*) — São Boaventura.
15—Terça-feira — Santo Henrique.
16—Quarta-feira — Nossa Senhora do Carmo.
17—Quinta-feira — Santo Aleixo.
18—Sexta-feira — Santo Arnaldo.
19—Sabbado — São Vicente de Paulo.
20—DOMINGO — Santo Elias.
21—Segunda-feira — São Daniel.
22—Terça-feira — São Platão.
23—Quarta-feira — São Liborio.
24—Quinta-feira — São Bernardo.
25—Sexta-feira — São Thiago Maior.
26—Sabbado — Santo Olympio.
27—DOMINGO — *Sant'Anna*. (*Dia santo*) — São Mauro.
28—Segunda-feira — São Celso.
29—Terça-feira — Santo Olavo.
30—Quarta-feira — Santo Abdão.
31—Quinta-feira — Santo Ignacio de Loyola.

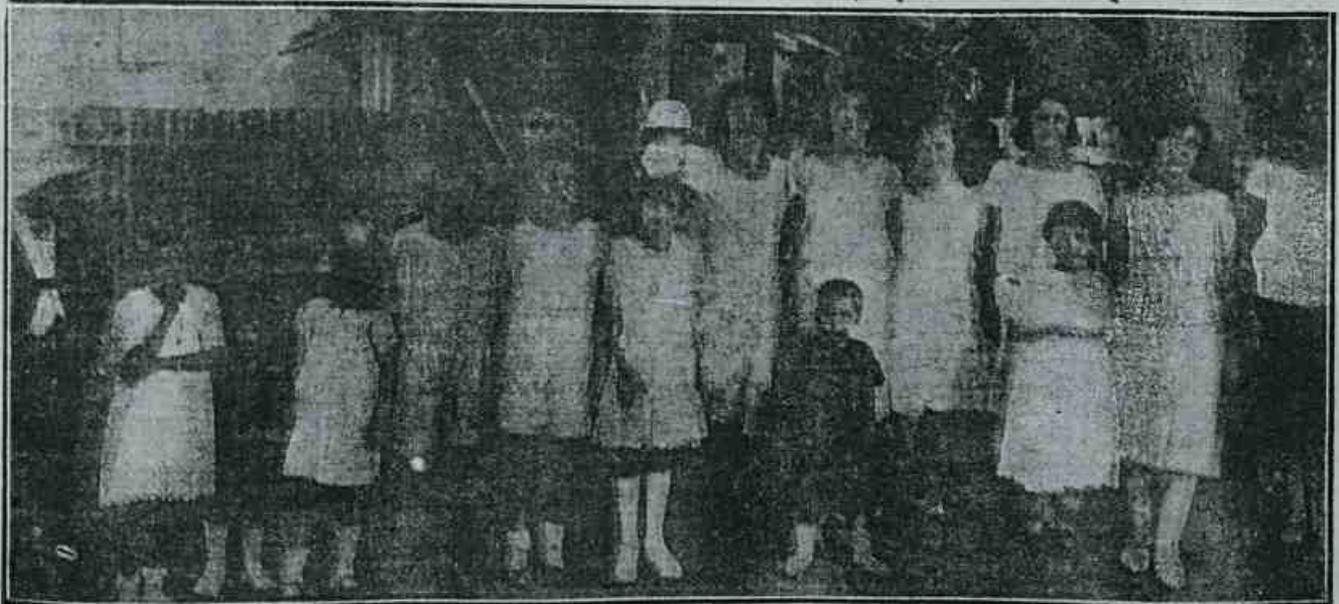
A vingança de mais alta nobreza é o perdão de uma offensa.

✣

Os pellos das caudas das lontras e dos esquilos são empregados commummente para os pinceis de barba.

O sabio em um povo sem illustração é como a rosa no deserto, onde os insectos a pungem e maltratam, não sabendo prezar os seus perfumes, nem admirar a sua belleza magestosa.

MARQUEZ DE MARICÁ.

NA ILHA DO GOVERNADOR

Gentis leitores d'O TICO-TICO reunidos n'um domingo em alegre passeio

AGOSTO

8.º MEZ — 31 DIAS

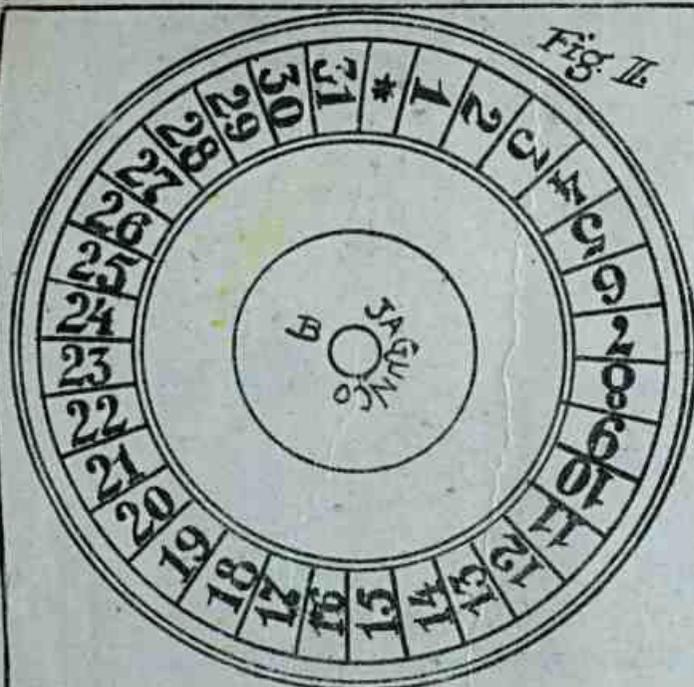
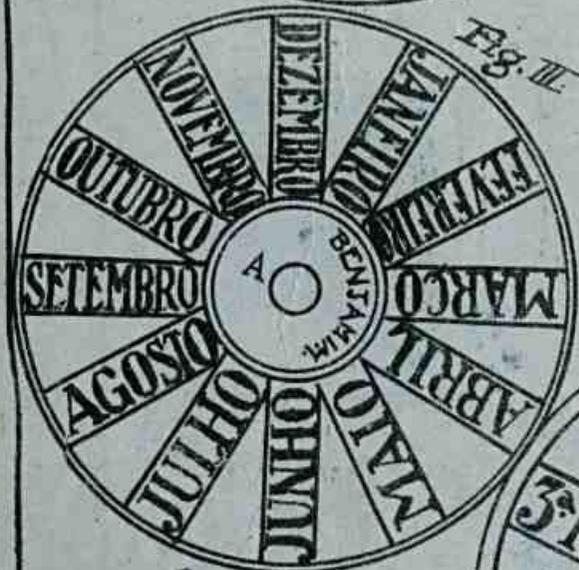
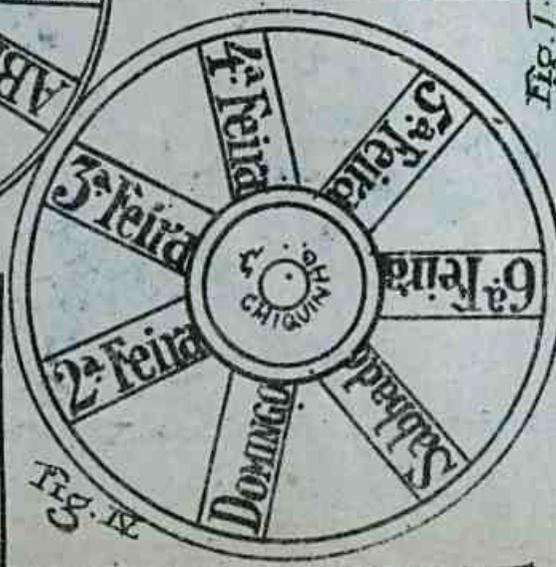
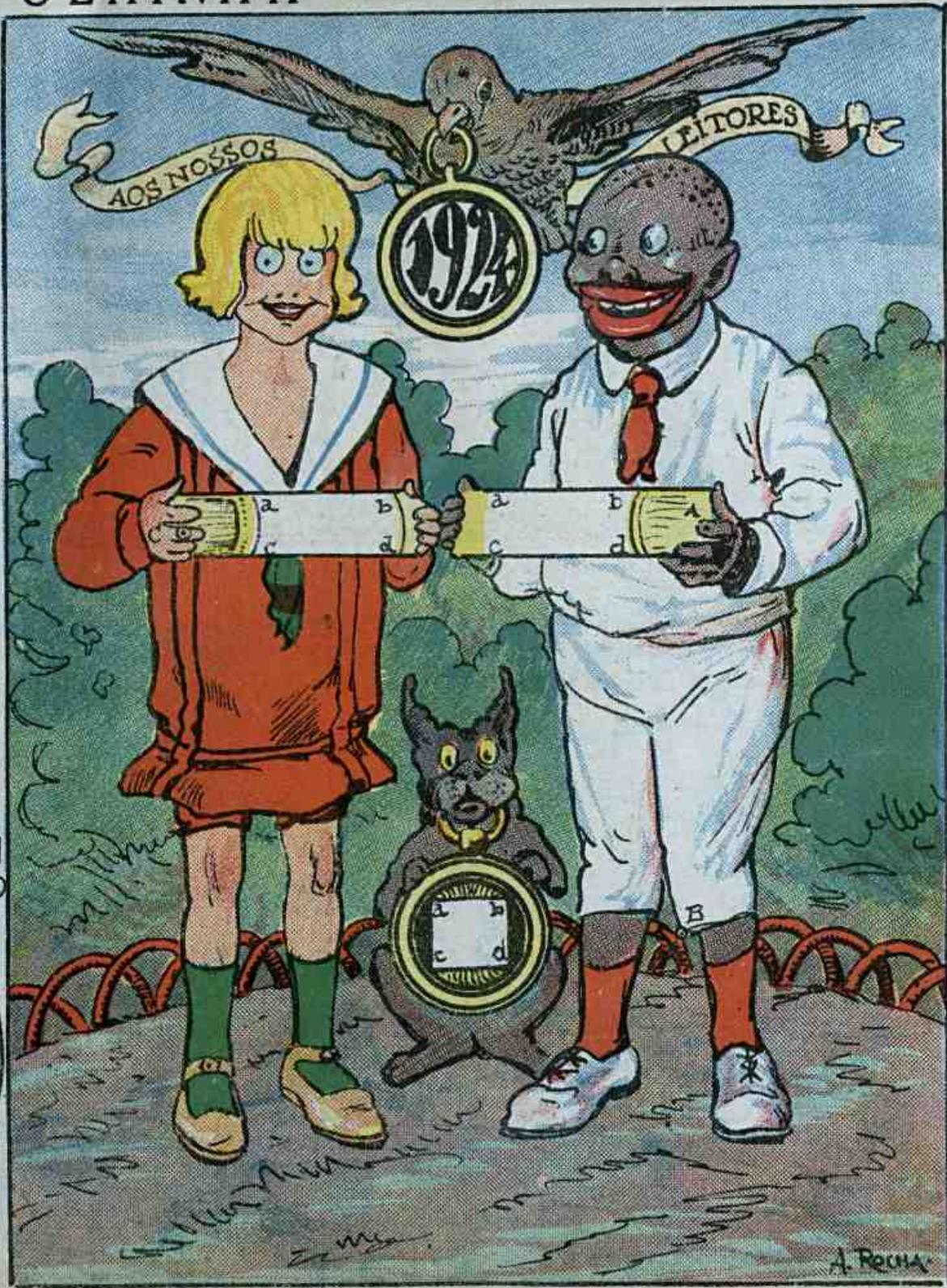
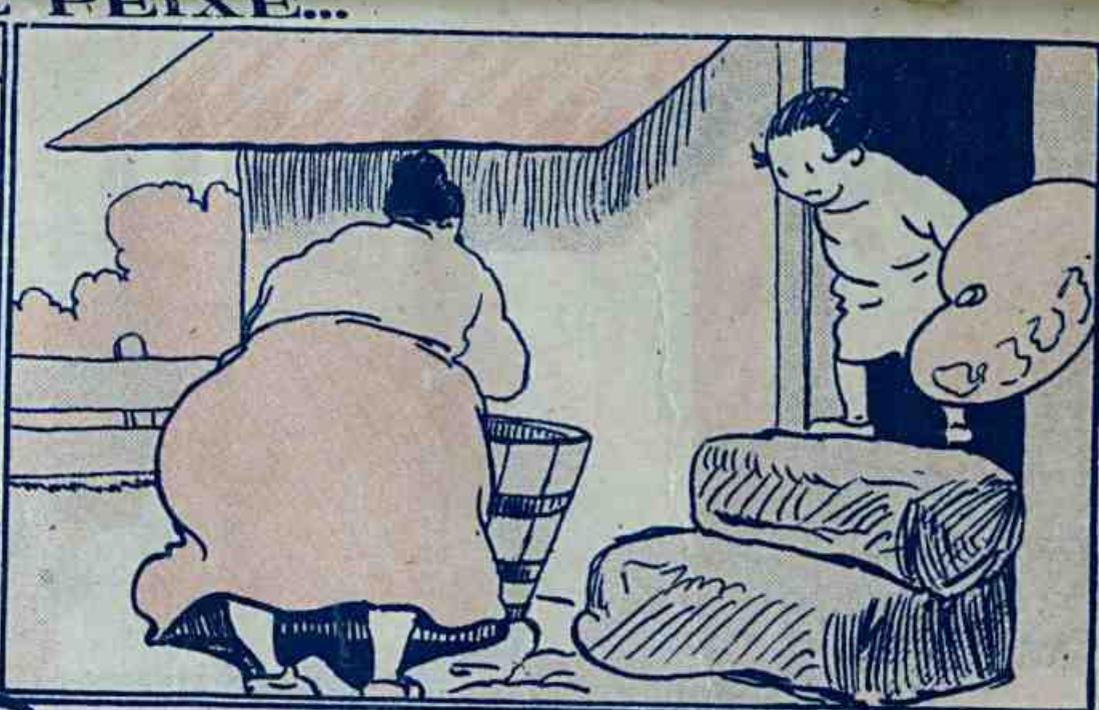
Signo: — VIRGEM

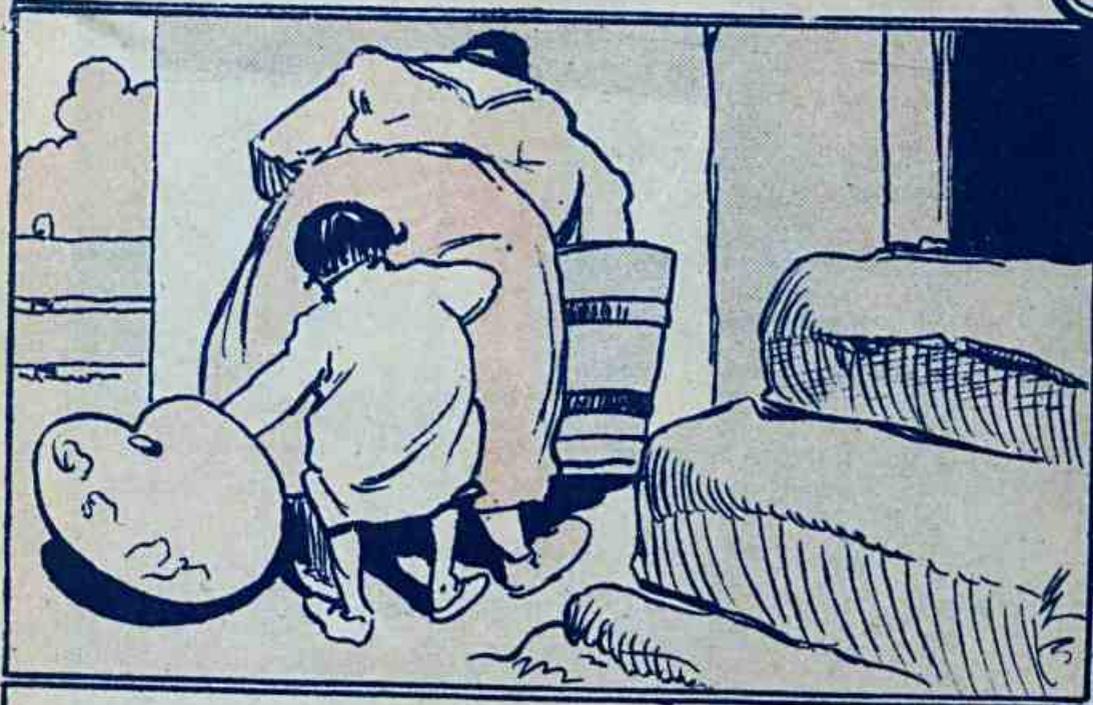
Devoção do mez — *Sagrado Coração de Maria*

1—Sexta-feira — São Leoncio.
2—Sabbado — Nossa Senhora dos Anjos.
3—DOMINGO — São Cassiano.
4—Segunda-feira — São Domingos.
5—Terça-feira — Nossa Senhora das Neves.
6—Quarta-feira — Transfiguração do Senhor.
7—Quinta-feira — Santo Alberto.
8—Sexta-feira — São Severo.
9—Sabbado — São Romão.
10—DOMINGO — São Lourenço.
11—Segunda-feira — Santa Suzana.
12—Terça-feira — Santa Clara.
13—Quarta-feira — Santas Aquila e Helena.
14—Quinta-feira — Nossa Senhora da Boa Morte.
15—Sexta-feira — *Assumpção de Nossa Senhora.* (*Dia santo*) — Nossa Senhora da Gloria.
16—Sabbado — São Roque.
17—DOMINGO — *São Joaquim.* (*Dia santo*) — São Mamede.
18—Segunda-feira — São Leonardo.
19—Terça-feira — São Magno.
20—Quarta-feira — São Samuel.
21—Quinta-feira — Santa Umbelina.
22—Sexta-feira — Santa Anthusia.
23—Sabbado — São Donato.
24—DOMINGO — São Bartholomeu.
25—Segunda-feira — São Luiz, rei de França.
26—Terça-feira — São Zeferino.
27—Quarta-feira — São José de Calazans.
28—Quinta-feira — Santo Agostinho.
29—Sexta-feira — Degolação de São João Baptista.
30—Sabbado — São Fiarico.
31—DOMINGO — São Cecidio.

PELAS ESCOLAS

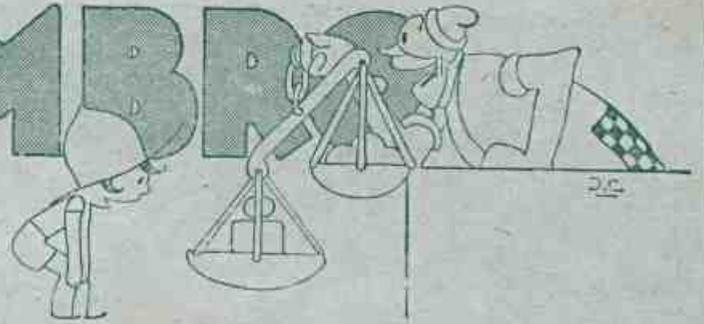
Alumnos do Jardim da Infancia Marechal Hermes, dirigido pela professora Mme Saint-Brisson, que se vê ao centro da photographia

A FOLHINHA

Preguem a fig. I em cartão forte e abram a canivete, os quadros *a, b, c, d,* que se acham nas mãos de *Chiquinho* e *Benjamim* e no relogio que *Jagunço* suspende nos dentes. Depois preguem as figuras II, III e IV em cartolina e recortem-n'as formando tres circulos ou rodellas. Furem estes circulos ao centro e colloquem-n'os em seus respectivos centros A, B e C existentes na mão direita de *Chiquinho,* na esquerda do *Benjamim* e junto ao joelho esquerdo do *Benjamim.* Verão dentro dos quadros os dias da semana, do mez e o mez. Cortem um pedaço de cartolina do tamanho da figura I pregando a esta, de modo que não embarace o movimento das tres rodellas ou circulos. Os eixos das rodellas deverão ser de linha com dois nós. Ahi têm os amiguinhos, uma lembrança d'*O Tico-Tico* para todo o anno de 1924.

Pinta Roxo era um pintor de talento. Uma vez, sahindo de casa, recommendou á familia que não tocasse nos quadros.

Sua mulher, uma gorda matrona, foi cuidar dos misteres da casa e o pequeno Pinta Roxo, nada tendo a fazer, empunhou a palheta...

... do pae. Na falta de tela aproveitara a vasta saia da mamãe e em largas pinceladas fez uma obra maravilhosa. Filho de peixe é peixinho, o filho de...

... Pinta Roxo popularisou-se e sua obra andou em exposição embora muito contra a vontade da... tela.

9.° MEZ — 30 DIAS

Signo: — BALANÇA

Devoção do mez — *São Miguel*

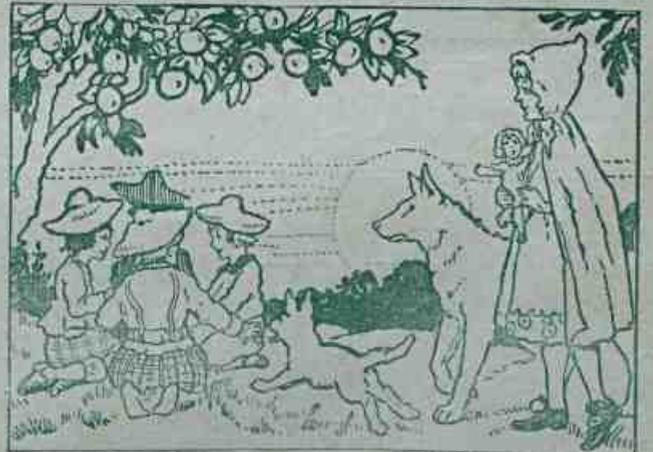
1—Segunda-feira — São Constancio.
2—Terça-feira — Nossa Senhora da Penha.
3—Quarta-feira — Santa Dorothéa.
4—Quinta-feira — Santa Rosalia.
5—Sexta-feira — São Bertino.
6—Sabbado — São Zacharias.
7—DOMINGO — *Independencia do Brasil. (Feriado Nacional)* — Santo Anastacio.
8—Segunda-feira — *Natividade de Nossa Senhora — (Dia santo).*
9—Terça-feira — São Sergio.
10—Quarta-feira — Santa Pulcheria.
11—Quinta-feira — São Proto.
12—Sexta-feira — Santa Bonna.
13—Sabbado — São Amado.
14—DOMINGO — *Santo Coração e Santo Nome de Maria (Dia santo)* — Santos Cornelio e Materico.
15—Segunda-feira — Santo Albino.
16—Terça-feira — Santa Edith.
17—Quarta-feira — São Flocello.
18—Quinta-feira — São Thomaz de Villanova.
19—Sexta-feira — S. José Cupertino.
20—Sabbado — Santo Eustachio. (*Lei Organica do Districto Federal*).
21—DOMINGO — *Dôres de Nossa Senhora. (Dia santo)* — São Matheus.
22—Segunda-feira — São Thomaz.
23—Terça-feira — São Lino.
24—Quarta-feira — Nossa Senhora das Mercês.
25—Quinta-feira — São Herculano.
26—Sexta-feira — Santa Delphina.
27—Sabbado — São Wenceslão.
28—DOMINGO — São Mario.
29—Segunda-feira — São Migrel Archanjo.
30—Terça-feira — São Leopardo.

O CHAPEUSINHO VERMELHO.

O *Chapeusinho Vermelho* ia para o campo juntar-se ás amiguinhas, quando encontrou em caminho um lobo e seu filhinho.

— Oh! como vaes tu, *Chapeusinho Vermelho?*

— Não quero conversas com bichos como você — respondeu *Chapeusinho Vermelho*. Ha muito tempo uma menina como eu foi devorada por um teu parente.

— Mas eu não te quero devorar! Quero apenas que tu faças as pazes commigo, que não sou tão mau como o meu parente.

Chapeusinho Vermelho voltou então para casa e disse á sua mãe o que o lobo lhe propuzera.

A mãe de *Chapeusinho Vermelho,* que não guarda odio de ninguem, disse á filha que fizesse as pazes com o lobo e seu filhinho, que não tinham culpa do mal praticado por seus antepassados.

E para commemorar esse facto, *Chapeusinho Vermelho* offereceu um almoço ao lobo e ao seu filho.

OUTUBRO

10.° MEZ — 31 DIAS

Signo:—ESCORPIÃO

Devoção do mez — *Nossa Senhora do Rosario*

1—Quarta-feira — São Verissimo.
2—Quinta-feira — Santos Anjos de Guarda.
3—Sexta-feira — São Candido.
4—Sabbado — São Francisco de Assis.
5—DOMINGO — *Nossa Senhora do Rosario* (*Dia santo*) — São Placido e seus companheiros.
6—Segunda-feira — Santa-Fé.
7—Terça-feira — Santa Justina de Padua.
8—Quarta-feira — Santa Brigida.
9—Quinta-feira — São Diniz.
10—Sexta-feira — São Francisco de Borja.
11—Sabbado — São Nicasio.
12—DOMINGO — *Descoberta da America* (*Feriado Nacional*) — São Seraphim.
13—Segunda-feira — São Daniel.
14—Terça-feira — São Calixto.
15—Quarta-feira — São Severo.
16—Quinta-feira — São Florentino.
17—Sexta-feira — Santo André de Creta.
18—Sabbado — São Justo.
19—DOMINGO — *Nossa Senhora dos Remedios.* (*Dia santo*) — Santa Aquilina.
20—Segunda-feira — São Feliciano.
21—Terça-feira — São Lucilio.
22—Quarta-feira — Santa Maria Salomé.
23—Quinta-feira — São Pedro Paschoal.
24—Sexta-feira — São Raphael.
25—Sabbado — São Crisantho.
26—DOMINGO — Santo Evaristo.
27—Segunda-feira — Santo Christella.
28—Terça-feira — São Simão.
29—Quarta-feira — Santa Bemvinda.
30—Quinta-feira — Santo Angelo.
31—Sexta-feira — Santa Lucilia.

O mundo julga sempre um homem (e com bastante rigor, diga-se) pelas suas pequenas faltas, que elle mostra cem vezes por dia, mais do que pelas suas grandes virtudes, que elle só revela, talvez, uma vez na vida, e a uma simples pessoa: por outro lado, quanto mais raras ellas são e mais nobre elle é, mais provavel é que a existencia dessas virtudes fique desconhecida de todos. — LOWELL.

Quando o grande Napoleão foi proclamado rei da Italia sobresaltou-se ao ver na sala do throno esta inscripção: INRI que, como é sabido, é a que figura sobre a corôa de espinhos do Crucificado, e significa *Jesus Nazarenus Rex Judeorum* (Jesus Nazareno Rei dos Judeus). Foi preciso explicar-lhe que as quatro iniciaes queriam dizer: *Imperator Napoleone Rex Italiae.*

PELAS ESCOLAS

Alumnos do Gymnasio Sul-Mineiro, de Itanhandú, Minas

NOVEMBRO

11.° MEZ — 30 DIAS

Signo: — SAGITTARIO

Devoção do mez: — *As almas*

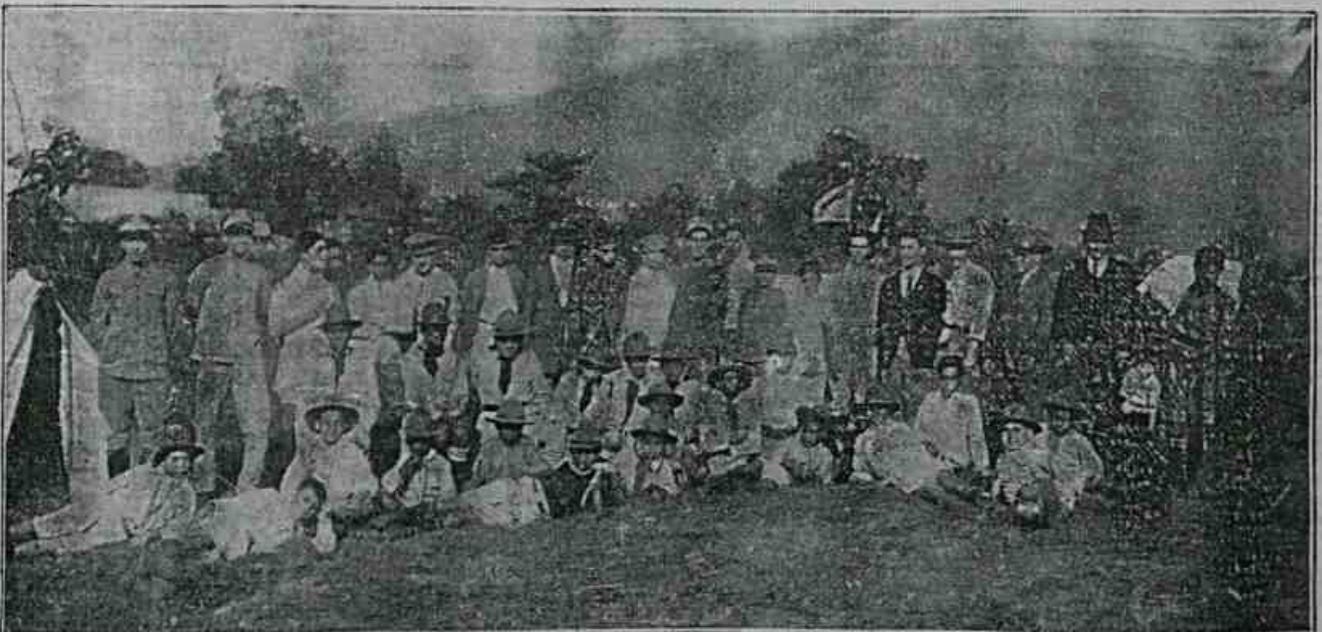
1—Sabbado — *Todos os Santos*. (*Dia santo*).
2—Domingo — *Commemoração dos Mortos*. (*Feriado Nacional*) — Santa Eustachia.
3—Segunda-feira — São Benigno.
4—Terça-feira — São Carlos Borromeu.
5—Quarta-feira — São Zacharias e Santa Isabel, paes de São João Baptista.
6—Quinta-feira — São Leonardo.
7—Sexta-feira — Santo Amarando.
8—Sabbado — São Deodato.
9—Domingo — *Patrocinio de Nossa Senhora*. (*Dia santo*) — Santa Eustolia.
10—Segunda-feira — Santo André Avelino.
11—Terça-feira — São Martinho.
12—Quarta-feira — São Diogo.
13—Quinta-feira — Santo Estanislau.
14—Sexta-feira — Santo Ursino.
15—Sabbado — *Proclamação da Republica*. (*Feriado Nacional*) — São Leopoldo.
16—Domingo — São Balsameu.
17—Segunda-feira — Santa Victoria.
18—Terça-feira — Santo Endo.
19—Quarta-feira — Santa Isabel de Hungria, *Festa da Bandeira* (*Feriado Nacional*).
20—Quinta-feira — São Simplicio.
21—Sexta-feira — Apresentação de Nossa Senhora.
22—Sabbado — Santa Cecilia.
23—Domingo — São Clemente.
24—Segunda-feira — São João da Cruz.
25—Terça-feira — Santa Catharina de Alexandria.
26—Quarta-feira — Santa Genoveva das Ardennas.
27—Quinta-feira — São Severino.
28—Sexta-feira — São Gregorio III.
29—Sabbado — São Saturnino.
30—Domingo — Primeiro domingo de Advento. Santo André, apostolo.

A prosperidade desmascara os nossos vicios; a adversidade revela as virtudes que tinhamos occultas.

Diderot.

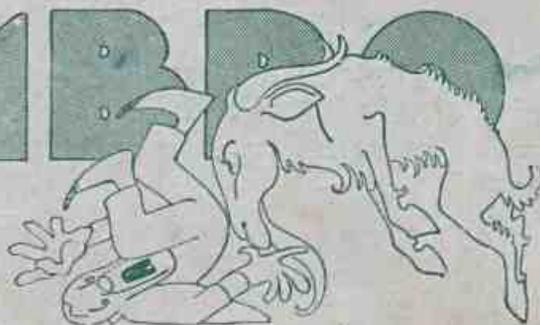
A zombaria não passa muitas vezes de um sentimento vulgar, que se traduz em impertinencia.

De Stael.

ESCOTISMO

Os bravos escoteiros de Jacarépaguá em seu acampamento

DEZEMBRO

12.° MEZ — 31 DIAS

Signo: — CAPRICORNIO

Devoção do mez — *O Santo Advento*

1—Segunda-feira — Santo Eloy.
2—Terça-feira — São Leoncio.
3—Quarta-feira — São Francisco Xavier.
4—Quinta-feira — Santo Armando.
5—Sexta-feira — São Dalimacrio.
6—Sabbado — São Nicolau de Bari.
7—DOMINGO — Segundo domingo de Advento — Santo Ambrosio.
8—Segunda-feira — *Conceição de Nossa Senhora (Dia santo)*.
9—Terça-feira — Santa Leocadia.
10—Quarta-feira — São Melchiades.
11—Quinta-feira — São Damaso.
12—Sexta-feira — São Donato.
13—Sabbado — Santa Luzia.
14—DOMINGO — Terceiro domingo de Advento e Santo Agnello.
15—Segunda-feira — Santo Euzebio.
16—Terça-feira — São Valentim.
17—Quarta-feira — Santa Viviana.
18—Quinta-feira — São Graciano.
19—Sexta-feira — São Nemesio.
20—Sabbado — São Themistocles.
21—DOMINGO — Quarto domingo de Advento — São Demetrio.
22—Segunda-feira — São Honorato.
23—Terça-feira — São Dagoberto.
24—Quarta-feira — São Gregorio.
25—Quinta-feira — *Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo — (Dia santo)*.
26—Sexta-feira — São Dionysio.
27—Sabbado — São Theodoro.
28—DOMINGO — Santo Abel.
29—Segunda-feira — Santa Melania.
30—Terça-feira — São Thiago.
31—Quarta-feira — São Silvestre.

O NATAL

A TRADIÇÃO E O PROGRESSO

"LES Dieux s'en vont" brada o progresso irreverente e fatal! Nem mais Deuses, nem mais lendas, nem mais tradicções... E que grande vacuo abre a inviolabilidade dessa sentença na alma humana!

Porque apeiar os Deuses dos seus altares Porque explicar as tradicções ou reputal-as por absurdos?

Porque fazer a critica das lendas, muitas das quaes fizeram o encanto da nossa mocidade e seriam um conforto aos nossos velhos dias?!

Essa do Natalicio do Christo é tão doce, tão meiga e, ao mesmo tempo, tão humana e tão divina que os povos mais civilisados reluctam em desprender-se della...

Uma creança nascida de Mãe Virgem e fecundada pelo espirito do proprio Deus, é adorada no humilde berço: — um presepe pelos Reis da terra, que lhe offerecem os symbolos da riqueza!

E essa creança traz, nos seus destinos, — a redempção do Mundo — pela mais gloriosa e martyrisante das mortes: — o supplicio da cruz!

Nessa tradicção estão consorciadas as cousas mais sublimes e antagonicas: — a miseria do nascimento, a apotheose da adoração, a gloria sobrehumana da evangelisação do bem, e as lagrimas arrancadas, pelo mais iniquo dos martyrios, á Mãe amorosa, aos discipulos e ás mulheres amantes. Nunca acudiu mais espontanea ao meu espirito a sentença do grande poeta latino:

"Sunt lacrimae rerum" do que ao reflectir nos factos, a um tempo sobrenaturaes e tragicos, em que se entrelaça a tradicção do nascimento do Christo. Certo é que um ultimo esforço para defendel-a produzem os proprios povos, que se podem considerar como representantes da humanidade pela sua alta cultura intellectual. O Natal é por toda a parte festejado com a mais intensa expansão de jubilo no santuario das familias. Armam-se presepes humildes uns, sumptuosos outros adornam-se as salas para as danças; chilra, em notas vibrantes, a alacridade das creanças; toucam-se dos seus mais lindos adornos as gentis donzellas; abrem os braços, entre sorrisos, os anciães á pequenada irrequieta, emquanto échoam os hymnos de saudação dos festeiros ao *Menino Deus — Salvador do Mundo* e *Papae Noel*, dadivoso e furtivamente, distribue brinquedos pelos *sapatinhos* das creanças já adormecidas... Sem duvida, não ha, nas nossas grandes cidades, a mesma influencia, nem o mesmo encanto, em tão singelos festejos. Nas proprias noites de luar, desse delicioso luar brasileiro, que daria uma nota mais inspirada, se possivel, ao saudoso João de Lemos, a intensidade da luz artificial não permitte gozar, por completo, o encanto das dansas e dos hymnos pastoris.

Muito tem feito os Mello Moraes Filho e Sylvio Romero para reviver essas encantadoras tradicções. Objecta-lhes o povo, cujo paladar está estragado pelos acepipes da civilização: "preferimos os cinemas e os passeios á Avenida". Que fazer? Lamentar um passado, que nunca devera acabar para felicidade nossa, e, transportamo-nos, pelo espirito, a essas aldeias felizes, em que a luz espelhante de uma lua carinhosa, ou os fulgores mortiços de uma illuminação primitiva, cantam a felicidade na alma do povo acompanhando o côro de hosamas ao *Menino Deus*, e ás dansas innocentes e suggestivas das graciosas pastorinhas.

"Les Dieux s'en vont..." e com elles a poesia e a felicidade humana!

Que pena... que saudade!

ADELINA SAVART DE SAINT BRISSON.

A ENGEITADINHA

(Historia para as meninas de hoje)

A boa velha não poude resistir ao appello dos netinhos. A petizada a cercara por todos os lados, reclamando-lhe a historia da creança engeitada, que a sorte negra perseguia no céo, no ar e na terra, querendo derrubal-a sem poder attingil-a, nem apanhal-a, taes eram os recursos magicos com os quaes a innocente se defendia:

— Mas, eu me não lembro agora do caso, tão longe vae a epocha em que o li não sei em que livro de lendas da Carochinha.

— Conte, avósinha, conte —insistiram os pequenos em torno, fixando-a com uma anciedade angustiosa, puxando-a de um lado para outro, como se fosse preciso sacudil-a para reavivar-lhe a ensombrada memoria. Vamos para a varanda. E seguiram. Eram quatro os garotos, Noel, Ruth, Lourdes e Mauricio. Noel, o mais velho, tinha, apenas oito annos e era de uma intelligencia vivissima. Amava as historias audaciosas, de onde os cavalleiros andantes emergiam guarnecidos por elmos e couraças, de espada em punho, guiados sempre por um anjo de asas diaphanas, que os levava a combater os inimigos de Deus. Ruth, de sete annos, não escolhia sensações e adorava tudo que lhe fizesse vibrar a almasinha de boneca morena côr de jambo com o sangue a estuar nas veias. Desde que ouvira um dia o resumo da Historia de Carlos Magno, deixara suggestionar-se por uma sympathia irresistivel, uma inclinação inexplicavel, pelo Cavalleiro Roldão, sentimento só comparavel á repulsa que ella alimentava pelo almirante Balaão.

Lourdes, ao contrario, era retrahida. Havia no fundo azulado dos seus olhos de conta redonda muito de doçura e piedade.

Transparecia no fraco brilho, que vinha de dentro das suas pupillas, uma suave resignação. De preferencia, aos seis annos, gostava das narrativas mysticas, de onde appareciam, tocados por um poder extranho de seres sobrenaturaes, as monjas maceradas que morriam de dor porque o Tinhoso as havia importunado em sonhos, nas cellas dos conventos ermos e solitarios. Mauricio, entretanto, de cinco annos incompletos, acreditava em tudo e não meditava em nada. Se se arrebatava por isto ou por aquillo, não o manifestava, porque geralmente adormecia em meio dos serões.

A tarde cahia lentamente. De fóra, entrando pela varanda, vinham os primeiros pios das aves nocturnas, que invadiam a casa com as trevas da noite.

A vóvó sentou-se e dispoz o seu grupo, ou, melhor, o seu auditorio em posição que a pudesse bem escutar.

Os seus cabellos brancos, enrolados como se fossem flocos de neve, tinham reflexos metallicos sob a claridade das lampadas electricas.

— Era numa cidade allemã, começou ella, chamada Colonia e onde nem sempre se fabrica a agua perfumada que vocês conhecem. Havia ali uma familia pobre, composta de um casal e uma filhinha. Isto foi ha mais de quinhentos ou seiscentos annos, quando a perseguição politico-religiosa irrompia pela Europa.

A menina contava, talvez, nove annos e era loura como uma espiga de milho, de uma meiguice extraordinaria nas palavras. Tudo nella revelava uma profunda expressão de bondade — o olhar casto e doce, a delicadeza de gestos, a humildade de physionomia, — tudo a fazia querida de todos. Os paes, porém, foram accusados de praticar sortilegios e de celebrar accordos secretos com as potestades do Inferno.

Perseguiram-n'os tanto, que uma noite elles abandonaram as terras rhenanas, de uma vez para sempre, deixando a creança atirada sobre uma ponte.

A boa velha parou, aconchegou-se mais e proseguiu:

— Anoitecia. Um frio duro regelava as aguas do rio.

A neve cahia pelas folhas minadas das arvores como se fossem pequenos blocos de marmore

branco que o céo carregado soprasse lá de cima. Nuvens ameaçadoras rolavam pesadamente pelo alto das casas que se fechavam, e sobre as torres esguias dos templos, que pareciam erguer-se ainda mais alto como se fossem punhaes atravessando o coração da noite, os coriscos zigzagueavam, seguidos de fortes trovões. Dirse-hia Colonia na imminencia de um castigo biblico!

A engeitadinha atirada alli, ao relento, sem mão amiga que a amparasse e a confortasse, tiritando e chorando baixinho, acabou por adormecer ao abandono. Sonhou, mas para ella foi esse sonho que lhe abriu a porta da felicidade. Uma fada côr de rosa, descendo de uma peanha estrellejante dizia-lhe:

— Olha, minha pobre queridinha, eu sou a irmã mais velha das creanças desamparadas. Ouvi os teus soluços e aqui estou. Toma, no emtanto, este espelho de algibeira que encerra dentro do seu brilho o roteiro da tua vida. De anno em anno, uma só vez, precisamente na data de hoje, ao meio dia, quando o sol jorrar os seus raios sobre a tua cabeça, olharás para o vidro. Um dia, não sei quando, acontecerá que tu has de ver reflectido aqui um guapo rapaz, mancebo enamorado, que será o eleito do teu coração. Nesse dia, então, tu repararás na sua physionomia e terás delle um sorriso.

Quebrarás o espelho e o bello moço te surgirá immediatamente vivo, para te levar á egreja. Será o teu esposo. Tu te tornarás formosa, rica e feliz. Elle dominará por serras e valles e se fará coroar principe, respeitado e amado de seu povo, admirado e temido dos extrangeiros.

— Assim fallou a Fada, proseguiu a narradora, e sumiu-se.

A pequenina engeitada, esquecia-me de dizer a vocês que ella se chamava Niniche, (e a pobre velha sorriu á propria imaginação cançada), guardou a dadiva não sem um certo ar de espanto, mas confiada no destino por uma extranha intuição dos phenomenos da vida. Seguiu. Adeante, um pastor de barbas brancas cahidas até ao peito, recolheu-a, penalisado. Conduziu-a para a sua choupana de cima da montanha, onde ella todos os annos, no dia e hora marcados, mirava e remirava o espelho feiticeiro. E escondia-o de novo, avaramente.

Emfim, quando ella completou vinte annos, o guapo cavalleiro lá estava. Ah! que belleza de homem forte e elegante, em plena mocidade! Reflectiam-se no seu olhar penetrante o caracter resoluto e a firmeza das consciencias rectas. E quando Niniche, que era a rapariga mais seductora daquellas paragens, deixou cahir o espelho, partindo-o, o cavalleiro surgiu deante della, sorridente e tranquillo, pedindo que lhe deixasse beijar as mãos divinas.

— E' o senhor aquelle por quem espero ha tanto tempo? indagou ella, estendendo-lhe os dedos, algo timida e apprehensiva.

— Sim, meu amor, e vim desposar-te, respondeu elle muito serio. Vem commigo, que te levarei á ermida da aldeia onde nos casaremos.

— E foram, resumiu a velha. Unidos, viveram felizes e tiveram filhos ainda mais felizes. O principe reinou durante um quarto de seculo, e a Princeza Engeitada, como ella era popular, foi a mais virtuosa das soberanas, só não sendo a mais afortunada porque cresceu e se fez mulher sem ter a alegria, maior que todos as outras reunidas, de experimentar a protecção paterna e a benção materna.

Entrou por uma porta... Ia pronunciar as ultimas palavras, mas espiou em volta. Os netinhos dormiam. Apenas Ruth velava, imaginando que um dia alguem, não uma fada, que ellas já não existem, tambem lhe daria um espelho onde ella pudesse ver o seu Cavalleiro e Principe ambicionado...

M. Paulo Filho.

BURRINHO ALEGRE

Ruth e Gastão, pela applicação que tiveram dos estudos, ganharam uma *charrette* e um burrinho. Todos os dias...

...Ruth e Gastão iam passear no campo, na linda *charrette* e, lá chegando, vestiam o burrinho com capa, chapeu e...

... soltavam-n'o. O animal era muito alegre e corria e brincava como se fosse gente. Mas um dia, o guarda do...

... campo, vendo o burrinho vestido, deu-lhe voz de prisão. Ruth e Gastão ficaram tres dias sem o gaiato burrinho.

INSECTOS MUSICOS

DURANTE as noites claras da primavera e do verão todos os meninos já ouviram certamente os magicos sons de uma orchestra maravilhosa enchendo as campinas e prados.

Todos os musicos que compõem essa orchestra guardam seus instrumentos musicaes no proprio organismo.

— Mas que extranhos artistas do som são esses ? — hão de já estar perguntando os nossos leitores.

Todos esses musicos são insectos e os mais importantes membros dessa orchestra bizarra são os "rabequistas", isto é, aquelles que fazem musica emittindo sons semelhantes aos que os outros musicos, os humanos, tiram das rabecas.

As orchestras nocturnas dos insectos compõem-se de tres grandes familias de musicos: os grillos, os gafanhotos e as cigarras.

Cada uma dessas familias tem a sua especialidade musical.

O grillo, rabequista estridente

O grillo é o emissor dos sons agudos, finos, penetrantes aos ouvidos de todos os meninos que já o devem conhecer.

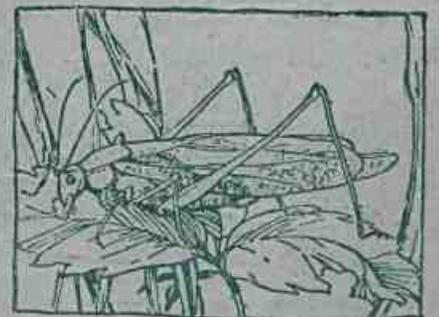
Taes sons sahem de sob as asas por um dispositivo de ar que sopra contra umas laminas, produzindo ruido tão caracteristico.

O gafanhoto, um musico cujo som não é tão agudo como o do grillo, emitte sua musica não pelas asas mas pelo attrito das pernas contra o ventre, se assim podemos chamar.

A cigarra, a cantadeira eterna que a formiga tanto ultrajou e deprimiu, é a voz maravilhosa e resistente da esplendida orchestra.

Ora ciciosa, ora rouca, ora harmoniosa, dando todos os tons da escala musical, não deixa a divina cantora de louvar com um hymno o despontar do Sol ou de fazer uma despedida á luz do dia como uma canção saudosa.

Amemos sempre, meus meninos, as tres familias de insectos que nos proporcionam, de graça, concertos de sua interessante orchestra.

A cigarra, a canção voejante do verão

O gafanhoto, que tambem toca a sua rabeca.

CARLOS MAGNO

O filho de Pepino, CARLOS MAGNO, isto é, Carlos - o - Grande, foi tão illustre que o seu nome foi dado a toda a familia de reis que reinou depois d'elle: os CARLOVINGIOS.

Passára a sua infancia no meio das florestas, numa das casas de campo, vastas como aldeias, em que os chefes francos repousavam entre duas guerras.

Cresceu ouvindo as narrativas de batalhas ou de caçadas, correndo pelos bosques em perseguição dos animaes ferozes, sempre acompanhado pelos seus amiguinhos, todos bem armados e mal vestidos. Dentro de pouco tempo, venceu todos os seus companheiros em altura, em força e em habilidade. A sua intelligencia era ainda mais maravilhosa, de modo que o seu longo reinado foi uma epocha extraordinaria: obteve victorias sobre mais de dez povos differentes, e conquistou immensos territorios.

Era tão temido que os

Carlos Magno, creança ainda, correndo pelas florestas

inimigos estremeciam quando elle se approximava. Uma vez, quando Carlos Magno marchava contra uma cidade da Italia, o rei dessa cidade subiu á muralha, e vendo a multidão dos soldados, disse: "Será o imperador Carlos?" — "Não, responderam-lhe. Ainda não."

Appareceu, então, um numero tão grande de condes e de nobres, que o rei gritou: "Desçamos, e vamos occultar-nos nas entranhas da terra, longe da vista de um inimigo tão terrivel". — "Elle ainda não chegou, disse um conselheiro; pois, quando elle vier, as proprias hervas se agitarão de horror..."

Terminadas estas palavras, uma nuvem de poeira escureceu o dia, e, depois, quando o imperador se approximava, o brilho das suas armas illuminou toda a cidade. Então, cheio de espanto, o conselheiro vacillou e desmaiou, murmurando: "Eil-o que chega."

Entretanto, as guerras de Carlos Magno não são tão admiraveis como o seu cuidado pela felicidade dos seus povos. Castigava os máos, os ladrões, os bandidos e protegia as pessoas honestas; recommendava aos juizes que fizessem justiça tanto aos pobres como aos ricos e mandou escrever todas as leis velhas e novas, para que não fossem esquecidas.

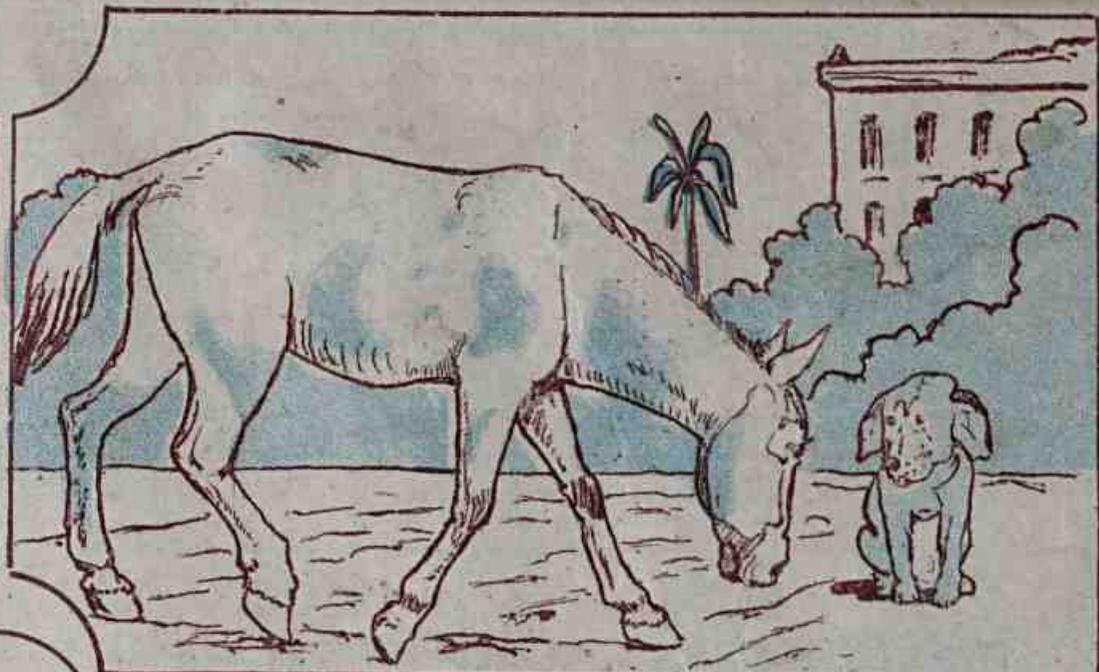
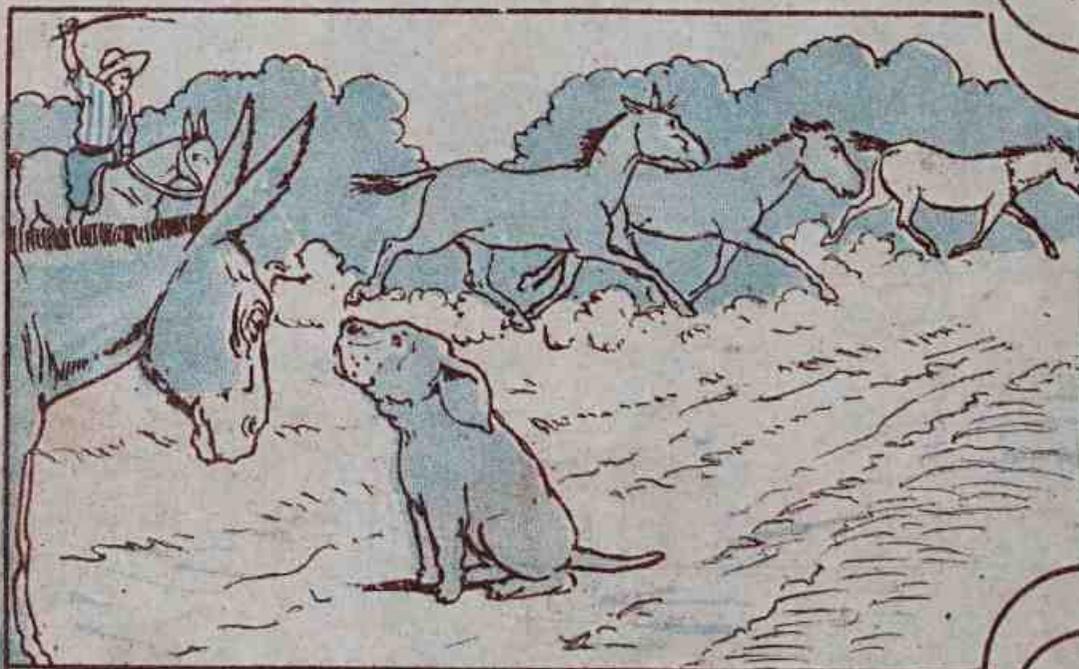
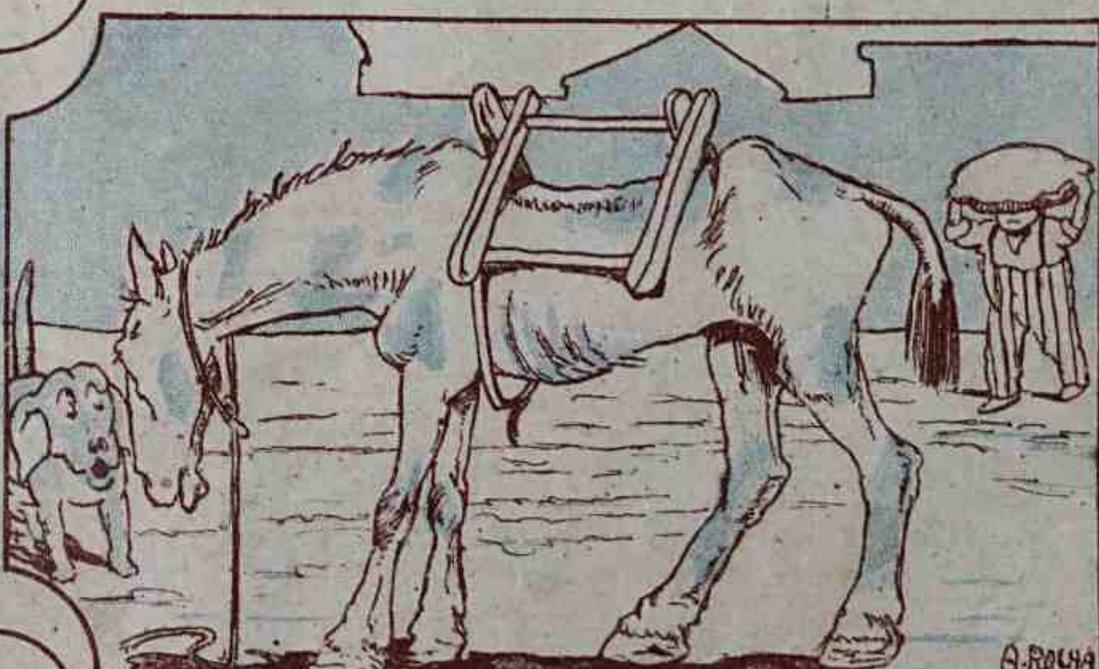
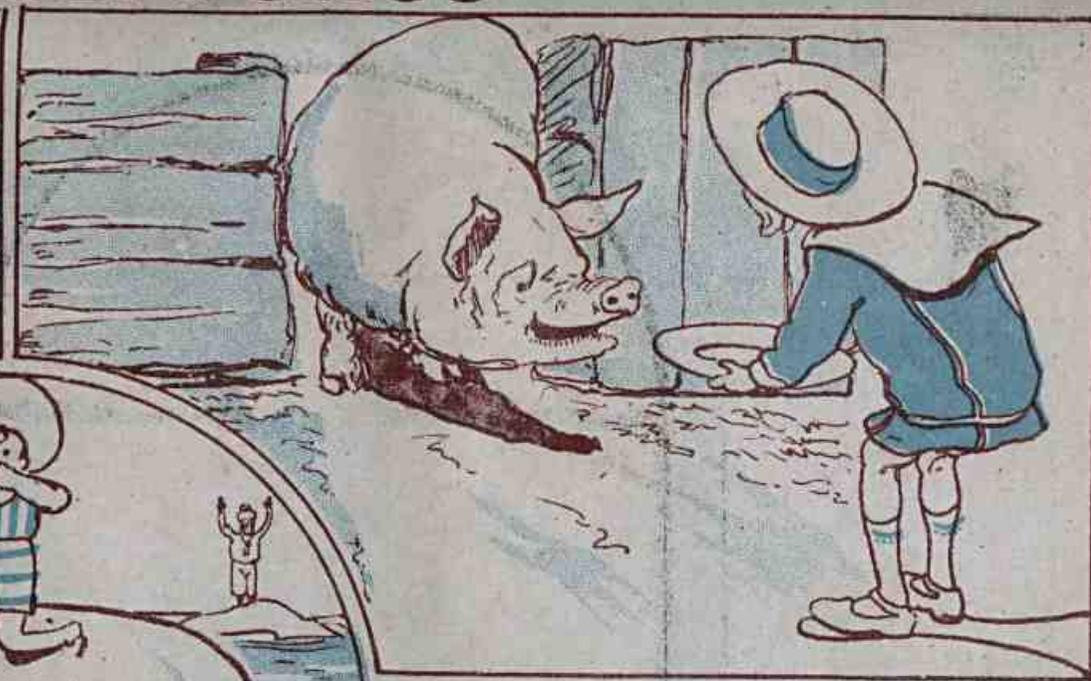
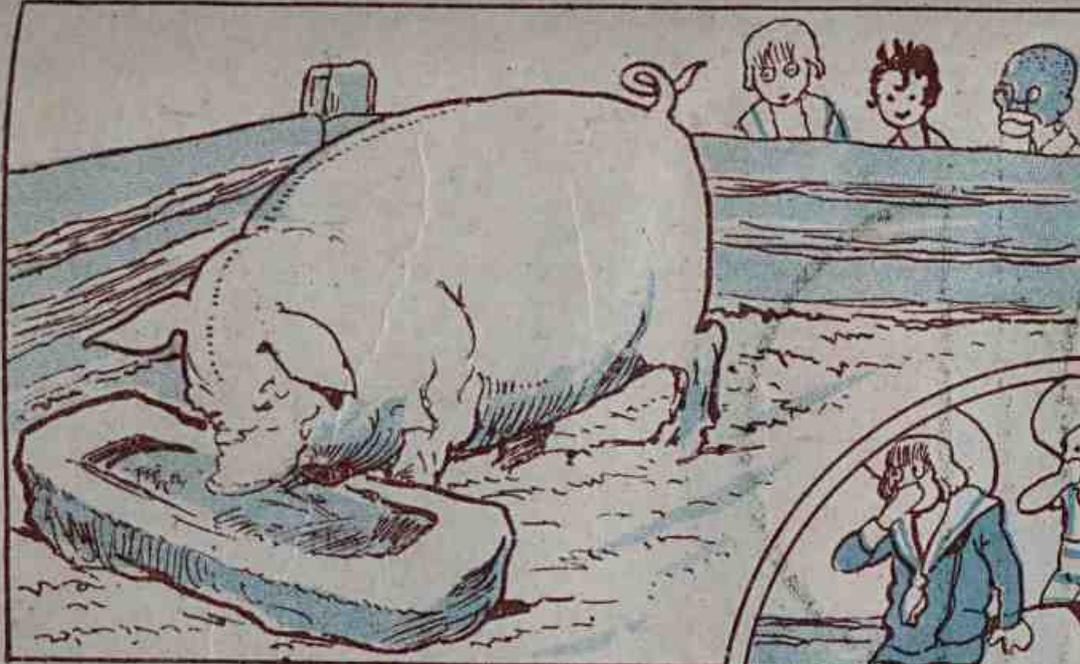
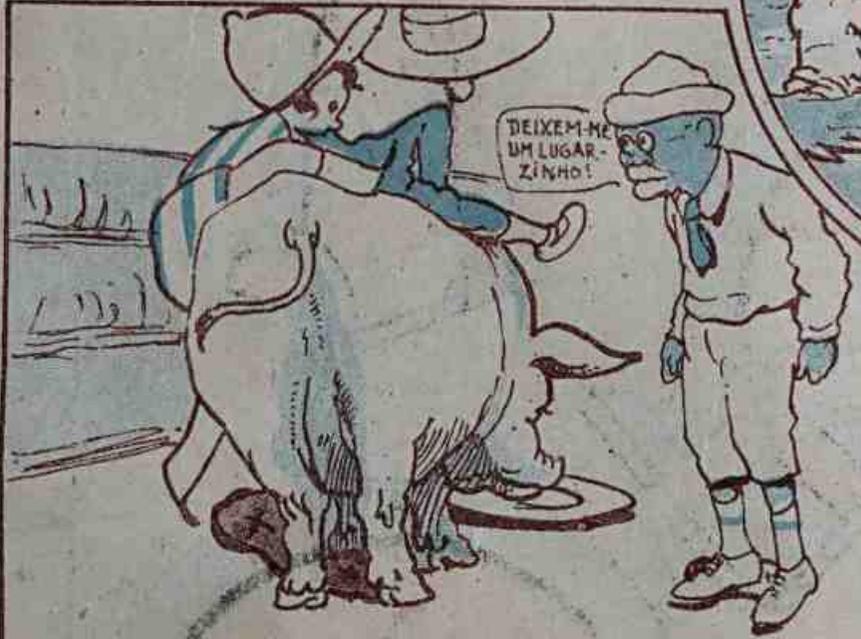
Finalmente, á porta do seu palacio, mandou collocar um pequeno sino, no qual, durante todo o dia e toda a noite, podia dar signal qualquer pessoa que quizesse pedir-lhe soccorro.

Carlos Magno fundou escolas por toda parte e, elle proprio, que pouca instrucção tivera quando pequeno, aprendeu a escrever na velhice.

Carlos Magno mandou escrever todas as leis velhas e novas.

O OLEO DE MORCEGO

O "TRINTA E NOVE"

O "Trinta e Nove" era um cavallo de sella que recebia de seu amo muito bom trato, mas agradecia sempre o tratamento com um coice ou atirando o dono...

...ao chão. Gabava-se, entretanto, de saber viver e dizia ao "Sultão": — Não sejas tolo! Quando o amo te bater, morde-o... Passaram-se muitos dias que "Sultão" não via...

...o "Trinta e Nove" e por isso foi ao campo procural-o. Perguntou a um burro: — Que fim levou o "Trinta e Nove? — Ah! meu amigo, disse o burro, o "Trinta e Nove" deu para máo e o patrão vendeu-o.

Um mez depois "Sultão" encontrou "Trinta e Nove" magro, com uma cangalha ás costas, arrependido, a dizer: — "Sultão", trata bem o patrão. Com teu amo não jogues as peras! — assim diz o rifão popular.

MONTADOS N'UM PORCO
Juntaram-se os nossos tres conhecidos, Chiquinho, Jagunço e Benjamim, e foram ver se o *cachaço*, que estava no chiqueiro, dava sella.
Chiquinho arranjou a isca, abriu a porta do chiqueiro e convidou o suino para uma digressão ao ar livre. O porco acceitou e logo...
DEIXEM-ME UM LUGARZINHO!
...encarrapitaram-se, no lombo do porco, Jujuba e Chiquinho. Benjamin, com muito pesar, não logrou um logarzinho e não perdeu muito com isso.
O porco sentindo-se livre e cavalgado, sahiu a trote e procurou logo um lodaçal.
A. ROCHA
Os dois cavalleiros não aguentaram o cheiro do lodo e regressaram a pé... Ficaram todos sujos. Benjamim escapou porque não logrou um logarsinho e foi o unico que não ajustou contas com o chinello.

O BARRISTA

O BARRISTA

Explicação: — Freguem tudo em cartolina grossa e recortem. A fig. I, fechada como mostra o modelo, recebe aos lados as figs. II e II bis, para que se possa pôl-a de pé sem cahir.

Fechem a fig. III formando uma columna e preguem sobre o M da fig. I e para reforço appliquem a fig. IV pelas letras O, O e N. Furem o ponto V. Colloquem depois a fig. VI (formando um funil) na fig. I e furem ao centro. Disponham o eixo como mostra o schema. O acrobata é ligado por nós de linha. As mãos furadas para passar o fio de ferro (a barra) e entre as mãos uma pequena rolha collada ao fio e ás mãos do acrobata. Por traz do brinquedo, na extremidade do eixo, vae a roda (fig. V) por onde se fará mover o acrobata.

Fig. I

AQUI COLLOQUE A Fig. VI.

Fig. II

Fig. II bis.

Fig. III

Fig. IV

Fig. V

NESTE CENTRO VA A ROLHA DE CORTIÇA

Fig. VI

Fig. VI c

Fio de ferro (arame) com uma extremidade dobrada.

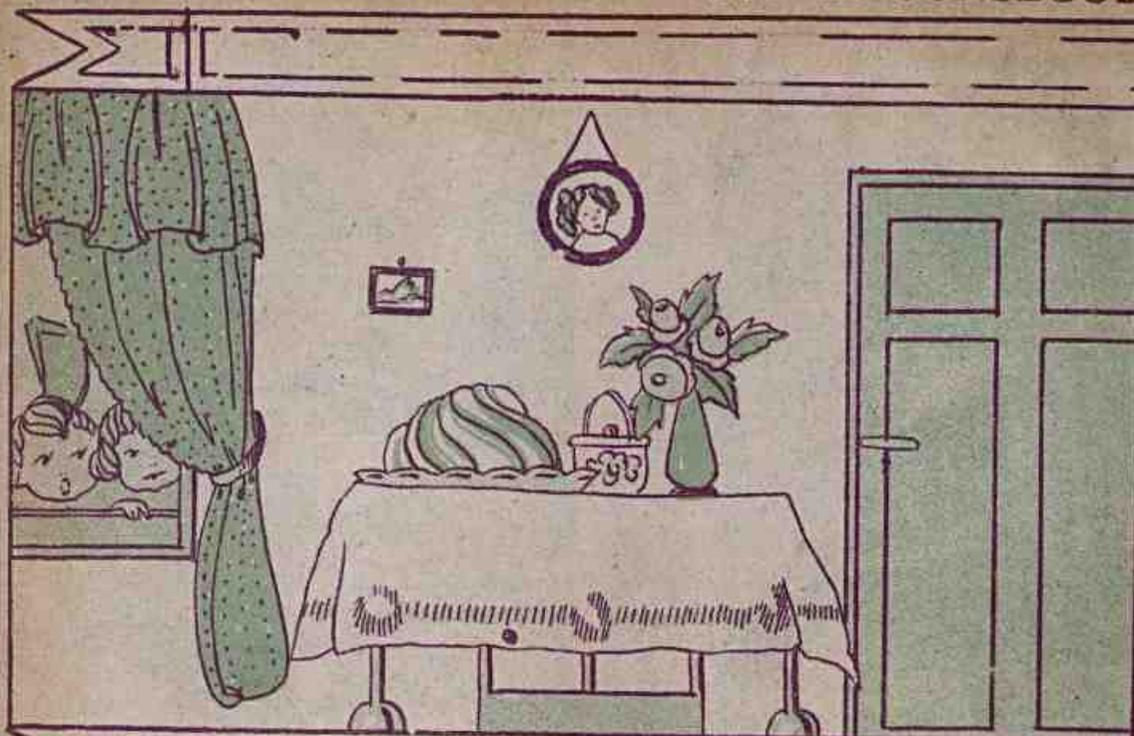
MODELO

SCHEMA

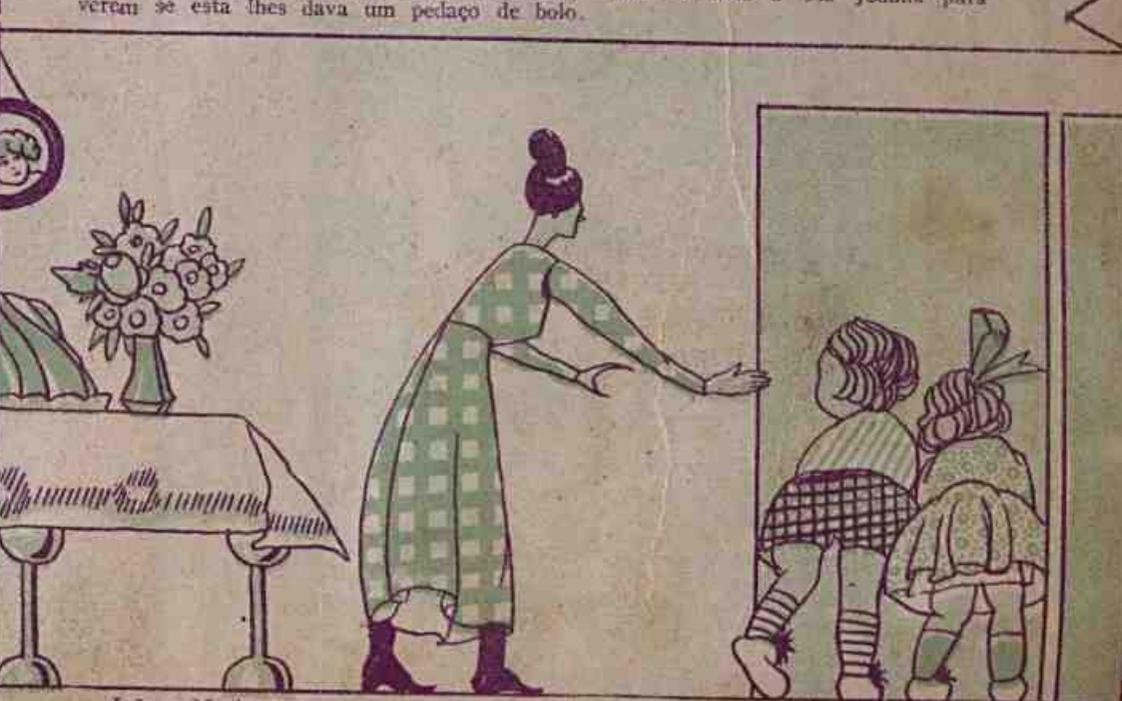
a. conta de vidro
b. cortiça
c. eixo
d. as mãos do acrobata
e. pequena cortiça
f. Fig. V

H. Fig. I

A. ROCHA

COMO SE CONSEGUE UMA FATIA DE BOLO

João e Maria viram pela janella que a Tia Joanna collocara á mesa um bolo appetitoso.

E colhendo, antes, umas flores no jardim, foram leval-as á Tia Joanna para verem se esta lhes dava um pedaço de bolo.

Tia Joanna recebeu as flores e ficou contentissima; serviam para ornamentar a mesa.

João e Maria esperavam a recompensa. Tia Joanna, porém, não agradeceu o presente das flores com uma fatia de bolo.

(Conclue adeante)

PARA ESCOLHER UM THESOUREIRO HONESTO

Araruta, rei da Farilandia, era o soberano mais amado da Asia. E por ser muito bom era sempre enganado e roubado pela maior parte das pessoas que o cercavam.

Os governadores e o thesoureiro do reino roubavam-n'o o mais que podiam. Araruta não ignorava tal cousa e varias vezes teve de mudar de thesoureiro.

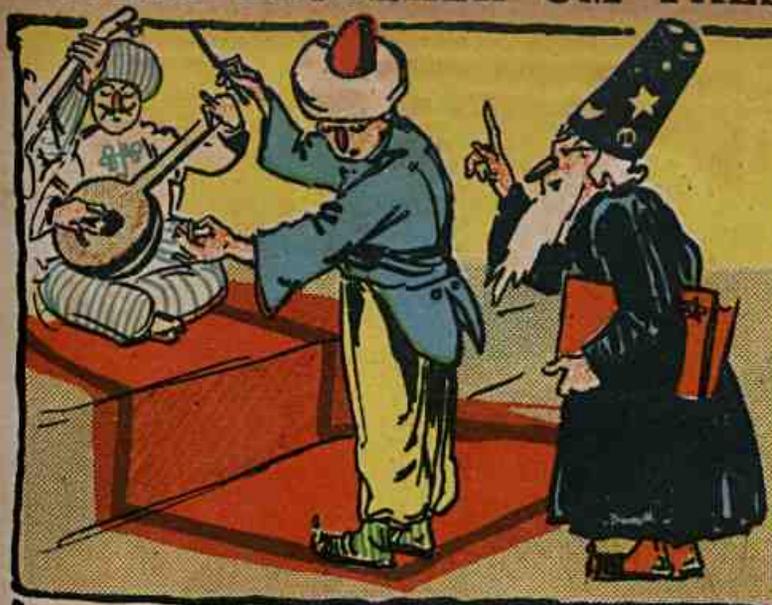
Um dia, Araruta mandou chamar o sabio Alphagama e perguntou-lhe se conhecia um meio infallivel de descobrir um homem honesto.

O sabio informou ao rei que era preciso unicamente que se fizessem dansar todos aquelles que se apresentassem candidatos ao logar de thesoureiro. O que dansasse com mais ligeireza seria o mais honesto.

Araruta pensou que o sabio estivesse maluco, mas mandou que arautos convocassem os candidatos a thesoureiro do rei.

No dia marcado para a apresentação, esses candidatos chegaram ao palacio real em numero approximadamente de sessenta, todos vestidos a capricho.

(*Continúa adeante*)

PARA ESCOLHER UM THESOUREIRO HONESTO (FIM)

Alphagama collocou uma grande orchestra num salão. Tudo estava preparado para a sessão de dansa, mas a porta do salão estava fechada e para se chegar até...

... lá passava-se por uma galeria escura onde estavam muitos saccos com dinheiro. Um nobre, tomando pela mão cada candidato, os ia introduzindo na galeria, onde elles permaneciam algum tempo.

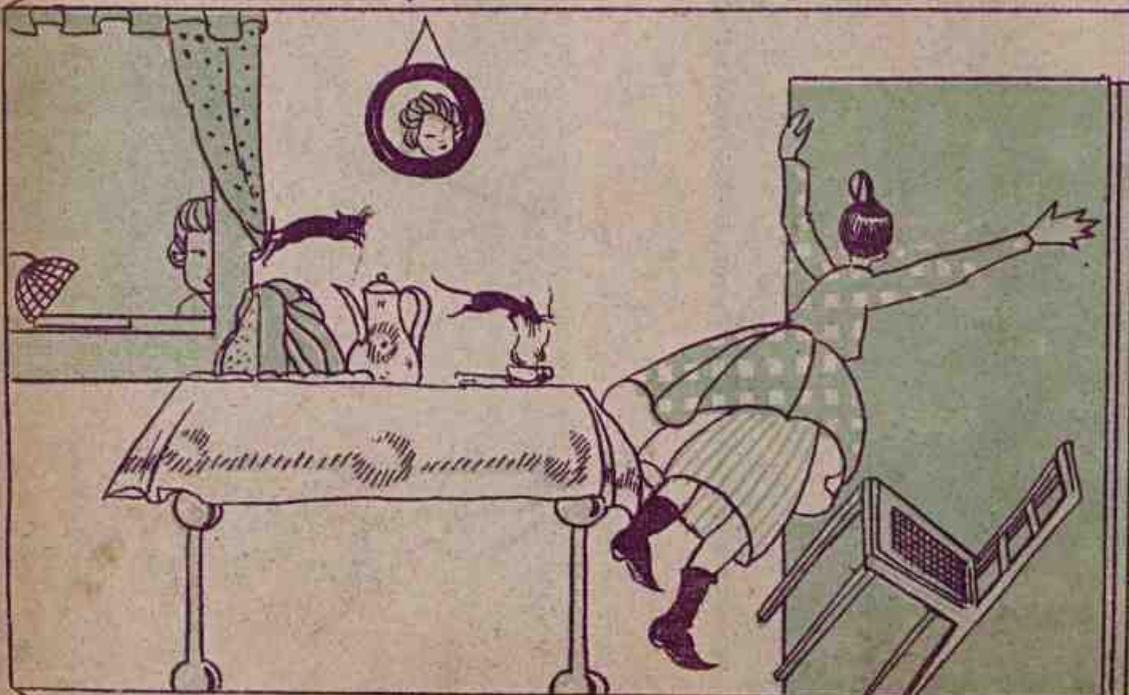
Chegados ao salão, cumprimentaram S. M. Araruta e iam dansar. Todos dansaram constrangidos, com as mãos colladas nos bolsos, tremulos, medrosos. — Que ladrões! — dizia Alphagama ao monarcha, de instante a instante.

Um, apenas dansou com extrema agilidade. E Alphagama disse então ao rei: — Podeis escolher este que é o unico homem honesto.

Araruta agradeceu ao sabio o bom serviço que lhe prestara, nomeou o dansarino thesoureiro e mandou prender todos os outros candidatos que haviam enchido os bolsos de dinheiro quando passaram pela galeria e, por isso, não puderam dansar bem.

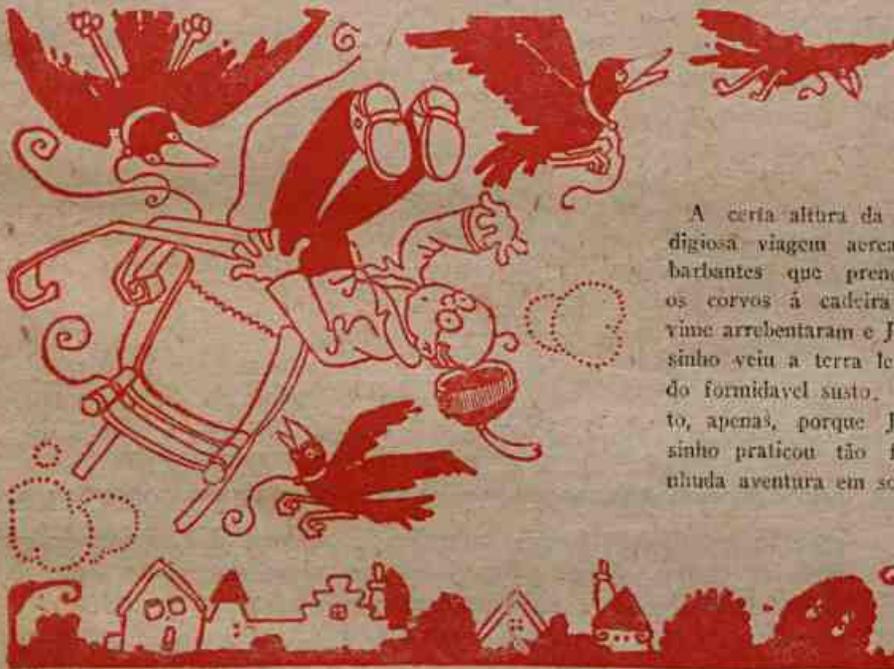
COMO SE CONSEGUE UMA FATIA DE BOLO (Fim)

João e Maria pensaram, então, num meio de se apoderarem de uma fatia do bolo tentador.

Foram ao quintal onde havia uma ratoeira com dois ratinhos e combinaram soltal-os á janella da sala de jantar de Tia Joanna.

E se tal combinaram melhor o realisaram. Os dois ratinhos, aberta a ratoeira sobre a janella, saltaram sobre a dona do bolo, que fugiu.

Aproveitando a fuga de Tia Joanna, João e Maria entraram na sala e comeram em fatias todo o bolo da gulosa tia.

UMA TRAVESSURA

Apaixonado pelos successos da aviação, o Joãosinho quiz bancar o aviador e amarrou uma cadeira de vime ao pescoço e aos pés de quatro corvos para voar. Os corvos viviam presos numa gaiola e, vendo-se soltos, alçaram o vôo, levando Joãosinho á altura das nuvens.

A certa altura da prodigiosa viagem aerea, os barbantes que prendiam os corvos á cadeira de vime arrebentaram e Joãosinho veiu a terra levando formidavel susto. Susto, apenas, porque Joãosinho praticou tão façanhuda aventura em sonho.

OS PAPAGAIOS

Os brinquedos, quasi sempre, prestam grandes serviços á sciencia.

Os papagaios, por exemplo, que são, para muitos meninos, um passatempo agradavel, têm sido relativamente mais uteis á sciencia do que todos os globos aerostaticos havidos e por haver. Durante mais de seculo e meio, os sabios têm feito d'elles um uso quasi constante. Um physico escocez, Alexandre Wilson, foi o primeiro que se serviu do papagaio para fazer observações scientificas; em 1749, fez subir um thermometro a grandes alturas, atando-o á corda de um d'esses brinquedos. Bem conhecido é o caso de Benjamin Franklin, que empregou um papagaio para attrahir a electricidade durante uma trovoada.

Em epochas mais recentes, fizeram-se, por meio de papagaios, importantes averiguações ácerca dos ventos, e nestes ultimos cincoenta annos os meteorologos têm-se servido quasi unicamente de papagaios para formarem estatisticas do tempo que faz a 300 ou 400 metros acima da superficie da Terra.

Quasi todos os inventores de apparelhos aerostaticos têm usado papagaios de differentes fórmas e tamanhos para averiguar as differenças da resistencia das correntes de ar.

OS MAIORES PHARÓES DA TERRA

Em Hantsholm (Dinamarca) ha um pharol electrico cuja luz tem uma potencia illuminante de 20 milhões de velas.

O pharol de Sydney (Australia) dá uma luz egual á de 12 milhões de velas, e é visivel desde uma distancia de 100 kilometros.

O terceiro pharol do mundo tem uma potencia de 7 milhões de velas e está situado no cabo de Santa Catharina (Ilha de Wight).

Um sabio inglez assegura que se podem fabricar carvões para lampadas de arco voltaico, que dêem uma luz de 150 milhões de velas, ou seja 7 vezes e meia mais do que o pharol de Dinamarca, que acabamos de citar.

✣

Uma boa parte da reputação do saber, adquirida por um homem, deve-a elle, principalmente, ás cousas que não diz.

A DADIVA DA RAINHA VIOLETA

N'uma bella tarde de Maio, Joãosinho brincava alegremente no quintal.

Saltava e corria pelos caminhos cobertos de saibro até que encontrando um besouro sentou-se de cócoras a apreciar os movimentos do insecto.

O besouro, caminhando ao longo do canteiro, acabou subindo n'um pé de violetas e, fazendo a folha em que subia inclinar-se, descobriu, aos olhos espertos do menino, uma odorosa violeta.

Joãosinho bateu palmas de contente e esquecendo o insecto que antes tanto o interessara, apanhou cuidadosamente a flôr. Leval-a-ia á sua querida mãesinha, pois era a sua flôr predilecta.

Antes, comtudo, separou as folhas do pé de violetas e foi colhendo todas as flôres que achava. De uma planta passava á outra e em pouco tempo as violetas quasi que já não cabiam na sua mãosinha rosada.

Joãosinho estava cançado e as costas lhe doiam de tanto se abaixar.

A sombra tentadora e attrahente d'um pinheiro devia ser um agradavel logar para repousar. Joãosinho não resistiu ao amavel convite da conifera deitando-se na fôfa relva do gramado que a cercava a sorver o perfume das flôres que segurava na mão. E meditou.

Sua mãesinha havia-lhe contado que as flôres vivem e têm alma. Fizera-lhe ver as differenças que existem entre ellas, comparando as rosas a damas orgulhosas e soberbas; os cravos, a travessos garotos; as boninas, a timidas donzellas; as orchidéas, a magestosas e languidas rainhas das selvas mysteriosas; as violetas, a cavalheiros e damas que se occultam com o seu merito e a sua belleza.

Joãosinho pensava que teria muito gosto de ver uma vez as flôres em sua mão se transformarem em minusculos homens e mulheres e apenas acabou de formular este desejo, logo as flôres se mexeram e saltando uma por uma para o gramado, foram fazendo roda em torno delle. Joãosinho entre maravilhado e risonho contemplava aquelle pequenino povo em traje de côr violeta e verde.

Largos calções e amplos casacos de côr violeta e chapéos verdes de fórma extranha, vestiam tanto os homens como as mulheres.

No meio delles salientava-se uma mulherzinha que parecia ser a sua rainha: Usava ella uma coróa verde em logar do chapéo e estava coberta por um longo véo de côr violeta que lhe escondia o bizarro terno.

Aquelle povinho era alegre. Todos riam e palravam com vozes crystallinas e doces e dando-se as mãos foram valsando pelo gramado ao som do coaxar de uma rã que vivia no regato que passava nos fundos do quintal.

Joãosinho não se fartava de olhar o quadro encantador e sem se mover, para não assustar aquelles pequeninos entes, ficou observando todas as attitudes dos pequeninos seres.

Quando a rã se calou, os cavalheiros deram o braço ás damas e, assim, foram formando um longo cortejo, na frente do qual se poz a rainha.

Tomando o braço de Joãosinho por escada, foram subindo por elle. Chegando perto de seu rosto, a rainha principiou a fallar com a sua voz branda e melodiosa.

Joãosinho, quero-te muito

UMA VIAGEM

O Hippopotamo e o Macaco resolveram uma vez dar um passeio ao paiz antipoda daquelle em que moravam. E, armados de cavadeiras, começaram a cavar cada um o seu caminho.

O trabalho era rude e os dois amigos, emquanto cavavam a terra, iam trocando, de buraco para buraco, anecdotas e pilherias.

AOS ANTIPODAS

Os buracos que os dois bichanos cavavam iam, sem que estes percebessem, se approximando e cedo se encontraram. A altura não era positivamente a em que devia ficar o paiz antipoda e...

... o Hippopotamo e seu amigo Macaco julgando terem esbarrado num paiz desconhecido fugiram do buraco e ainda correm de medo.

por seres um menino bom, corajoso, compassivo e obediente.

Bom, porque te vi outro dia dar toda a tua merenda a um pobre cego e, no emtanto, tinhas fome. Corajoso, porque quando o teu visinho Paulo atirou uma pedra no teu cão Duque, lhe déste uma tremenda surra, apesar de seres muito menor e mais moço do que elle. Compassivo, porque chorando foste pensar a ferida, produzida pela pedrada, na perna do Duque. Obediente, porque basta que os teus paes te prohibam uma só vez de uma cousa, para que nunca mais a faças.

Por todos estes motivos resolvi, com a approvação unanime do meu povo, doar-te uma preciosa dadiva.

E agarrando o primeiro homem que a seguia e que ao contacto da sua mão tornou-se immediatamente outra vez uma linda violeta, a rainha deu com a mesma n'um gesto suave uma ligeira e leve pancada sobre as palpebras de Joãosinho, dizendo-lhe:

— Quero que os teus olhos não só enxerguem todas as grandes bellezas e alegrias que a vida encerra e nos traz, mas que egualmente se apercebam de todas as pequeninas.

O teu caracter leal e o teu coração generoso sempre encontrarão jubilo e satisfação; digo-te que serás venturoso.

Depois a rainha desceu pelo caminho em que tinha chegado e foi-se metter entre os dedos de Joãosinho. Todos os homemzinhos e mulherzinhas seguiram o seu exemplo e lá ficaram immoveis e *mudas violetas, como se nunca tivessem cantado e dançado.*

. . . .

Um longo beijo fez Joãosinho abrir os seus olhos e, ainda meio em sonho, elle murmurou somnolento, ao ver o rosto bondoso de sua mãe curvado sobre o delle:

— Mamã, as violetas vivem.

E levantou n'um movimento de offerta o ramalhete que colhera.

— Vivem, queridinho, confirmou a mãe, carregando o filho nos braços para casa, onde o foi deitar. Deu-lhe mais um osculo de boa noite e sahiu do quarto nas pontas dos pés, para não acordar a pequeno dorminhoco.

As violetas, entretanto, as primeiras violetas de Maio, ella foi pôr n'um bello vaso com agua, para que não murchassem e deixando deslisar os dedos pelas suas delicadas cabecinhas, pensava ditosa no seu idolatrado filhinho que lhe dera um tão grande prazer com estas flôres por elle apanhadas.

. . . .

Joãosinho cresceu e durante toda a sua vida a predicção da violeta rainha se comprovou.

O seu coração sincero e magnanimo abrangia todas as alegrias e a sua bondade infinita enxugava todas as lagrimas que via e só praticando o bem considerava-se um homem feliz.

ATINNA DLAWE.

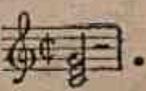
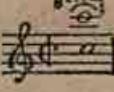
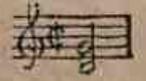
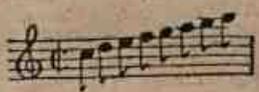
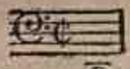
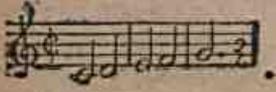
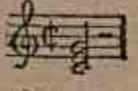
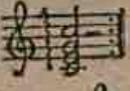
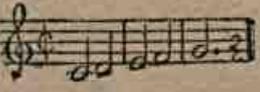
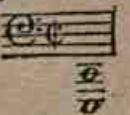
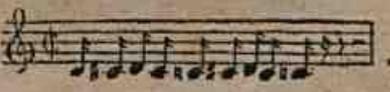
FECUNDIDADE ANIMAL

Quaes são os animaes mais prolificos? Em geral, os peixes sobrelevam a todos os animaes em fecundidade. Os ovos dos linguados são extremamente pequenos, e cada femea põe, termo médio, 134.000.

Um arenque chega a pôr 3 milhões e quinhentos mil, e um bacalhau grande, cerca de 9 milhões.

As moscas tambem são maravilhosamente prolificas. Basta só uma para produzir 20.000 larvas, cada uma das quaes, em poucos dias, póde ser mãe de outras 20.000. Uma mosca foi collocada, em observação, n'um dia 20 de Março. No dia 24 de Abril estava representada por 300 descendentes e por 300 vezes 300, ou sejam 90.000 no dia 18 de Maio, e por 27 milhões a 2 de Julho, e por 8.100 milhões a 8 de Agosto. A thermite, ou formiga branca, produz, durante o periodo da postura, 84.000 ovos diarios, os quaes são incubados apenas num mez.

A BORBOLETA E A ABELHA

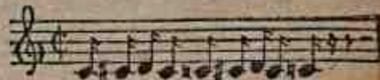
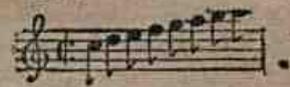
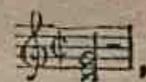
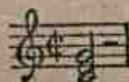
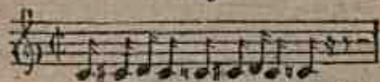
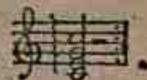
ERA uma vez um jardim cheio de sol , sob o céo azul e nesse jardim havia uma grande rosa rubra.

Uma linda borboleta desceu do céo azul ; e pousou na grande rosa rubra onde encontrou uma diligente abelha. "Escute aqui", disse a linda borboleta "eu sei de um lago tranquillo á sombra de arvores frondosas".

E a diligente abelha surgindo do coração da rosa rubra foi para a campina verde acolá do ribeiro sussurrante , onde as frondosas arvores sombreavam o tranquillo lago.

"Mas onde está o mel?" indagou a diligente abelha.

"Aqui não ha mel", respondeu a linda borboleta

"Oh, não posso viver sem trabalhar", exclamou a diligente abelha "Voltemos ao jardim onde ha tanto mel."

A linda borboleta accedeu ao convite, mas pousou n'uma folha para refrescar os pés.

"Vamos," gritou a diligente abelha.

"Oh, um momento!" supplicou a linda borboleta.

"Estamos perdendo tempo," zumbiu a diligente abelha.

Está bem," disse a linda borboleta, voando com a diligente abelha para a rosa rubra.

"Você venceu a corrida," sorriu a linda borboleta, pousando na grande rosa rubra, no jardim cheio de sol. E verificou então, com muito pezar, que outras abelhas, haviam sugado todo o mel. E voltou pressurosa para a verdejante campina.

OS BOMBARDEIROS

A natureza dotou os escaravelhos de bella vestimenta e de más exhalações. Joias scintillantes, gemmas animadas da terra, preciosidades vistosas na uniformidade cinzenta do solo, têm no abdomen a sua poderosa arma de defesa: o mau cheiro é a sua protecção em meio das multiplas ciladas que cercam a sua existencia; mas os animaes maiores não sentem repugnancia e esperam as suas larvas e nymphas, para as devorarem sem piedade; as creanças apanham-nos e matam-nos para brincar.

Quando são atacados, os escaravelhos deitam um liquido forte, mal cheiroso e limpido, cuja natureza nenhum chimico ainda explicou.

E' um producto organico guardado em reserva numa minuscula bolsa, que o insecto emitte diante do perigo.

Mas o mais terrivel de todos é o escaravelho bombardeiro, um insecto preto, brilhante, com alguns centimetros de tamanho, e nada mais agradavel que os outros... quanto ás emanações. Tem tres faculdades essenciaes, das quaes só uma é commum aos animaes da sua especie; deita um liquido que queima, irrita, inflamma a pelle, e fal-o com um ruido que não se julgaria possivel de tão pequenina creatura. Esse liquido parece tornar-se um vapor azulado, e espalha-se em torno, por toda a parte. E' muito perigoso para os olhos e para o faro dos animaes da sua especie como dos animaes superiores.

Tem-se procurado estudar a razão do ruido desproporcionado ao tamanho do insecto e á qualidade chimica do liquido emittido. Não se pode pensar que o insecto tenha no corpo tanto calor que aqueça os seus liquidos, a ponto de transformal-os em vapor; nem se pode admittir a hypothese de que o liquido seja um daquelles cuja composição chimica entra em combinações com os elementos atmosphericos transformando-se em vapores.

Deve-se antes crer que o liquido, em muito maior quantidade do que o que possuem os outros escaravelhos, seja deitado com tanta força e atravessando taes meios de pulverisação que toma o aspecto de uma fumaça azulada.

O ruido que faz o animal no momento de defesa é uma prova talvez desta hypothese.

A MINHA VIAGEM AO FAR-WEST

Os films de Tom Mix, William Farnum, Buck Jones e William S. Hart, só citando os principaes, têm feito do Far-West uma propaganda fabulosa. Ao assistir áquellas scenas terrivelmente empolgantes, quem não desejará conhecer de perto a região na qual, como disse o outro, "o socco faz lei e o tabefe impera"?

Eu o desejei. E é por ter satisfeito este desejo que agora escrevo estas linhas, afim de amparar com a minha experiencia aquelles que ambicionem fazer o que eu fiz. A esses aconselharei a não abandonarem o lar e a continuarem visitando o "longinquo oeste" no Odeon ou no Pathé, das sete ás nove, através a pellicula de celluloide. Mas por que? perguntar-me-ão.

Se me permittirem pôr o arado antes dos bois, quero dizer collocar no principio a moral da minha narração, de bom grado direi o seguinte: ao mesmo tempo que tornou o Far-West universalmente conhecido, o cinema deturpou os antigos, os bons e rudes costumes daquella terra. E, como tive occasião de o verificar *de visu*, até os proprios Indios procuram unicamente ser, senão brilhantes "astros", ao menos "lampeões" bruxoleantes da scena muda.

Quero desejar, portanto, conservar do Far-West uma boa opinião, quem não quizer ser cruelmente desilludido, eu o repito, não se deve abalançar a emprehender tão longa e tão arriscada viagem.

Esse é o conselho mais sincero que estou em condições de dar.

✣

Quando o commercio de couro de jacaré chegou ao auge, ganhei quantias phantasticas e, fazendo tinir nos meus bolsos uma porção de nickeis, eu disse aos meus botões:

"Eis chegada a occasião."

Comprei uma passagem e, uma quinzena depois, desembarcava em New York.

Que cidade! Tudo quanto eu poderia dizer sobre as minhas primeiras impressões, logo ao chegar, encheria varios volumes.

Em vista disso, não seria conveniente encaixal-as aqui: Ademais, só quero falar do Far-West propriamente dito.

Tambem, não me demorei em New York. O tempo certo de conhecer as cousas mais importantes, e zás! embarquei, uma manhã, num comboio em demanda do "longinquo oeste" pelo qual eu, positivamente, anciava.

Lá ia eu, atravessando grandes cidades, cidades importantes, cidades pequenas, villas, aldeias, planicies e mais planicies, chapadões, montanhas, serras e valles, rios e florestas — tudo emfim o que classicamente se atravessa quando se viaja nas estradas de ferro.

Mas os minutos e as horas corriam como o trem sobre os trilhos e, cançado afinal de permanecer por tanto tempo no meu "Pullman", saltei numa estação, com o fito de comer qualquer cousa no restaurante.

Subito, ouvi um apito estridulo... o comboio que partia... Pulei da minha mesa, esquecendo-me de pagar apesar dos gritos e dos protestos dos empregados, e corri como um louco pela plataforma. Ahi, fui ainda detido por um homem cujas palavras eu não comprehendia. Empurrei-o com força e pulei no ultimo carro.

Ah! soltei um suspiro de allivio. Sorvi um gole de ar e entrei.

Os viajantes pareciam mudados: todos tinham largos chapéos mexicanos e alguns mesmo exhibiam

feições tão patibulares que sentei-me num cantinho e encolhi-me para occupar o menor espaço possivel. Elles, por sua vez, pareciam observar-me com espanto, falando entre si em voz baixa. Depois, a minha attenção foi distrahida pela chegada de uma rapariga linda, linda como poucas. Mas não era tanto a sua belleza que me obrigava a olhar para

ella; sentia uma impressão extranha: já tinha visto aquella moça.

Onde?... Mysterio... Fiquei procurando onde poderia ter encontrado aquella formosa creatura e vae, com os movimentos do "Pullman", adormeci. Não sei quantos minutos ou quantas horas dormi, mas o certo é que um ruido formidavel me fez despertar. Abri os olhos com difficuldade e a scena que se me deparou me fez estremecer.

O comboio estava parado, e uma quadrilha de salteadores tinha-nos atacado; os meus companheiros de viagem defendiam-se com valor, disputando aos bandidos, de armas em punho, a posse do vagão; mas os assaltantes, numerosos, invadiam o carro aos poucos e approximavam-se da formosa joven. De repente, fizeram uma brutal investida e apoderaram-se da beldade.

A pobre creatura gritava e esperneava como se tivesse enlouquecido — e o caso não era para menos — mas os seus esforços de nada serviam. Não hesitei mais. Reuni as minhas forças e saltei sobre o grupo. Hesitantes a principio, os bandidos rodearam-me, largando as armas, e houve então uma lucta épica de soccos e murros. Os golpes cahiam como chuva de pedras, mas o meu estado de excitação nervosa era tal que *derrubei todos os inimigos!*

A minha viagem principiava bem, muito bem mesmo, e eu aguardava os applausos dos meus companheiros de vagão. Os modos destes, porém, eram extraordinarios. Não sómente não me tinham ajudado na minha lucta, mas ainda, furiosos, atiraram-se sobre mim em vez de me felicitar, quando acabei a limpeza do carro. Os golpes de novo choveram. E de novo, com uma força que eu não pensava possuir, espalhei pelo chão os meus adversarios todos.

Nessa altura, appareceram immersos em tal esbem vestidos. Deante da inesperada scena, quedaram immersos em tal espanto que nem conseguiam fallar. Depois, rugiram de raiva, erguendo os braços com furor e, ao ouvirem essas exclamações iracundas, salteadores e viajantes levantaram-se de uma feita. Com tocante fraternidade, jogaram-se ambos os partidos sobre mim.

Desta vez foi rapido. Puxaram-me até á plataforma trazeira, e emquanto o comboio retomava a sua marcha interrompida, atiraram-me semcerimoniosamente sobre o cascalho pontudo, entre os trilhos verdadeiramente duros. Foi ahi, nessa incommoda situação, que achei a explicação procurada. Antes do trem se sumir na proxima curva, tive tempo de ler num taboleiro pregado no ultimo vagão e que eu ainda não tinha visto:

"WILLIAM FOX ENTERTAINMENTS SPECIAL"

Eis que tudo se aclarava! Por engano, eu tinha embarcado no comboio da companhia cinematographica... e a moça que eu pensava conhecer era uma "estrella" popularissima naquella epocha! Era evidente — estavam fazendo um film: assalto de trem pelos bandidos, rapto da joven ingenua, etc., etc. (thema favorito). E eu me havia mettido no meio, pensando que fosse realidade!

Não pude resistir — um riso louco apoderou-se de mim, e durante quinze minutos contorci-me em gargalhadas, no meio da paizagem desertica e estupefacta.

✣

Urgia, entretanto, resolver qualquer cousa: tinha ouvido dizer que em certas linhas secundarias do Far-West só passam trens uma vez por semana. Que poderia eu fazer?

Puz-me de pé, e limpava a minha roupa quando um ruido caracteristico me fez erguer a cabeça: um aeroplano. Estava salvo!

Tirei do bolso o meu lencinho de seda lavavel e puz-me a fazer grandes signaes. O homem passaro avistou-me e começou a descer; aterrou alli pertinho e eu corri para lá. Expliquei-lhe o acontecido, o melhor que pude, com phrases de complicada architectura em que havia palavras de todas as linguas ao meu alcance.

Elle fez um gesto, eu subi atraz delle no apparelho, e v'lan! eis-me nos ares! Oh! delicia! Oh! sensações inexprimiveis! O horizonte ia-se alargando abaixo de nós, a vista estendia-se. Que belleza!

Durante uma hora voámos rapidamente.

Em dado momento, vejo o piloto agitar-se, inclinar-se, levantar-se, virar-se; ao mesmo tempo,

o motor perdia a sua bella regularidade. Comecei a ficar com... não direi medo... mas com um certo receiosinho. Estavamos a mil e quinhentos metros. Mão grado a gesticulação do piloto, o apparelho, teimoso, poz-se a descer rapidamente.

Aos oitocentos metros, o motor parou de todo e foi então a quéda, a grande quéda lamentavel e brutal! Que segundos formidaveis vivi, nesse pedacinho de tempo! Mas fomos horrivelmente felizes: o pulo nos teria arrancado a vida duzentas vezes se não tivessemos cahido sobre uma arvore copuda; os galhos detiveram a nossa quéda e em breve achámo-nos de novo, sãos e salvos, de pé sobre o admiravel "soalho das vaccas", que não ha outro no que diz respeito a estabilidade, segurança e bem estar. Não foi longo o nosso descanço. Pouco depois, ouviamos o pisar de cavallos e um bando montado e armado até os dentes parou perto de nós. Entrámos em conversa e soubemos que eram o sheriff de Arrycareyville e mais vinte homens, dando caça a uma tribu vagabunda de Pelles Vermelhas que commettera varias depredações naquella zona.

Eu procurava aventuras. Offerecia-se uma. Deixei o piloto com o seu apparelho reduzido a uma maza incompleta e um volante de ferro, montei num cavallo fogoso (*) e segui o valente sheriff de Arrycareyville.

Durante muitos dias andámos atraz dos Indios, sem sequer avistal-os. Seguiamol-os de longe, pelas pégadas deixadas atravez da immensa solidão da "Prairie".

Uma manhã, o sheriff achou que a occasião era propicia e os rancheiros puzeram a galope as suas cavalgaduras. Tratei de fazer o mesmo, mas o meu burro não podia seguir seus primos, os fogosos cavallos dos "cow-boys". Fui perdendo terreno, apesar dos meus gritos.

A's oito horas da manhã, avistava os meus companheiros a duzentos metros de distancia.

A's nove horas, só os via de vez em vez. A's dez, perdia-os de vista; ás onze vagueava sem saber para onde ir.

Ao meio-dia, ouvi um silvo agudo perto do ouvido; uma corda apertou-me o busto, deu-me um arranco que me fez rolar desmaiado sobre a relva. Quanto ao burro, pobre animalzinho, nunca mais tornei a vel-o. Movimento nenhum era-me permittido, quando abri os olhos. Estava atado e amordaçado, e uma multidão de Indios me rodeava curiosamente, avaliando com certeza se a minha carne daria um bom pedaço de "roast-beef". Era a tribu perseguida que me fizera prisioneiro. Amarraram-me num tôco alto e, tendo lido o "Ultimo dos Mohicanos" durante a viagem, fiquei sabendo que, de facto, havia chegado a minha ultima hora.

Passei lugubremente a tarde. Quando desceu a noite, accenderam grandes fogueiras em torno de mim, e começaram a beber, a cantar, a dançar. Depois, o sacerdote — um typo nojento — veiu fazer exorcismos em nome do "Manitú" e ahi começou o réco-réco.

Os guerreiros vinham, um por um, atirar punhaes sobre o tôco no qual eu estava amarrado.

Como exprimir o que senti nessa emergencia atroz! Até o ultimo momento, para dizer a verdade, eu esperava a cada instante ver surgir o director de scena, o operador com a machina de tirar films e os demais ajudantes. Mas qual! Desta vez tudo era realidade! Não havia duvidar!

Por fim, o chefe da tribu approximou-se. Um facão refulgia-lhe na mão. Elle levantou o braço sobre o meu craneo. Senti que o meu coração parava de pulsar.

Rapido, o chefe abaixou o braço e...

E cortou as cordas!... Ao mesmo tempo surgiam o director de scena, o operador com sua machina e os demais ajudantes, exclamando:

"Mas que scena! Que coisa assombrosamente realista! Que triumpho!"

Um delles, no seu enthusiasmo, me estendeu uma nota de dez dollars que eu, aliás, não recusei — o meu trabalho valia mais do que isso, até.

Mas no dia seguinte, enojado com esse Far-West que melhor se chamaria Film-West, embarquei para New York, onde permaneci dezoito horas.

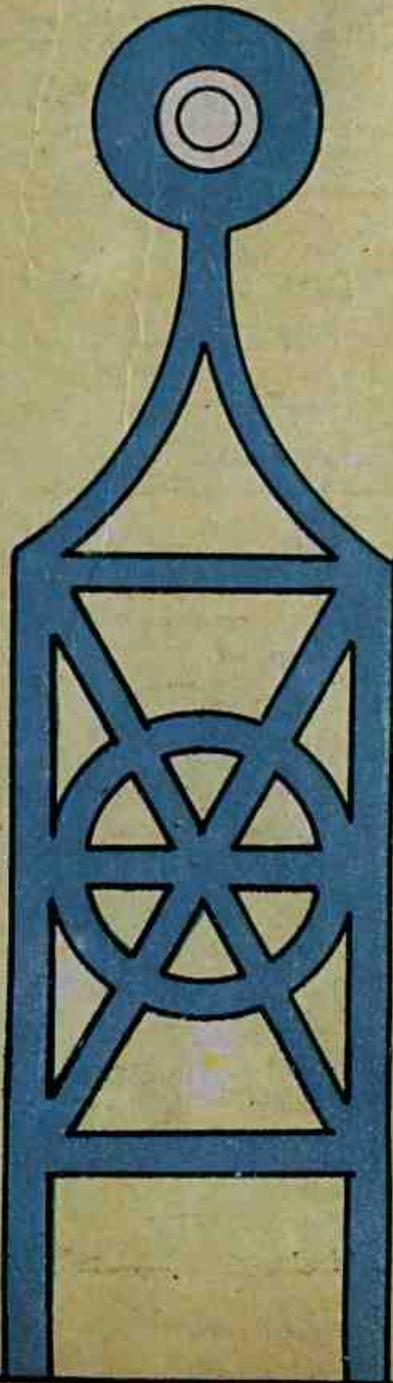
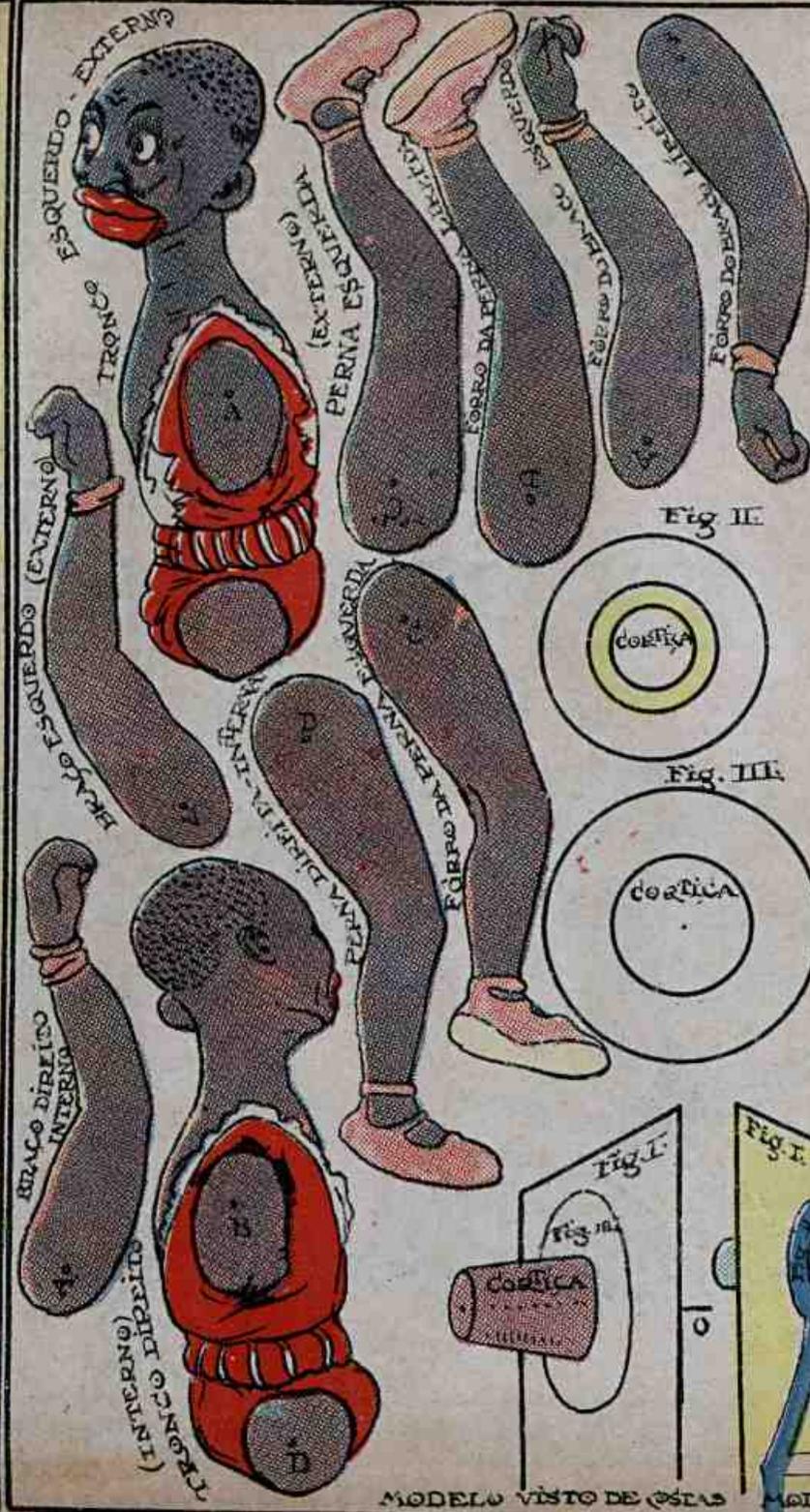
Subi no vapor e regressei aqui afim de continuar no meu optimo negocio de couro de jacaré, pacatamente, que é melhor do que fazer fitas sem saber!

João Boltshauser.

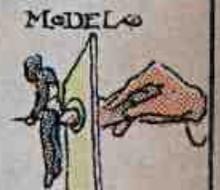
✣

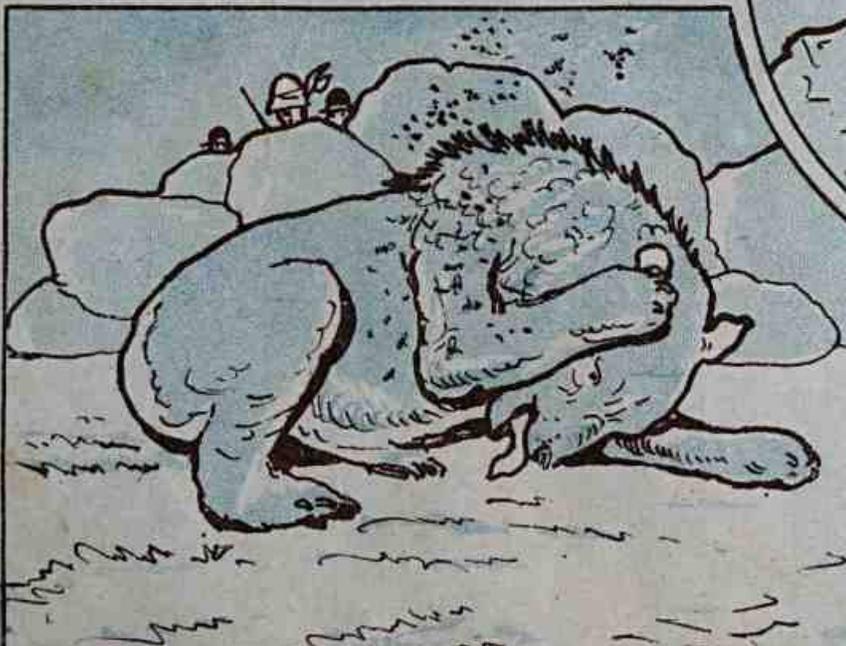
Ha uma tribu de indios, da America do Norte, governada por um reinicola que, todas as manhãs, ao sahir da choupana onde dorme, dá os bons dias ao sol, e lhe ordena e marca com o dedo o caminho que elle deve seguir em todo o dia.

(*) A verdade nos obriga a dizer que era um burro mansinho, destinado a levar as provisões ou outra qualquer carga.

BENJAMIN athleta

BENJAMIN ATHLETA

Explicação: — Preguem o quadro (fig. I) em papelão forte. As demais figuras podem pregar em cartolina grossa. Armem pelas letras A B C e D o Sympathico Benjamin, empregando os nós de linha, como se faz aos polichinellos. Depois preguem uma rolha, pela face maior na rodella (fig. II) e outra rolha na outra rodella (fig. III) como mostram os modelos, de frente e de costas. Appliquem um fio de metal (grampo ou arame) de modo que atravessando a rolha e a rodella (fig. III) entre no ponto V da fig. I, penetra na parte posterior da rodella (fig. II) atravesse a outra rolha ou cortiça da fig. II e se apresente livre para receber as mãos do Benjamin como se vê no *modelo visto de frente.* O fio de metal terá no maximo 0m,10 de comprimento. Antes de usar do arame batam-n'o com um martello para achatal-o sem o curvar.

Torçam a rolha das costas do cartão que logo Benjamin mostrará suas habilidades.

O NAUFRAGIO DE TOP, CAP E LUP

Não desprezeis um conselho

VIGILANTE

Cartolina e gomma, collem tudo e recortem.

Abram a canivete as barras pretas MN — MN e por essas aberturas enfiem a fig. IV que deverá ter 30 centimetros de extensão; augmentando a frente do cão — 7 centimetros e na extremidade opposta, apenas 3 centimetros.

Recortem a parte preta da bocca do *bull-dog* e introduzam ahi a fig. III firmando-a no ponto P que fará eixo por meio de um nó de linha. Na letra S, prendam uma linha de côr que passará pelo buraco (letra F) da colleira e entrará na letra F da fig. II. A figura será a ultima a ser pregada só pelos pontos 1 e 2, e 3 e 4.

A linha de côr será comprida, de modo a sahir do quadro para mover a mandibula do *bull-dog*.

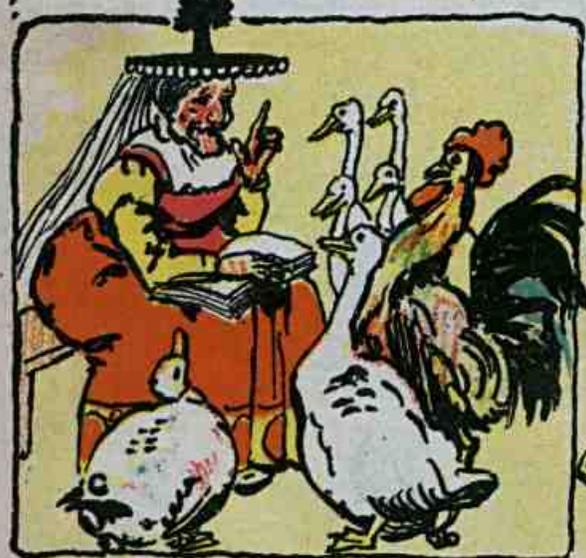
O *bull-dog* vigilante sahirá da casa e baterá o queixo como se estivesse latindo.

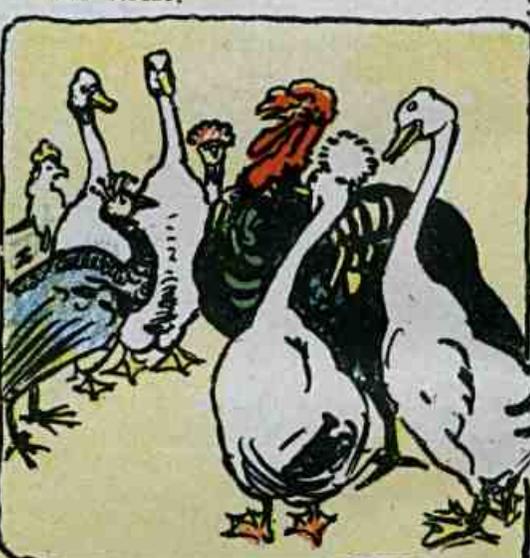
GARNIZÉ E MARUHY

O perú na mesa dos banquetes do Natal

Em 1540, Bimbalhão, cosinheiro de um duque francez, foi ao gallinheiro ver se alli havia patos, gansos e gallinhas gordas. — Faltam oito dias para o Natal — disse elle — e poderei escolher á vontade!

Essas palavras consternaram todo o gallinheiro. — Ah! — disse um pato á sua comadre gallinha — é por isso que só nos têm dado bons alimentos! Querem-nos engordar para nos matarem!

Nesse momento uma velha feiticeira chegou ao gallinheiro. Um ganso foi pedir-lhe conselhos: — Como havemos de escapar de tão horrivel morte? — perguntou elle. A feiticeira consultou o seu pesado bordão.

— Amanhã — disse ella por fim — deve chegar a este gallinheiro uma ave que, d'ora avante, vos substituirá nas mesas dos banquetes do Natal! Todas as aves, ouvindo estas palavras da feiticeira, dançaram de alegria.

De facto, no dia seguinte, appareceu no gallinheiro uma ave preta, de ar orgulhoso e com grande crista vermelha. — Eis um novo companheiro! disse o cosinheiro Bimbalhão, depositando a ave desconhecida entre as demais.

A ave foi muito bem recebida entre as demais. Pudera, se ella ia morrer pelas outras! — Como vos chamaes? — indagaram todos. — Chamo-me Perú e vim da India — respondeu a ave.

Todo o gallinheiro era amabilidades para o perú. Até um pavão lhe offereceu as suas pennas azues e douradas, mas o perú recusou, agradecendo.

Dois dias antes do Natal dois ladrões assaltaram o gallinheiro. — Olha lá um perú — disse um delles — Vamos roubal-o para vender!

E os dois ladrões entraram no gallinheiro. Os patos, os gansos, até o gallo, puzeram-se a gritar, porque perceberam que os ladrões iam levar o perú.

(*Conclue adeante*)

O perú na mesa dos banquetes do Natal (FIM)

E dos gritos, todos os habitantes do gallinheiro passaram ao ataque: cahiram ás bicadas sobre os dois ladrões.

O barulho das aves despertou as pessoas da casa, que afugentaram os ladrões. Na manhã seguinte, todo o...

... gallinheiro cumprimentou vivamente o perú por haver escapado de ser roubado. O perú, commovido por tanta gentileza, chegou até a chorar.

A' tarde, appareceu de novo a feiticeira. Os patos e gansos consultaram-n'a de novo. — Não ha novidade, fiquem tranquillos! — disse a feiticeira.

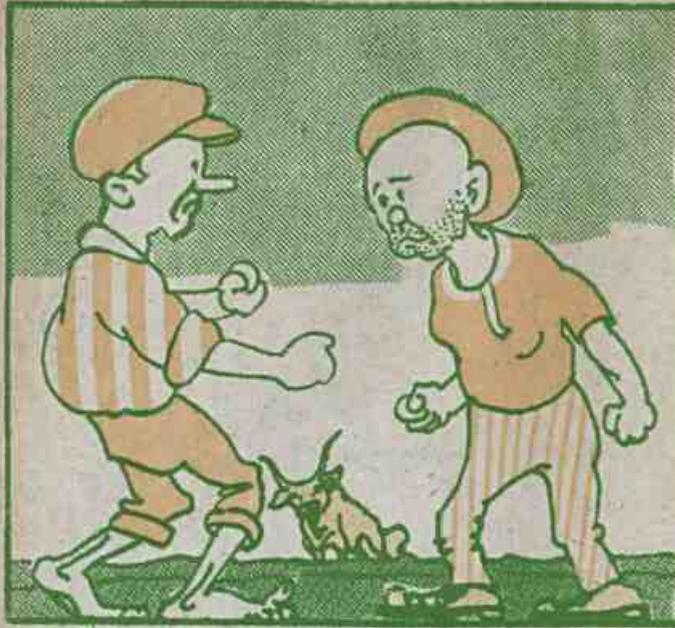
Eu vos garanto que, de hoje por deante, á mesa dos banquetes, não existirão mais patos e gansos. O pobre perú ouviu com tristeza as palavras da feiticeira.

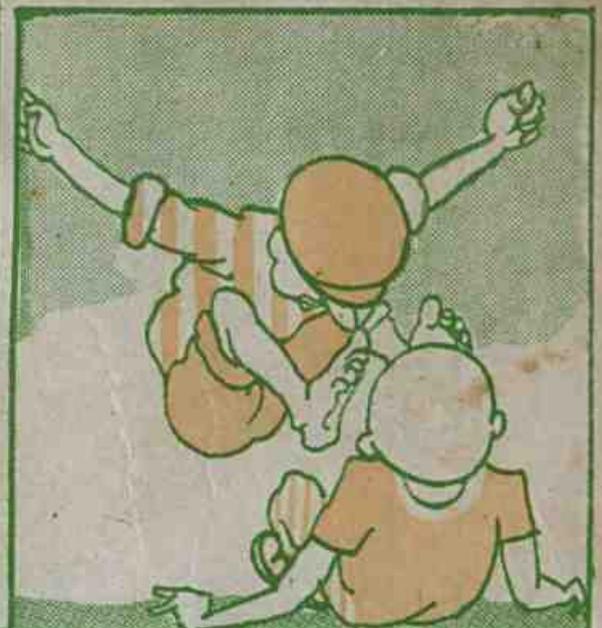
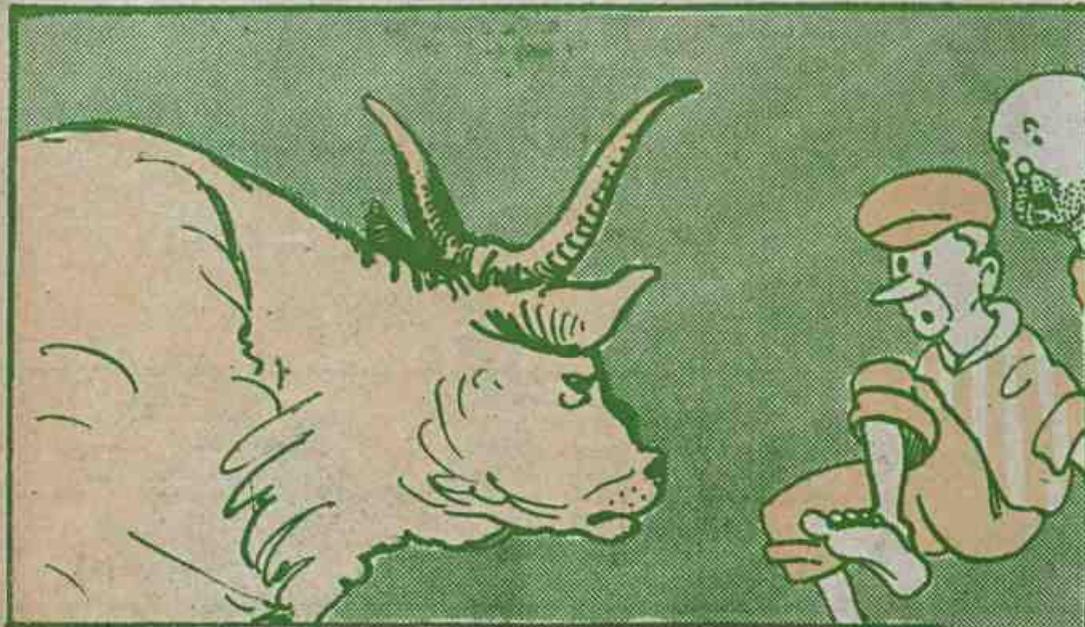
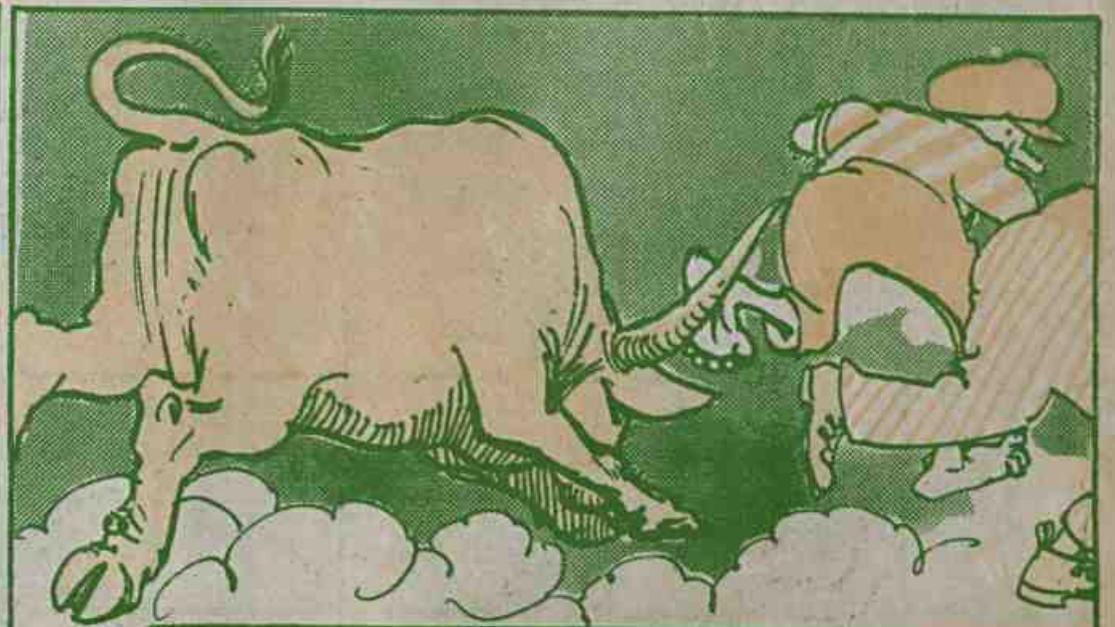
Na manhã do Natal, quando Bimbalhão, o cosinheiro, entrou no gallinheiro e apanhou o perú, este poude comprehender por que era tratado com tanta amabilidade pelos patos e gansos.

E voltando-se para elles ainda poude dizer: — Agora comprehendo a razão de tantos carinhos que me déstes! Sois uns miseraveis!

Foram estas as ultimas palavras do pobre perú', que passou, depois de morto e recheiado, para dentro de um forno. Bem assado, foi levado á mesa do duque. Os convidados acharam maravilhoso o assado.

A feiticeira tinha razão. Nunca mais se comeu nos banquetes senão perú'. Quando vocês virem, num banquete, chegar o perú, lembrem-se desta historia.

CARDAMOMO E SASSAFRAZ

Encontraram-se os velhos inimigos. Punhos em riste, eil-os em franco pugilato.

Um boi, ao longe, observava a liça e approximou-se lentamente, sem que os luctadores...

...dessem por isso. Cardamomo, o mais valente, atirou-se, feroz, contra o adversario...

..e o boi metteu á cara na liça, assistindo á *tourada*. E de tal modo...

...se enthusiasmou, que obrigou os luctadores a uma fuga desordenada.

A. ROCHA

A FUGA DE AGOSTINHO

AGOSTINHO estava já cançado de estudar. Não lhe era agradavel passar horas e horas preparando as lições e tarefas escolares.

"Não quero mais morar neste palacio", pensou elle um dia. "Vou viver com meu padrinho, onde não terei estas amofinações de estudos."

Agostinho era filho de um rei mui poderoso. Habitava então o mais luxuoso dos palacios. Não obstante, resolveu fugir, para ir morar com o padrinho, numa humilde casinha no recondito de uma espessa floresta.

Certa madrugada, quando todos no palacio dormiam a somno solto, levantou-se sem o menor ruido, saltou a janella que dava para o pateo, e, numa carreira vertiginosa, ganhou a estrada longa e tortuosa que ia ter á floresta onde vivia o padrinho.

Andou o dia todo e passou por mil peripecias, que não nos é possivel referir aqui, e, á noitinha, entrou resolutamente pela floresta.

Após alguns minutos de marcha, a escuridão era medonha. Comtudo, cahindo aqui, levantando acolá, conseguiu chegar á casa do padrinho, que estava justamente abrindo a porta da frente.

"Aqui estou padrinho", gritou Agostinho, offegante e chorando de contente.

"Quem te trouxe até aqui, menino?", indagou o velho, estupefacto.

"Vim sósinho, e vim para morar com o senhor", disse Agostinho, "e nunca mais atravessarei essa floresta aterrorisadora."

Na manhã seguinte Agostinho levantou-se muito bem disposto, porém teve a desagradavel surpreza de ver que estava chovendo. Seu padrinho estava muito atarefado e não podia contar-lhe historias de fadas. Passaram-se dias e Agostinho já começava a ter saudades de seus paes e da vida confortavel do palacio. Na cabana tudo era monotono.

Uma tarde, quando estavam os dois palestrando no caramanchão do jardim, appareceu, subitamente, um guarda do palacio e declarou que estava procurando o principe Agostinho, de quem não tinham noticias havia já alguns dias. E accrescentou que o rei, desgostoso pelo desapparecimento do filho, estava resolvido a nomear principe herdeiro qualquer menino pobre, se, dentro de tres dias, o principe Agostinho não voltasse para casa. Tudo isto o guarda disse fingindo não reconhecer o menino, que, a um canto do caramanchão, ouvia-o attento.

Em seguida, sem esperar resposta, voltou a galope para a floresta, e, momentos após, não se ouvia mais o som das patas de seu fogoso corcel.

Duas lagrimas rolaram dos olhos de Agostinho.

"Eu não quero que outro menino seja o principe herdeiro", disse elle. "Devo ir para minha casa e pedir perdão a meu pae."

"Vae, então, agora, Agostinho, para que chegues ao palacio antes do romper do dia", disse-lhe o padrinho. "As boas intenções, a consciencia tranquilla, dar-te-ão coragem."

Agostinho sabia que precisava andar bastante para chegar ao palacio antes de amanhecer. Desta vez os ruidos da floresta não o amedrontaram.

E o sol surgia por traz da montanha quando Agostinho chegou ao palacio. Seria impossivel narrar aqui os festejos que se seguiram a este auspicioso acontecimento.

E Agostinho foi mais tarde feito rei.

A RAPOSA E A GRALHA

A raposa surprehendeu a gralha a ler "O Tico-Tico" e muito admirada lhe disse:

"Tu que es uma gralha, gritalhona faladora, não deves ler esse jornal que é das creanças brasileiras, que estudam e não mentem." A gralha abriu o seu grande bico com odio e batendo asas voou para longe. A raposa então, com orgulho, disse: Nada vale fingires de creança com esse gorro, porque ninguem acredita nas tuas historias.

NATAL

A manhã de vinte e quatro de Dezembro raiara risonha, olente e cheia de vida, na fazenda da Perdição, propriedade do Coronel Augusto. O sol vinha queimando desde as seis horas da manhã o verde dos campos que semeiam varzeas afóra, interminas, sempre verde, e de horisontes longinquos...

Da fazenda sahia o gado lusidio, pesados zebús que davam passadas a custo, ao tom do *cia!* dos campeiros, mulatos, cobertos de couro. Do varandão da fazenda brincavam creanças em alarido e da janella o Coronel bigodes pretos e retezados ao ultimo dos *kaisers*, soltava ordens em gritos tão fortes, que nem o rumor dos bois, nem a barulhada infernal das creanças, conseguiam abafar. Homem rispido, rustico como quasi todos os filhos do sertão, galgara ali uma posição invejada de todos os demais habitantes daquella zona. Era vereador da Camara, possuia duzentas armas, levas de eleitores e comprara, com algumas cabeças de zebú, a patente de Coronel!

Acabava a boiada de transpor o espaçoso curral de achas de aroeira, quando o Coronel, circumvagando a vista em derredor, avistou ao longe, em direcção á fazenda, um cavalleiro, que mais voava que [illegible]. Em um instante entrou no curral, de laço á garupa, vestido de couro, chilenas enormes aos pés, um homem, mais parecendo um Judas, tal a fórma em que se amontoava ao lombilho tosco, de couro crú.

Ao avistar o Coronel em alcance de sua voz, sofreou o cavallo, derriçou para a nuca o grande chapeu de couro em signal de saudação e se explicou:

— Patrão, o quera do Zé Guaxini deu esta noite na mulada levando a Sereia e o Turco, deixando ao Catinga a metade e os filhinhos.

O Coronel, homem de severidade temida por todos e despotico mesmo, nunca dera uma escapula a um gatuno e mormente gatuno de animal! Sua fazenda fôra muitas vezes poiso de reconhecidos assassinos e cangaceiros de toda a marca, mas ladrão?! Nem sonho! — Já affeito ás luctas com esses terriveis gaviões dos curraes, não deixou transparecer o menor gesto de colera e, sem mudar sequer de posição, com tom firme de voz, ordenou:

— Organize uma batida por todos os lados, tragam-o, vivo ou morto!

O caipira colheu com pachorra as rédeas e ao levar a mão á nuca para erguer o chapeu, o seu cavallo esquipou-se com a velocidade de um raio, curral afóra, em demanda ao estirão de planicie.

O dia correra normal, como soia sempre, cheio desse silencio religioso muito particular, em horas de sol, ás fazendas de criar...

A' noite, um luar divino prateava os campos e o Coronel esperava calmo a noticia da cavalgada, quando um trepidar de cascos de animaes entrou terreiro a dentro.

Eram os da batida, em companhia de campeiros das fazendas vizinhas, que regressavam com o prisioneiro, capturado em uma feira longinqua, quando vendia os dois animaes da pilhagem. O Coronel não quiz vel-o. Ordenou que o atassem em cima de um dos animaes e o soltassem no varjão. Alguns instantes apoz, uma mulata emmagrecida, em desalinho, com tres creancinhas não menos magras e horrivelmente sujas, entrou na sala e, emquanto a velha ajoelhada implorava ao Coronel o perdão para o seu marido, as creancinhas choravam copiosamente. O Coronel mostrou-se inflexivel e já havia mandado retirar a desgraçada mulher, quando um som doce, de vozes de creanças, vindo do lado da capellinha, fel-o deter á escuta:

Eram seus filhinhos que, em companhia de sua mulher oravam, festejando a hora em que viera ao mundo o pequeno Rabi, o menino Deus Salvador. A mudança foi subita. Correu o Coronel pelo escadão abaixo, chamou o chefe dos campeiros, com indizivel afflicção e ordenou fosse suspensa a ordem.

— E' tarde, patrão, respondeu o campeiro, acabamos de soltar neste instantinho o Turco com a carga que Vossemecê ordenou; mas, se o patrão deseja, o luar está bom e a companheirada prompta para a vasquejada!

— Sim, traga-me aqui o meu cavallo e lembrem-se que, antes da primeira cantada do gallo, temos que salvar aquelle "coitado". Dois minutos passaram e já se distinguiam as silhuetas de cavalleiros que corriam velozes; eram verdadeiros *jockeys* da morte guiados pelo clarão da lua e voz da consciencia que pedia o salvamento de uma vida; era toda uma fé religiosa, que fazia desses rusticos campeiros heroes incomparaveis. O Coronel á frente, enchia-os de coragem e com agilidade admiravel, envidando esforços sobrehumanos, saltando valles e toda a sorte de obstaculos que encontrava, foi o primeiro a atirar o laço ao Turco que, extranhando o seu fardo, pulava e corria a toda a brida!

Liberto o infeliz, obrigou-o o Coronel a render graças ao seu salvador o menino Jesus e com os campeiros, tambem oraram, agradecendo a Jesus a Divina Graça de os haver auxiliado e os livrar de um crime horrivel, effectuado em um momento de colera e irreflexão.

Carangola — 23-2-22. CONEGO HORTIZ.

✣ ✣ ✣

A HYGIENE DAS UNHAS

Para cortar as unhas, depois de bem lavadas com sabonete, deve-se utilisar de uma tesourinha e nunca de canivete como faz muita gente, expondo-se a dolorosas lesões e causando má impressão a quem está presente. De vez em quando, se a unha perde a sua cor rosada, poder-se-á raspal-a ligeiramente em toda a extensão com uma lima fina, mas tal cousa não se fará senão de onde a onde, para evitar o excessivo gasto do tecido de que ella é formada.

✣ ✣ ✣

PROFUNDIDADES DO MAR

O ponto mais profundo do Mediterraneo parece encontrar-se entre Malta e Candia, onde o commandante Magagni achou uma profundidade de 13.556 pés, ou seja mais de 4.000 metros.

ROBIN NO PAIZ DAS FADAS

ROBIN, como vocês talvez saibam, era um menino levado da breca, embora fosse um duende e devesse fazer bem á humanidade, conforme conselhos de seu pae. Uma tarde, ia elle pela estrada real quando deparou com um joven de bella apparencia, muito bem trajado e contente de si mesmo.

Robin, querendo *quebrar-lhe* a linha, transformou-se em um esquilo e correu por entre as pernas do moço. Subito, transformou-se em um cavallo e desatou a galopar, levando nas costas o joven aterrorizado.

Assim chegaram a um lago e o cavallo atirou-se á agua, sem que o cavalleiro tivesse tempo de saltar.

Quando estavam os dois justamente no meio do lago, o cavallo desappareceu como que por encanto, deixando sósinho o pobre moço. Robin transformara-se em peixe e nadara para a praia. E na praia surgiu, então, um garoto a gritar: "Upa! upa! upa!" ao ver o infeliz rapaz nadando para salvar-se.

Aquella noite Robin não dormiu bem. Parecia-lhe que a cada momento uma voz mysteriosa lhe dizia ao ouvido: "Não pratiqueis o mal."

Robin sabia que devia ser seu pae — o Rei das Fadas — que pronunciava taes palavras, e resolveu desde então praticar o bem e fazer a felicidade de todos.

Para começar, correu para a floresta, onde havia pendurado em uma arvore o sapato de uma velha. E lá estava o sapato, balançando ao vento.

Em um segundo, o anão transformou-se em passaro. Voou para a arvore, apanhou o sapato com o bico e o levou para a janella do quarto da velhinha.

D. Sinhazinha, — assim se chamava ella, — ainda dormia, com a cabeça mettida num gorro branco.

O passaro chilreou fortemente e ella abriu um olho. E o passaro deixou o sapato cahir ao chão. A velha levantou-se assustada, sem poder comprehender aquelle milagre.

Robin passou o dia todo satisfeito por haver praticado o bem.

No dia seguinte viu uma pobre fiandeira trabalhando afanosamente, e resolveu auxilial-a. A' noite, quando ella dormia, pulou pela janella, e, em poucas horas, os seus dedinhos ageis concluiram o trabalho começado pela fiandeira.

De manhã a moça viu o trabalho prompto, e podeis facilmente avaliar seu contentamento e espanto.

E assim vivia Robin os dias alegres de sua infancia, derramando o bem por onde quer que passasse.

E eram pantanos transformados em pomares, paralyticos que milagrosamente andavam, cegos que viam, mudos que falavam!

A fama de Robin estendeu-se por todo o paiz.

Offereceram-lhe presentes valiosos, fizeram-lhe manifestações pomposas, erigiram-lhe estatuas.

Comtudo, quem passar hoje pelo paiz de Robin não o verá mais. Vou dizer-lhes porque.

Uma noite, após um baile que lhe fôra offerecido (era dia de seu anniversario), resonava elle tranquillamente, talvez sonhando com alguma pequena que estivera no baile, quando ouviu uma voz sussurrar baixinho:

"Robin, meu filho, levanta e vem! Irás hoje para a terra das delicias, para o reino da felicidade."

Robin levantou-se, esfregou os olhos, e viu á sua frente o Rei das Fadas. Ornava-lhe a fronte um diadema de brilhantes e dos hombros cahia-lhe um manto de seda.

Deu a mão ao menino, levou-o por uma longa estrada, entre roseiras e banhada pelo chuveiro de prata do luar. A' sua frente surgiam fadas — umas tamborilando pandeiros, outras dançando e entoando melodias as mais suaves.

A uma curva da estrada, Robin parou e esfregou os olhos novamente, pois não podia crer no que via: um magestoso portão de ouro entre pilastras de marmore, dando entrada ao Paiz das Fadas.

Sinos repicavam, soavam clarins, foguetes espoucavam no ar, gargantas entoavam hymnos — e Robin entrou, pomposamente, no reino da ventura eterna — o Paiz das Fadas.

A MÃE DE ESTEVÃO, O GRANDE

CONTO RUMAICO

NA Moldavia superior, entre o Piatra e o Falticeni, vêem-se as ruinas de uma antiga cidade, que se chamou Nimtz: ruinas bem humildes e quasi totalmente arrazadas, porque a villa, que hoje se ergue, bem vivaz, a pequena distancia, foi quasi toda construida com pedras da antiga Nimtz.

Outr'ora, comtudo, esse nome foi orgulhoso e afamado. Solidamente fortificada, essa cidade era a residencia predilecta do principe Estevão e passava por invulneravel. O poderoso soberano da Moldavia travara cincoenta batalhas e de nenhuma voltara sem ferimentos e sem victoria.

Para commemorar cada triumpho o guerreiro magnifico mandava erigir uma egreja afim de exprimir ao céo o reconhecimento de sua alma. Seu sonho pertinaz e grandioso era fazer de seu paiz uma potencia gloriosa e temivel, chegando para isso a tratar com a Republica de Veneza uma alliança contra o imperio dos Turcos.

E elle era, de facto, o mais forte baluarte da Christandade deante do poder formidavel do Crescente. Entretanto, não lhe era missão facil reinar sobre o Baixo Danubio, tendo como visinhos os Turcos, os Polacos, os Hungaros, os Cossacos e os Tartaros, todos povos bellicosos e conquistadores; mas Estevão parecia crescer na proporção das difficuldades e seu povo confiava nelle como em Deus.

Nesse dia estava travada uma batalha ardente e dos parapeitos da fortaleza podiam-se acompanhar as peripecias da lucta. Era terrivel o momento; a fortuna das armas parecia abandonar o principe e duas mulheres contemplavam o tumulto com emoção profunda.

Eram duas mulheres cujo destino estava indissoluvelmente ligado ao de Estevão: sua esposa e sua mãe. A joven princeza deixava correr as lagrimas pelo rosto formoso, mas a velha mantinha-se altivamente de pé e encarava com os olhos firmes e enxutos o combate. Passara ali o dia inteiro, immovel, sem alimento e sem gritos. Apenas, de instante a instante, pousava a mão sobre um hombro de sua nora e murmurava algumas palavras para reconfortal-a. Em certo ponto, o impeto do inimigo foi tamanho que o coração da joven princeza não poude mais resistir e ella gemeu, deixando cahir a cabeça sobre o parapeito:

— "Vão matal-o... meu Deus!... Vão matar o meu Estevão". Mas a voz da velha ergueu-se, tranquilla e sonora:

— Antes da noite Estevão será victorioso. Deus, que nos vê, bem o sabe.

A gravidade e a esperança com que fallava detiveram as lagrimas da moça...

E o dia começava a baixar. Pouco a pouco a luz baixou, até que as duas mulheres nada mais puderam distinguir no campo de batalha. Ficaram ainda alli, immoveis, porque o roçagar de seus vestidos poderia abafar algum ruido que lhes denunciasse o resultado da lucta.

De subito ouviram ambas um galope, que se approximava e, logo depois, golpes violentos na porta da fortaleza.

— O' mãe!... é Estevão... O coração diz-me que é elle. Deixa-me descer e abrir.

Mas a velha deteve-a e foi em pessoa á porta.

— Quem bate?

— Sou eu, Estevão, teu filho.

—E's meu filho e queres entrar aqui sem a victoria!

— Fui vencido e os Turcos perseguem-me. Meus ferimentos queimam-me.

Aquelle que fala assim não póde ser meu filho e não entrará aqui. Meu filho, no dia em que fosse vencido, procuraria uma morte heroica no campo de batalha e eu, sua mãe, ornaria seu tumulo com flôres.

A joven princeza, de joelhos, supplica-lhe que abra; porém ella, com um gesto energico, ordena-lhe silencio.

Entretanto, Estevão curvara a cabeça sob o peso da vergonha e do desespero. Mas em pouco sacudiu para traz a cabelleira revolta, levou aos labios seu clarim e fez ouvir sons capazes de resuscitar os mortos. Galopou de novo pela planicie, reuniu os companheiros esparsos e com redobrada furia atirou-se mais uma vez ao inimigo, que já se julgava vencedor.

A batalha estrugiu de novo com fragor.

Pela segunda vez um galope troou em direcção da fortaleza; mas d'essa vez não foi preciso bater, porque a porta se abriu de par em par deante do heroe. Estevão entrou e antes mesmo de saltar do cavallo bradou:

— Minha mãe! E' a ti que eu devo esta victoria.

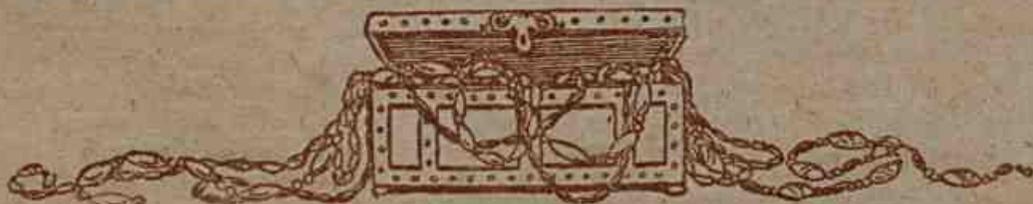
No dia seguinte os esposos conversavam a sós e Estevão perguntava: — Então tu querias abrir a porta? — Amo-te tanto... murmurou a joven princeza.

— Mas minha mãe ama-me muito mais... — disse o principe com um sorriso de orgulho.

O collar mysterioso

HAVIA nas proximidades de Ingá uma fazenda em ruinas, da qual se contavam historias phantasticas entre ellas a de existir es-

condido um collar mysterioso. Um dia encontraram-se, a caminho de casa, dois meninos e uma menina que, confiando muito no seu cachorrinho, combinaram ir á fazenda. Lá chegados, encontraram um alçapão, cuja tampa levantaram. Joãosinho, o mais destemido dentre elles, com o auxilio de uma lanterna, desceu a um subterraneo e de lá trouxe um cofre com o mysterioso collar.

Mas o collar não tinha nenhum valor: era todo feito de papel e aqui têm os leitores do *Tico-Tico* como poderão obter um egual, armando a figura junta e recortando-a, quantas vezes quizerem.

BANHO MARIA

Sabem os nossos leitores qual a origem da expressão *banho Maria!*

Não sabem; pois fiquem agora sabendo. Essa expressão deriva-se da sciencia mysteriosa dos alchimistas. Os discipulos dos alchimistas tinham feito de Maria, irmã de Moysés e de Aarão, uma especie de prophetiza, da qual se compraziam em addicionar o nome a seus trabalhos.

Nos seculos XV e XVI já era conhecido, sob o nome de *balneum Mariae* (banho de Maria) a innocente operação que as nossas cosinheiras, mesmo as menos experientes, a todo o momento effectuam.

Accrescentamos a isto, que os philosophos hermeticos attribuiam a Maria uma das aspirações mais ardentes da sua arte illusoria: consideravam-a como auctora de um tratado escripto sob inspiração divina e intitulado: "A pedra philosophal".

✣ ✣

A VELOCIDADE DO AR

Em geral, a velocidade do ar augmenta com a altura que se considera. Mesmo quando o vento é muito fraco á superficie do sólo, as nuvens e os aerostatos caminham com uma velocidade de 10 a 15 metros por segundo, ou de 36 a 54 kilometros por hora.

✣ ✣

O Arthurzinho vae, com sua mamã, vêr uma exposição de quadros.

Levado pelo seu instincto artistico, deante de um representando flôres, e que lhe pareceu magnifico, estacou exclamando:

— Olhe, mamã, que flôres tão bonitas! Parecem mesmo *naturaes!*

Volta para casa; vê, sobre um aparador, uma jarra com um ramo de rosas, e, com o mesmo espirito, estaca, exclamando:

— Olhe, mamã, que rosas tão bonitas! Parecem mesmo *pintadas!*

Dona Catharina é uma excellente doceira. Rosalina, sua filhinha mais velha — está com dez annos — já sabe tambem fazer alguns petiscos. Quem tira o maior proveito da habilidade de D. Catharina e Rosalina é o Custodio, o menino mais guloso que até hoje conheci.

Um dia, D. Catharina e Rosalina estavam na cosinha preparando uma sobremesa — era o dia do anniversario do Custodio — quando Rosalina perguntou:

— Mamãe, de onde vem o sal que nós usamos?

Eis a resposta de D. Catharina:

"O sal é muito util, minha filha. E' necessario não só ao homem como aos animaes. E' encontrado em grandes depositos na terra e é extrahido como o carvão. Ha muito sal no oceano tambem. O sal que usamos aqui na cosinha é branco como a neve. Este é chamado sal refinado. Comtudo, nas grandes minas, o sal tem varias cores: vermelho, azul, violeta, verde, amarello, etc. E você sabe que tijolinhos de sal têm sido usados como moedas em alguns logares do mundo? Alguns povos da Asia e da Africa usam tijolinhos de sal como usamos moedas de nickel e de prata.

"Antigamente, ha muitos e muitos seculos, o mar estava onde está a terra hoje. Houve então grandes terremotos e o fundo do mar elevou-se em certos pontos, formando os continentes, de onde as aguas escoaram. A agua do mar estava impregnada de sal, e, em muitos logares, a agua, evaporando, deixou o sal depositado no solo. São as nossas minas de sal.

"A oeste de Utah, nos Estados Unidos, ha uma enorme cidade á margem de um grande deposito de sal, em que ha um lago. E' a cidade do Lago Salgado. Ha uma estrada de ferro construida unicamente para o transporte de sal dessa cidade.

"Na Europa Central ha tambem uma grande mina de sal, que vem sendo explorada ha cerca de sete seculos. A massa de sal mede 500 kilometros de comprimento, vinte de largura e muitos metros de profundidade. O sal é ahi muito puro. Milhares de operarios trabalham nessa mina, que é formada de quatro andares. No andar inferior ha casas, egrejas e collegios esculpidos, por assim dizer, no sal. Imaginem quão linda é essa cidade sob os raios do sol. Esta é, sem duvida, a mais importante mina de sal do mundo. O sal marinho é, incontestavelmente, uma das maiores riquezas mineraes do Brasil, devido á grande extensão da costa na zona torrida. Pena é que as nossas salinas sejam ainda tão pouco exploradas. E' no Estado do Rio Grande do Norte que essa industria está mais desenvolvida, principalmente nas visinhanças de Macáo e Mossoró-Assu'. Ha tambem explorações bastante extensas em Canoé, no Estado do Ceará, e em Cabo Frio, no Rio de Janeiro. São innumeras as utilidades do sal. Sem sal, os carneiros não teriam a fofa, macia e quente lã. Sem sal, as vaccas não dariam bom leite. Os homens que preparam o algodão para a tecelagem precisam de sal para clareal-o. Para a conservação da carne, o sal é indispensavel, como o é para a fabricação de vidros e de sabão. O sal é tão precioso quanto o ouro. Para dar sabor aos alimentos é tão necessario que um dos mais terriveis castigos usados na China consiste em privar o criminoso do uso do sal na comida. Sempre que você usar sal, Rosalina, lembre-se de tudo isto que acabo de dizer."

A sobremesa estava prompta. O Custodio, por uma interessante coincidencia, appareceu na cosinha...

SARGAÇOS

Quando se ouve falar de *Sargaços* vem logo á mente a idéa do famoso mar que tira delles o seu nome, e vem o desejo de saber de que modo se formam aquellas agglomerações de algas pardas reunidas em prados fluctuantes, atravessados, como nos conta a Historia, pelas caravellas de Christovão Colombo. São esses sargaços uma especie de fungos, dos quaes existem varias especies no Mediterraneo (*Sargassum linifolium* com as suas variedades, *Sargassum Hornschuchii*), providos de particularidades organicas (vesiculas aereas) que servem para fazer essas plantas fluctuar e permittir a formação dos prados á flor d'agua, sem que as algas precisem de apoio algum.

A existencia das agglomerações, estudadas no proprio logar, sobretudo no Oceano Atlantico, tem dado que fazer aos geographos e aos naturalistas, admittindo alguns que a formação do mar dos Sargaços seja devida ao abaixamento de um antigo continente, a Atlantida, outros, ao contrario, ao transporte effectuado pelas correntes oceanicas, tendo presente o facto que outros mares de Sargaços foram assignalados em certos pontos do Oceano Pacifico e do Oceano Indico, onde se encontram as correntes marinhas ou phenomenos vulcanicos. Estabelece-se um dilemma: ou o *Sargassum* vive em estado fixo num paiz desconhecido de onde as correntes transportam para longe as plantas estereis (porque o Sargaço fluctuante não é productivo), ou elle vegeta desde tempos immemoriaes no estado fluctuante e se propaga pela fragmentação da planta.

MENINO!

Caminha sempre com a cabeça levantada, embora não erguida de todo; com o peito para fóra, mas sem petulancia; com o corpo erguido, ainda que não seja em rigidez.

Quando andares pela rua, pisa firme, sem arrastar os pés e não tanto devagar que atrapalhes os demais transeuntes.

Que a attitude de teu corpo e teu andar revele um espirito resoluto, disposto a acudir promptamente ao cumprimento de uma ordem ou a satisfação de uma necessidade.

OS CALCANHARES DO ANTONIO

QUANDO o pequeno Antonio nasceu, sua mãe disse a todos que ia convidar o velho Antonio Pereira para padrinho.

Os visinhos riram-se de tal lembrança e de tão errada escolha, pois, o Pereira, velho como os montes e pobre como um rato de egreja, nada poderia fazer pelo seu afilhado.

Não teria elle dinheiro sequer para comprar para Antonio um réco-réco ou um pião.

Comtudo, D. Felisbella insistiu, e, como o velho Pereira estivesse disposto a ser o padrinho, o pequeno Antonio foi o seu afilhado.

Mas o pobre velho não lhe trouxe presente algum no dia do baptisado.

"Quero examinar os pés delle", disse o Pereira, apanhando entre as mãos os pésinhos da creança. "A fortuna deste menino está nos calcanhares", disse, "elles o levarão ás culminancias na vida".

Os visinhos riram-se mais do que nunca. "Quem até hoje ouviu dizer que os calcanhares fossem a causa da felicidade de alguem?" diziam elles. "E' mais provavel serem os calcanhares motivo de desgraça".

E nos primeiros annos de vida de Antonio isso parecia verdadeiro.

Quando chegou a occasião de ir para a escola, os seus calcanhares o levavam para os bosques onde elle passava o dia todo.

Quando o pae tentava prendel-o para o conduzir ao collegio elle corria como um veado e desapparecia.

As cousas ficaram peores ainda quando resolveram que Antonio aprendesse o officio de seu pae — o officio de sapateiro. Ficar horas e horas assentado, com os pés unidos e immoveis era para elle mais do que um sacrificio — era um absurdo. Seu padrinho não dissera que a sua fortuna estava nos calcanhares? Como deixal-os então quietos sob uma banca de sapateiro? E Antonio abandonou, de uma vez para sempre, as gigas e as sovelas.

Na visinhança não se falava senão no desrespeito de Antonio ao seu proprio pae e no seu desamor ao trabalho. "Aquelle menino vae dar que fazer ao *seu* Jeremias", dizia um, "E o culpado é o velho Pereira com aquella mania de dizer que a sorte do menino está nos pés", dizia outro.

Foi quando o velho Pereira appareceu em casa do *seu* Jeremias para lhe dizer que o seu afilhado devia ir pelo mundo á procura de uma noiva. "Seus pés o conduzirão á felicidade, compadre.

Deixe o rapaz partir pelo mundo que elle encontrará em breve uma noiva rica, formosa e boa. E você assim ficará livre de contrariedades."

E foi assim que, em uma bella manhã de Abril, o Antonio abandonou o lar como um aventureiro audaz em busca da felicidade.

Um dia, após viagens penosas e peripecias as mais perigosas, chegou elle a um campo onde havia um grande numero de pessoas.

"Que negocio é esse?" perguntou elle a um moço que em pé sobre uma pedra dava gritos enthusiasticos.

"Ora, então você não sabe", foi a resposta, "que a linda princeza Esbelta, a filha mais velha do nosso Rei, está apostando carreira com os moços candidatos á sua mão? Ella corre como uma corça e declarou que será a esposa do homem que correr mais do que ella. Muitos principes vindos de paizes longinquos têm corrido com ella, porém, até agora, foram todos facilmente vencidos. O Rei está ancioso por vel-a casada, porque ella não se submette ás suas ordens nem ás da Rainha, e precisa portanto um marido que a domine".

"Eu a dominaria se fosse o seu marido", disse Antonio. "Mas não sei se o Rei consentirá que eu corra com a sua filha."

"Oh, certamente", respondeu o moço. "Mas você será vencido, e talvez castigado pela sua ousadia."

"Mesmo assim eu vou tentar", disse Antonio, "pois na opinião de meu padrinho sómente os meus calcanhares me poderão fazer feliz. E que felicidade maior poderia eu desejar do que ser o marido da filha do Rei?"

Antonio foi em seguida á presença do Rei e pediu-lhe permissão para apostar uma corrida com a encantadora princeza Esbelta.

"Sim, consinto", disse o Rei, pois elle já não fazia questão de que apenas principes corressem com a sua filha. "E se ganhares a carreira serás o seu esposo e tomarás parte no banquete que se realisará esta noite no palacio".

A orgulhosa princeza Esbelta torceu o nariz quando soube que o Antonio, embora filho de um sapateiro, desejava correr com ella, como candidato á sua mão.

"Que atrevimento!" disse ella. Mas tão segura estava de o vencer como havia vencido todos os principes, que resolveu conceder-lhe a honra de uma corrida.

Momentos após Antonio e a formosa princeza esperavam pelo signal "Já!" e partiram como duas flechas.

Com surpreza geral chegaram os dois ao mesmo tempo ao ponto final da pista, e não foi possivel saber-se portanto qual o vencedor.

A princeza estava desapontada. O povo dava vivas ao filho do sapateiro que podia correr tanto quanto ella.

O Rei estava contente. Antonio era um bello typo de homem, robusto e de feições energicas.

Seria portanto um optimo marido para a teimosa princeza.

"Este moço assentar-se-á ao lado da Esbelta hoje no banquete", disse elle, "e amanhã cedo farão outra corrida, e veremos se elle póde ser meu genro".

E o Antonio assentou-se ao lado da princeza no régio banquete.

E sempre que lhe dirigia a palavra ella respondia — "sim, filho do sapateiro".

Em um dado momento deixou propositalmente o seu guardanapo cahir debaixo da mesa, e lhe disse: "Apanhe meu guardanapo, filho do sapateiro."

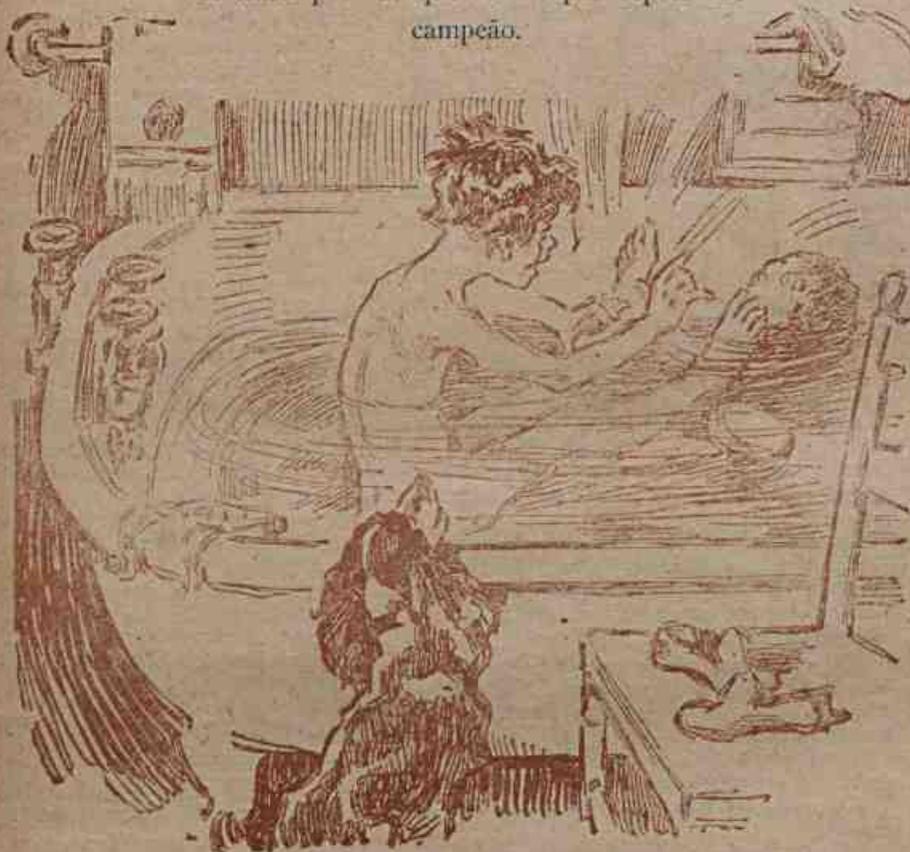
Antonio immediatamente abaixou-se para cumprir a ordem que lhe era dada.

Mas, ao entregar o guardanapo á princeza, ria-se a mais não poder.

"Por que está você rindo tanto, filho do sapateiro?", perguntou ella, em voz alta, para que todos a ouvissem.

"Eu descobri uma cousa", disse Antonio,

OS BANHOS

Pedrinho, muito teimoso e desobediente, foi um dia tomar banho no rio e ia morrendo afogado, quando Joãosinho, que vinha pela estrada o viu em perigo e mandou o seu cachorro salvar o seu amiguinho. A lição foi proveitosa porque dali em deante Pedrinho só tomava banho em casa, com todo conforto e começou a aprender o jogo de water-polo do que foi tempos depois um campeão.

O GRILLO-TOUPEIRA

O grillo-toupeira, pequenino insecto que todos os leitores conhecem atravez das devastações que causa nas hortas e jardins, é o mais habil dos cavadores de trincheiras. Tão minusculo animal perfura quasi dois metros de terra em uma hora.

✣

As aranhas são muito prolificas. Na estação propria cada femea põe de 500 a 800 ovos que, nem sempre, vingam em sua totalidade.

✣

São calculadas em cerca de dez milhões as fibras nervosas do corpo humano.

✣

— Como é isto, meu filho?... Disseram-me que actualmente és o ultimo da classe...

— Eu não tenho culpa, papae; o que era ultimo adoeceu...

✣

Nós temos o habito de jogar confetti pelo Carnaval ao ar livre nas ruas e, mesmo, nos theatros e bailes. Mas os Inglezes levam este habito até á egreja.

E como na Inglaterra tudo se paga, jogar confetti por occasião de uma cerimonia nupcial em uma egreja de Londres custa dez shillings que são justificados pelos dispendios que origina a limpeza do templo depois da cerimonia.

✣

Quando os camaleões ficam cegos perdem a faculdade de mudar de côr e ficam com a pelle de um tom negro fixo.

A princeza, ao ouvir estas palavras, ficou vermelha como uma braza.

Comprehendeu immediatamente que Antonio descobrira por que ella corria tanto.

Sim, emquanto Antonio estava abaixado sob a mesa, vira que a sola dos sapatos da princeza era de cortiça.

Ora, todos sabem que cortiça, é muito leve.

Nada de extraordinario portanto que a princeza fosse tão veloz, correndo com sapatos de sola de cortiça.

Na manhã seguinte era enorme a multidão no campo de corridas. Faziam-se apostas e davam-se vivas ao Antonio e á princeza quando o Rei, acompanhado de fidalgos e principes, chegou em um lindo carro.

Ao lado do Rei estava a bella princeza. Antonio, desde madrugada, estava no campo, á espera do momento que decidiria sua sorte.

Vendo chegar o Rei, dirigiu-se a elle, e disse: "Sómente sob uma condição correrei com a princeza. Desejo que ella corra descalça como eu."

A princeza Esbelta quasi desmaiou de pavor ao ouvir essas palavras.

"Eu não correrei sem sapatos!" gritou ella. "Os pés de uma princeza, delicados como são, não podem pisar descalços na terra."

"Pois eu concordo com o moço", disse o Rei. "Vaes correr descalça. Tira immediatamente os sapatos ou serás considerada como vencida!"

"Não tiro", gritou a princeza.

"Então eu conto o que vi", murmurou-lhe Antonio ao ouvido.

A princeza Esbelta preferia antes morrer a consentir em que todos soubessem que apenas devido aos seus sapatos ganhara ella tantas corridas.

Assim, sem uma palavra, tirou os sapatinhos brancos, embrulhou-os em um jornal e os entregou á Rainha.

Então, com as faces pallidas como cera, collocou-se ao lado de Antonio, tendo nos pés apenas meias de seda azul.

"Já!" gritou o signaleiro, e Antonio foi ao fim da pista e voltou, ligeiro como um veado.

Mas, a pobre princeza Esbelta correra apenas alguns metros; ella, sem os sapatos de sola de cortiça, corria tanto como qualquer outra moça.

"Você vae contar ao povo por que eu perdi a carreira?" perguntou ao Antonio. "Não", disse elle, "salvo se você não quizer ser a minha esposa".

"Sim, serei", disse ella, e parecia tão satisfeita que todos a julgaram feliz por se casar com o Antonio.

O Rei disse que o Antonio chamar-se-ia desde aquelle momento o "Princ'pe Alipede" e isto muito alegrou a princeza Esbelta; que seria, conseguintemente, a Princeza Alipede. Verificou-se então a prophecia do velho Pereira. Os calcanhares de Antonio deram-lhe a felicidade.

Que terão dito os visinhos do sr. Jeremias quando souberam do occorrido?

Além, muito além do monte Etna, encontra-se a morada dos Cyclopes. Nesta morada os raios eram feitos pelo deus Jupiter. Para fabricar estes raios existiam grandes fornalhas com fogos tão violentos que arrojavam dia e noite, do tope da montanha, fumaça e chammas.

Nessa epoca, o deus Apollo tinha um filho, que era um medico maravilhoso. Tão habil era elle que o grande Jupiter pensou em não deixal-o na terra. Assim, mandou-lhe, certo dia, um raio, e, quando este cahiu á terra, levou-o para o Monte Olympo, que era a morada dos deuses.

A Apollo chamavam muitas vezes — *O melhor atirador de flechas*, pela destreza com que atirava tão longe as settas do seu arco de prata.

Quando Apollo soube que seu filho fôra levado da terra, ficou furioso. Mas, não ousando proferir palavra alguma contra o todo-poderoso Jupiter, tramou uma vingança covarde. Atirou suas settas aos Cyclopes, que tinham fabricado os raios, mas que não eram os culpados da partida do filho. Jupiter, então, para castigal-o, determinou-lhe que deveria viver na terra como mortal durante um anno. Assim veiu Apollo á terra para guardar os rebanhos do rei Admetus.

Um dia, quando estava nas montanhas com suas ovelhas, ouviu um outro pastor tocando lyra. Apollo gostava muito de musica. Dirigiu-se, então ao pastor, que se chamava Jacintho, e disse:

— Sympathiso comtigo e estimo-te, Jacintho; deixa-me tocar um pouco a tua lyra.

Jacintho tambem sympathisava com Apollo e não poz objecção ao seu pedido. Quando Apollo começou a tocar, Jacintho deleitou-se com a melodia. Jámais habitante algum da terra ouvira tão doces accordes. Os passaros calavam seus gorgeios, a escutar; as abelhas e os grillos quedavam-se e o suave riacho tentava deslisar mais de mansinho para não perturbar o mavioso musico Apollo.

E, desde então, Apollo e Jacintho tornaram-se verdadeiros amigos. Andavam juntos todos os dias, e, quando suas ovelhas estavam guardadas no curral, iam á caça nas montanhas. Outras vezes pescavam nas mansas correntes ou jogavam juntos.

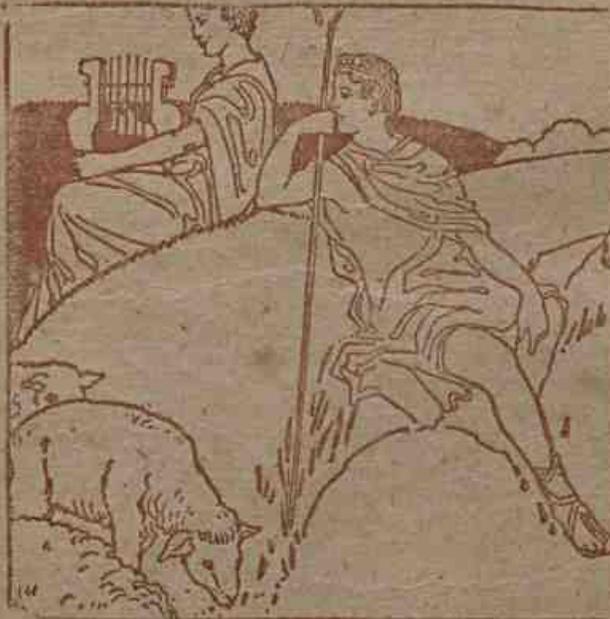
Um dia foram jogar as malhas. Ambos estavam fazendo ardorosos e attentos lances. Eram, porém, tão bons amigos que Apollo ficava alegre quando Jacintho ganhava, e este não lhe ficava atraz quando a sorte protegia Apollo. Numa das vezes, Apollo tomou o disco e jogou-o longe e alto, pois era bastante forte e habil. No ardor do jogo, Jacintho correu na frente para apanhal-o. Nessa occasião, o vento de léste, um companheiro sempre indesejavel, invejou a grande amizade que unia os dois amigos e desviou o disco, fazendo-o bater na fronte de Jacintho. Pobre Jacintho! Levou as mãos á cabeça e cahiu.

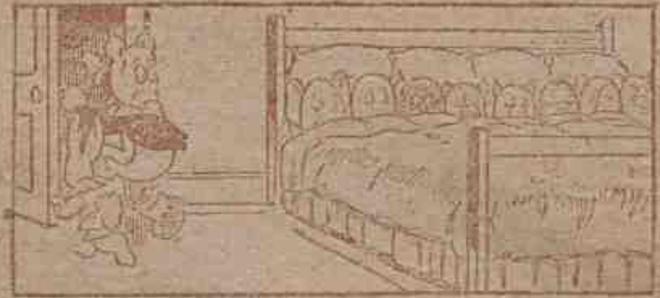
O rosto de Apollo tornou-se livido e elle todo tremia ao levantar Jacintho do solo.

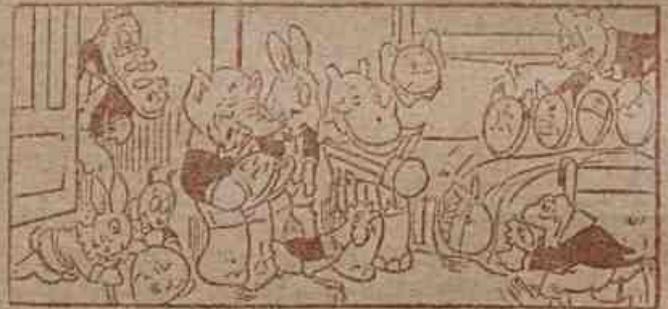
— Sentes-te mal? Dize ao teu amigo Apollo, — balbuciou elle.

Mas a cabeça de Jacintho cahiu sobre seu hombro, como uma flor que murcha quando se lhe quebra o talo. O sangue correu-lhe da ferida da fronte para o chão. Apollo chorou muito.

— Ah! Jacintho, meu querido amigo, — exclamou elle — quizera poder morrer por ti. Mas, já que me não é dado fazel-o, quero tanger minha lyra em tua honra. Podes tornar-te uma flor e mitigar meu soffrimento.

Então, o sangue que cahira da ferida ao chão não durou muito tempo, e transformou-se numa linda flor. Em honra de seu amigo, Apollo chamou-a *Jacintho*. E, desde esse dia, em todas as primaveras, o jacintho floresce de novo, em memoria da triste sorte de Jacintho, que o vento, invejoso, matou.

OS DISCIPULOS DO MESTRE CROCODILO

— *Estes meninos têm-me feito boas pilherias. Hoje é a minha vez! — dizia o mestre Crocodilo pintando feias caretas nuns ovos de Paschoa, que ia offerecer aos alumnos.*

Pouco depois Ursinho entrou com Coelhinho no dormitorio e viu os leitos occupados com oito horriveis bicharocos. — Vamos avisar os outros! — disseram, sahindo ás carreiras.

— *Ponham-se dahi para fóra! gritaram os alumnos para os dorminhócos. Não ouvem? E como não se mexessem os intrusos, todos avançaram.*

— *Que peça nos pregou o professor! gritaram então todos a rir. São ovos de Paschoa! Viva o mestre Crocodilo, vivôôô!!!*

O PEQUENO BARQUEIRO

AQUI está uma historia que parece um conto de fadas e que, sendo verdadeira, prova como na nossa epoca os mais humildes podem adquirir as maiores fortunas e como a sorte só é para as pessoas dotadas de intelligencia viva unida a uma vontade firme.

No fim do seculo passado um pequeno cultivador hollandez emigrou para a America com a sua mulher. Vivia o casal, em Staten-Island, modestamente do producto dos campos cultivados em commum, e da rendazinha que lhe dava um bote que servia para transportar os viajantes de uma margem para outra. Tiveram um filho, que nasceu em 1794: deram-lhe o nome do pae.

Aos doze annos, o pequeno Cornelio ia levar fructas e legumes ao mercado de New York e, quando teve edade para pegar nos remos, substituiu o pae no officio de barqueiro.

A familia teria vivido assim longos annos, e o nome desses modestos trabalhadores nunca teria talvez passado á posteridade se uma triste occorrencia não tivesse vindo perturbar o socego da sua existencia.

O pae morreu. Sentindo o joven Cornelio a necessidade de sustentar a mãe, pediu-lhe, dois annos depois da morte do pae, 500 francos para comprar uma embarcação maior, com a qual, continuando a transportar passageiros, carregasse tambem mercadorias a New York. Dotado de verdadeiro genio para o commercio, apesar da sua tenra edade (tinha então dezeseis annos), não se contentou só em levar mercadorias de um porto para outro, mas comprava-as para revendel-as.

Durante a guerra de 1812, abasteceu os fortes de New York, e os lucros dessa empreza permittiram-lhe comprar dois barcos á vela, cujo commando tomou. Estava o nosso barqueiro em evidencia.

Em 1850, descobrem-se as minas da California. Cornelio corre para lá, faz magnificos negocios, estabelece uma carreira de navios e linhas de estradas de ferro.

Quando morreu, em 1877, possuia 3.400 kilometros: era o "rei dos caminhos de ferro", como lhe chamavam; e deixou aos seus treze filhos setecentos e cincoenta milhões.

Seu filho mais velho, William, que herdou a maior parte da fortuna, não lhe sobreviveu muito tempo; tinha tambem sete filhos, o mais velho dos quaes havia recebido o nome do avô.

Deixou esse neto em testamento uma fortuna de cerca de um bilhão e meio, sem contar o seu palacio de New York, avaliado então em vinte e cinco milhões, e a sua *villa*, cuja edificação e mobilia tinham custado dez milhões.

Se se sommasse então a fortuna de toda a familia, montaria a mais de tres bilhões.

Esse terceiro Cornelio era um homem notavel pela sua intelligencia e audacia nos negocios; conta-se que o seu rival Gould, que deu um milhão para se construir em Paris um bazar de Caridade, possuia uma linha de caminhos de ferro que lhe fazia concorrencia. Quando Cornelio baixava as tarifas, Gould reduzia-as a preço ainda mais baixo, e o nosso Cornelio chegou a transportar um boi de Chicago a New York (1.400 kilometros) por um dollar.

Gould cessou todo o transporte desses animaes, não podendo diminuir mais os preços, mas qual não foi a surpresa de Cornelio quando soube que todos os bois que transportava eram expedidos por seu inimigo Gould, a quem fazia assim ganhar fortunas fabulosas.

Homens desta força eram feitos para se entenderem. Foi o que fizeram.

Tal é a historia da familia Vanderbilt, que deve a sua fortuna ao pequeno barqueiro do barco de passagem de Staten-Island.

ERA UMA VEZ... O QUARTO DE BÉBÉ

Neste fim de anno, cheio de esperanças, de festas, de brindes do Natal, de realisações de promessas, póde-se, não obstante tanta cousa que se agita na imaginação, pensar em decorar o quarto de bébé com todo o mundo phantastico e encantador que anima os contos de fadas.

Onde encontral-os, tódos os heróes da phantasia?

Muito perto, aqui nesta pagina. E para começar eis aqui uma idéa para o quarto de bébé em cujas paredes uma barra será pintada com todos os personagens dos contos de fadas. E ao lado dessa idéa do quarto de bébé está aqui uma graciosa suggestão para a Gata Borralheira, sentada no duro banco de páo, a um canto da cosinha, tendo por companheiro o folle com que anima as brazas do fogão, que irá fornecer calor ás irmãs orgulhosas. Cá está, tambem o Barba-Azul prestes a decapitar mais uma esposa, esse Barba-Azul cujas façanhas encheram de medo nossa imaginação. E o Gato de Botas? Tambem aqui figura, numa *pose* de *dandy*, barbas eriçadas e chapéo de plumas. A seu lado, o Chapéozinho Vermelho, em conversa com o Lobo, aquelle féio e feroz animal que a engoliu mais a avózinha a quem fôra levar o pão de centeio e o pote de mel.

Mas é longa a barra do quarto de bébé e novos heróes da infancia surgirão. O ogre, o famoso comedor de creanças, e o Pequeno Pollegar surgirão então, precedendo Riquet de Crista, a Bella Adormecida no Bosque e o principe encantador e outros, muitos outros, ainda poderão apparecer. E semelhantes personagens figurarão só na barra da parede do quarto de bébé? Não. O bom gosto de mamãe leval-os-ha ás almofadas, aos quadros, aos vidros dos armarios onde bébé guarda a roupa. E o quarto de bébé ficará maravilhoso! Bébé dormirá, crescerá com a imaginação cheia de exemplos nobres das fadas do Bem, acostumando-se a separar o bem do mal, a coragem da covardia, a exaltação, o encanto, emfim, de tão lindas historias.

LATONA E AS RÃS

"Beba agora, beba agora" — coaxam as rãs na lagoa. E que voz antipathica tem ellas, não é verdade?

Vou contar-lhes uma historia a respeito dessas horrendas creaturas.

Vivia, antigamente, na Arcadia, uma linda mulher por nome Latona. Tinha ella duas lindas creanças, uma menina de cabellos loiros como os trigaes, e um menino de olhos azues como o céo de Maio.

Essas creanças eram tão alegres quão formosas, e Jupiter, espreitando-as, um dia, do Olympo, exclamou:

— Vejo lá em baixo, na terra, uma mulher que mais parece uma deusa, taes os seus encantos, e duas creanças lindas e risonhas como o deus do amor. A menina será transformada em deusa — Diana, a deusa da lua; e o menino será Apollo, o deus do sol.

Decorreram mezes e Latona vivia feliz com suas duas creanças, mas, um dia, um de seus visinhos disse:

— Visinhos, vejam como os filhos de Latona são sadios e formosos; por que Deus lhe concedeu creanças tão lindas?

E todos os visinhos, a uma voz, exclamaram:

— Latona não póde e não deve ter creanças mais prendadas que as nossas!

Pobre Latona, como se ella fosse culpada de ter filhos immortaes! Elles assim eram por vontade de Jupiter.

E os visinhos de Latona começaram, então, a fazer-lhe toda sorte de desfeitas e desaforos; e isto a entristeceu devéras, pois ella gostava muito da Arcadia.

— Sou obrigada a mudar-me daqui, — pensou ella, tristemente.

E com as duas creanças deixou o tranquillo valle de Arcadia em busca de um novo lar.

Dias e dias passaram-se, e Latona percorria campos e montes, em busca de um logar em que lhe fosse possivel viver.

— Meu Deus! — exclamou um dia, morrerei de sêde! Morangos eu os tenho tido, e carne de cabrito para que meus filhos não morram de fome, mas eu morrerei se não encontrar uma fonte em que sacie a minha sêde!

Latona chorou e as creanças choraram.

Momentos após, pareceu-lhe ouvir vozes humanas e o murmurio de um riacho que rolasse entre cascalhos.

Latona correu a um recanto do bosque, de onde vinha o rumor, e deparou com um regato de aguas crystallinas. Com um grito de surpreza e contentamento, abaixou-se para beber agua, mas dois individuos surgiram do bosque e pularam no riacho, turvando com os pés a agua que Latona ia beber.

— Beba agora, beba agora! — gritaram os dois, ameaçadoramente.

— Que elles nunca mais saiam do lodo, — pensou Latona.

E Jupiter, que tudo via das alturas, transformou os dois malvados em rãs.

Eis porque todas as rãs, até hoje, parecem dizer: "Beba agora, beba agora".

Quanto a Latona, em breve chegou á ilha de Delos, o mais adoravel logar da terra, como vocês sabem.

Um dia, quando Diana e Apollo estavam mais crescidos, Jupiter lhes disse:

— Diana, serás, de hoje em deante, guia da lua, e Apollo guiará o carro de ouro do sol por entre os céos.

Latona sentiu-se feliz pela grande honra conferida a seus queridos filhos.

LENDA DE RAMA

Rama, o principe herdeiro, um forte
[joven,
Devia o Rei sagrar, naquelle dia.
Aguardava, com festas, o momento,
Toda a bella cidade de Ayodhya.

Entretanto cumprindo uma promessa,
Que a Kikehi fizera em era ida,
Em vez de Rama, o velho Rei corôa,
Baratha, o filho da mulher querida

Vae para longe o principe exilado;
Sita, a esposa fiel, vendo-o partir,
Com Lakshmana,um outro irmão de Rama
Do seu marido, os passos quer seguir.

Esses tres corações esperançados,
Densas florestas percorreram então,
Galgaram montes de elevadas cimos.
Com a furia bruta de qualquer leão.

Numa jangada de bambu's, cortaram
Do Yamuna, as correntes caudalosas,
Subiram ao monte de Tchitrekorita,
Cousas sublimes viram, as mais formosas.

Cedo esqueceram o exilio e extasiados,
Foram viver dos mais felizes sonhos,
Tiveram horas de prazer immenso
E. de ventura, os dias mais risonhos.

Mais não custou que, dentro da floresta,
Ravana apparecesse, o máo gigante,
Rei dos Raksharas, de poder infindo,
Dentes de féra e força exuberante,

Apaixonado pela bella Sita,
Pediu-lhe o amasse, o monstro horripilante,
Sita negou-se e eis que Ravana a rouba,
De seu formoso e tão querido amante.

O desespero e a raiva, pois, cobriram,
Rama e o irmão que se encontravam au-
sentes
Ao regressarem, não vendo Sita,
A divinal de fórmas attrahentes.

Sómente á noite elles souberam tudo;
Hanumat, filho de Marut, do Vento,
Contou-lhes que Ravana á transportara
Para Lanka, a cidade do portento.

Levou-lhes Hanumat ante Sugriva
Rei dos macacos, poderoso e fino,
Que se promptificou livrar á Sita,
D'aquella sorte, de um tão máo destino.

E foi assim que, em breve, um immensu-
ravel
Exercito de monos, commandado
Por Sugriva, seguia para Lanka,
Soberbo, fervoroso, encorajado.

Não se descreve a série de combates
Ao chegar lá o enorme batalhão.
Monos e monstros se degladiavam,
Com doida furia, com mortal paixão.

Por fim os dois rivaes ao se encontrarem
Lutaram sem cessar dias inteiros,
Até que Rama poz Ravana em terra,
Com forte dardo, em golpe mui certeiro.

Tomados de pavor, os inimigos,
Ante aquillo, fugiram de repente,
Emquanto o heroico Rama transportava,
Para o seu lado, Sita, docemente.

Voltou Rama á Ayodhya, e então Baratha,
Todo o governo ao seu irmão passou,
O principe querido de seu povo,
Que, por annos felizes, governou.

(Recife)

José L. Borges da Silva

Como a princeza Phenia se tornou linda

A princeza Phenia era a mais velha das filhas do rei, porém a menos formosa de todas.

— Tenho muita pena da Phenia, — dizia a rainha frequentemente ao rei, — ella é tão feia, tão sem attractivos !

A princeza Phenia era a primeira a conhecer a sua propria fealdade. Sua ama appellidara-a de princeza "Feiura", e a rainha jámais a levava como companhia ás festas no palacio.

Por estas e outras razões, a princeza Phenia estava sempre muito triste e isolada de todos. Passava horas e horas a mirar-se num espelho, perguntando a si mesma por que a sorte lhe fôra tão adversa.

E o peor de tudo é que, dia a dia, ella se tornava mais feia. Sua pelle enrugava-se, os olhos perdiam o brilho e os cabellos cahiam.

— E' pena ser ella a filha mais velha do rei! — dizia o povo. — Ella nunca se casará.

Bem cedo as outras tres princezas se casaram e sòmente ella continuava com o rei e a rainha: uma solteirona infeliz.

Um dia, um certo principe, Augusto Bruno, de um paiz distante, soube que o rei tinha ainda uma filha solteira e, desejando encontrar uma esposa, foi ao palacio para conhecer a Phenia.

O principe Bruno era um bello rapaz e a princeza Phenia apaixonou-se logo por elle. O principe, porém, disse francamente ao rei que não se casaria com a sua filha por ser ella muito feia.

A princeza Phenia chorou amargamente noites e noites, até que uma de suas creadas de quarto lhe disse haver uma feiticeira numa floresta não longe da cidade que era capaz de tudo neste mundo.

— Talvez ella me possa dizer o que devo fazer para me tornar bonita, — pensou a inditosa princeza. — Vou procural-a hoje mesmo.

Sem que ninguem a visse, fugiu do palacio e, na manhã seguinte, chegava a uma humilde choça, onde se encontrava a velha feiticeira, chamada Bruxa do Bosque.

A feiticeira estava preparando comida para uns animaes e a princeza approximou-se timidamente.

— Que vieste fazer aqui, minha filha? — perguntou a bruxa.

— Eu sou tão feia, — balbuciou a princeza, — e desejaria que a senhora me dissesse o que devo fazer para ficar bonita.

— Ah! exclamou a velha. — Não será muito facil. Ninguem póde ficar bello passando o dia inteiro a mirar-se no espelho como tens feito. E' preciso que possuas um bom coração. Alimenta neste inverno todos os passaros que poisarem nos jardins do palacio e farei todo o possivel para cumprir o teu desejo.

— Oh! muito agradecida! — exclamou a princeza, contente.

— Antes de mais nada, — disse a bruxa, — mira-te uma vez naquelle espelho das aguas do regato e, em seguida, no espelho que está ao lado da porta.

A pobre moça tremia ao ver no espelho as suas feições defeituosas e a pelle enrugada.

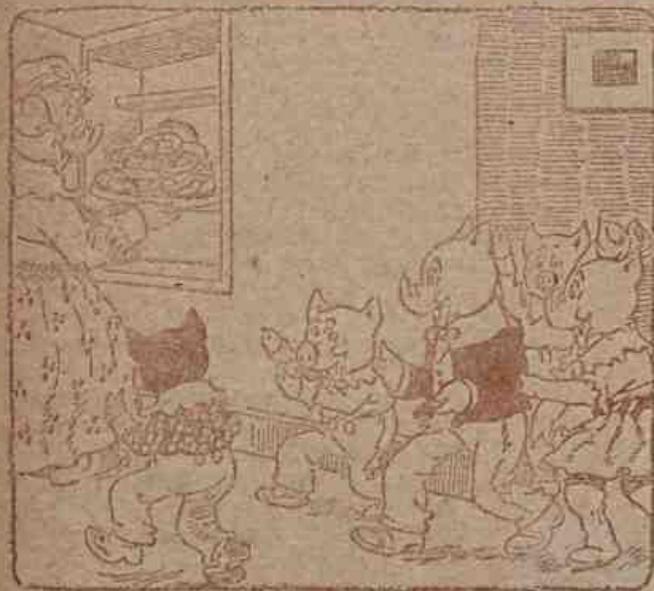
— Bem, — disse a velha, — já sabes como és feia, e, durante um anno, não te verás outra vez ao espelho. Tuas amas pentearão os teus cabellos e auxiliar-te-ão no que precisares. E agora, uma recommendação ainda tenho a fazer-te : se queres ser bella, sê boa. Todo este anno não digas uma só palavra grosseira a quem quer que seja, não pratiques um só acto reprovavel, e sê caridosa para com os pobres do reino. De outra fórma não conseguirás o que tanto almejas.

A princeza Phenia agradeceu novamente á velha e voltou para o palacio.

Por algum tempo tapava os olhos com um lenço sempre que passava perto de um espelho; quando alguem lhe dizia alguma coisa desagradavel, ella sorria apenas, como se não comprehendesse.

Em breve quasi se esquecera de que havia uns objectos chamados espelhos; e era para todas as pessoas que frequentavam o palacio, desde os nobres que compareciam ás festas até aos pobres que ali vinham implorar uma esmola, para todos, dizia eu, era ella de uma affabilidade e generosidade sem limites.

— Não sei o que se está passando com a Phenia agora, — disse uma das filhas do rei ás suas irmãs, após uma visita a seus paes. — Quando eu lhe disse: "Como vae você, solteirona ?"

DONA PORCA E SEUS PORQUINHOS

— Mamãe, mamãe, queremos ajudar-te a carregar o prato! — gritaram os porquinhos ao entrar na cozinha e ao verem Dona Porca com um prato cheio de bolos de milho.

— Pois bem, mas hão de levar a mesa tambem, e andem depressa que está na hora da merenda.

Que desillusões tiveram os porquinhos, que nem um bolo conseguiram tirar!

ella sorriu e não se zangou commigo como o fazia outr'ora.

E a rainha disse ao rei um dia:

— E' muito agradavel dar-se um passeio com a nossa filha agora; todos a elogiam tanto, e ella está, realmente, ficando linda.

Finalmente, passara-se o anno e Phenia foi, de novo, á casa da Bruxa do Bosque.

— Estarei menos feia agora, boa velhinha? — inquiriu a moça.

— Olha no espelho, — disse a feiticeira.

A princeza Phenia deu um grito de alegria ao ver o seu rosto no espelho. Seus olhos brilhavam como dois sóes, e as suas faces, de pallidas e enrugadas que eram, estavam roseas e lisas.

— Oh, muito agradecida, minha velhinha. Tu fizeste um verdadeiro milagre! — exclamou a princeza.

— Não fiz milagre algum, — retrucou a bruxa. — Tu mesma te fizeste bella. Deixaste de te preoccupar comtigo mesma e foste caridosa para com os pobres e amavel para com os ricos. Agora, volta para o palacio onde maiores venturas te esperam.

A princeza, chorando de contente, beijou a velhinha na testa e voltou para o palacio.

Poucos dias depois, o principe Bruno, a quem a princeza Phenia queria de todo o coração, procurou o rei e disse-lhe:

— Eu penso que da outra vez em que estive aqui não conheci a sua filha mais velha e sim uma outra moça qualquer, pois todos me dizem que a princeza Phenia é um verdadeiro encanto.

— A princeza Phenia é de facto a minha filha e é, realmente, encantadora, — disse o rei.

— Então eu enganei-me — disse o principe, — e desejo vel-a.

Nesse momento entrava na sala a linda princeza Phenia.

— Oh, sim! — exclamou o principe, — eu estava enganado. Desejo que a princeza Phenia seja a minha esposa.

Avaliem o contentamento de Phenia!

CASTIGADO POR SER DESOBEDIENTE

Arthur era um rapazinho muito desobediente, que não ouvia os conselhos de sua mãe, nem temia o castigo de Deus.

Ora, num domingo da Quaresma, Arthur levantou-se muito cedo e disse que ia caçar. Sua mãe, vendo-o prompto, já com a espingarda ao hombro, chamou-o e disse:

— Meu filho, não deves ir hoje caçar, porque é domingo e estamos na Quaresma, na Semana Santa! Olha que Deus te póde castigar?

— Ora, mamãe acredita que ha castigos?! Eu vou sim (respondeu elle) e pondo o chapéo na cabeça, tomou a espingarda e sahiu deixando a pobre mãe em prantos por ter um filho tão desobediente e descrente em Deus.

Arthur andou todo o dia sem matar sequer um passaro; já era quasi noite quando chegou a um grande mattagal e, cansado, sentou-se no chão. Ouviu então o canto de um enorme passaro que parecia dirigir-se para elle.

— Como hei de matar? — pensou Arthur. E engatilhou a espingarda. Mas nesse instante ouviu que o passaro dizia: Dá-me fu...mo, dá-me fu...mo! Arthur não perdeu tempo em responder:

— Vem cá que eu te darei fumo!

Esta voz que não era senão a do demonio em figura de passaro, não cessava de pedir:

— Dá-me fu...mo!

— Toma fumo! respondeu de novo Arthur! O passaro quanto mais pedia fumo mais descia para onde o chamava. Grande foi o susto do caçador quando viu aquelle enorme passaro com grande cachimbo na bocca a lhe pedir fumo sem cessar. O pobre do Arthur deu-lhe todo o fumo que tinha, mas de nada lhe valeu isso porque o passaro só em uma cachimbada devorou-o todo e tornou a pedir:

— Dá-me fu...mo! Dá-me fumo...

Não tendo mais fumo, Arthur deu-lhe o chapéo que só em uma cachimbada foi devorado. O passaro continuou a pedir fumo e Arthur deu-lhe o *paletot*, que só em uma cachimbada foi tambem devorado. Novo pedido do passaro.

— Toma lá minhas calças! — disse Arthur, pondo-as no cachimbo do passaro, que as devorou num instante.

— Dá-me fumo! gritou novamente o passaro. O caçador tirou a camisa, que tambem foi devorada. E depois as botinas que tiveram o mesmo fim que as outras peças de roupa.

— Dá-me fumo! — não cansava o passaro de repetir. Arthur não tendo mais o que lhe pôr no cachimbo começou a gritar pela mãe que lhe salvasse; o passaro então disse:

— Quando tua mãe te aconselhou a que não viesses caçar não a attendeste; agora é tarde! E passou as garras em Arthur abrindo-o de meio a meio e collocando-o no cachimbo.

. . . .

No dia seguinte a mãe de Arthur vendo que elle não apparecia foi á sua procura mas só encontrou muito longe, debaixo de enorme arvoredo, a espingarda e vestigios de que seu filho fôra ali castigado.

E assim acontece a todas as creanças desobedientes e sem crença em Deus.

(Campo Grande)

Maria da Conceição Nascimento

A PHOTOGRAPHIA

SABEMOS que a maioria dos nossos pequenos leitores deseja aprender como se fazem as photographias.

Neste rapido estudo encontrarão os processos praticos para satisfazer tão justo desejo. Antes de tratarmos da parte propriamente pratica da questão, vamos mostrar qual foi sua origem, que é interessantissima. O verdadeiro ponto de partida da arte photographica prende-se á descoberta da "camara-escura", um phenomeno curioso e muito simples. Muito mais simples do que é possivel imaginar-se. Se praticarmos um pequeno orificio na parede de um compartimento escuro, podemos observar com clareza reproduzidos na parte fronteira ao orificio os objectos collocados exteriormente, quando sufficientemente illuminados. E' commum verificar-se o phenomeno numa porta, através o orificio da fechadura, por onde a imagem passa para projectar-se no pavimento.

Roger Bacon, denominado no seculo XIII o "Doutor admiravel", foi quem, pela primeira vez observou e divulgou tão interessante phenomeno de optica. Leonardo Da Vinci, o maior de todos os artistas da sua epoca, vendo a utilidade da descoberta, applicou-a para resolver os complexos problemas da sciencia da perspectiva. A divulgação ampla e estudos completos sobre a applicação da "camara escura" são devidos, porém, a I. B. Porta, notavel physico italiano, (1541 — 1615), autor da famosa "Magia natural" e das "Refracções opticas"

Para melhor demonstração, Porta construiu uma pequena "camara escura' portatil, (Fig. 1). Pela gravura, poderão os nossos pequenos leitores comprehender perfeitamente o seu funccionamento. Vejamos: Toma-se uma caixa quadrada ou rectangular, construida em madeira ou cartão, tendo em uma das paredes um vidro fôsco (A), em frente á parede A, praticamos um orificio bem pequeno (B), e temos construida a "camara escura", perfeitamente em condições de funccionamento, que se dá da fórma seguinte: dirigimos a parte que tem o orificio para o lado em que se encontra a imagem (D), na figura 2; a imagem atravessa o orificio (C) e vae projectar-se invertida no vidro fôsco e em tamanho reduzido, (D) Fig. 2.

Fig III

Quanto menor fôr o orificio, mais nitida será a projecção da imagem, que póde ser perfeitamente observada com o auxilio do panno preto. A "camara escura" foi a precursora da machina photographica; na sua essencia ella é a mesma cousa, accrescida, porém, de melhoramentos progressivos como a objectiva e o diaphragma, que substituiram o pequeno orificio; o obturador, que faculta simultaneamente o emprego dos instantaneos e das "poses", o vigor, para centralisação das imagens; o folle, para facilitar a operação a qualquer distancia e os "chassis" para conducção das placas.

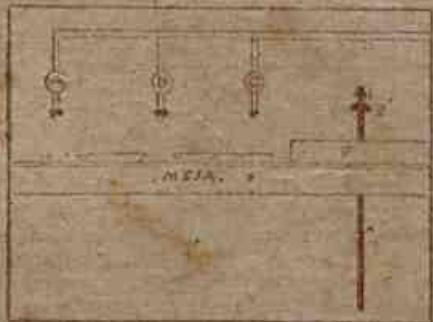



Fig. IV — Disposição interna do quarto escuro

Agora que os nossos pequenos leitores já conhecem a origem e o que é um apparelho photographico, historiemos a descoberta da photographia, que, como os nossos pequenos leitores sabem, "é a representação da imagem fixada por meio de reagentes chimicos".

Fig. V

Muito tempo depois da descoberta da "camara escura", Scheele observou que o chlorureto de prata se alterava quando exposto á luz, a sua cor branca se tornava negra, dahi a conclusão de que era possivel a reproducção de gravuras; varios inconvenientes tinha o processo, o que levou muitos individuos a estudarem sériamente o assumpto. Entre os que se dedicaram a tão complexo estudo, destacam-se: Charles, na França; Wedgwood e Davy, na Inglaterra. A gloria de tornar o assumpto ao alcance de terceiros, coube, porém, aos illustres estudiosos Niepce, Daguerre e Talbot.

Corte de uma objectiva

Niepce conseguia em 1823 fixar em uma placa de cobre a imagem de um determinado objecto; o processo para conseguir o resultado, era, entretanto, muito lento, sendo precisos mais de 10 minutos, o que impossibilitava a execução de retratos e outras imagens animadas.

Em 1839, Daguerre, revolucionou o mundo inteiro com o resultado das suas experiencias. Das suas pesquizas nasceu o Daguerrotypo, que emprestava aos retratos mais semelhança e era muito mais rapido do que o processo empregado por Niepce. Talbot veiu completar a obra dos primeiros, descobrindo o problema das placas negativas, por meio do algodão polvora combinado com o ether e o alcool, placas que ainda hoje são empregadas para determinados fins e que são conhecidas pelo nome de "placas a collodio".

Fig. VI — (F) Foco luminoso - (A) Apparelho photographico (B) Motivo a photographar

Fig. VII

Do momento da descoberta de Talbot em deante, a photographia caminhou com passos gigantescos, tanto nos fins como na manipulação, que é facillima hoje em dia. Tratemos, agora, dos meios empregados para obtermos uma placa.

Para obtermos uma placa photographica, precisamos antes de mais nada construir o laboratorio ou quarto escuro, que consta de um gabinete completamente escuro, devido á extrema sensibilidade das placas

photographicas. A "camara escura" póde ser de "chicana", como indica a figura III; na falta de espaço para a construcção da "camara de chicana", podemos adaptar um quarto, calafetando bem as juntas e os logares onde seja possivel a passagem da luz. A disposição interna do quarto escuro deve obedecer ao criterio da simplicidade, para não atordoar o principiante.

Apparelho photographico — modelo grande

O schema que os nossos pequenos leitores encontrarão junto, Fig. IV, póde orientar perfeitamente a sua construcção.

Como se vê, consta de uma mesa, uma installação electrica de tres lampadas, branca (A), vermelha (B), e amarella-laranja (C), uma torneira de chuveiro (G), uma pia (F) com escoamento (H) e as cubas (D) para a revelagem e fixagem (E). A luz branca serve para copiar as provas, a amarella para manipular os papeis e a vermelha para revelagem das placas.

Vejamos agora o emprego da machina photographica. Para bom resultado do trabalho do principiante, é de toda a conveniencia que elle tenha sempre, na occasião de "operar", as costas voltadas para o fóco luminoso como indica a figura VI; ao amador experimentado ou ao profissional, a posição do fóco luminoso não tem a menor importancia, qualquer luz é bôa, pois a experiencia garante o exito da "operação". Outra questão primordial ao principiante é a escolha dos motivos a photographar, porém muito pouco caso merece tão importante detalhe, na maioria dos casos.

De preferencia, devem ser escolhidos os assumptos com contrastes para facilitar o trabalho de copia, pois as meias-tintas representam um serio entrave ao inexperiente, — e muitas vezes, ao mais esperto profissional! — Pelo instantaneo deve principiar o amador a ensaiar os primeiros passos na photographia; é muito mais facil conseguir um razoavel instantaneo do que um cliché com pose, pois este ultimo obriga a uns tantos requisitos que só a pratica póde ensinar.

Apparelho portatil para film

E' mais do que provavel que as primeiras tentativas sejam falhas; á medida, porém, que o principiante se fór familiarisando com o manejo do apparelho photographico, os resultados irão surgindo. Uma vez apanhado o instantaneo procede-se á revelação e á fixagem da placa. Esta operação é delicada e merecedora do maximo cuidado; procede-se da fórma seguinte, dentro do quarto escuro, com auxilio da lampada vermelha: colloca-se a placa na cuba D, Fig. IV — com a gelatina para cima e derrama-se o revelador em um dos cantos, para evitar as bolhas de ar, agita-se a cuba vagarosamente e a imagem aos poucos surgirá; verifica-se que a placa está perfeitamente revelada, quando a imagem começa a apparecer da parte opposta (lado do vidro). Retira-se então do revelador, lava-se ligeiramente com o auxilio do chuveiro e colloca-se na cuba E que contém o fixador, até perder completamente o véo esbranquiçado que a cobre.

Apparelho portatil para placas

Terminada a acção fixadora, procede-se á lavagem em plena luz, em agua corrente umas poucas de horas em uma cuba apropriada (Fig. V), pondo-se em seguida a seccar.

Esta operação póde ser auxiliada pelo alcool ou ventilador, em logar onde não haja poeira, pois do contrario ficará o negativo cheio de pequenos furos, causados pelos grãos de terra. Uma vez secco o negativo, procede-se á copia por meio de uma prensa (Fig. VII); colloca-se o negativo com a gelatina para o lado de dentro e o papel de encontro á placa, de fórma que as gelatinas de ambas as partes fiquem em contacto e expõe-se á luz artificial ou natural conforme a natureza dos papeis.

Quando o papel é de luz artificial a operação de revelagem é perfeitamente identica á das placas, e quando de luz natural procede-se á viragem e fixagem, expondo-se antes ao sol.

Vejamos agora algumas formulas indispensaveis aos diversos procedimentos da photographia.

Peça para seccar as placas depois da lavagem

REVELADORES (papel)

Agua, 1.000 c.c.

Metol, 1 gramma. — Hydroquinone, 4 grammas. — Sulfito de soda, 15 grammas. — Carbonato de soda, 12 grammas. — Brom. de potassa, solução a 10 °|°, 3 c.c.

A MESMA SOLUÇÃO PARA CHAPAS

Agua, 250 c.c. — Metol, 1 gramma. — Hydroquinone, 2 grammas. — Sulfito de soda, 30 grammas. — Carbonato de soda, 15 grammas. — Carbonato de potassa, 5 grammas.

PARA USOS, MISTURAR:

Soluçao concentrada, 15 c.c. — Agua, 85 c.c. — Brom. a 10 °|°, 2 c.c.

FIXADOR

Hyposulfito, 200 grammas. — Alumen, 20 grammas. — Agua, 500 grammas.

Quando as chapas forem fracas, póde-se recorrer ao reforço, usando-se uma solução de:

Agua, 200 c. c. — Bichlorureto de mercurio, 15 grammas. Sal de cosinha, 10 grammas.

Lanterna a petroleo

Merguiha-se a chapa molhada na solução até ao completo embranquecimento, lava-se abundantemente o negativo, collocando-o depois num banho composto de:

Agua, 100 c.c. — Ammoniaco, 10 c.c.

Neste banho, o negativo retoma a sua côr primitiva, porém com os negros mais intensos; terminada a operação, lava-se a placa em agua corrente por algum tempo e deixa-se seccar. Quando, ao contrario, o negativo é muito duro e sem transparencia, póde-se tentar a sua "reducção", empregando as seguintes formulas:

A

Agua, 200 c. c. — Ferricianureto de potassio, 1 gramma.

B

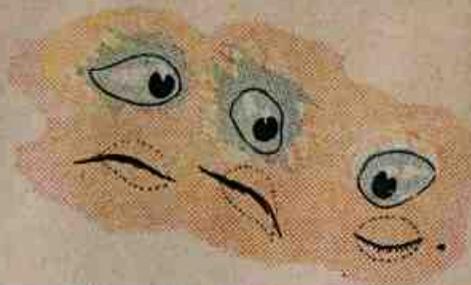
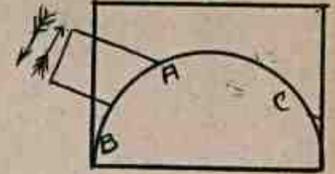
Agua, 100 c.c. — Hyposulfito de soda, 5 grammas.

Peça para cortar provas

No momento de empregar-se o banho, tomam-se partes eguaes das soluções; colloca-se o negativo na cuba (Fig. IV), tendo-se o cuidado de conserval-a sempre em movimento. A placa deve ser molhada antes de ser "reduzida" e lavada abundantemente depois da operação.

— No emprego dos papeis de luz natural, usam-se depois da "exposição" ao sol (as provas devem ser sempre copiadas em tom mais forte do que é preciso), os banhos de viragem e fixagem que já são encontrados preparados á venda. Com o auxilio das explicações que aqui deixamos, poderão os nossos pequenos leitores praticar a photographia.

ERCOLE CREMONA.

OLHADELLA

Preguem a pagina toda em cartolina e recortem as figuras I e II. Abram a canivete o branco dos olhos XX das duas caras. Depois fechem a fig. I como indica o desenho, collocando antes, dentro della, a fig. II. Puxando-se a fig. II ter-se-á um movimento de olhos das duas creaturinhas.

LEITE COM TINTA
Jones e Kate foram comprar um vidro de tinta preta e em caminho encontraram a vendedora de leite. — Vamos despejar tinta no leite? — propoz Jones.
— Vamos! — concordou Kate, que se dirigiu para a vendedora e pediu que lhe servisse uma caneca de leite.
TINTA PRETA
E emquanto a boa mulher servia leite a Kate, Jones despejava tinta no leite contido n'outra lata. A vendedora de leite quando deu pelo ardil de Jones e Kate, correu a procural-os, alcançou-os e metteu-os, como castigo, nas latas de leite. Jones e Kate nunca mais serão ardilosos.

A INSPIRAÇÃO DO PAFUNCIO

O Pafuncio acabava de matar um porco para vender aos amigos e o collocara, no porão, dentro de uma tina para pellal-o a agua fervendo.

— Joga agua fervendo! — gritou elle para a mulher que estava na cosinha. Mas, neste momento, um lobo esfomeado entrou no porão e ia devorar o porco.

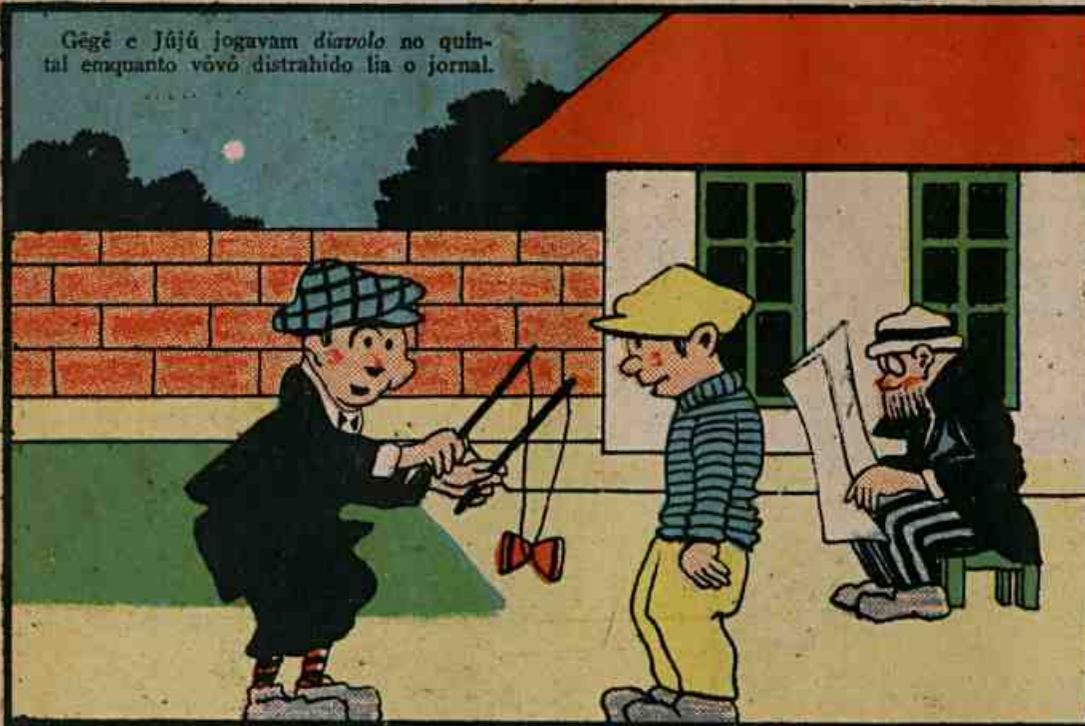
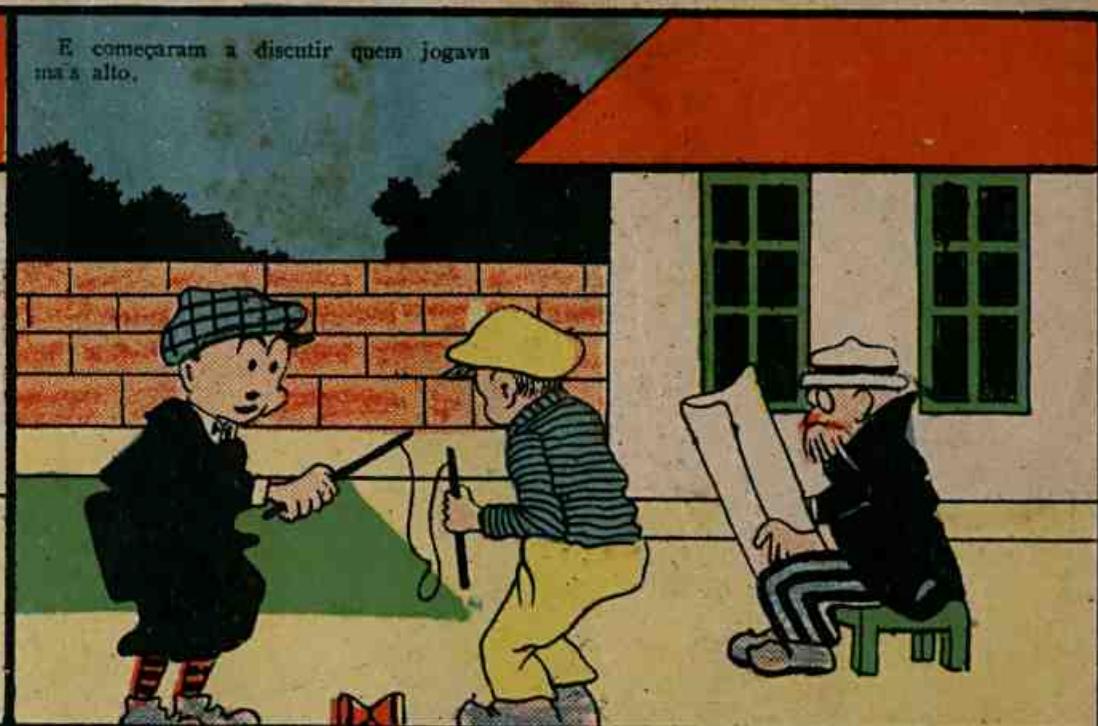
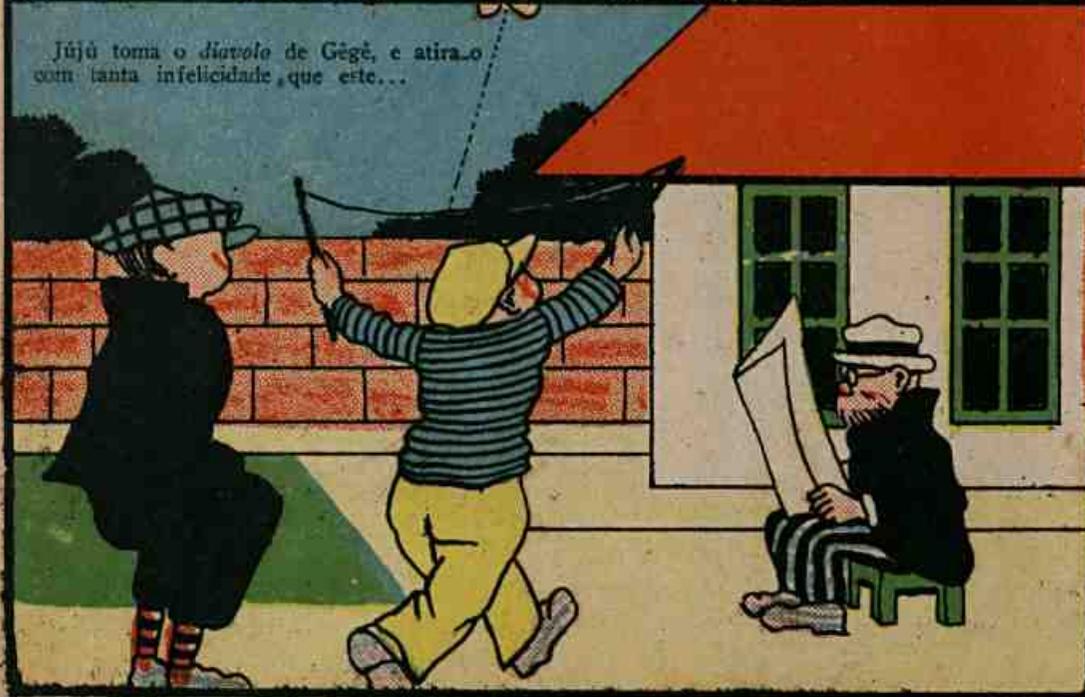
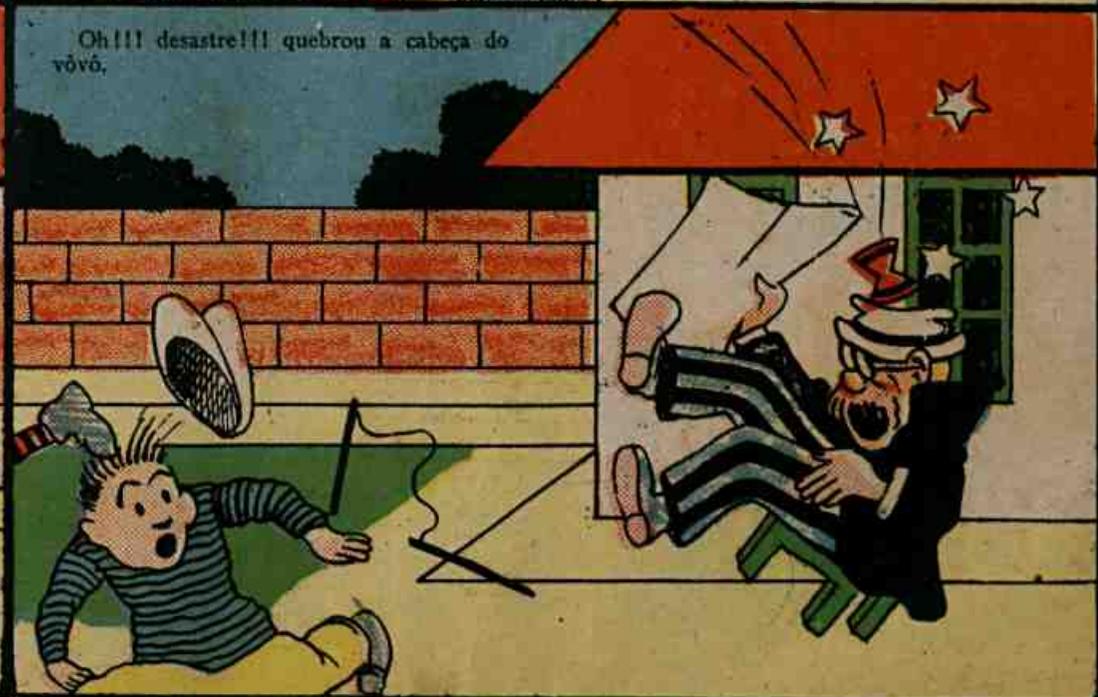
A mulher, acudindo ao appello do Pafuncio, atirou pelo alçapão um balde de agua a ferver que foi cahir sobre o lobo, que fugiu todo queimado.

Dias depois, Pafuncio foi á floresta apanhar lenha, quando lhe appareceu um bando de lobos, tendo á frente o lobo queimado que estivera em sua casa.

Pafuncio só teve tempo de subir a uma arvore, mas os lobos ficaram em baixo, dispostos a não abandonar a presa. Pafuncio teve então uma inspiração:

— Joga agua fervendo, mulher! — gritou elle. A essa voz, todos os lobos, guiados pelo lobo que se queimara em casa do Pafuncio, fugiram a bom correr. E o Pafuncio escapou da morte graças á inspiração que tivera.

Gêgê e Jújú

Gêgê e Jújú jogavam *diavolo* no quintal emquanto vôvô distrahido lia o jornal.
E começaram a discutir quem jogava ma's alto.
Jújú toma o *diavolo* de Gêgê, e atira-o com tanta infelicidade, que este...
Oh!!! desastre!!! quebrou a cabeça do vôvô.

OS TRES BOTÕES DE PRATA

Um dia a Lolota, o Pedrinho e o Lulú estavam assentados em frente á pequena casa na praia, onde moravam havia já alguns mezes. Estavam comendo uns pasteis que a cosinheira lhes dera para ficar livre dos tres que andavam a rodear o fogão. Dona Sinhá tinha ido á cidade fazer compras, e elles estavam pensando que arte deveriam fazer... para passar o tempo.

Lolota era uma linda menina de cabellos louros e tinha tres annos de edade. Era a caçula e, como todas as caçulas, a mais querida. Pedrinho tinha cinco annos e já frequentava a escola da villa. Aquelle dia, sob um pretexto de doença, ficara em casa para brincar com a Lolota. Lulú era o irmão mais velho, já quasi um homem — tinha nove annos de edade.

Emquanto estavam os tres pensativos, um velho de oculos pretos e barbas longas vinha vagarosamente pela praia e parou um instante para fitar o mar e enxugar a testa com um grande lenço vermelho. Subito, como que por encanto, desappareceu.

As creanças ficaram maravilhadas e correram para a praia. Exactamente no logar em que o velho estivera, o Lulú viu tres objectos brilhando como se fossem pequenos botões de prata.

Quiz apanhal-os, porém estavam seguros ao chão. Lolota e Pedrinho tentaram tambem arrancal-os, mas debalde.

E os tres botões começaram a rodar, a rodar, a rodar e augmentando de tamanho. Em poucos momentos estavam tão grandes como bacias.

Continuaram rodando e já eram do tamanho de rodas de automovel.

Pedrinho, o mais ousado, de um salto foi cahir no meio do disco de prata.

Lolota e Lulú fizeram o mesmo.

E que aconteceu então? Os tres botões começaram a subir, a subir sem que elles tivessem tempo e coragem de saltar á terra. E lá foram os tres — pelo espaço a fóra!

"Ui! Estou com medo", gritou a Lolota, já com os olhos cheios de lagrimas.

"Não te assustes", exclamou Pedrinho, "por emquanto não ha nada!"

"Isto é arte de alguma fada", disse Lulú. E os tres sempre subindo. Lá em baixo as casas, de tão pequenas, pareciam caixinhas de papelão, e o oceano um desses tanques de jardim.

E o doce embalo daquelle berço de prata em breve fez adormecer Pedrinho e Lolota. Lulú, porém, continuava fitando as nuvens. A principio via apenas nevoas e nevoas em torno.

A um dado momento ouviu um rumor que foi pouco a pouco augmentando e, após alguns instantes, comprehendeu de que se tratava. Uma enorme aguia pousou na borda do botão de prata. "Desculpe se o assustei", disse ella. "Uma daquellas travessas estrellas cadentes partiu tres horas antes do que devia, unicamente para ver onde tinha ido o sol, que mergulhara no oceano. Eu tive que prendel-a de novo, pois sou a inspectora do céo. Tenho sobre os hombros uma grande responsabilidade. Já estou até ficando calva de tantas preoccupações", e curvou um pouco a cabeça.

A presença daquella enorme aguia perturbou Lulú. Mas, finalmente, reanimando-se, perguntou: "A senhora sabe dizer para onde estamos indo?

Está ficando tarde, e temos que voltar para casa para tomar chá. Mamãe já deve estar afflicta."

Emquanto Lulú pronunciava essas palavras a aguia agitava as azas e ria-se tanto que despertou o Pedrinho. "Lulú, disse elle, esfregando os olhos, onde é que nós estamos?"

"Esse é meu irmão, D. Aguia, e elle tambem deseja saber para onde vamos", disse Lulú.

A aguia não se dignou responder. Voando para o lado de Pedrinho exclamou:

"E' um segredo. Queres saber? E' um grande segredo."

Sómente Lolota continuava dormindo.

Os botões ganhavam mais velocidade e a aguia pousava ora num ora noutro, dizendo palavras amaveis aos heroicos viajantes.

Lulú notou então uma coisa curiosa. Um ponto brilhante no céo foi augmentando á proporção que os botões avançavam, e, de um grão de milho que parecia a principio, era já como que um grande balão fluctuando

no espaço! Lulú disse baixinho, comsigo mesmo, — "E' a lua!" De facto era a lua, e para ella as creanças eram transportadas nos magicos botões.

Pedrinho e Lulú já avistavam uns pontos pretos na lua, que iam pouco a pouco transformando-se em portas e janellas!

Pedrinho foi o primeiro a ver um homemzinho a uma das portas, o qual parecia esperal-os. Esse homem era o presidente da Republica da Lua!

O presidente da Republica da Lua não era mais alto que o Lulú e tinha o rosto redondo como um queijo. Um sorriso constante abria-lhe os labios mostrando alvissimos dentes.

No alto da cabeça, que luzia como se fôra uma bola de prata, uma carapuça pontuda tombava de um lado para outro, a cada movimento do presidente.

Os botões pararam um instante ao lado da escada que dava accesso ao palacio da Lua, como se fossem cavallinhos ensinados.

O presidente, sempre sorrindo, tirou a Lolota do seu ninho de prata, e, dando as mãos ao Lulú e Pedrinho, disse-lhes que aquella visita lhe proporcionava muito prazer.

Em seguida, *sempre sorrindo*, pediu-lhes que subissem e entrassem para a sumptuosa sala de jantar do palacio. Os meninos notaram, porém, com muito espanto, que na sala não havia mesa, e chegaram a pensar que os habitantes da Lua tivessem o habito de comer em pé. Emquanto assim pensavam, o presidente tocou uma campainha, e no mesmo momento uma mesa de marfim foi mysteriosamente rodando como se mãos occultas a impellissem, e parou bem no centro da sala.

Certamente vocês já adivinharam que a mesa era redonda, como tudo mais que existe na Lua.

Lolota batia palmas de contente, pois sobre a mesa já estavam tres pratinhos de ouro, doces, sorvetes e lindas peras. Lulú e Pedrinho já se avisinhavam da mesa com olhos cubiçosos quando o presidente lhes disse que só poderiam tocar naquellas iguarias na hora de voltar para casa.

Imaginem como ficaram pesarosos; porém, como eram creanças bem educadas, assentaram-se em torno da mesa e esperaram pacientemente.

Lolota viu no centro da mesa um *pudding* de creme e no mesmo momento o *pudding* saltou para o seu prato. Isto causou-lhe real admiração, porém o presidente explicou-lhe que, no seu palacio, os pensamentos são logo satisfeitos, e o *pudding* pulara para o prato de Lolota porque ella desejara comel-o.

Lulú, ouvindo essas palavras, pensou em sorvete de manga e Pedrinho desejou sorvete de morango. Não é preciso dizer que o sorvete correu para os pratos dos dois gulosos, porém o presidente pediu-lhes que esperassem um pouco, pois desejava mostrar-lhes o palacio todo. Conduziu-os então para uma outra sala no andar superior, em que havia um grande espelho e uma enorme janella, ambos ovaes.

Lolota correu para mirar-se no espelho, e notou com surpresa que parecia um gigante.

Subito, emquanto Lolota e Pedrinho fitavam o espelho e o presidente corria as pesadas cortinas de velludo sobre a janella, um raio de sol foi reflectir-se bem no centro do espelho como se fôra um facho de fogo. O presidente esteve por alguns instantes pensativo e levou os meninos para a torre do palacio onde havia um enorme oculo.

Lolota, a mais curiosa, pediu-lhe licença para olhar pelo oculo, e viu então, lá em baixo, solta no espaço, uma bolinha escura.

O presidente disse-lhe que aquella bolinha era a Terra; seu irmão, que morava no Sol, tomava conta de uma metade da Terra e elle da outra metade.

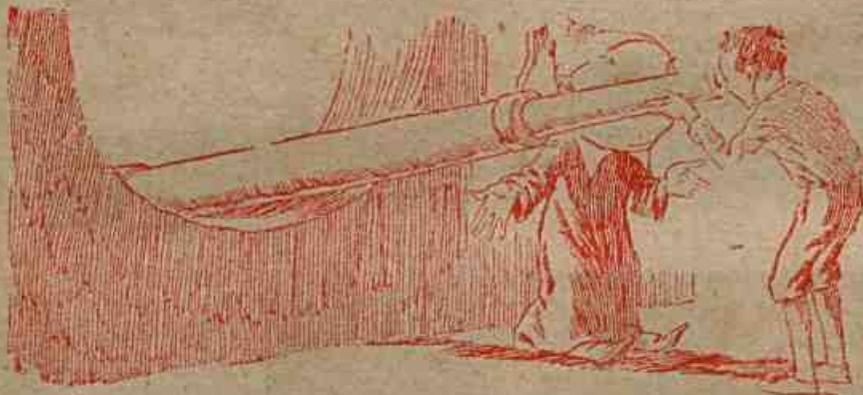
O presidente do Sol era mais moço e mais robusto, e incumbia-se de illuminar a Terra e mandar alguns raios de luz ao espelho da Lua, de onde esses raios se reflectiam na Terra á noite.

"Como sou o mais velho", dizia o presidente, "costumo de vez em quando ir visitar meu primo o Vento, que deixa então as nuvens soltas no céo. Nessas noites vocês não têm senão a luz das estrellas".

O presidente levou-os em seguida para a sala de jantar onde os tres se banquetearam. Findo o jantar, cada um recebeu uma caixinha de ouro, contendo um presente.

Lulú ganhou um apparelho magico que transformava pedras em sorvete de manga.

Pedrinho recebeu uns patins que patinavam sobre a agua. A caixinha de Lolota continha uma concha que contava as mais lindas historias.

O presidente da Lua, vendo que já passava de meia noite, collocou os meninos nos botões de prata e a prestimosa aguia conduziu-os novamente á Terra. E assim terminou essa viagem maravilhosa!

A BORRACHA

O PAPEL DE UM INSECTO NA DESCOBERTA DA BORRACHA

CHRISTOVÃO COLOMBO JA' VIRA EM HAITI BOLAS DE BORRACHA

SABEM vocês que sem a existencia de um insecto, que fura a madeira e que tanto as arvores como as plantas trepadeiras detestam, não haveria no mundo bicycletas, nem *waterproofs* nem cabos telegraphicos submarinos?

Se possuimos um dos materiaes mais maravilhosos do mundo, a borracha, é porque certas arvores e certas plantas têm o poder de se protegerem a si mesmas, contra os insectos. Que é pois a substancia admiravel, que representa tantas coisas para nós e que tão grande importancia offerece para o futuro do mundo?

E' muito simplesmente uma substancia resinosa e leitosa, que se obtem de certas arvores e certas plantas. Essas arvores existem nas florestas tropicaes humidas e quentes, onde vivem enxames de coleopteros que furam a madeira. Essas arvores, em vez de terem, como muitas outras, pellos ou espinhos para se protegerem, produzem um succo venenoso e viscoso. Assim que o insecto enterra na casca a arma, para furar a madeira, corre o succo da arvore pela abertura.

O succo mata o insecto e enche ao mesmo tempo a ferida que fez.

Se tal substancia, que corre, seccasse como barro ou mastique, se deslocaria, quando a arvore é agitada pelo vento. A ferida abrir-se-ia de novo, e os insectos poderiam de novo atacal-a; tambem os esporos dos cogumelos venenosos poderiam alli penetrar, e matariam a arvore lentamente. O succo, mesmo seccando, permanece elastico e, de qualquer modo que a arvore balance ao vento, fica no mesmo logar protegendo-a contra todos os inconvenientes que poderiam sobrevir da ferida feita pelo insecto.

Não foram os sabios europeus que descobriram que essa substancia, por meio da qual as arvores se defendem contra os insectos, podia ser util ao homem?

Christovão Colombo, em caminho para descobrir a America, viu os Haitianos brincarem com bolas feitas dessa substancia. E um viajante, Torquemada, observou ha uns quatrocentos annos, que os Indios do Mexico usavam essa substancia para tornar impermeaveis as suas roupas.

O material, que devia fazer tantos prodigios no Velho Mundo, não tinha outro emprego senão o que as creanças lhe dão ainda hoje; a borracha era apenas gomma e nada mais. Alguem havia descoberto que se podia servir della para apagar os traços de lapis sobre o papel. Custava então muito caro, 3,75 francos, um pedaço de um centimetro e meio de comprimento.

Os artistas adoptaram-na immediatamente, apesar do seu preço elevado, porque não havia cousa egual para apagar os esboços, os traços mal desenhados. Charles Mackintosh foi o primeiro que empregou a borracha para os mesmos fins que os Indios; deu-nos as primeiras capas impermeaveis, e essas capas tomaram o nome *mackintosh*, por causa do inventor. Descobriu-se então que a borracha, que, resistia á acção da agua, não deixava tambem penetrar o gaz, e que, por assim dizer, liquido algum, sem contar a agua, não podia penetral-a. Os cirurgiões serviram-se logo della para fazer tubos. Mas a maior descoberta ainda estava por fazer.

No estado natural, a borracha solidifica-se á influencia do frio, e torna-se molle e viscosa á influencia do calor. Um norte-americano, chamado Goodyear, descobriu que todas essas propriedades podiam ser mudadas se se accrescentasse enxofre á borracha derretida. Foi elle quem creou e aperfeiçoou o processo que se denomina — vulcanização.

Por meio da vulcanização póde-se transformar a borracha pura numa substancia dura chamada *ebonite*.

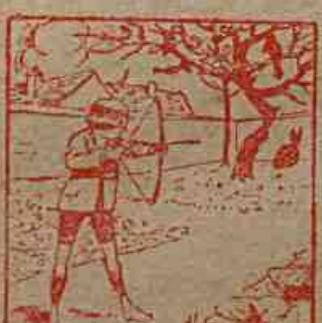
Os discos negros dos phonographos são feitos de vulcanite; egualmente as ponteiras negras dos cachimbos, as bacias para photographia, nas quaes se deitam acidos, e mil differentes objectos de que nos servimos diariamente, são feitos da mesma materia. Mas existe ainda outra fórma de borracha vulcanizada, a borracha elastica, com a qual se póde fazer tudo que se quer: revestimentos de cabos, molas para automoveis, carros, trens, tampões de porta, freios, bolas, etc.

Durante dez annos trabalhou Goodyear em aperfeiçoar o seu invento, e teve, desgraçadamente, muito que soffrer as zombarias dos seus contemporaneos. Triumphou, entretanto, de todas as amarguras, inclusive a pobreza e, no anno de 1844 conseguiu impor a sua descoberta.

Foi esse novo preparo da borracha que tornou possivel os progressos do cyclismo. Já desde muito tempo existiam os bicyclos. O revestimento de borracha, que se collocava nas rodas, era então muito estreito, e solido — cheio, como se diz. Que abalos, que trepidação nas calçadas de pedra!

Por felicidade, no ultimo quartel do seculo XIX, J. B. Dunlop, de Dublin, teve a idéa genial de fazer uma "camara de ar" na borracha das bicycletas. A experiencia foi bem succedida, e assim é que se inventaram os actuaes pneumaticos. O canudo interior é feito de borracha relativamente fina e macia. E' esse canudo que se enche de ar. O revestimento exterior é de borracha mais forte e resistente.

Apenas serve para proteger o canudo interior que se chama camara de ar, e que constitue toda a maravilha do invento. Esse pequeno canudo cheio de ar, executou talvez a maior revolução dos tempos modernos, e graças a elle, as regiões do mundo onde não penetra ainda a estrada de ferro se tornam accessiveis ao viajante.

O CORVO E O COELHO

O corvo era o maior amigo do coelho. Nunca brigaram e passavam a vida na mais completa harmonia. Os outros animaes tinham até inveja de tão solida união. O corvo gosta de vermes e bichinhos, o coelho de fructas e folhas. O coelho cavava a terra e mostrava os vermes ao corvo. Este, por sua vez, subia ás arvores e colhia fructos que atirava ao chão para o coelho os comer. Um dia estava o corvo colhendo fructos para o amigo quando appareceu um menino armado de arco. Vendo o coelho, o menino fez pontaria em direcção ao coelho. Mas o corvo salvou o amigo: sacudiu a arvore, e cahiram muitos fructos. A setta alvejara um fructo! O coelho fôra salvo pelo corvo!

Lolota ajuda a fazer um bolo

Quando a mãe de Lolota ia começar a fazer o bolo, para a sobremesa, notou que se esquecera de comprar uvas.

"Que hei de fazer agora?" perguntou á Lolota.

"Eu posso ir á casa de fructas", disse a menina, "sei perfeitamente o caminho".

"Pois sim; então vou escrever em um bilhetinho tudo que preciso. Seu pae ficará muito satisfeito por saber que você ajudou a fazer o bolo".

"Isso tambem é ajudar, mamãe?"

"Certamente, minha filha".

Lolota esperou que sua mãe escrevesse a lista. Além de fructas deveria trazer assucar e amendoas.

Collocou a lista no bolso e partiu. Devia percorrer dois quarteirões até chegar á casa de fructas que era justamente ao lado do armazem.

Ainda da porta Lolota já gritava: "Quero 250 grs. de uvas, "seu" Manoel".

Feita a compra correu ao armazem onde obteve as amendoas e o assucar.

Sempre correndo, voltou para casa.

"Aqui estão as uvas, as amendoas e o assucar, mamãe. Não precisei da lista. Sabia tudo direitinho". A' noite o pae de Lolota disse que aquelle bolo era o melhor que até então comera, e isto porque sua filhinha ajudara a fazel-o.

AS QUATRO ESTAÇÕES

Neve branca, muito branca sobre a cabeça; neve branca em volta do queixo; duas pequenas frestas do céo azul, luzente, n'uma grande rosa de petalas abertas: El-rei Tempo. Ao lado seu — subditos fieis e amantes — dois reisinhos e duas rainhasinhas.

E disse el-rei Tempo: "Vós quatro reinareis successivamente: governae, pois, com acerto e prudencia."

E os quatro pequenos soberanos partiram.

✣

Voltou a rainhasinha Primavera com um formoso manto de flôres: "Que triste que estava o mundo! Nem um raio de sol, nem um sorriso de creanças! Voei sobre os campos, pousei sobre os troncos mortos, fui muncia feliz de alegria, e então pela terra estenderam as flôres o seu primoroso matiz; sussurraram gratas as fontes, cobriram-se as arvores de verde pompa, e a creançada correu jubilosamente pelos parques. O mundo é feliz."

Voltou a rainhasinha Estio: um loiro raio de sol lhe tinha bronzeado o rosto, e uma corôa de espigas maduras lhe adornava a fronte. E disse: "Nas planicies bate-se o trigo; em breve hão de encher-se os celleiros: todos terão pão; a alegria da formosa Primavera inunda os corações: trabalha-se e canta-se; o bem-estar e a felicidade entrelaçam as mãos."

El-rei Tempo disse: "Amar-vos-ha o mundo".

Voltou o rei Outomno: orlava sua fronte uma grinalda de pampanos; suspenso de um braço trazia um cesto resplandecente dos mais ricos matizes, uma gamma completa de côres: fructa, fructa e sempre fructa. E o reisinho disse: "Nos campos ferve a vindima; nos valles entoam-se bacchicas canções: dei ao mundo o vinho doce, que fez olvidar angustias e dores."

El-rei Tempo disse: "Se o mundo fôr prudente, receberá de ti muitos beneficios".

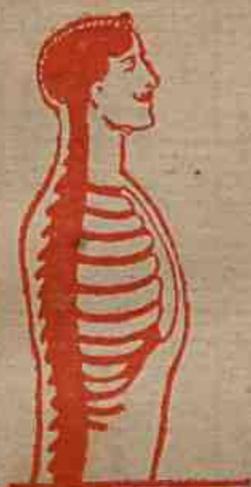
Regressou o reisinho Inverno, e assim fallou: "Cobri tudo de branco; esparzi neve, neve, neve. Quanta candura! Quão formoso é o mundo!"

El-rei Tempo disse: "Não basta a belleza: o mundo é bello, porém os infelizes soffrem: o manto candido póde ser portador da morte ás creancinhas e aos desgraçados; não póde reinar só a belleza onde se escutam soluços."

E mais disse El-rei Tempo: "Reinareis na terra; mas sêde prudentes. Primavera, recorda que a muita alegria entristece; não esqueças, Estio, que a muita riqueza endurece os corações; tem sempre na memoria, Outomno, que a muita doçura nos faz insensiveis ás dôres dos outros; e tu, sobretudo, Inverno, lembra-te que a belleza só, é perigosa, se não andar unida á bondade e ao amor."

E a rainhasinha Primavera, de novo caminhou na frente; voou, a tecer ramos, a reverdecer plantas e a consolar dôres; a suscitar alegrias e esperanças.

JULIA CORRIANI.

CORRIGI A COLUMNA VERTEBRAL!

A espinha dorsal deve ter a posição recta da gravura junto

O habito pernicioso de muita gente não trazer o busto erecto, firme, produz, entre outros males de grande vulto, o de curvar a espinha dorsal.

Tal deformação, uma vez adquirida, é uma porta aberta a todas as doenças.

Os primeiros a serem atacados são os orgãos respiratorios: a bronchite, asthma e a tuberculose fazem alli o seu campo de operações e de devastação.

O estomago e os intestinos tornam-se desse modo o ponto de partida de um numero infinito de perturbações organicas, indigestões, constipações, appendicite, etc. E o caracter resente-se disso tanto como o physico. A melancholia, a neurasthenia, o tedio da vida, o mau humor em geral, são os principaes caracteristicos das *espinhas curvas*.

Que é, pois, necessario para endireitar a espinha arredondada? *A vontade*. E' o melhor endireitador e o cerebro o melhor conselheiro. Um esforço energico da vontade e a columna vertebral endireita-se immediatamente, comtanto que se queira com firmeza. Diga com energia *quero* e o milagre se fará.

A vontade deve ser a primeira faculdade que os professores de cultura physica devem despertar e estimular nos seus discipulos para obter bons resultados.

Ha um excellente apparelho para endireitar a columna vertebral e que dá optimos resultados em todas as escolas de cultura physica. Chama-se o *redresseur* que permitte um endireitamento energico da região dorsal, lombar e cervical.

A espinha curva approxima a primeira da ultima costella, encova o thorax, empina a barriga e perturba as funcções de todos os orgãos do apparelho digestivo

Elle é recommendado sobre tudo aos paes que têm filhos com a espinha curva. N'um mez, com esse apparelho, usado racionalmente, obterão excellentes resultados. Esse apparelho póde prestar grandes serviços, pois, por mais que os paes admoestem o rapaz, ordenando que endireite as costas, se os seus musculos não se quizerem endireitar por si mesmos, elle fica direito um instante para logo recahir na posição preferida. O apparelho citado, ao contrario, vae gradualmente obrigando os musculos a se distenderem, forçando o corpo a habituar-se á posição vertical.

ANIMAES INDOLENTES — A PREGUIÇA

Não pensem os nossos leitores que vamos fallar da preguiça, terrivel habito de alguns meninos que não gostam de estudar ou trabalhar; não. Vamos nos referir a um animal, muito parecido com o macaco. Essa especie de macaco, a que se dá o nome de "preguiça", é scientificamente chamada *bradypos* pelos sabios.

E é muito bem denominada porque a palavra *bradypos* quer dizer *pés lentos* e a preguiça é um animal que nunca tem pressa, é o ser mais indolente do mundo. São muito curiosas as preguiças: passam a vida em certas arvores cujas folhas lhes servem de alimento. O modo por que habitam as arvores é que as torna singulares. Ellas andam suspensas nos galhos do arvoredo escolhido para moradia, as costas voltadas para a terra e os braços, muito longos e terminados por compridas unhas, abraçando os galhos.

A PREGUIÇA — Animal indolente

E' dessa maneira que as preguiças dormem, penduradas a um galho, como um chapéo de sol pendurado a um cabide.

Muita gente, ante a indolencia de taes animaes, diz serem elles tão preguiçosos que passam toda a existencia na mesma arvore e que quando esta não tem mais folhas que lhes sirvam para alimentação, deixam-se cahir ao chão, só para evitar o trabalho de descer.

Parece-nos tal cousa um pouco exaggerada. Os *bradypos* raramente descem da arvore que lhes serve de morada — porque não bebem agua e sua conformação physica não lhes permitte andar no chão senão com extraordinaria lentidão e assim mesmo, ora para frente, ora para traz.

Quando acontece cahirem de uma arvore, as preguiças, que são pouco maiores do que um gato, ficam de barriga para o ar, agitando vagarosamente as patas, procurando instinctivamente agarrar-se a um galho.

E' nessa occasião que se as caça. Estende-se-lhes um pau, uma vara grossa e a elle se agarram as preguiças, não o deixando mais. Por sua indolencia, as preguiças não devem merecer a admiração dos homens.

✣ ✣ ✣

Perguntando-se a Antisthenes qual o proveito que tirara da philosophia, respondeu: "Ensinou-me a viver commigo".

ALMANACH DO TICO-TICO — 1921
A CONSULTA (Duetto-parodia) — Musica e versos de Eustorgio Wanderley
All.º
f
ad lib.
Meu dou_tor
p
Ella:
Eu o man_dei cha_mar
Pra o se_nhor
Um re_me_dio me
dar
Faz fa_ vor
Elle:
de di_zer o que tem
Pa_ra eu ver
Que re_me_dio con_vem
Dóe-me a.
Ella:
ELLA: — doente imaginaria
ELLE: — medico imaginoso.
ELLA: — (Indo receber o medico que entra):
Meu doutor,
Eu o mandei chamar
P'ra o senhor
Um remedio me dar...
ELLE: — Faz favor
De dizer o que tem,
Para eu ver
Que remedio convem.
ELLA: — (Pondo a mão na cabeça, no peito, etc):
Dóe-me aqui... e dóe-me cá,
Cousa egual assim não ha.
Dóe-me a perna... e dóe-me o pé,
E eu não sei o que isto é.
ELLE: — (Meneando a cabeça como entendido)
Hum, hum, hum, hum, (Bis)
Com certeza seu mal é nervoso,
E é difficil de todo o tratar;
Entretanto, um remedio gostoso,
Vou agora já lhe receitar,

ELLA: — Com certeza meu mal é nervoso
E é difficil de todo o tratar;
Entretanto, um remedio gostoso
Vae agora já me receitar?...

II

ELLE: — (*Escrevendo com uma caneta automatica em um bloco de papel que tira do bolso*):
Prescrevi
Um remedio efficaz,
Como aqui
Outro egual não se faz.

ELLA: — Diga, então,
Como o hei de tomar,
Pois, eu não
Quero me envenenar.

ELLE: — Tome, sem receio ter,
De nenhum mal lhe fazer,
Meio vidro ao despertar,
E outro meio ao se deitar.

ELLA: — (*Quasi chorando*):
Ah! Ah! Ah! Ah! (*Bis*).
'Stou com medo de um remedio assim,
Que, talvez, possa até me matar;
Com certeza tem gosto ruim,
E' azedo, ou é capaz de amargar.

ELLE: — (*Rindo e imitando-a*)
'Stá com medo de um remedio assim,
Que talvez possa até lhe matar?...
Com certeza tem gosto ruim;
E' azedo, ou é capaz de amargar...

III

ELLA: — E' melhor
Para mim, bem se vê,
Que o doutor
Outra cousa me dê.

ELLE: — Vá, então,
Sem remedio tomar,
No verão,
Viver á beira-mar.

ELLA: — (*Muito contente, batendo palmas*):
Isto sim, que bom que é,
Tomar banhos na maré!...
Ha de ver que vou ficar
Muito forte, e me curar.

ELLE: — (*Concordando, satisfeito*):
Oh! Oh! Oh! Oh! (*Bis*)
Si quizer eu tambem posso ir
Sua cura, assim, acompanhar;
E haveremos de nos divertir,
Sem que a conta lhe mande tirar...

ELLA: — Si quizer o doutor pode vir
Minha cura assim acompanhar;

JUNTOS: — E haveremos de nos divertir
Sem que a conta um de nós vá tirar.
(*Sahem, de braço dado, pulando alegremente*).

O SABIÁ DO SULTÃO

O palacio do sultão da Turquia era magnifico, todo da mais fina porcellana, mas ao mesmo tempo tão facil de quebrar, que nem se lhe podia bulir.

Viam-se as mais lindas flôres no jardim, tamanho, que nem o proprio jardineiro sabia até onde chegava.

Entre os ramos das arvores vivia um sabiá, que cantava lindamente.

Vinham viajantes de todas as partes do mundo, e todos admiravam a cidade, o palacio e o jardim; mas quando ouviam cantar o sabiá, todos diziam: "Isto é o melhor de tudo!"

— "Que será isto!" disse o sultão, "nunca ouvi fallar em sabiá! Haverá semelhante passaro nos meus reinos, e, ainda mais, no meu jardim?"

Chamou pelo seu camarista.

— "Olhae; contam que ha cá um curioso passaro, chamado sabiá", disse-lhe, "e que é a melhor cousa que eu tenho no meu imperio; por que não me disseram isso ha mais tempo?"

— "Nunca ouvi fallar d'elle até agora", respondeu o camarista.

— "Pois é da minha vontade que elle venha cá, e cante na minha presença hoje mesmo. Todo o mundo ha de saber o que eu tenho, e eu não o hei de saber!"

"Nunca até hoje ouvi fallar nelle", repetiu o camarista, "mas vou procural-o".

Mas onde se havia de procurar o sabiá?

Nem uma só das pessoas que encontrava lhe sabia dizer aonde se acharia o sabiá.

Por fim encontrou uma pobre rapariga, ajudante de cosinha, que disse: — "O sabiá? ah eu bem sei d'elle! Como elle canta! todas as noites, quando vou levar á minha pobre mãe, que está doente, os sobejos da mesa (ella vive lá ao pé da praia) ouço-o; e quando torno a vir, paro um bocadinho na floresta para o ouvir; faz-me vir as lagrimas aos olhos; parece que sinto minha mãe beijar-me!"

E lá foram todos juntos e quasi toda a côrte á floresta.

Emquanto caminhavam, começou uma vacca a mugir.

— "Ah!" disse um dos pagens da côrte "lá está a cantar! que força tem na voz! é na realidade extraordinaria, para tão pequeno animal! estou certo de já o ter ouvido uma vez".

— "Nada, isto são as vacas a mugirem", disse a rapariga, "ainda estamos muito longe do logar.

Começaram as rãs a grasnar no lamaçal.

"Bellissimo!" disse o mestre de cerimonias da côrte, "já ouço, parecem sinos de egreja ao longe!"

— "Nada, isso são as rãs a vozearem", disse a ajudanta de cosinha, "mas agora brevemente o ouvireis."

Começou o sabiá a cantar.

— "Lá está elle!" disse a rapariga, "escutae, escutae! lá está pousado!" accrescentou, apontando para um passarinho de côr cinzenta, que havia pousado em um ramo.

— "E' possivel!" disse o camarista, "eu não pensava que elle fosse assim! tem um ar tão tolo! de certo que mudou de côr á vista de tantos personagens importantes.

— "Sabiá!" disse a rapariga bem alto, "o sultão quer que vás cantar na presença d'elle."

— "Com muito gosto", respondeu o sabiá, e pôz-se a cantar, arrebatando a todos que o ouviam.

✣

Que alvoroço ia no palacio! não cuidavam senão em adornal-o para a festividade; as paredes e os soalhos, todos de porcellana, resplandeciam com milhares de lampeões de ouro.

No meio do grande salão, aonde se achava o sultão, estava preparado um poleiro de ouro.

E o sabiá cantou tão lindamente, que vieram as lagrimas aos olhos do sultão.

Em toda a cidade não se fallava senão do maravilhoso passaro. Um dia chegou á côrte um grande embrulho para o sultão.

Era um sabiá artificial, movido por mechanismo, que parecia vivo, porém todo coberto de diamantes, rubins e saphiras. Dava-se corda ao passaro, e estão cantava uma só das cantigas do verdadeiro, mas movia sempre o rabo, e resplandecia de ouro e prata

— "Isto é que é magnifico!" exclamaram todos.

E então mandaram que cantasse só o artificial. Teve exactamente o mesmo triumpho que o verdadeiro; e era muito mais bonito, porque resplandecia.

Trinta vezes cantou elle a mesma moda, e ainda não cansava. Todos queriam ouvil-o ainda mais uma vez do principio até o fim, mas disse o sultão, que d'esta vez devia cantar o verdadeiro.

Porém onde estava elle! ninguem o tinha visto sahir pela janella aberta e voar lá para a sua querida floresta.

O passaro artificial tinha o seu logar em uma almofada de seda, junto á cama do sultão; e todos os presentes que se lhe mandavam, ouro e joias, estavam ao pé d'elle; e tinha o logar de *cantor do quarto de dormir imperial.*

Assim se passou um anno.

Mas uma tarde, quando cantava o passaro artificial, e o sultão encostado na sua cama o ouvia, "traz!" foi alguma cousa lá no interior do passaro: correram-se as rodinhas todas; ouviu-se um "brrrrrrr!" e cessou a musica!

O soberano saltou muito depressa da cama e mandou vir o seu medico; mas que bem podia elle fazer? Em seguida mandou vir o relojoeiro; e este, depois de examinar muito o passaro, sempre lhe deu algum remedio: mas disse que era preciso ter muita cautella com elle, porque já estavam muito usadas as rodinhas do mechanismo, e não se podiam renovar, ao menos para que cantasse com acerto.

Ah! que lamentações se não faziam! Só uma vez por anno é que ousavam dar corda ao passaro e fazel-o cantar, e mesmo assim custava.

✣

Tinham passado cinco annos, e d'esta vez as lamentações eram verdadeiras; porque na realidade todos amavam muito o sultão.

Estava elle muito doente, e dizia-se que não escaparia.

O pobre monarcha mal podia respirar; parecia-lhe que sentia pesar-lhe sobre o peito alguma cousa; abriu os olhos, e viu que era a *morte* que estava sentada sobre o seu peito, tendo na cabeça a sua coróa de ouro; em uma das mãos tinha a grande bandeira imperial, e na outra um sabre de ouro; e todo ao redor, por entre as dobras das grandes cortinas de velludo, viam-se as caras mais extraordinarias que se podem imaginar; umas eram feias que mettiam terror, e outras eram lindas e meigas. Eram as más e as boas obras do sultão, que agora, que tinha a *morte* pesando-lhe sobre o coração, o encaravam.

— "Musica! musica!" gritava, "oh querido passarinho artificial, cantae! oh cantae! tenho-vos dado ouro e joias; cantae! oh cantae!"

Mas o passaro conservava-se quêdo e mudo; porque não tinha quem lhe désse corda, e sem isto não podia cantar; e a *morte* sempre fitando o soberano com os seus olhos encovados.

De repente ouviu-se perto da janella um canto tão doce, tão lindo.

Era o sabiá vivo, que estava pousado em um ramo lá fóra. Elle tinha ouvido contar da doença, e vinha cantar-lhe e trazer-lhe a esperança e a consolação; e, emquanto cantava, iam desapparecendo as caras e desvanecendo-se pouco a pouco; o sangue corria mais ligeiro pelos membros enfraquecidos do sultão, e até a *morte* ouvia e dizia: — "Continuae e continuae!"!

— "Oh! como te agradeço, passarinho do céo! bem te conheço; mandei-te banir do meu reino, e mesmo assim vieste desvanecer com o teu canto as terriveis lembranças de ao pé da minha cama, e a *morte* sahiu de cima do meu coração; como te recompensarei!"

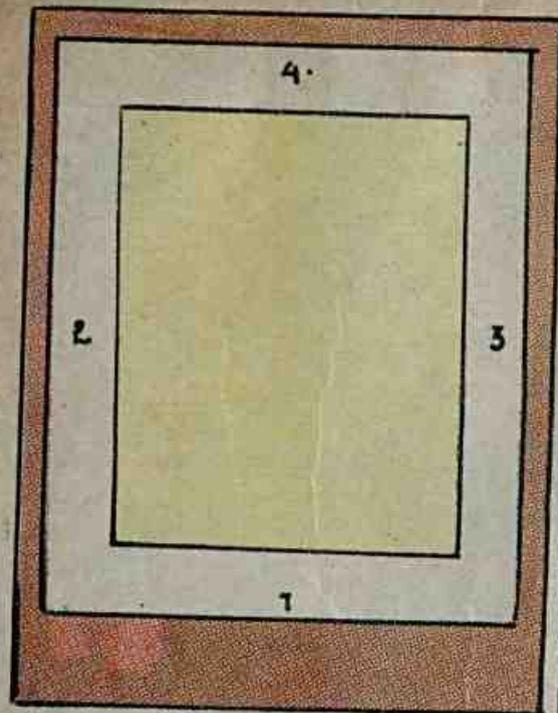
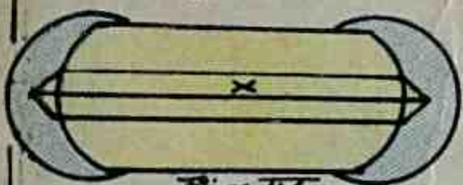
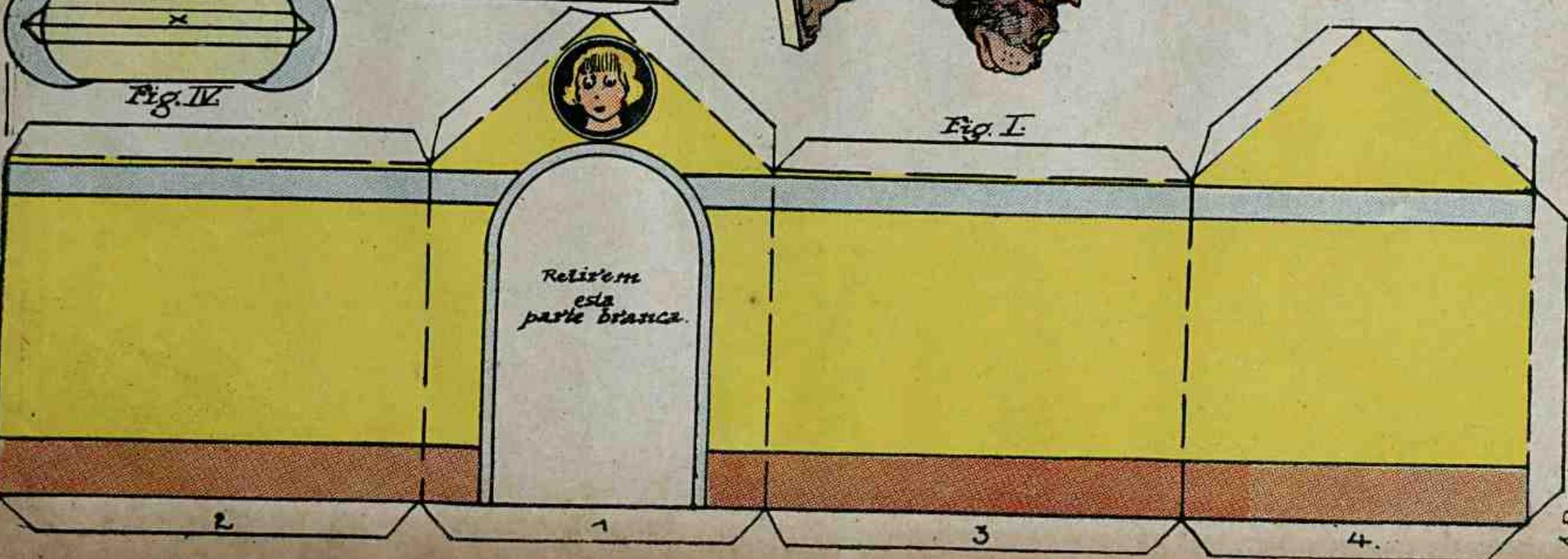
E elle cantou, e o sultão cahiu em profundo somno; mas oh! como era doce, socegado e restaurador aquelle somno!

Entrava o sol pela janella quando acordou com a saude e as forças recobradas.

E o sabiá abriu as azas e voou.

E nisto entraram os creados que vinham vêr o seu defunto senhor.

Entraram: e o sultão disse-lhes: — "Bons dias!"

Jagunço proprietario

Jagunço não paga aluguel de casa, está livre do feroz senhorio.

Preguem tudo em cartolina e recortem a canivete. A fig. III representa o alicerce da casa sobre o qual se pregará pela numeração 1, 2, 3 e 4. Dobrem depois as barras brancas e sobre ellas collem o telhado (fig. II). Antes, porém, retirem a parte branca da porta. Depois preguem o proprietario (fig. V) a frente com as costas e pelas lettras XX preguem a fig. IV.

Abrigado do tempo, em cima de aparador, o illustre proprietario viverá muitos annos em doce paz.

Fig. III.

Fig. IV.

Fig. V.

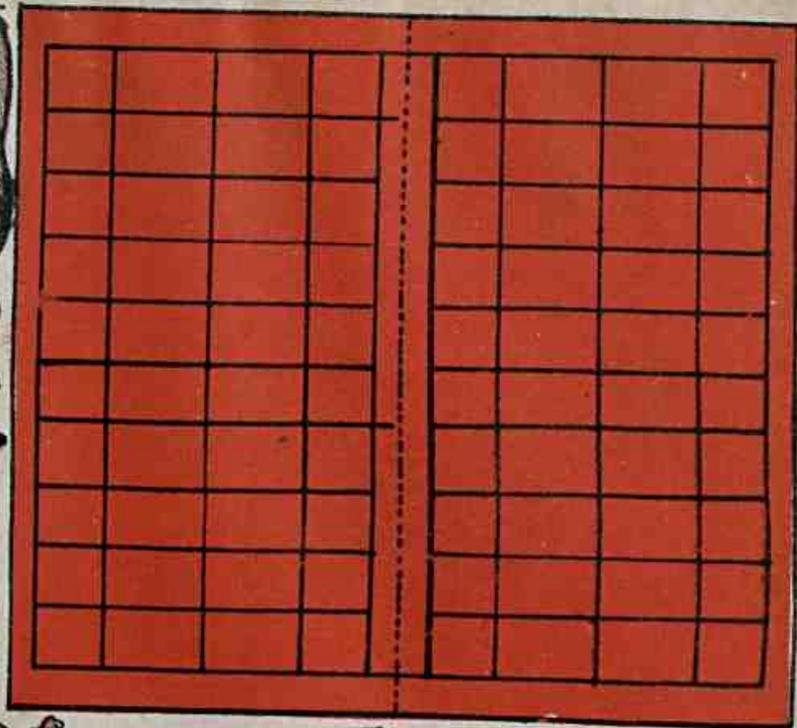
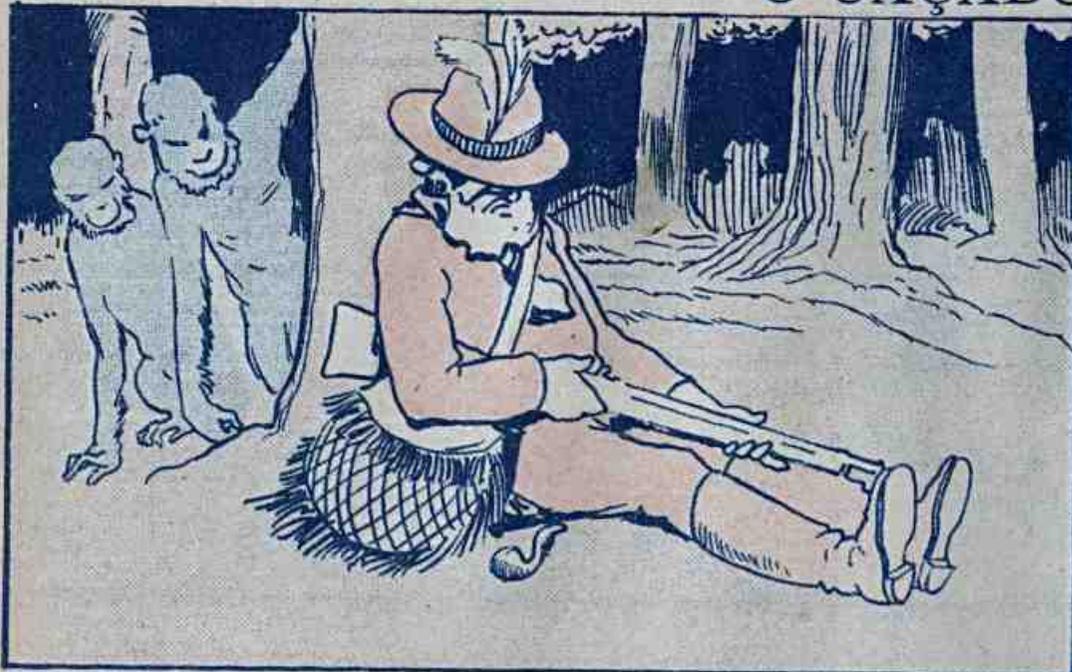
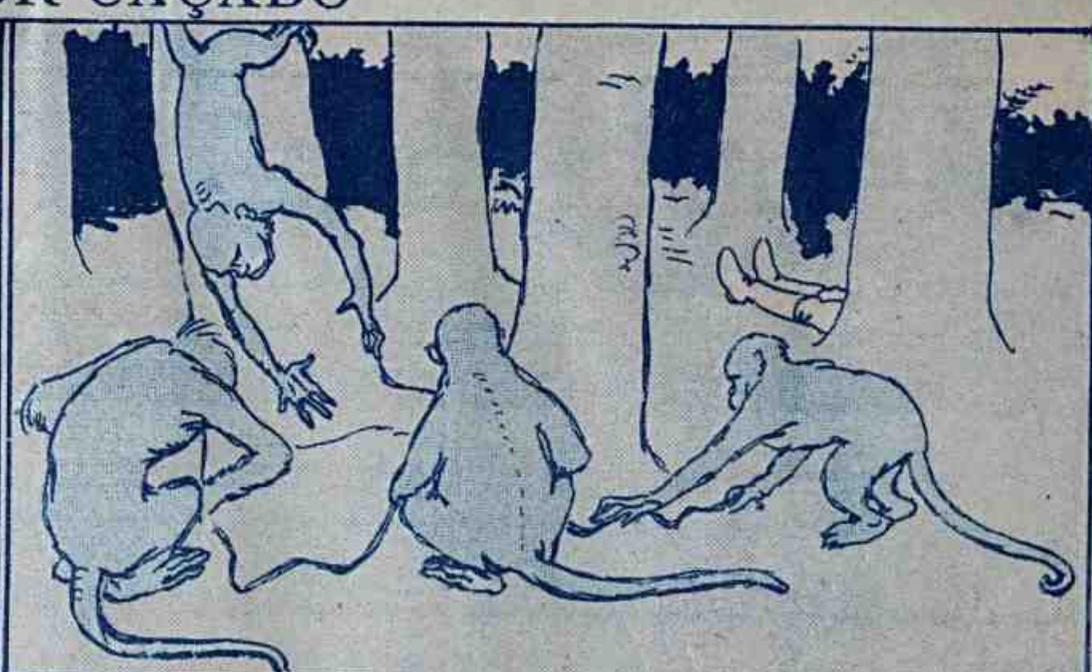
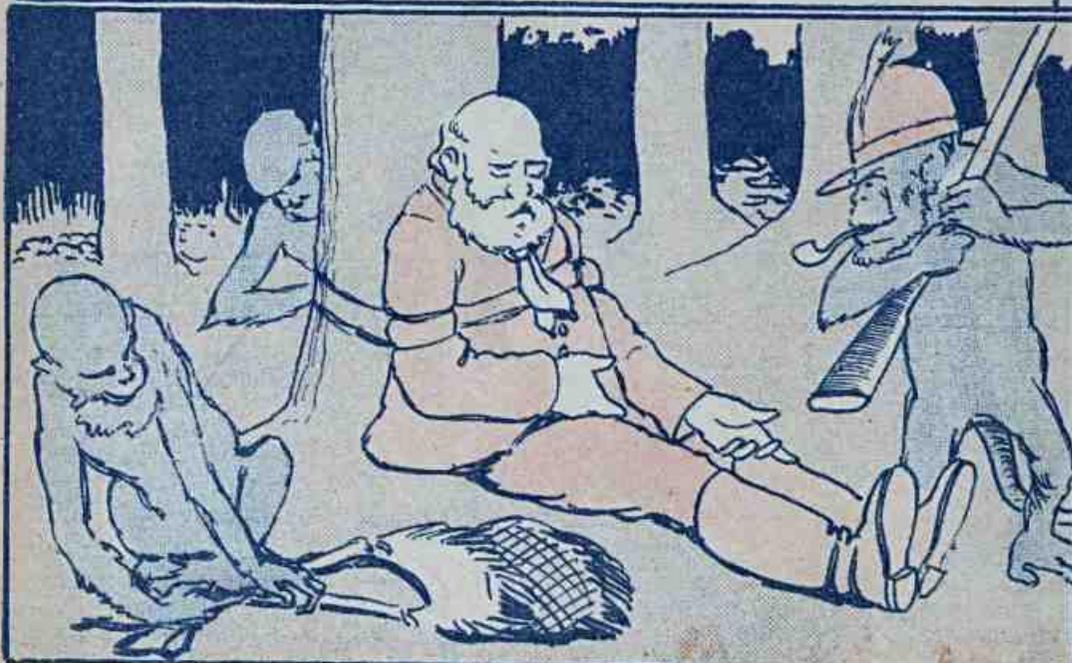
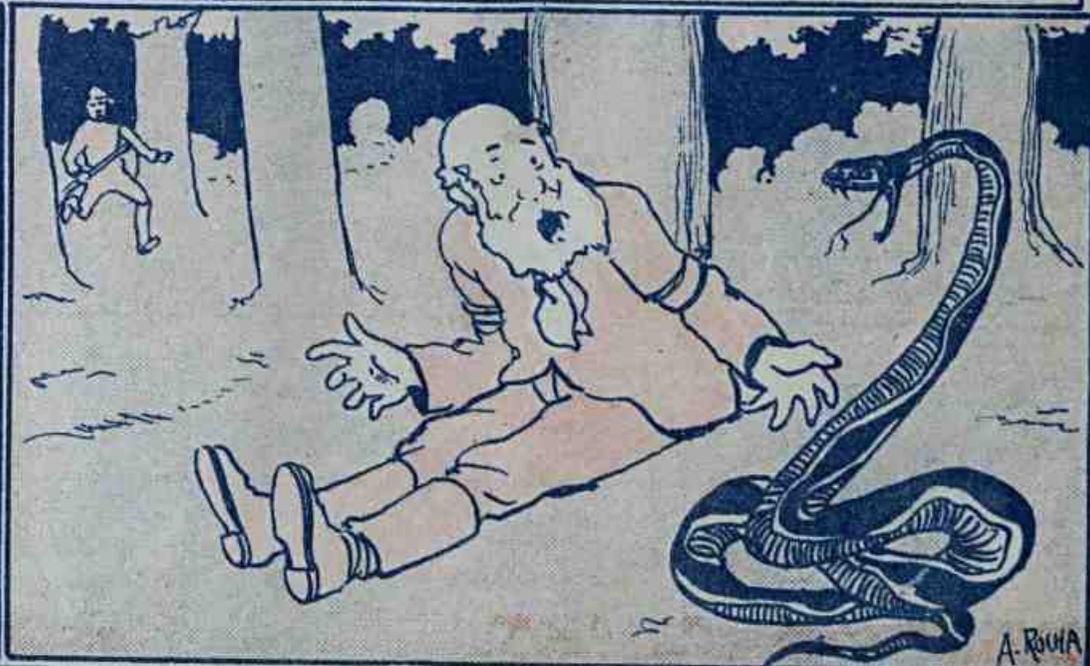
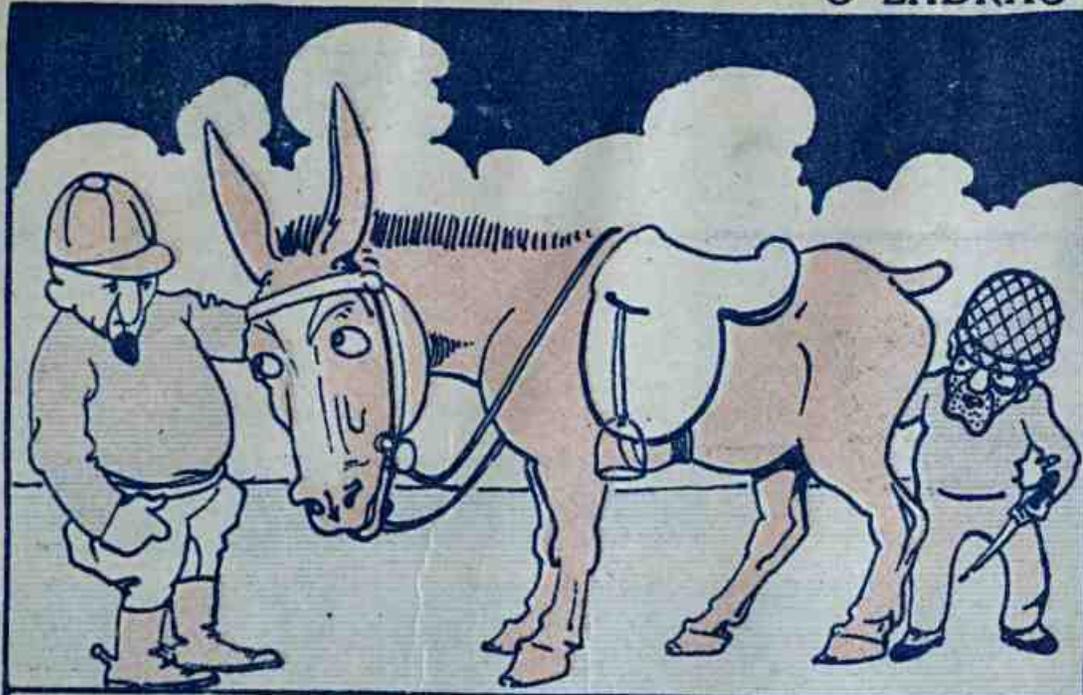
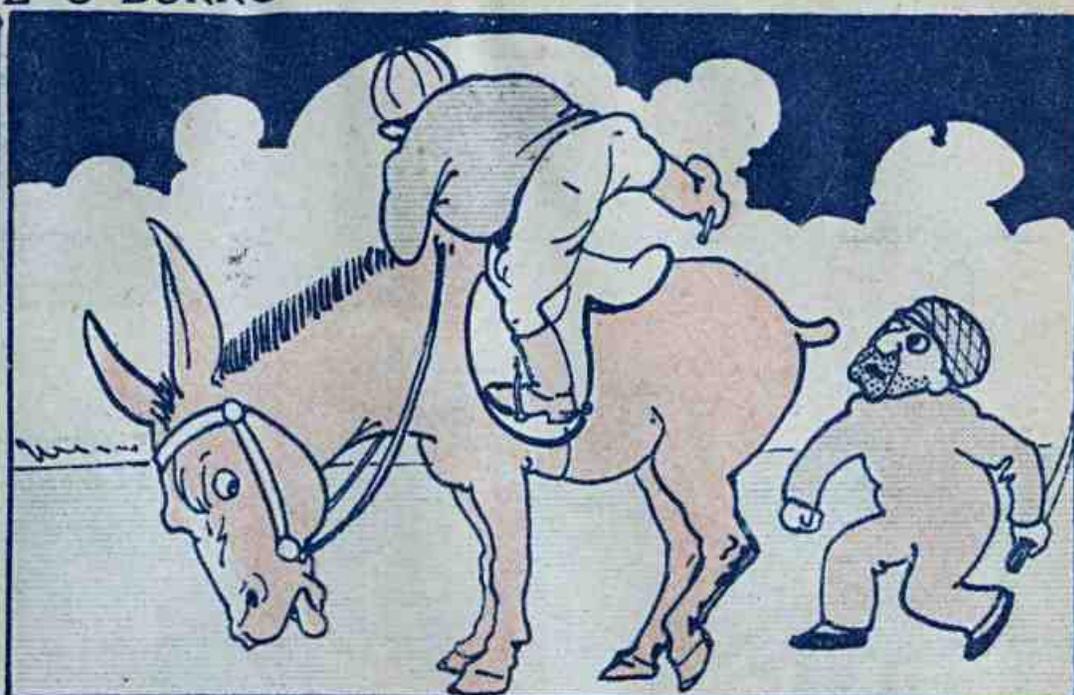
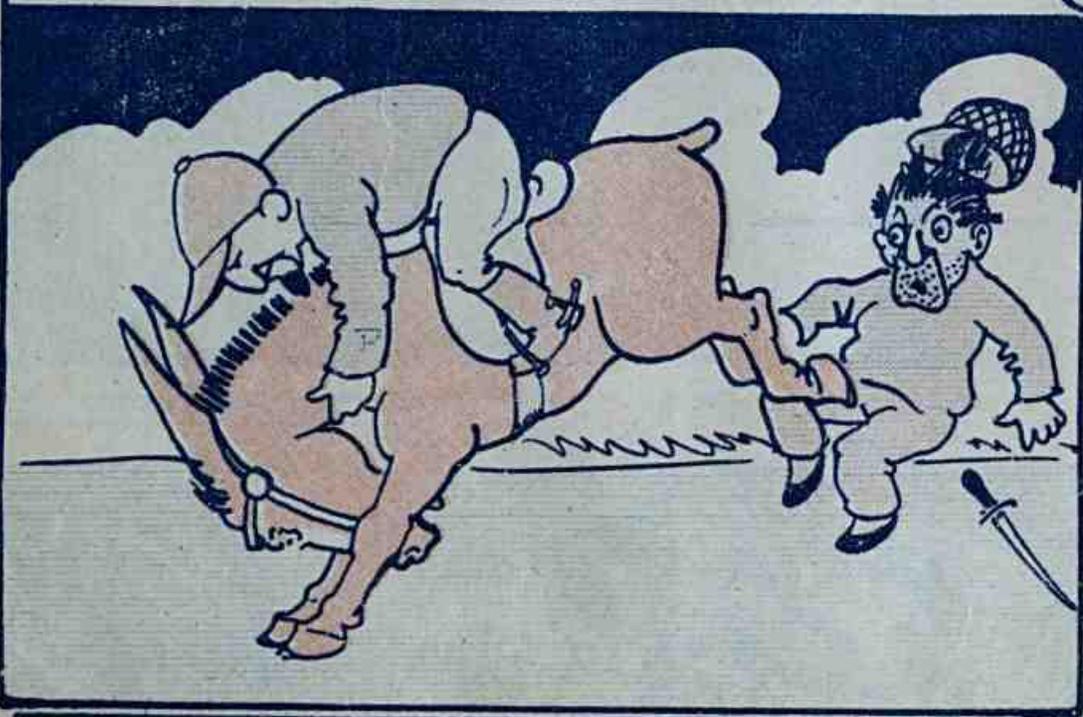
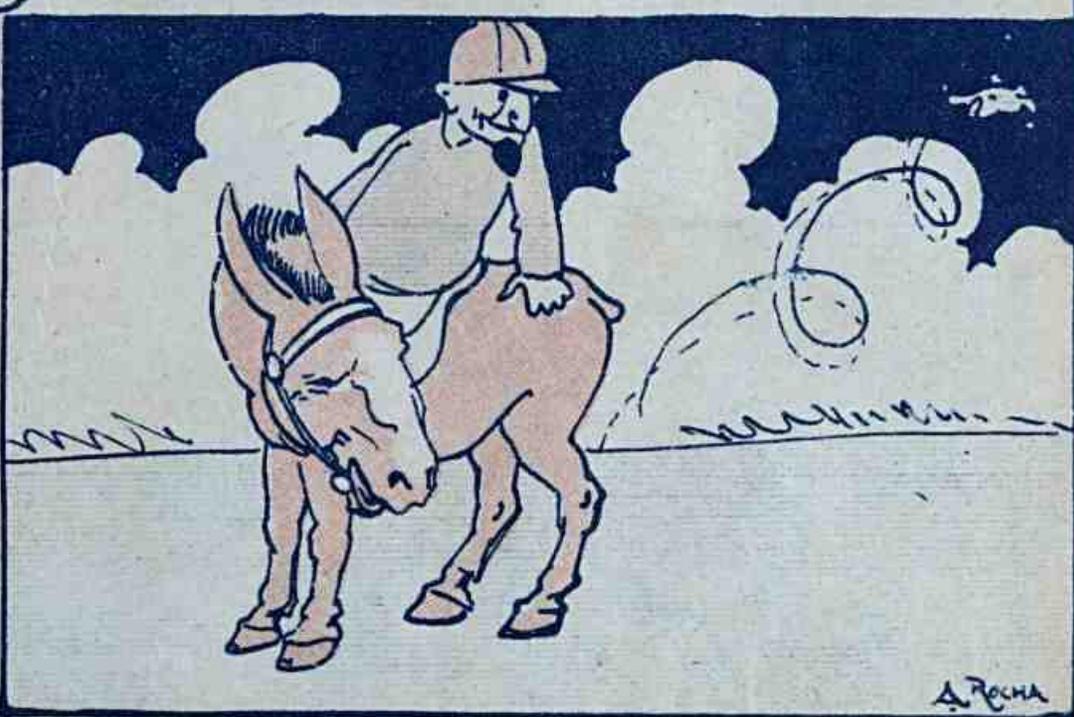
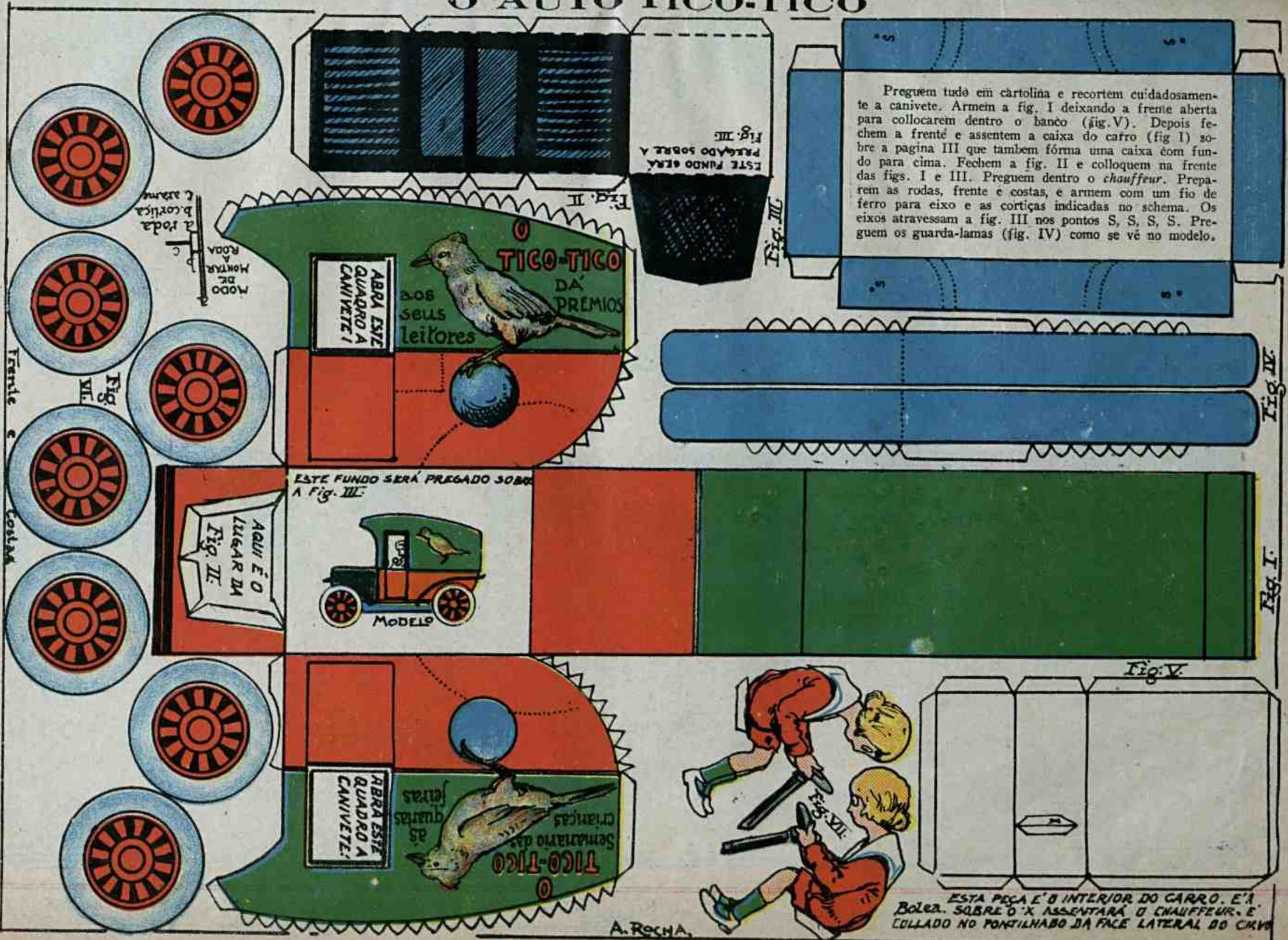
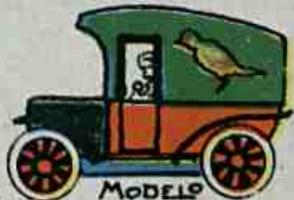



Fig. II.

Fig. I.

O CAÇADOR CAÇADO

O Barão de Caçabrava, depois de muito andar pelo matto, sentou-se junto a uma arvore e adormeceu.

Os macacos, que iam passando, vendo aquelle homem, desceram pelo páo e como se se tratasse de um inimigo, amarraram...

...o caçador com um cipó e depois carregaram com os apetrechos de caça, a bolsa e a espingarda.

Quando o Barão acordou estava amarrado e tinha deante de si uma cobra em attitude ameaçadora.

O LADRÃO E O BURRO

Pancho ia dar o seu passeio a cavallo e no momento de montar não viu um ladrão...

... que, munido de uma faca, esperava a occasião opportuua de feril-o. Entretanto Jasmim, o burro...

... já havia tomado as precauções, enviando ao ladrão um par de couces nas suas mimosas...

barbas, fazendo com que o mal feitor, contra a sua vontade, fizesse um *raid* areo em curtos momentos...

O AUTO TICO-TICO
Preguem tudo em cartolina e recortem cuidadosamente a canivete. Armem a fig. I deixando a frente aberta para collocarem dentro o banco (fig. V). Depois fechem a frente e assentem a caixa do carro (fig I) sobre a pagina III que tambem fórma uma caixa com fundo para cima. Fechem a fig. II e colloquem na frente das figs. I e III. Preguem dentro o chauffeur. Preparem as rodas, frente e costas, e armem com um fio de ferro para eixo e as cortiças indicadas no schema. Os eixos atravessam a fig. III nos pontos S, S, S, S. Preguem os guarda-lamas (fig. IV) como se vê no modelo.
ESTE FUNDO SERÁ PREGADO SOBRE A Fig. III
Fig. II
Fig. III
O TICO-TICO DÁ PREMIOS aos seus leitores
ABRA ESTE QUADRO A CANIVETE!
MODO DE MONTAR A RÔDA
a roda
b. cortiça
c. arame
Fig. VI. Frente e Costas
ESTE FUNDO SERÁ PREGADO SOBRE A Fig. III
AQUI É O LUGAR DA Fig. II
MODELO
Fig. I
Fig. V
O TICO-TICO Semanario das crianças ás quartas feiras
ABRA ESTE QUADRO A CANIVETE!
Fig. VII
ESTA PEÇA É O INTERIOR DO CARRO. É A Bolea. SOBRE O X ASSENTARÁ O CHAUFFEUR. E COLLADO NO PONTILHADO DA FACE LATERAL DO CARRO
A. ROCHA.

"Rataplan! Do arrebol,
Escoteiros, vêde a luz!"
. . . .

— Ouves? São os escoteiros. Tão cedinho, mal clareou e já vão para o campo. Vamos! Ergue-te, meu camaradinha! Acompanha-os... Como vão alegres..., com as suas mochilas, os seus longos bastões e os cantis a sacudir ao compasso da marcha...

"Rataplan! Olhae o Sol,
Do Brasil, que nos conduz!"
. . . .

— Sob aquellas carinhas trigueiras, onde paira sempre um sorriso, mal adivinhas que masculos espiritos existem. E' a vida generosa e sadia dos campos e das mattas que os faz assim. Vamos, precisas ser um delles. Precisas ter a energia, a coragem, a resolução que os caracterisam. O Brasil confiará em ti se te souberes fazer. Vamos! Decide-te!
. . . .

Isso! Bravos! Vaes dar um bom escoteiro, és resoluto, não tens preguiça.

A VIDA DO ESCOTEIRO

O ENCONTRO — A MARCHA

Manhã cedinho elles se reunem. Ainda no lusco-fusco, por entre o nevoeiro branco e frio, se vão distinguindo os vultos escuros dos companheiros que chegam.

— "Escoteiro!"

— "Sempre alerta!"

E' a senha. Approximam-se e alegremente se dão os bons dias.

Estão todos presentes, se fazem da pontualidade uma questão de honra...

Em surdina trilla o apito do chefe. Rapidos, alegres, tremendo ainda com o frio, alinham-se, em fórma.

— "Em frente... marche!"

Plan, plan! Plan, plan!, reboam seccas as passadas pelas ruas da cidade. Alguns minutos de marcha e alcançam a estrada. Que linda, a estrada áquella hora... O Sol não despontou ainda, mas não tarda. Os clarões do arrebol annunciam-n'o. A passarada, já desperta, trilla alegremente. Sauda os companheiros que vêm chegando.

Irrompe o Sol! A Natureza toda se illumina por encanto! Os trillados augmentam. A estrada agora percebe-se sem fim, clara, a rebrilhar. Nas pontas das folhas, nas hervas tenras, balouçam multicores as gottas do orvalho. A's vezes pingam, humedecendo as faces sadias dos escoteiros que marcham animados, a aspirar com prazer aquelle ar perfumado que se desprende do campo humido.

Alerta, oh! escoteiros do Brasil, alerta!
. . . .

E lá seguem, estrada afóra, a caminho da alegria e da saude.

Uma tenuissima poeira fica á sua passagem e muito longe ainda ecôa, como uma musica de esperança, o:

"Rataplan! Do arrebol,
Escoteiros, vêde a luz..."
. . . .

NO CAMPO

Lá, muito além, na orla da floresta, assentam o acampamento. No centro ergueram o mastro e, desfraldado ao vento, panneja o pendão auri-verde que acabam de içar, cantando o hymno.

Corre proximo um limpido regato. Uma hygiene cuidadosa preside a todas as suas installações. As cozinhas e as privadas de campo são de prompto construidas.

Sob as suas barraquinhas de lona, ou sob abrigos de ramos que com habilidade sabem construir, passam os escoteiros dias e muitas vezes noites, de vida ao ar livre, entregues a jogos, a exercicios saudaveis, que os enrijam e preparam para as luctas do futuro.

Tudo elles sabem fazer: derrubam com precisão e rapidez grossas arvores para construir solidas pontes; com pericia, sob o vento ou sob a chuva, accendem o fogo com que se aquecem nas noites de frio ou onde preparam os seus proprios alimentos; para verem ao longe sobem com agilidade aos mais altos ramos de qualquer arvore; a distancia communicam-se com os companheiros por meio de bandeirolas, signaes de fumo ou papagaios; guiados pela bussola, pelos astros, seguem os mais extranhos caminhos; para verem as horas não precisam relogio: de dia o Sol, de noite as estrellas e a Lua, dão-lhes as indicações precisas; sabem avaliar distancias e desenhar *croquis* topographicos; remam, nadam, saltam, correm, galgam ingremes barreiras, vadeiam rios, descem ás grotas profundas, a fazer observações, a colher elementos para as suas collecções de naturalistas apaixonados.

Nessa vida activa de ar livre e exercicios, os seus corpos se fortalecem e em pouco se tornam robustos e resistentes.

Para o escoteiro não ha difficuldade, o seu espirito, cheio de iniciativa e recurso, de tudo se desembaraça com facilidade, sempre a sorrir.

NA MATTA

O Sol vae alto, queima. Que impor-

ta! Aquellas carinhas trigueiras estão já mais do que tostadas. Mas eil-os que se mettem matta a dentro. Arregaçam as meias para proteger os joelhos contra os espinhos e avançam decididos. Estão no seio da floresta. E' a escola da vida selvagem, campo aberto a toda a sorte dos mais viris ensinamentos. Ahi o seu grande mestre é o indio.

Alertas, cautelosos, caminham sobre galhos seccos sem fazer um rumor. Nada lhes escapa. Tudo vêem, tudo ouvem. Seguem com pericia as pégadas dos animaes e sabem-n'as ler; ellas revelam-lhes a vida e os habitos das creaturas que as deixaram; com subtileza de gato, galgam as frinchas de qualquer a r v o r e para observarem, muitas vezes no proprio ninho, uma ave amorosa que cobre com carinho os seus filhotes implumes; rastejantes, occultos no cipoal, observam, de pertinho, um esquilo arisco, que roe, despreoccupado, uma castanha, sem se aperceber que tão de proximo o seguem. Passaros os mais variados cortam o espaço, pelos cantos, pelas côres, os escoteiros os distinguem. Sabem com habilidade atirar a flecha e nos momentos de necessidade é com ella que caçam para ter os seus alimentos. Com serena coragem, munidos de laços especiaes, apanham cobras, que se contorcem furiosas, presas pela garganta. Não o fazem por simples e imprudente prazer, fazem-n'o por amor ao proximo. Remettidas para Butantan (1), o seu veneno vae ser aproveitado no fabrico do sôro com que dezenas de pessoas serão arrancadas á morte. Conhecem as a r v o r e s pelos troncos, pelas folhas, sabem quaes as especies nocivas, quaes as uteis. Espalham-se, estendem-se pela matta e não se perdem; a bussola, o Sol e de noite as e s t r e l l a s guiam-n'os por aquelles intrincados caminhos. Conhecem a linguagem dos rios, das torrentes, das corredeiras.

Nos l o g a r e s perigosos, infestados de animaes selvagens, constroem abrigos nas arvores e encarapitam-se como passaros. Como verdadeiros indios, o instincto guia-os muitas vezes. A matta guarda ciosa em seu seio, para os extranhos, mil segredos, mas, para o escoteiro habituado a desvendar-lhe os mysterios, abre-se numa maternal franqueza.

(1) Instituto Sorotherapico Butantan, São Paulo.

A floresta é a escola da vida selvagem, escola que desenvolve no escoteiro a coragem, a tenacidade, o sangue frio, o espirito de observação, habituando-o a estar *sempre alerta!* aos perigos que o podem rodear. E' uma escola completa e encantadora.

PRUDENCIA

Corajoso e confiante em si, o escoteiro é, por isso mesmo, prudente. Evita com cuidado todos os perigos que possam ameaçar inutilmente a sua vida ou a sua saude. Sabe bem que uma e outra são preciosas á sua Patria e á sua familia. Intelligente, observador, comprehende que as menores molestias que nos attingem deixam consequencias mais ou menos profundas no organismo e concorrem para diminuir a nossa vitalidade. E por isso, cauteloso, evita toda a imprudencia, quer esteja na matta, no campo, na rua ou na escola.

No entanto, quando a consciencia do dever lhe aponta o caminho a seguir, por mais difficil e perigoso que seja, não mede consequencias, atira-se resoluto e ousado, arriscando desinteressadamente a propria vida.

FORÇA E SAUDE

O escoteiro procura tornar-se forte e resistente. E isso consegue com a vida sadia que leva, respirando o ar puro e oxygenado dos campos e mattas que lhe enriquecem o sangue; fazendo com moderação exercicios adequados que lhe enrijam e desenvolvem os musculos; sendo sobrio na alimentação, fugindo aos habitos de fumar e beber, que arruinam o o r g a n i s m o; dormindo em compartimentos arejados as horas precisas, deitando-se e acordando cedo, seguindo todas as regras da boa hygiene.

SOCCORRO AO PROXIMO

O escoteiro procura, o mais possivel, tornar-se util aos seus semelhantes. Nunca lastima de longe mas corre a levar os seus serviços, porque, p a r a elle, vale mais uma pequena ajuda do que um grande dó. E para isso conhece e pratica todos os soccorros que se podem prestar a um ferido nesses pequenos accidentes que diariamente occorrem — uma fractura, uma hemorrhagia, uma insolação, um ataque.

Onde quer que haja um ser precisando de a j u d a, eis o escoteiro solicito e bondoso a assistil-o. Sabe como proceder num caso de incendio, num naufragio. E, possuindo o dominio sobre si, sabe manter a calma, a presença de espirito no meio do atordoamento geral e é capaz, pelo seu simples exemplo e energia, de evitar o panico, que dá sempre aos desastres collectivos maiores proporções. Está sempre prompto a ir em soccorro dos que perigam e sabe bem como salvar um naufrago atirando-se ao mar ou lançando-lhe um cabo, e depois os processos para fazel-o voltar á vida.

HONRA E PATRIOTISMO

Como o cavalleiro de outr'ora, que o escoteiro faz reviver agora, colloca a honra acima de tudo. E' ella o seu mais precioso bem e prefere morrer a perdel-a. E' verdadeiro, leal, respeitador, disciplinado. Procura tornar a palavra *escoteiro* e o bello uniforme que enverga com orgulho cada vez mais respeitados e estimados. Sabe que todos confiam mais nelle do que em qualquer outra creança e esforça-se por ser cada vez mais digno dessa confiança. Procura fazer cada dia uma boa acção e considera mal passado o seu dia se a não fez.

O escoteiro é patriota. Está sempre prompto para servir o seu paiz. Respeita voluntariamente as leis e as autoridades constituidas e e s f o r ç a-se para que todos as respeitem. Conhece a historia, a organisação patria, desde a sua origem.

Prepara-se com interesse para poder comprehender bem os seus deveres de cidadão quando attingir a sua maioridade.

Tem orgulho de ser brasileiro e procura seguir o exemplo dos que se dedicaram e morreram pelo Brasil!

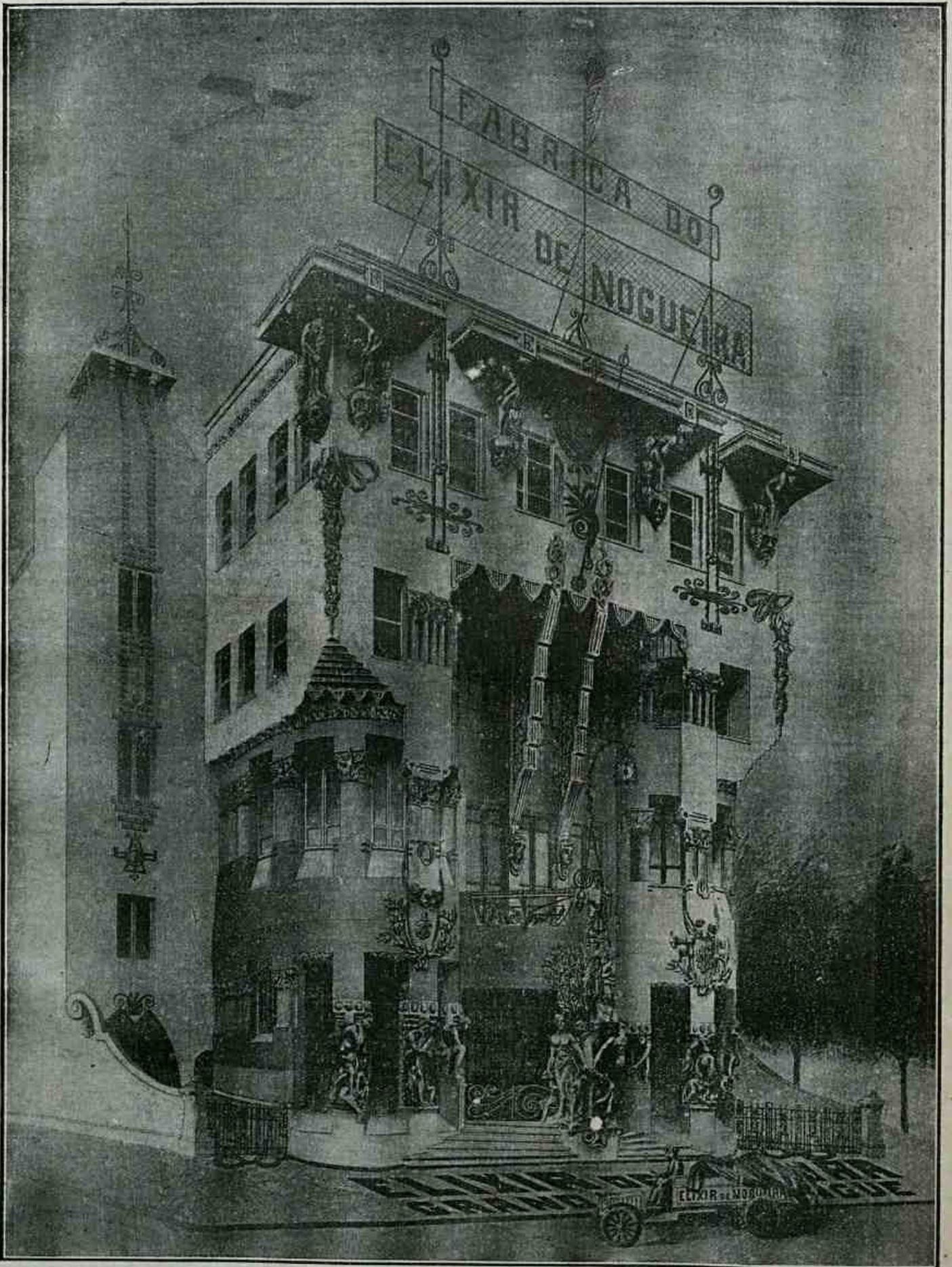
× × ×

Tens ahi, meu caro camaradinha, os traços geraes da vida e do espirito do escoteiro. Agora vem, vem usufruir com esses queridos companheiros os thesouros que a Natureza lhes reserva, vem sentir os encantos sem par de uma marcha matinal, vem gosar as alegrias da leal amizade que os une, vem ouvir o concerto incomparavel do acordar da matta, e o imponente s i l e n c i o das noite enluaradas.

Tudo são encantos, tudo é alegria, força e belleza, nessa escola onde se aprendem a energia e a bondade.

Vem!

(Do *Livro do Escoteiro* — Escripto para os escoteiros do Brasil — A apparecer).

VELHO LOBO.

FABRICA DO GRANDE DEPURATIVO DO SANGUE "ELIXIR DE NOGUEIRA"

Do pharmaceutico chimico João da Silva Silveira. Empregado com successo para a syphilis e suas terriveis consequencias. Milhares de curados! Premiado com medalhas de ouro nas Exposições de Chicago (1893), Rio Grande do Sul (1901) e Nacional (1908). Distinguido com a maior recompensa na Exposição Internacional de 1922 (Centenario do Brasil). *Hors Concours* — Membros do Jury. O Grande Remedio Brasileiro é o unico de extraordinario consumo. Vende-se em todo o Brasil, Republicas Sul Americanas e alguns paizes da Europa.

VERA E O SEU CÃOSINHO

EMQUANTO papae viaja para a cidade, na labuta do trabalho diario, Vera, com o seu cãosinho, cuida das suas bondosas gallinhas.

Emquanto papae lê o seu jornal, Vera obriga o seu cãosinho a fazer exercicios de gymnastica, cujo resultado é sempre derramar ou quebrar alguma coisa.

E á noite, antes de deitar, reflectindo em tudo quanto fez, lembra-se Vera da carta carinhosa que escreveu a papae e que ella mesma lhe entregou antes de entrar no quarto:

"Papae:

Perdôa as minhas travessuras. Quero dormir socegada, sabendo tambem que o *Coary* e as gallinhas dormem.

Amanhã quando vieres da cidade não terás nada a me censurar.

DA VERINHA".

Jagunço gosta de occultar, mas eu não faço segredo da minha robustez... Devo-a exclusivamente ao DYNAMOGENOL, o mais completo e efficaz accelerador das forças e da nutrição.

O mais efficaz dos tonicos para o systema nervoso e muscular.

TONICO DOS NERVOS! TONICO DOS MUSCULOS!
TONICO DO CORAÇÃO! TONICO DO CEREBRO!

E' indispensavel a todos os individuos cujo trabalho produza a fadiga cerebral, taes como: literatos, jornalistas, padres, professores, empregados publicos, estudantes e guarda-livros. O DYNAMOGENOL é de resultados surprehendentes nos seguintes casos:

TUBERCULOSE
ANEMIA
CHLORO-ANEMIA
FADIGA CEREBRAL
NERVOSO
VERTIGENS

BRONCHITES CHRONICAS
PALLIDEZ
INSOMNIA
PALUDISMO
CONVALESCENÇA

MAGREZA
DORES DE CABEÇA
FALTA DE APPETITE
FRAQUEZA GERAL
SUORES NOCTURNOS
MA' DIGESTÃO, ETC.

DYNAMOGENOL

Tanta belleza assim,
Parece mera illusão!
Iodolino, puramente,
O autor do cherubim!

O ATTESTADO ABAIXO PROVA A SUA EFFICACIA, DESENVOLVENDO E ROBUSTECENDO UM MENINO, QUE AOS 8 ANNOS COMEÇOU A EMMAGRECER RAPIDAMENTE:

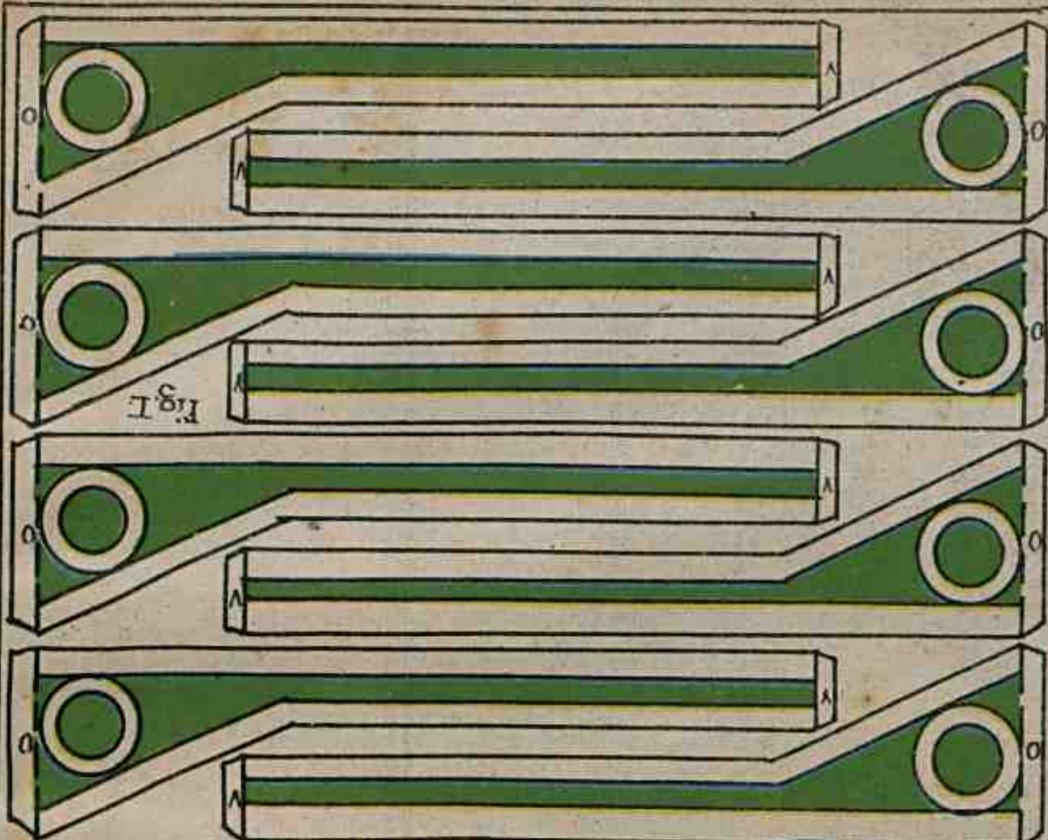
"Como mãe verdadeiramente agradecida por ter conseguido, depois de muito tempo e de ter lançado mão de muitos meios, curar meu filho com o IODOLINO, venho publicamente agradecer e certificar que meu filho Carlos, que até aos 8 annos tinha sido uma creança forte e sadia, começou nessa edade a emmagrecer rapidamente, recusando alimento, com grande repugnancia á comida, a ponto de vomitar muitas vezes depois de comer. O seu estado de anemia e magreza nos fez temer pela sua vida, pois cada vez ficava mais fraco, pallido, costas abauladas, cahindo o cabello, desarranjos intestinaes e outros symptomas de profunda anemia.

Experimentando sempre novos tratamentos, chegámos ao IODOLINO, que começámos a dar sem confiança, tal era o numero dos outros remedios que experimentámos sem resultado; porém, desta vez, tivemos o immenso prazer de presenciar rapidos e seguros effeitos curativos, começando o menino a melhorar desde a primeira semana; animando-se, adquirindo expressão viva no olhar, alimentando-se com menos repugnancia; saiu do estado de abatimento em que estava ha tantos mezes e, continuando a tomar o IODOLINO, durante algum tempo, está perfeitamente curado e sem nenhum vestigio de creança magra, doente e feia, que, por espaço de alguns mezes, nos fez temer por sua vida.

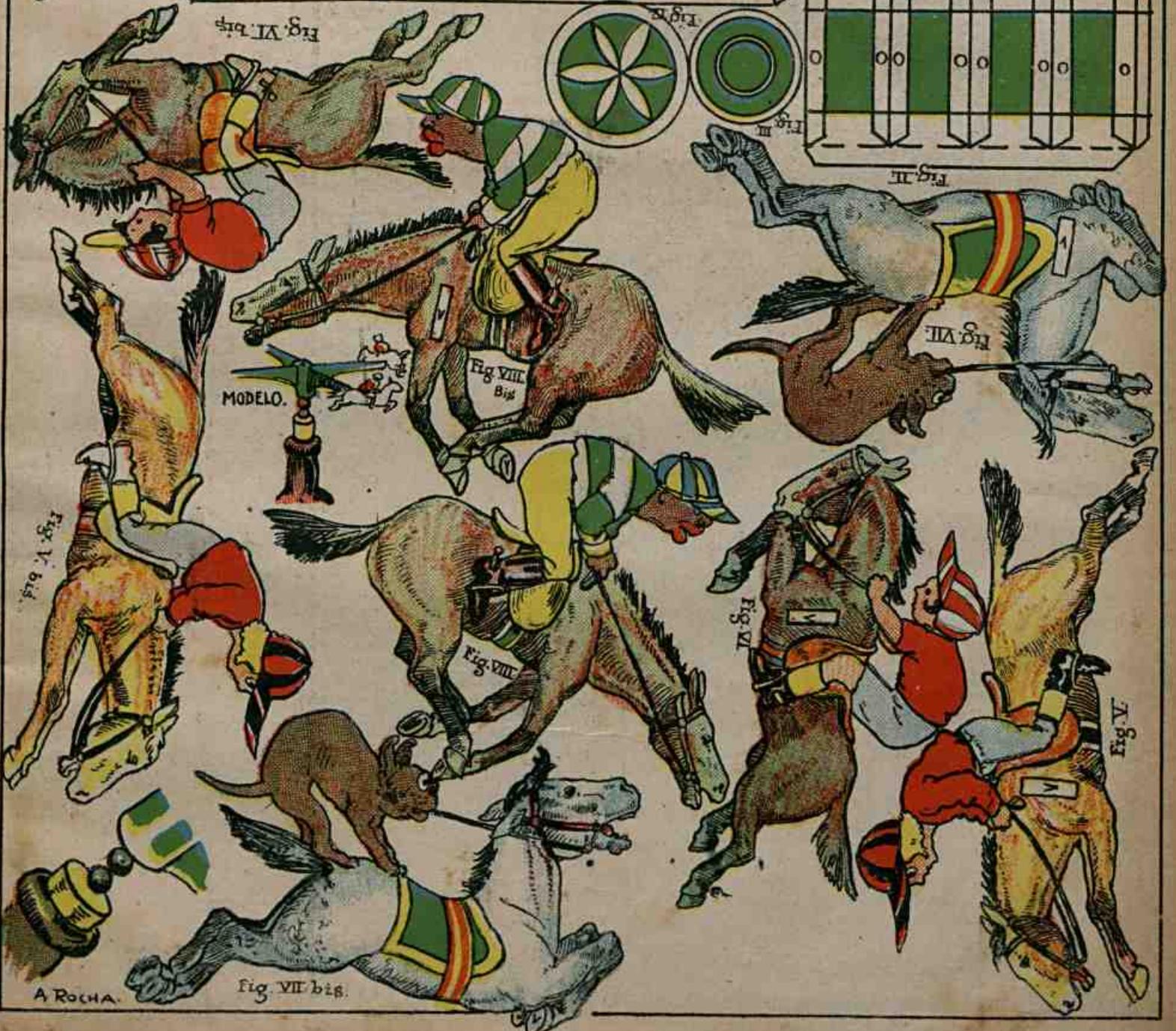
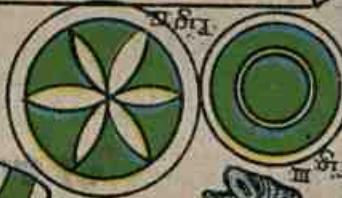
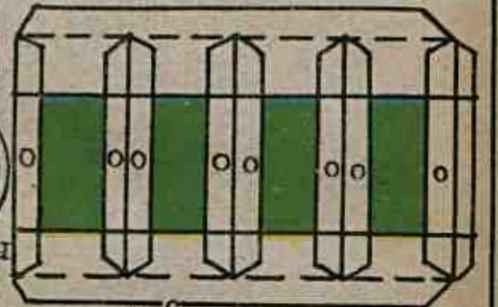
Além de bom appetite, engordou bastante, estando novamente no collegio, do qual o afastara a terrivel anemia.

Autorizando e desejando que se faça desta declaração a maxima publicidade, confesso-me mais uma vez extremamente grata ao IODOLINO. — LEONOR RODRIGUES MEIRELLES. — S. Paulo."

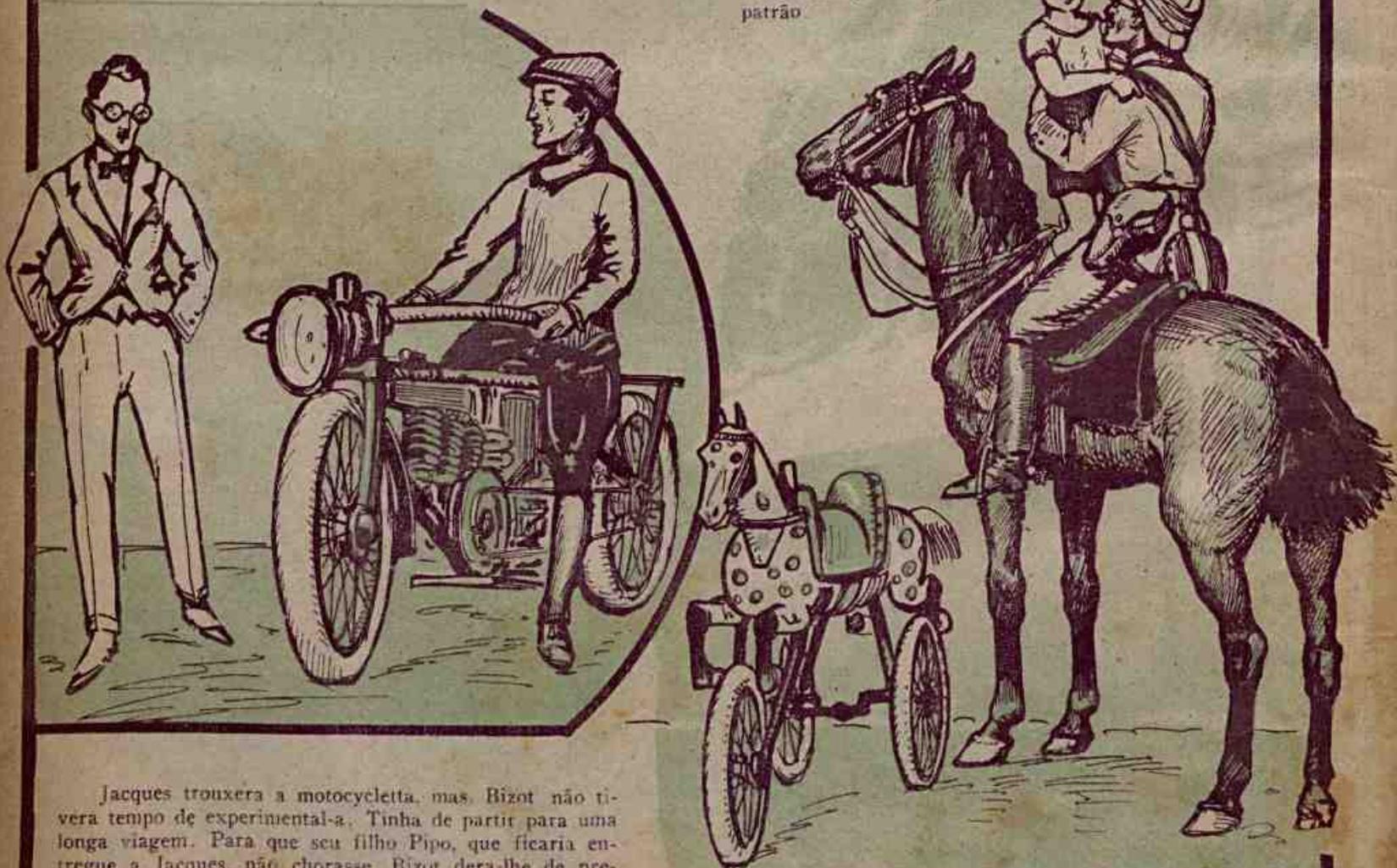
EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS

UMA CORRIDA EM TORNO DE UMA GARRAFA

Preguem tudo em cartolina e recortem juntando as frentes com as costas das figuras. Com as figuras II, III e IV formem um cylindro.

Depois preguem sobre esse cylindro as hastes (fig. I) pelas lettras O, O formando uma cruzeta como se vê no modelo. Nas extremidades das hastes preguem os cavallos pelas lettras V, V. Isto feito, peguem uma garrafa arrolhada, espetem-lhe na rolha um arame liso e recto, enfiem 2 contas de vidro e, sobre ellas, enfiem o cylindro com a cruzeta.

Com um sopro e posta a garrafa numa mesa nivelada, os cavallos correrão até cansar.

O cavallo encantado

O engenheiro Bizot enviuvara e ficara com um filhinho, Pipo, dotado de extraordinaria intelligencia e entregue aos cuidados de uma ama persa que lhe contava historias de seu paiz, entre as quaes a do *cavallo encantado*. Este cavallo maravilhoso obedecia ao cavalleiro por meio de uma mola que tinha no pescoço, a qual, movimentada, fazia o animal correr mais do que o vento.

A ama, que acreditava na existencia do *cavallo encantado*, tinha um irmão, Hafiz, que fôra despedido da casa do engenheiro Bizot por ser deshonesto. Hafiz partiu jurando vingar-se do engenheiro e do seu fiel creado Jacques, que, na occasião, tinha ido comprar uma motocycletta para o patrão.

Jacques trouxera a motocycletta, mas, Bizot não tivera tempo de experimental-a. Tinha de partir para uma longa viagem. Para que seu filho Pipo, que ficaria entregue a Jacques, não chorasse, Bizot dera-lhe de presente um garboso cavallo mecanico. A creança, com o lindo cavallo, talvez não sentisse muito a ausencia do pae.

E despediu-se do filho, ignorando que o perverso Hafiz estava reunindo um bando de salteadores para tomar de assalto a casa do engenheiro.

(*Conclue adeante*)

O cavallo encantado (fim)

OS ESCOCEZES

Chapéo

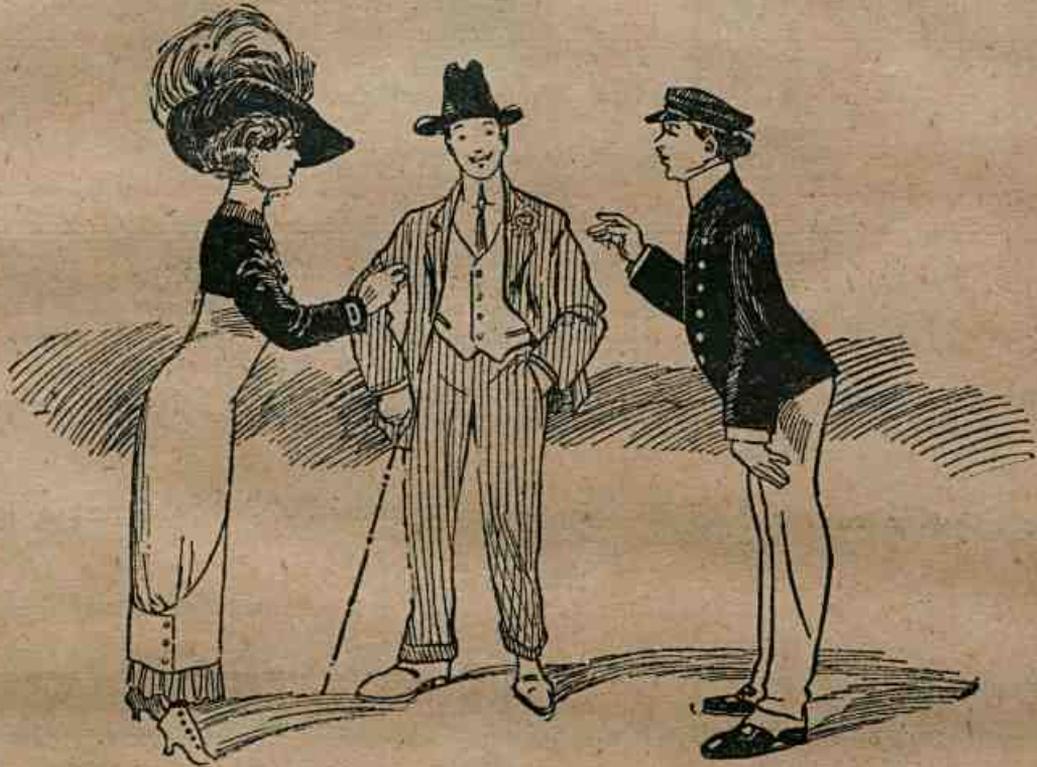
Chapéo

Vestido da menina

Vestido do menino

Para dobrar nas linhas interrompidas

O RESPEITO A' MULHER

(SCENA DE RUA)

Elle — Que delicia! Que doçura!
Que coisinha mais catita!
Ella — Cavalheiro!...
Elle — Senhorita!...
Que perfume! Que frescura!
É flôr e flôr rescendente!
Ella — O senhor é bem grosseiro!...
Elle — Só quero sentir-lhe o cheiro...
Ella — Não respeita?!
Elle — Inteiramente!
Ella — Por favor seja gentil.
Elle — Acaso não tenho sido?!
Ella — Se não muda de partido
Eu chamo o guarda-civil! (chamando)
Senhor guarda!
Elle — Senhorita!...
Ella — Offendeu-me este senhor;
Chamando-me ha pouco flôr,
Mas flôr cheirosa e bonita.
Disse que eu era formosa,
Cravo, jasmim, resedá,
Margarida, rosa-chá,
Madresilva, lyrio, rosa...
Elle — Mas isto...
Ella — E' vilania,
Pois é dito com malicia.
É caso para a policia
Chamal-o á Delegacia!
Elle — Nisto tudo ha confusão...
Ella — Não; não faça mais barulho!
Elle — Refiro-me a este embrulho
Que a senhora traz na mão.
Eu tenho uma idolatria
Ao sabão Reuter famoso,
Ao invento prodigioso
Que nossa pelle amacia!
Que pôz assim sua tez
Dessa alvura alabastrina?
Ao seu rosto de menina
Que deu tão bella maciez?
A que deve este matiz
De seu rosto tão formoso,
Esse aroma delicioso
Que não sae de meu nariz?
Ella — Só quero ver até quando...
Elle — Senhorita, estou cantando
Os prodigios do sabão!
Não lhe faltei ao respeito;
Só do Reuter é que falo,
Porque se quero elogial-o
E' pelo bem que tem feito.
Ella — Não prosiga...
Elle — Em conclusão:
Não fiz nada por malicia...
Reuter fez uma delicia
Preparando este sabão!

CREME DE MAGNESIA
de
SILVA ARAUJO

Indicações

Affecções gastro-intestinaes, principalmente de fórma catarrhal e agudas ou chronicas.
Hyperchloridria e gastro-soccorrhéa chronica.
Affecções intestinaes agudas ou chronicas.
Dyspepsia acida.
Indigestões com fermentações.
Colite catarrhal.
Pneumatose intestinal (flatulencia intestinal)
Constipação chronica.

Resumo

O Creme de Magnesia Silva Araujo, de base de magnesia hydratada, é:

Neutralisante — anti-acido.

Absorvente.

Absorvente — anti-toxico e fixador de toxinas.

Eliminador — Laxativo e fixador de toxinas.

Antidoto — *A*) acidos; *B*) arsenicos (acido arsenioso); *C*) saes de mercurio, cobre, chumbo e antimonio.

Doses

ADULTOS:

Neutralisante — 2 a 4 colheres pequenas, em agua, por dia, e repetidas, conforme os casos.

Laxativo — 1 a 2 colheres de sopa, por dia, em uso prolongado.

Purgativo — 2 a 4 colheres das de sopa, por dose (dose massiça).

CREANÇAS:

Neutralisante — 1 a 2 colheres de chá, em agua, por dia, e repetidas, conforme os casos.

Laxativo — 1 a 2 colheres das de sobremesa, por dia, em uso prolongado.

Purgativo — 1 a 2 colheres das de sopa, em dose massiça.

Tonico dos Nervos, do Cerebro e dos Musculos

Gottas Physiologicas

SILVA ARAUJO

— (Guaraná — Iodo — Kola — Arsenico)

RINS
BEXIGA
ARTHRITISMO
RHEUMATISMO

BI-UROL

SILVA ARAUJO

GRANULADO EFFERVESCENTE A BASE DE FOLHAS DE ABACATEIRO

XAROPE DE HYPOPHOSPHITOS DE FELLOWS

TONICO RECONSTITUINTE PODEROSISSIMO

Medicamento por excellencia contra a debilidade, decadencia, neurasthenia, febres paludicas, escrofulismo, e todos os estados caquecticos e astenicos

Empregado com opitmo exito durante cincoenta annos pelos Snrs. Medicos Especialistas do Universo

Rejeitem { "Substituições inefficientes e imitativas" e as chamadas "EGUAES E TÃO BOAS"

Exijam o LEGITIMO, fabricado unicamente pelos fabricantes

Fellows Medical Manufacturing Co., Inc.

26 CHRISTOPHER STREET NEW YORK

LABORATORIOS: New York, Paris, Florence, Barcelona.

PARA TODOS.... os gostos!
PARA TODOS.... os paladares!
PARA TODOS.... os leitores!
Musica, literatura, canto, romance, graphologia politica e elegancias.
E por fim a mais cuidada, mais variada, mais completa secção cinematographica que se publica no Brasil.

Officinas graphicas d'O MALHO